

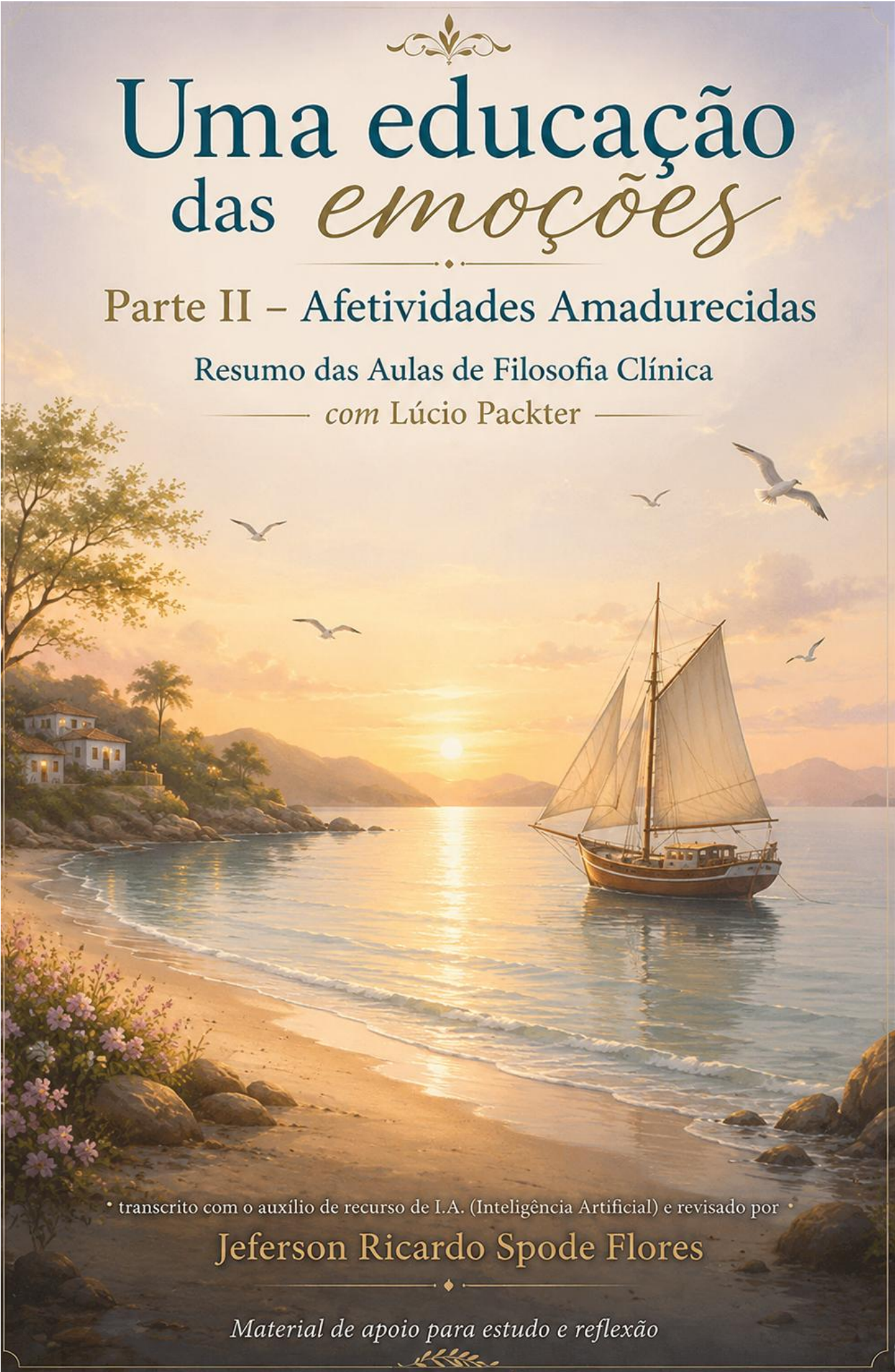


Uma educação das *emoções*

Parte II – Afetividades Amadurecidas

Resumo das Aulas de Filosofia Clínica

— com Lúcio Packter —



• transcrito com o auxílio de recurso de I.A. (Inteligência Artificial) e revisado por •

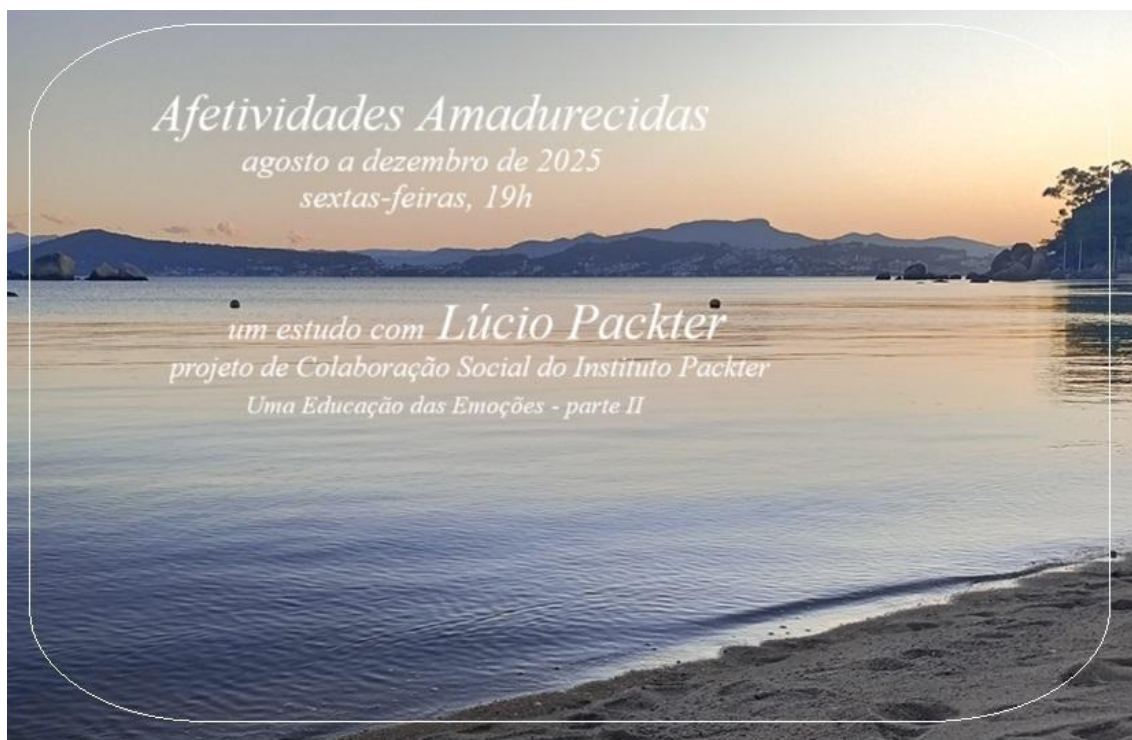
Jeferson Ricardo Spode Flores

Material de apoio para estudo e reflexão



CURSO:

UMA EDUCAÇÃO DAS EMOÇÕES: PARTE II – AFETIVIDADES AMADURECIDAS



Transcrição de
aulas ministradas pelo Professor Lúcio Packter e
resenhas do Professor Clailton Oliveira

Transcrito com o auxílio de recurso de I.A. (Inteligência Artificial) e revisado por Jeferson Ricardo Spode Flores.

SUMÁRIO

Breve nota sobre a transcrição

Carta Explicativa

Aula 01 – Afetividades Amadurecidas

Aula 02 – Reencontro na Maturidade

Aula 03 – A Hidratação em Maturidades Afetivas

Aula 04 – Momentos – Parte 2

Aula 05 – Cantinelas de Alabastro

Aula 06 – Palavras e Consequências

Aula 07 – A Resposta de Jean Valjean

Aula 08 – Lembranças ao Vento

Aula 09 – Lares Desfeitos

Aula 10 – Elogio da Sensibilidade

Aula 11 – Conversas de Adultos

Aula 12 – Quem Não Existe em Você

Aula 13 – As Vidas Afetivas Hoje

Aula 14 – Ética e Epistemologia

Aula 15 – Alcance e Enlace

Aula 16 – Desconstrução da Distância

Aula 17 – O Tinteiro e o Candeeiro de Schelling

Aula 18 – A Óptica de Baruch Spinoza: A Visão das Estrelas

Aula 19 – Workshop: Um Ensaio Filosófico sobre Afetividades – Beatrice e a Luz

Breve nota sobre a transcrição:

O presente trabalho é fruto da transcrição dos áudios das aulas e posterior revisão dos mesmos. As transcrições foram realizadas com o auxílio de recursos de I.A. (Inteligência Artificial) com a conversão dos áudios em textos, seguidas de revisão com corretor ortográfico e revisão pessoal.

O amigo leitor encontrará eventualmente ainda, algum erro de transcrição, digitação ou mesmo entendimento que me passaram despercebidos. Algumas falas e conversas em tom mais coloquial podem soar um pouco fora de contexto, porquê no texto perdem em entonação de voz, ênfase, etc... o que é diferente quando acompanhadas ao vivo ou por áudio. Também alguns links de vídeos não puderam ser identificados e outros que foram apresentados por partes são aqui sugeridos na íntegra pela dificuldade de reproduzir (e/ou traduzir) trecho a trecho. Por estes eventuais erros, pequenas distorções e omissões pedimos desculpas.

O objetivo deste trabalho foi preservar a essência das aulas em seu teor mais próximo do original.

***Adicionalmente ao programa e pela proximidade do tema, tomamos a liberdade de acrescentar de forma complementar, ao final das aulas regulares do programa (ocorrida em Dezembro de 2025), a transcrição do Workshop “Um Ensaio Filosófico sobre Afetividades – Beatrice e a Luz com suas partes I e II distribuídas (realizado posteriormente, em 23 de Maio de 2026), entre aulas 19 e 20, finalizando assim este trabalho.

Jeferson Ricardo Spode Flores
Transcritor

CARTA EXPLICATIVA

Prezado Estudioso,

O que são emoções educadas?

É não reagir quando se é insultado ou injuriado? É manter-se sempre em um limbo, sem exacerbações para as alegrias e para as tristezas? Ou seja, ser morno no exercício da afetividade?

As emoções educadas são aquelas que, por exemplo, amam com moderação, perdoam com parcimônia, sentem saudade com delicadeza, sem choros convulsivos?

Educar as emoções consiste em fazer com que sejam comedidas e se comportem de acordo com o andamento das coisas?

Ottavio afirma que ama Lucrezia, mas que quer ser amado. Diz que a respeita, mas que deseja ser respeitado.

Isso é escambo ou amor? Poderia ser ambas as coisas?

Bia afirma que Taddeo não lhe dá paz, que ele não a compreende, que tudo o que ela faz está errado, que nada, para ele, está bom. Um terapeuta ouviu Bia e perguntou a ela se ela se dava paz, se ela se compreendia, se ela considerava certo algo que fazia, se algo, de fato, estava bom para ela.

Lorelei afirma que o relacionamento não a completa. Não completamente...

Quais seriam os caminhos que emoções elaboradas e educadas escolheriam? E quais critérios poderíamos aplicar para determinar a natureza de afetividades educadas? Por vezes, aspectos que lisonjeiam, atraem ou distorcem podem apresentar traços de sofisma e falácia, parecendo ser emoções educadas. No entanto, nessas situações, há uma tendência a comprometer a qualidade das emoções.

Uma das questões prementes e graves é que, ocasionalmente, discernir entre educação e deseducação, ou entre educação que serve a propósitos prejudiciais, pode ser uma tarefa desafiadora e complexa.

O que ocorre para que as emoções pareçam se portar como criaturas mimadas, como inimigas da pessoa? Elas são frequentemente impertinentes e, por vezes, abusivas? A pessoa não as educou? Ou as educou de maneira contraproducente?

As emoções podem ser reeducadas? O que isso significa?

Este estudo, embasado na abordagem da Filosofia Clínica, visa explorar algumas dimensões que podem contribuir para orientar questões como essas e outras semelhantes: ajustes, abordagens, exercícios e discussões de natureza filosófica.

Assim como alguns não sabem combinar roupas, há quem se atrapalhe com o exercício das emoções, oferecendo fúria quando o adequado seria indignação; sentindo medo quando a indicação é por prudência; ou se apaixonando sempre por alguém "errado".

Outros mostram falta de fôlego nas afetividades, duram pouco; muitos não possuem fluência nas afetividades, pois não praticaram no campo da alma.

- Quando você for grande, você vai ver! Não poderá brincar, tudo será pesado e chato. Vai viver pagando contas, preocupado, com medo. Não pense que será divertido e quentinho como é aqui em casa.

Uma criança, ao ouvir isso e considerar verossímil, teria quais estímulos para crescer e amadurecer? Isso tem a ver com muitos adultos infantilizados?

Há multidões de adultos que fizeram outros caminhos e trouxeram da infância a poesia, a criatividade, a diversão e o devaneio para o mundo adulto; muitos se tornaram adultos inspirados, responsáveis, dinâmicos e vivos.

É imensa a quantidade de pessoas que padecem, que sofrem das dores emocionais.

Nosso trabalho cuidará dessas e de outras questões dos nossos dias

Com meu abraço,

Lúcio Packter

AULA 1 – Afetividades Amadurecidas – um prefácio – 15/08/2025



Utilizamos as obras:

O Pintor Mágico, filme de Lyanna Soares.

Souvenir, filme de Cristina Vilches e Paloma Canonica.

This is Happiness, filme de George Ammerlaan.

Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Afetividades%20Amadurecidas.%20Um%20Pref%C3%A1cio.mp3>

Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Sejam bem-vindos para a primeira aula do semestre. Semestre passado, estudamos as caracterizações de uma afetividade infantil. Neste semestre, veremos as caracterizações de uma afetividade adulta, completando todo o quadro do nosso estudo.

Tenho um presente muito bonito para passar a vocês. Um colega nosso utilizou essas IAs e fez uma transcrição literal de todas as aulas do semestre passado. Colocou isso no caderno, depois ele corrigiu a gramática com a ajuda da IA, e os vários erros que aconteceram ali, tudo ele resolveu e nos deu de presente o caderno.

Esse caderno será enviado para vocês, uma cortesia, com as aulas completas, todas as aulas do semestre passado, citações, livros, tudo. Uma apostila muito bonita que vocês receberão como presente, um incentivo aos estudos neste semestre que inicia uma educação das emoções. Também, nos próximos

dias, seguirá para vocês com o nome do colega, pedi muito que ele colocasse o nome dele e a utilização da IA que ele utilizou para fazer a transcrição, o apanhado geral.

Ficou muito bonito o trabalho, tem algumas imperfeições naturais, é assim mesmo, mas de um modo geral ficou muito bonito. Vamos agora ao interior de São Paulo, de lá o professor Clailton fará a resenha, conforme é de hábito, muito aguardada aliás, da última aula deste curso do semestre passado. Professor Clailton, eu vou remover minha imagem, o senhor por favor fique à vontade, pode apresentar o trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite Lúcio, boa noite a todos. A nossa aula ocorreu no dia 18 de julho, foi uma síntese do semestre. Acompanhamos como ilustração o filme Um Grande Garoto.

No início, o personagem Will surgiu dizendo que era uma ilha, no sentido de viver sozinho, de ser autossuficiente e não precisar de outras pessoas. Ele tinha uns 40 anos e costumava dizer que não fazia nada, e não fazia mesmo, ele não trabalhava, vivia dos direitos autorais, tinha uma música do pai e parecia que nunca tinha se interessado de verdade por alguma coisa. Sua vida era bem superficial.

Um outro personagem do filme é um garoto chamado Marcos, um menino que se vestia diferente das outras crianças na escola, sua alimentação era diferente, também ele era vegetariano, era uma criança que costumava assumir os seus sentimentos, expressá-los, mas a vida na escola não era nada fácil para ele. Ele sofria bullying e a relação com a mãe também exigia bastante, ela era depressiva e isso preocupava bastante o garoto que gostava da mãe e queria ajudá-la. O Marcos gostava de música, era uma criança autêntica, não pensava em ser como os outros, estava amadurecendo dentro do seu próprio caminho, gostava da vida, de muitas coisas que vivia.

Esses dois personagens se encontraram em determinado momento, devido a alguns acontecimentos, o Will acabou ajudando o menino e a partir daí também o menino deu um jeito de se encontrarem novamente e apresentou a mãe dele tentando uma aproximação, mas o Will queria se livrar logo deles, o mais rápido possível e sempre mantendo a superficialidade ali na relação, ele não se preocupava com as pessoas, não desejava mal também, mas não aprofundava nas relações, nas vivências, ele mentia com certa facilidade, etc.

O Marcos, o menino, percebeu esse jeito do Will, só que ele viu também, ele enxergou algo além de tudo isso, viu que tinha um ser humano ali, existia alguma coisa boa por trás de tudo aquilo que era visível. A partir da iniciativa e insistência do menino, que o menino ia assistir televisão na casa do Will, passava horas por lá, houve uma aproximação devido a essa postura do menino. Nesse início da relação o Will estava tentando se livrar, queria voltar a ficar sozinho, mas a partir de um episódio de bullying sofrido na escola pelo Marcos, o Will demonstrou pela primeira vez que se preocupava com o menino e começou a ajudá-lo, ainda que do jeito dele, algumas vezes mais infantil que o próprio menino.

Mas essa preocupação e vontade de ajudar foi uma experiência nova e, ao mesmo tempo, estranha para o Will, principalmente por se sentir bem em ajudar e se alegrar com a felicidade do menino. Com isso, a interseção dos dois se aprofundou bastante, ele estava sentindo uma certa alteridade, era algo novo para ele. Aquele homem de 40 anos, com afetividades infantis, estava passando por um processo de amadurecimento a partir da interseção com esse novo amigo.

Antes dessa amizade ele vivia como uma ilha, vivia sozinho, onde só tinha ele. Ocorreram alguns contratempos a partir desse momento, mas já havia um laço entre eles e eles continuaram com a amizade, inclusive passaram o Natal juntos na casa do Marcos. O Will foi confrontado mais de uma vez

por causa de suas mentiras, a falta de responsabilidade, superficialidade, essas coisas todas que ele tinha como característica.

Mas todos também que estavam ali próximos já percebiam que alguma mudança estava ocorrendo, e era para melhor. O Marcos, mais na parte final, para agradar a mãe, foi se apresentar na escola, ele ia cantar uma música em um evento da escola. Quando ele subiu no palco e começou a cantar, sem acompanhamento, fora do tom, e a plateia já começava a rir, o Will tentou ajudar.

O Will já tinha tentado impedi-lo de subir para fazer a apresentação, mas o menino insistiu e foi. Então, nesse momento, o Will subiu lá no palco, pegou a guitarra, tocou, cantou junto com o menino, ajudou o amigo a se livrar do vexame e da humilhação. Só que, para fazer isso, ele precisou se expor também, coisa que ele nunca tinha feito.

E ali, naquele momento, ele admitiu que não era mais uma ilha. E aí, o filme depois termina, com todo mundo bem, mas foi bem ilustrativo no sentido de apresentar um adulto com afetividades infantis no início e, no decorrer da obra, apresentar todo o processo de amadurecimento e até o fim da história dos dois amigos, que os dois cresceram nessa história. Ok professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Agradeço ao professor Clailton pela resenha do último trabalho do semestre passado, que foi um apanhado geral, conforme o Clailton acaba de dizer para vocês, mostrar para vocês. Muito obrigado pelo seu trabalho. Alunos que fazem o curso ao vivo, invariavelmente recebem um lindo presente.

E o presente de hoje não deixa de ser belíssimo, muito bonito. Hoje é dia 15, daqui 11 dias estará em Porto Alegre um dos maiores concertistas de jazz da atualidade, um homem de 70 anos, Pat Metheny, vai tocar aqui pertinho do Instituto, dois quilômetros daqui, no Auditório Araújo Viana. E eu vou mostrar para vocês agora uma interpretação dele com o Charlie Hadden.

Eles têm muitos trabalhos juntos, álbuns juntos. No mundo do jazz, essa dupla é considerada, aproximadamente, não tem como quantificar isso, mas aproximadamente o que na música popular o Simon Garfunkel constitui, mais ou menos. Então, desde a inspiração, sabe?

No jazz, nós já vimos em aulas do outro semestre como é que funciona o jazz, música clássica. O jazz é muito no improviso, vocês verão agora, Pat Metheny no meio do concerto, ele se atrapalha um pouco com o violão, com a afinação, com a acústica do violão, que é ligado, é elétrico, né? Ele faz um movimento diferente.

No jazz, isso é tranquilo. Se fosse música clássica, seria um problemaço isso. Há muito de improviso, muito de, como vocês verão agora, uma das interpretações mais lindas, um dos momentos mais bonitos da história do jazz.

Eu vou partilhar com vocês agora, com Pat Metheny e Charlie Hadden.

Vídeo não localizado.

Durante todo um semestre, trabalhamos questões da maturação e afetividade, com uma ênfase, pessoas que possuem, por mais diferentes razões, uma afetividade conforme os padrões de época, ditos infantis. Neste semestre, nós trabalharemos a maturidade afetiva, elementos importantes para os nossos dias, que podem sim auxiliar a muitas pessoas em suas caminhadas.

Como fazemos para testar, para verificar elementos ligados a padrões de uma afetividade mais amadurecida, mais condizente com os nossos dias? Quais são os critérios? Quais os modos?

São muitos? Em Filosofia Clínica, uma das formas de trabalharmos questões como estas é por deslocamento. Vamos a um exemplo disso.

Se você chegar a um amigo seu, a um conhecido, a uma amiga, e colocar para ele, diretamente para ela, se é uma pessoa afetivamente amadurecida, talvez essa pessoa diga que sim. Mas a acuidade para responder algo assim, leva diretamente a elementos como o solipsismo. É muito difícil a pessoa inserida em um contexto poder verificar tantas variáveis.

No entanto, há elementos que podem facilitar essa, não mensuração, mas essa aproximação do que pode estar acontecendo. Como uma ilustração inicial, gostaria de ler para vocês um trecho da obra da Lia Luft, chamada A Casa Inventada. É a abertura de um capítulo.

Vejam o que a Lia escreve aqui:

Não sou apenas eu no espelho. Considerem, por favor, isso dentro dos critérios do que estamos trabalhando.

Quando você pergunta para uma pessoa sobre a afetividade e a maturação dessa afetividade, ela olhará para onde? Para ela mesma? Para a sociedade dos homens?

Para a história dela? Para onde ela olhará como critério para poder nos responder sim ou não? A Lia nos dá essa dimensão difícil do contraste com o espelho.

Não sou apenas eu no espelho. A pessoa lá dentro do espelho me contempla como eu a contemplo daqui. Às vezes ela sorri quando eu sorrio, mas pode se virar sem que eu me vire.

Um espelho pode fazer isso? Um espelho existencial pode! E é desse que a Lia está falando.

Você pode conversar e dizer que antigamente você era de uma determinada forma e a pessoa que está ao seu lado diz que você não era assim. Você disse que era assim, mas você não era assim. Ou você pode dizer que era de uma outra maneira, que você pretende ser no futuro e o próprio contexto desautorizar essa intenção.

Por isso a Lia diz que às vezes o espelho se vira e olha para o outro lado. Se virar sem que eu me vire, acenar se fico imóvel, saltar para o lado de lá. Ele pode e pode andar comigo.

Meu passo deixa um duplo rastro no chão. Sou ela ou serei eu? A Lia diz que essa pessoa que está dentro do espelho pode sair do espelho, pode nos desautorizar.

Nunca viram pessoas que brigam com o espelho? Que olham o espelho e dizem eu não sou essa pessoa que o espelho está dizendo. Não me sinto assim.

Me sinto mais velho, mais moço, diferente. Tem esses conflitos, alguns têm. A Lia está dizendo que esta que está dentro do espelho, no caso dela, pode inclusive sair e caminhar ao lado dela e os passos no chão podem ficar confusos.

Para ela é assim. Se eu mergulhar daqui e do seu lado, ela, vão se fundir os nossos sopros. Todos os meus sonhos e os anseios dela, minha amiga, minha alma, parte de mim.

Irmã que inventei e que eu desenho. Como ela faz comigo? Eu a chamei Pandora.

Para Lia Luft, esta que está no espelho, não é alguém propriamente angelical. Se é Pandora, é bem complexo o que ela está nos dizendo, mas não é assim para todos nós. Para alguns, este que está no espelho nos ajuda, aprofunda os elementos em nós.

Vamos, no trabalho de hoje, nós veremos este elemento específico. Cada um de nós, a sua maneira, o seu modo, tem vários instrumentos que variam conforme suas historicidades. Para estudar e compreender o quanto houve de maturação ao longo da vida e onde está nessa longa estrada.

Para isso, vamos a uma linda crônica chamada Souvenir. Vem lá da Espanha. É da Cristina Vilches e da Paloma Canonica.

As duas fizeram essa obra muito bonita. É uma relação, vocês verão, uma relação muito bonita entre um pai e uma filha. Um deles, e isso vocês verão aos poucos na obra, se desloca e vai até um passado.

Antes de irmos à obra, vamos ver as pontuações disso. Se nesse momento, a pergunta for feita a um de nós, sobre isso o processo de maturação e nós formos até um passado nosso, o que faremos lá? Nós vamos justificar?

Nós vamos culpabilizar alguém ao redor de tudo o que aconteceu? Vocês aprenderam durante um semestre inteiro coordenadas muito consistentes sobre o entendimento em torno disso. Alguém que subjetivamente amadureceu conforme os padrões de época, quando vai para um lugar, se desloca daqui e vai em direção ao passado, ao futuro, como um adulto que afetivamente se desenvolveu, como usualmente ocorre essa relação?

Vamos dar uma olhada nisso?

Para assistir ao vídeo completo, clique aqui:

<https://www.youtube.com/watch?v=0lb8m-PVw0U>

Nesse primeiro vídeo, vejam, nós não sabemos se é a menina que está retornando à quando ela era muito pequena e passeava com o pai dela, e não sabemos se é esse pai que está voltando ao passado e lembrando das relações, dos passeios que tinha com essa menina. Mas seja como for, quando há um deslocamento da pessoa para o futuro, para o passado, em clínica, nossa tarefa é observar a natureza das interseções nesse contexto. Por exemplo: por vezes, se a pessoa mostra que afetivamente ainda está a metade de um caminho, lembrem os critérios para definirmos isso. Não é o filósofo quem definirá. Todo um sistema de coordenadas, historicidade, contexto, etc.

A pessoa, então, provavelmente contará que culpabilizará outros por sua infelicidade, falará de grandes tristezas, de coisas que não teve, como foi injustiçada, e todos aqueles elementos de caracterização de uma afetividade que, para os padrões de época, não conseguiu ir além. Uma pessoa, no entanto, que compreendeu certos vetores existenciais de uma época e conseguiu levar adiante suas afetividades para o estágio de maturidade, provavelmente essa narrativa é diferente. Ela vai nos contar que passeava, que às vezes ficava muito triste quando não podia continuar, gostaria de continuar brincando, mas todo o mecanismo de conformação e de adequação disso é diferente.

Não há culpabilidade para o outro. Então, esse pai não culparia a filha por qualquer coisa ou vice-versa. Não haveria também elementos desproporcionais, explosões, frustrações terríveis e outros elementos.

Ora, mas essas coisas não acontecem com pessoas que amadurecem afetivamente? Elas acontecem, apenas a leitura costuma ser diferente. A leitura costuma ser, naquela ocasião, não conseguia fazer melhor, naquela ocasião não tinha conhecimentos, aprofundamentos para entender o que se passava e conduzir de uma maneira melhor.

Como possui hoje? Como tem hoje? Se os mesmos eventos acontecessem hoje, a pessoa provavelmente faria de outra forma.

Eis um elemento muito consistente que mostra, segundo a historicidade, o contexto e a estruturação da pessoa, um provável amadurecimento para os dias de hoje. Então, a maneira de verificar, via este fator que estamos trabalhando, os deslocamentos historiográficos, colocando a pessoa para nos contar elementos de outros contextos da vida dela. Quando aparecem situações como a que estamos vendo, como a pessoa coloca?! Que gostava muito de estar com o pai, ou o pai contando que gostava muito de estar com a filha, de andar de bicicleta, de balão, etc. Com esses caracteres, nós temos aqui uma aproximação melhor. Mas isso que estamos vendo é uma primeira aproximação diante de dificuldades que agora assumirão outras proporções.

Vou partilhar a tela para vermos agora o andamento desta obra.

...Continuação do vídeo anterior.

Ao deslocarmos a nós mesmos, a outros, ao longo da linha de nossa historicidade, para diferentes contextos, poderemos verificar, não será sempre assim, mas poderemos verificar muitas vezes, os critérios que nos mostram se houve essa maturação da fertilidade, como vocês viram há pouco nesta ilustração gráfica. Alguém que provavelmente se desenvolveu afetivamente, segundo os nossos padrões de época, critérios, observará esses elementos que aconteceram por esse prisma. Então, dirá que em determinada época da vida, faleceu a avó, o cachorrinho que tanto amava foi embora, porque o tio levou para a fazenda e coisas assim.

No entanto, essas dimensões e esses elementos serão observados e vivenciados por esses ajustes e não pelos contrastes tão agudos que vimos no semestre passado por conta das imaturidades afetivas. Nas imaturidades afetivas, vocês lembram como isso funcionava, a pessoa sofre muito, ela vivencia todo o padecimento novamente, ela entra em áreas de contrastes com grande violência, é algo muito dramático de se acompanhar. Adultos, quando passaram por privações e elementos tão tristes assim, ainda, mesmo que passando por isso, costumam ter respostas muito distintas.

Compreendem que foi em outro tempo, em outro contexto, de outra maneira e que agora é muito diferente. Não há essa proximidade tão grande desses elementos, ainda que do ponto de vista da vivência isso possa ocorrer. Mas agora vamos tornar os nossos estudos mais profundos, mais complexos.

Nesta segunda ilustração, vamos além desse aspecto. Quando uma pessoa visita seu passado, visita seu futuro, aquilo que pretende fazer, pretende viajar, pretende estudar, pretende trabalhar, etc., quando ela faz essas movimentações em sua vida, nós temos a oportunidade de verificar, pela interseção que ela estabelece, os elementos da maturação afetiva. Por exemplo, ao se deslocar para um elemento do passado, como vocês verão agora nesta obra, e depois para um futuro, como vocês também verão agora nesta obra, este personagem interage de uma maneira tão ampla, tão consistente, que em alguns momentos a impressão subjetiva que passa a quem acompanha é que o que está acontecendo é que ele deixa de ser o sujeito da ação.

...Continuação do vídeo anterior.

Como ele interage com os objetos ao redor dele, alguns atemporais, alguns pertencem eminentemente ao passado, outros ao presente, outros ao futuro, e nós não sabemos a ordenação dessas coisas, mas observamos como ele lida com esses objetos. Ele é respeitoso com esses objetos? Ele sabe se relacionar, por exemplo, com um rapaz que parece impertinente ao que ele está fazendo?

Como ele faz? Em um dado momento ele simplesmente faz desaparecer, não é? Como ele trata as crianças?

Como ele se relaciona com isso? Seguro de sua pintura, ele faz modelações, ora a pintura conversa com os personagens, ora não conversa. Observe a relação que ele estabelece.

Essa relação que ele estabelece é uma relação que observamos muito na clínica, como muitas pessoas reagem com relação aos próprios aspectos de suas vidas. Alguns pegam elementos de suas vidas e negam, outros pegam elementos de suas vidas e maltratam, nitidamente maltratam, distorcem, aprofundam, mutilam, outros são respeitosos, cuidadosos, didáticos, compreendem. Esta relação nos mostra muito, ao longo da historicidade desta pessoa, como ela conseguiu e o que ela fez em torno do seu crescimento afetivo, do seu crescimento existencial.

Por vezes isso não é homogêneo, então às vezes com um determinado elemento nós notamos que esta pessoa ainda atende a uma pauta, a um modo de ser infantil, afetivamente infantil, já com outros vários não. Outras vezes não é assim que isso se passa e há um fator homogêneo, então a pessoa se relaciona com a maior parte desses aspectos da vida dela sob um critério adulto. Um exemplo disso.

Ela nos conta que quando era criança, por exemplo, costumava brigar muito na escola, chegava em casa machucada, o pai e a mãe diziam, mas para que fazer isso, meu filho, minha filha? O que é com você, que sempre vai para a escola e acaba brigando com seus amigos? E a pessoa sorri e nos diz que naquela época ela era assim, porque ela, por exemplo, não conseguia escrever, enquanto todos os amigos dela já escreviam, ela não conseguia escrever.

E que hoje ela compreende que isso é natural, que não é uma corrida de 100 metros, que alguns, às vezes, em um aspecto, se desenvolvem bem e outros levam um pouco mais de tempo, e que isso é assim. Já quando se tratava de desenhar, ela desenhava muito bem, mas naquela época ela não entendia isso, e ficava revoltada, e a maneira como ela expressava essa revolta era brigando com os amigos da escola. Este modo de relação costuma apontar para uma maturação da afetividade, não necessariamente.

Lembrem que hoje, com as mídias, e com o fácil acesso à comunicação e informação, muitos fazem uma maquiagem nisso, mascaram isso, para eles mesmos, às vezes, achando que estão, de fato, num elemento de maturação, quando a própria maquiagem que imprimem nisso aponta para outras questões. O mesmo quanto ao futuro. E não é raro vermos pessoas que quanto ao passado amadureceram, mas não quanto ao futuro.

Continuam crianças afetivas quanto ao futuro, observam o futuro com um medo imenso, observam o futuro como se fossem alguém que não é valorizado, alguém que não é reconhecido, alguém que não é amado, todos aqueles fatores da infantilidade afetiva que já trabalhamos. Como pode ser isso? Isso pode ser.

A alma humana varia em muitos sentidos e direções. Dependendo do contexto, uma pessoa pode se atrapalhar. Vocês observaram a miscelânea desse pintor?

Como ele trata muitas coisas? Ora ele parece ser parcimonioso, ora ele parece ser amistoso, e ora ele é hostil, abertamente hostil, maltratando certos elementos. Algo que muito improvavelmente alguém que amadureceu afetivamente faria.

Uma das características de quem amadurece afetivamente é o respeito com que trata, carinho com que trata, seus momentos ruins, suas dores, suas perdas, seus erros, seus enganos, assim como os dos outros. É uma outra forma de compreender. É mais fácil acolher, é mais fácil amar, é mais fácil perdoar, é mais fácil ir adiante.

Pessoas que cresceram do ponto de vista do raciocínio, das buscas, dos valores e outros elementos, mas ficaram muito aquém na afetividade, quando isso é importante, no contexto do que ocorre, elas podem ter imensos dilemas. Quanto a isso. E, em geral, basta que se aprofunde um pouco a relação e isso tudo vem à toa.

Os elementos que nós vimos, as características em torno de um princípio de afetividade infantil. Mas existem outros fatores aqui que são ainda mais profundos que esses que estamos vendo. Isso tudo é um prefácio, uma primeira preleção para muitos aprofundamentos de várias ordens, dilemas, etc.

Há alguém que afetivamente se desenvolveu. Então, a pessoa observa a própria historicidade, o contexto, a sua estruturação interna, as relações, e observa, então, que de fato ela se desenvolveu afetivamente. Quando você coloca para ela, olha, determinada coisa que você fez, ou se uma vez atirou uma pedra e machucou um bichinho, estimação de outra pessoa, você não tem culpa por conta disso?

A pessoa que afetivamente se desenvolveu provavelmente reconhecerá o erro. Provavelmente dirá que agiu mal, que lamenta, que sofreu com isso, e que naquela ocasião, por várias razões, não soube fazer melhor. Lamenta muito se pudesse reparar o que fez.

E que hoje agradece por ser diferente, ter aprendido certas lições. Vejam, a culpa dá lugar a algo chamado responsabilidade. A pessoa não se exime das questões.

Ela assume a responsabilidade. Chama para ela responsabilidade. Admite os erros, os acertos.

Não está mais em questão aquela coisa de não poder assumir um engano, um erro, porque todos apontarão o dedo, e ela sofrerá censuras terríveis, e ninguém a compreende, e ninguém, agora o principal, gostará mais dela. Ninguém a amará mais. Ela que já tem tão pouco, que precisa tanto ser reconhecida, precisa tanto de tudo isso, vai perder o pouquinho que tem?

Não, ela não pode. Então, de fato, é uma outra questão. Já aquele que conseguiu ultrapassar esse elemento, dirá tranquilamente que errou sim.

E se alguém deixar de amar essa pessoa por isso, não gostar mais dela, ela ficará triste, mas entenderá que é assim, que sempre haverá ao redor dela, no mundo dela, alguém que goste dela como ela é, e como ela está se desenvolvendo, e ela procura continuar esse desenvolvimento, e outras que não aceitarão de qualquer jeito, o melhor que ela faça. No mundo adulto, a afetividade migra e hidrata de uma maneira bem diferente. Muito diferente.

Para haver essas adequações, e lembrem, não há uma fórmula mais aqui, não há uma regra que possamos dizer, faça assim, faça assado, teremos que ver necessariamente a historicidade, a estruturação dessa pessoa, e todos os restantes elementos que temos estudado. Mas o que traduziria isso? Uma pessoa que afetivamente se desenvolveu, para além disso que estamos vendo, há outros registros?

Por exemplo, essa pessoa vai viajar, pega um trem, vai em direção ao norte da Europa. Ela, por exemplo, olhará pela janela. Um contraste.

Se afetivamente não conseguiu se desenvolver, como ela olhará? Se sentindo infeliz, desamparada, ninguém a ama, ela está sozinha, entram os elementos comparativos, olha lá os outros, todos felizes, todos têm as coisas encaminhadas e resolvidas, só ela que não. Lembram os critérios comparativos do que é uma pessoa afetivamente imatura?

Ninguém vem até ela, como se as pessoas deveriam ir até ela. Para ela é assim, devem a ela, todos devem já. Qualquer relação, alguém já sai devendo ela.

No entanto, se se trata de uma pessoa afetivamente amadurecida, como se passa? Ela olhará pela janela do trem, passará por uma linda estação numa pequena cidade, numa aldeia, a caminho da Escandinávia, ela descenderá na estação. Se se sentir sozinha, olhará uma mesa, verá alguém almoçando, jantando, perguntará se pode se juntar a essa pessoa, se apresentará, conversará com quem estiver perto, ou seja, ela agirá como um adulto.

Se tem sede, buscará por água, não ficará chorando a um canto por água, buscará, se não encontrar, procurará de novo e de novo. Ela está segura de sua autoestima, segura de que tem quem goste dela no mundo, e que ela merece coisas boas no mundo, como os outros também merecem. Não há mais aquele peso existencial.

Um adulto que ainda é emocionalmente infantil, é um grande problema se aproximar de alguém numa estação, ficar amigo, conversar, manter a amizade com seus dias bons e difíceis, é muito difícil. Para alguém que afetivamente se desenvolveu, isso é a própria vida, é o próprio cotidiano. Não há um grande fator de dificuldade aqui.

Essas universalizações que estou colocando têm o caráter da ilustração, pois cada caso costuma ser único, e a singularidade aqui está na pauta todo o tempo das coisas. Vamos ver então um jovem cuja afetividade emocional, se considerarmos o que ele vai nos mostrar, parece ter ido muito além da época dele. Ele descobre vários fatores a respeito dele mesmo, e descobre que quer, de fato, vivenciar estes elementos.

Vídeo não localizado.

Esse jovem George, ele nos mostra um momento que ele teve na Islândia, passeando de automóvel pela Islândia. Ele deixa, no início, vocês viram uma mensagem na secretária eletrônica, para alguém que ele ama, contando as descobertas dele, as experiências dele. Um jovem, afetivamente, em fase de maturação.

Vamos ver alguns elementos aqui muito importantes sobre isso. Muito diferente de um adulto de 30, 40, 50 anos, cuja afetividade ficou muito pra trás, 8, 9, 10 anos de idade, com todos aqueles problemas que já vimos, não há nada que vá satisfazer. Sempre as demandas são tremendas.

E é preciso uma intensidade, é preciso sempre reafirmar o amor por essa pessoa. Nada é o bastante, nada deixa contente. Sempre há queixas, sempre os outros estão errados, ela é a justa, ela é a correta.

Então vocês conhecem os caracteres. No entanto, esse que ultrapassou essas fases tem 30, 40, 50 anos e possui uma afetividade de 30, 40, 50 anos que acompanha os seus raciocínios, suas buscas, seu contexto, etc. Tem outros caracteres.

Essa afetividade, dificilmente ela busca todas as suas raízes num único ponto. Ela busca essas raízes em vários elementos. Então, com o seu automóvel, como vocês viram, passeando pelas enseadas da Islândia, pelas estradas, pelo sol macio, simplesmente observando as pessoas, olhando pelas ruas, os pequenos animais, as aves voando, de cada trecho desses ele tira pequenas gotas de afetividade que hidratam sua alma, hidratam seu coração.

Se surge uma pessoa na vida desse garoto, essa pessoa ocupa um lugar em meio a tudo isso. Ele não vai simplesmente colocar toda a existência dele sobre a existência dessa pessoa, sufocando, gerando muito mais problemas. Ao contrário, provavelmente ele distribuirá essa afetividade.

É uma das características dessas afetividades maduras. Distribuirá um pouco para cada coisa. E se, por um acaso, essa pessoa deixar de existir, houver um acidente, ela ficou doente e vai morrer, ou qualquer outra coisa dessa natureza, será um drama na vida dele, ele perderá tudo? Por que haveria de perder tudo? Muito provavelmente ele compreenderá certas questões, chorará suas lágrimas, sua perda, de uma outra forma, sem o desespero, sem o pânico, sem a tristeza imensa de abismo que uma afetividade infantil teria numa situação dessas. E mesmo que essa pessoa precise ir embora, ele conservará tanto dela no mundo dele.

As aprendizagens, os bons momentos, as situações, lembrem dos dois filmes anteriores que vimos aqui, são tantos elementos que permanecem com ele, que esta pessoa, de certa maneira, permanecerá com ele para toda a vida. A afetividade amadurecida, ela então começa a se enraizar. A pessoa começa a compreendê-la, provavelmente.

Começa a se sentir segura no mundo. Começa a ter parâmetros para o mundo. Não é mais refém.

Ela é um agente inteligente, sensível, entre tantos no mundo. É um outro modo de lidar com a vida. Não há nada mágico aqui.

Perdas ocorrem, dores ocorrem, tudo isso é a vida. É assim mesmo. Mas a maneira de entender, a maneira de orientar, a maneira de encaminhar é completamente diferente.

Completamente diferente. Essa pessoa dificilmente retornaria a um padrão infantil quanto a afetividade. Muito dificilmente.

O mais razoável é que ela prosseguisse essa jornada. Nas nossas próximas aulas, veremos inúmeros dilemas. Veremos alguns contrastes.

Veremos problemas muito sérios que afetividades adultas precisam aprender a lidar e como elas lidam. Problemas que quem ainda vive uma afetividade infantil, sequer conhece. Nem olha, nem sabe. Olha para o horizonte e nem vê essas coisas. Mas para quem cresceu afetivamente, são desafios instigantes, importantes e para alguns fazem ainda aprender e aprofundar mais. Pessoas que aprenderam a amar profundamente, a desculpar, perdoar profundamente.

Aprenderam a própria transcendência em suas afetividades. Estes elementos e ainda outros serão pauta para as nossas próximas aulas. Hoje fizemos o prefácio.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

AULA 2 - Reencontro na maturidade – 22/08/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Reencontro%20na%20Maturidade.mp3>

Transcrito por [turboscribe.ai](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos queridos amigos que fazem o estudo uma educação para as emoções, segundo e último semestre, nesta parte dedicado às questões da maturidade. No semestre passado, nós fizemos todo um percurso em torno das afetividades incipientes, pessoas com 30, 40, 50 anos que tinham uma maturidade afetiva que ficou muito aquém de outros fatores na vida delas, e vimos com detalhes, em muitas e muitas aulas, os aspectos. Agora eu vou fazer um salto lógico e temporal para depois retornar a isso que eu estou falando e vocês entenderão o motivo.

Há muitos anos, em 1903, o professor Ivo Triches, querido amigo nosso, muito de saudosa lembrança, hoje falecido, me convidou para lecionar um curso, para dar aulas em um curso de filosofia clínica, num dos polos que eles tinham na época, nas Faculdades Itecne, lá no oeste do paraná, em Cascavel. E foi maravilhoso, foi uma época muito bonita da vida. Eu passava por Chapecó antes, aí de Chapecó eu dava as aulas e ia para Cascavel, de Cascavel eu ia para Curitiba, Curitiba, Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Goiânia, depois Anápolis, depois Cuiabá, Campo Grande, Dourados, e era cada dia uma cidade.

Naquela época em Cascavel, entre os alunos muito queridos, estudiosos, havia um de grande sensibilidade, com uma grande alma, um grande coração, muito sensível, estudioso e cada um tinha suas características. Esse colega querido, então, estudava e era uma pessoa muito generosa. Agora, recentemente, muito tempo depois, ele participa por questão de trabalho, não pode estar ao vivo dos nossos cursos, mas sempre que possível ele participa, ele me mandou uma carta.

Professor Lúcio, eu gostaria de partilhar com o senhor um comentário e peço a sua consideração. O que ele fez? Ele pegou todas as aulas do semestre passado de uma educação das emoções, uma a uma, fez uma revisão cuidadosa, colocou na inteligência artificial para identificar filmes, livros com links e tudo, e fez uma apostila disso.

Imagina o trabalho que dá fazer algo dessa natureza. E ofereceu gratuitamente a todos vocês que fazem este curso. Então eu o convidei, o nome dele é Jeferson Ricardo, ele está presente.

Eu disse, Ricardo, você vem então à aula, porque eu gostaria que você dissesse algumas palavras para os colegas, diante desse presente tão bonito que agora todos terão acesso, poderão estudar, imaginem a minha apostila, todo o semestre passado, aula a aula, com as citações, com os livros, com tudo. Eu vou agora passar a palavra para o Ricardo, se ele quiser, fique à vontade, pode abrir câmera, como ele achar melhor, para que ele nos conte um pouco de como foi esse trabalho, de compilação, resumo, síntese, e em seguida, após as palavras do Ricardo, vou mostrar a vocês como chegar até a apostila direitinho. Ricardo, querido, por favor, fique à vontade e nos conte um pouco de como foi o teu trabalho e esse generoso presente que você está dando a todos nós.

Jeferson Ricardo Spode Flores

Boa noite, professor, boa noite, colegas. Satisfação, professor, agradeço desde já a oportunidade, a generosidade da fala, acho que não é para tanto, professor, mas agradeço de coração a oportunidade do curso, e foi isso que, de certa forma, nos motivou, nos inspirou a compartilhar com os colegas devido à conclusão, professor, e acho que os colegas, com certeza, concordam, que participaram do presente, que é o curso, da riqueza, dos ensinamentos, das reflexões, o processo de compilar, minha apostila, ele foi fruto de uma, de um primeiro momento, de uma necessidade individual, vamos dizer assim, o desejo ali de fazer algumas anotações em torno do curso, e devido à dificuldade momentânea de poder participar presencialmente, ao vivo ali, das aulas, passei a transcrever as gravações, das aulas em caderno, fiz isso na primeira aula, com algumas ideias, na segunda eu já senti, assim, uma necessidade de ser um pouco mais literal, e registrar mais detalhadamente as falas, toda a aula, porque entendia que ali tinha, enfim, bastante conteúdo valioso, e fiz isso até a segunda, terceira aula, e depois senti que as aulas começaram a acumular também, então senti a necessidade de buscar um auxílio, um recurso que pudesse acelerar um pouquinho esse processo, e aí encontrei uma ferramenta de inteligência artificial, que permitia baixar os arquivos em áudio, dava um pouquinho de trabalho ali, porque tinha que quebrar o arquivo...e

Então, eu senti a necessidade, de gerar os arquivos, de áudio nessa ferramenta, e aí ele dá um pouquinho de trabalho ali, porque são, ele permite ter um limite, de 30 minutos por transcrição, e três arquivos por dia, então, eu estava sempre no final de semana, eu aproveitava para fazer essa atualização, conforme as aulas iam ocorrendo, e aí fui vendo que, já que a gente tá conseguindo transcrever, que eu já estava conseguindo transcrever isso na íntegra, me ocorreu a ideia de organizar isso, compilar tudo isso sequencialmente numa apostila. E aí, mais para o final agora, do curso ali, sinalizei então para o professor Lúcio, agradei ele, porque de fato foram, enfim, reflexões e aprendizados que, contribuíram muito aí, acho que muito valiosos, para a caminhada, e aí, enfim, fizemos um trabalho mais final ali de revisão, acompanhando o áudio a cada aula, então, a gente escutava a aula inteira e lendo o texto, já transcrito para ver se estava tudo ok, fazendo alguma outra revisão, e ainda assim, ficam alguns ajustes, não fica 100%, vamos dizer assim, transcrição, porque existem conversas, existe transcrição de áudio de vídeo, que o professor utilizava nas aulas, às vezes o vídeo era passado, um filme, era passado em partes, então, algumas dessas partes a gente não conseguiu reconstituir, mas as falas na íntegra, do professor estão preservadas, então acho que, lendo, o pessoal vai conseguir acompanhar, e acho que quem se dispuser, a se debruçar nos textos, vai com certeza resgatar ensinamentos, enfim, acho que vai conseguir aproveitar. Então, eu que agradeço, professor, pela oportunidade, e pelo curso.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

E já fica o convite para você para fazer o mesmo nesse semestre, muitos, Ricardo, muitos colegas apreciam o dado de semiose escrito, mais do que o falado, ou mais do que o filme, e vão imprimir, pode ter certeza, eu já sei que vou encontrar colegas aí pelo Brasil com a apostila na mão, em papel, riscada, estudada, já sei, muitos gostam desse modelo. Eu que te agradeço de coração, e agora eu vou mostrar para vocês, hoje, quando receberem a aula editada de hoje, já vão receber o link, tudo para poderem acessar, mas desde agora eu já vou mostrar para vocês. Só vou parar a gravação um pouquinho, retornamos então, após mostrar a apostila para vocês, os agradecimentos merecidos para o Ricardo, o trabalho cuidadoso que ele fez, e nos explicou como elaborou tudo.

Vamos agora direto a Boituva, e vamos ouvir o professor Clailton, a aula da semana passada. Por favor, professor Clailton, fique à vontade.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos.

A nossa aula ocorreu no dia 15 de agosto, e foi um prefácio. Para dizer que as afetividades de uma pessoa estão amadurecidas ou não, usamos como referência o desenvolvimento da base categorial, inclusive para nós mesmos. Mas como poderíamos avaliar nossas próprias afetividades?

Quanto de nós consegue se observar como quem observa um outro? Identificar intenções, motivações e emoções por trás dos comportamentos, sem manipular os dados, sem ser rígido demais e se acusar de coisas que não ocorreram, e nem acobertar o que de fato aconteceu. Uma das formas de verificarmos nosso desenvolvimento é por deslocamento.

Geralmente, a simples narrativa de uma pessoa sobre seu passado, sobre nós mesmos, em relação a nós mesmos, ou a outras pessoas, muitos já apresentam ali elementos que podem nos ajudar. No caso de uma afetividade infantil, aparecerá, por exemplo, o elemento da culpabilidade, onde a pessoa apontará outros como sendo culpados por sua infelicidade. Geralmente, ela falará de grandes tristezas e de como foi injustiçada.

É como se estivesse estacionada em algum ponto de seu passado, provavelmente na infância. Nesse discurso, costumam aparecer contrastes muito agudos e a pessoa revive todo aquele sofrimento. Diferente de uma afetividade mais madura, que já demonstra certa compreensão sobre muitos elementos e a narrativa muda.

Ela fala de seus passeios, atividades em geral, que ficou triste às vezes quando aconteceu algo ruim ou quando não pôde continuar fazendo o que gostaria. Aqui não aparece culpados pelos acontecimentos. Quando uma pessoa menciona coisas que fez no seu passado e diz, por exemplo, que bateu em um amiguinho tentando resolver uma questão e que se fosse hoje faria diferente, ouviria, tentaria compreender, buscaria um diálogo, notamos que houve um amadurecimento em relação ao passado, porque a mesma pessoa que alcançou esse amadurecimento quanto ao passado pode ter uma relação infantil com o futuro, manifestando, por exemplo, medo de não ser amada, de não ser reconhecida, valorizada, etc. Por fim, mais uma característica da pessoa madura, com seus 30 e tantos anos, em nossos dias.

Pessoas que aprenderam a desculpar, a amar, a perdoar. Dificilmente ela vai concentrar toda a sua afetividade e amor em um único ponto, uma única pessoa, às vezes sufocando o outro. Em uma afetividade madura, esses elementos estão pulverizados na vida, no mundo, no meio em que se vive.

Quando alguém muito amado faltar, ela buscará pela compreensão, sem desespero, sem pânico. Seu mundo não vai acabar por isso. E haverá tanta coisa boa, lembranças, momentos, aprendizados, que muito da outra pessoa permanecerá com ela.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton.

Vocês sabem, hoje já ganharam um 'presentaçõ', mas vão ganhar mais um agora. Sempre no início da aula a gente apresenta algum trabalho, alguma peça, e essa vem de São Paulo. É uma garotada.

O que esses meninos da nova MPB estão apresentando? O que esperar deles? Vou mostrar uma dessas bandas para vocês.

Olhem as inovações que esses garotos fazem. Primeiro acompanha a narrativa semântica e sintática da construção gramatical. É surpreendente.

Quando você pensa que a frase terminou, eles inserem uma frase gancho, que serve para o que eles acabaram de dizer e para o que vem. E aí fica na sua mão a interpretação acertada. Uma inovação bem interessante.

E um dos violões, observem a batida minimalista do violão. Muito bacana a batida de fundo que hora vem para frente. Muito interessante o que esses meninos estão fazendo.

E, como se não bastasse tudo isso, mais a letra. Uma letra cativante, uma letra muito bonita, na qual em uma parte ele diz para a pessoa que talvez o que falte nela seja ele. Vamos ouvir então cinco a seco.

É o nome dessa banda. Acho que muitos nunca ouviram falar, nem sabem do que se trata. Mas é o nome da banda.

Cinco a seco. Vamos ouvir uma apresentação ao vivo, muito bonita, realizada em São Paulo.

Para assistir, clique aqui:

https://www.youtube.com/watch?v=hbas-frrrw8&list=rdhbas-frrrw8&start_radio=1

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Se houve um processo de maturação, e lembrem os critérios de um processo de maturação, não é o filósofo que vai dizer se a pessoa amadureceu ou não amadureceu. Ao longo da vida dela, ela se dará conta, se houve esse processo segundo o contexto no qual ela vive, segundo os parâmetros de onde ela parte, do que houve antes e do que se desenvolve a partir daí. E com relação aos outros elementos dentro dela. Então são várias coordenadas aqui que exigem uma consideração próxima. Muito bem, à medida que a pessoa vai se desenvolvendo e vai aprofundando sua existência é muito provável que esses ajustes pedirão passagem. Alguns deles trazem dilemas. Veremos hoje alguns deles. Para isso, selecionei uma obra de Alejandro Zambra, um dos nossos mais queridos escritores latino-americanos. O livro dele chamado formas de voltar para casa. Um livro muito bonito aliás, são os livros do Alejandro, não é? Ele faz todo um processo autobiográfico, conversa com tudo, conversa com memórias, às vezes muito difíceis. E ele traz isso, traz com uma formosura que o leitor participa com lágrimas, com esperanças, nos pegamos sorrindo com os trabalhos dele e outras vezes com enormes dilemas. Vejam então o que ele coloca.

Eu separei três partes deste livro do Alejandro. Ele dedica uma parte aos pais, ele dedica uma parte aos filhos e ele dedica uma parte àqueles que são anônimos, aleatórios que passam pelas vidas. E ele começa a obra contando de um incidente que houve na vida dele, que é quando os pais estão com ele em um determinado lugar em Santiago do Chile e o menino desaparece. Na verdade, o que aconteceu é que o menino veio mais cedo para casa e os pais ficam apavorados: cadê o garoto? Vamos ver nas palavras dele: uma vez eu me perdi, tinha seis ou sete anos. Vinha distraído e de repente não vi mais os meus pais. Me assustei, mas logo retomei o caminho e cheguei em casa antes deles. Continuavam me procurando desesperados. Mas naquela tarde achei que tinham se perdido, que eu sabia voltar para casa e eles não. Você tomou outro caminho, dizia minha mãe depois, com os olhos ainda chorosos. Foram vocês que tomaram outro caminho, pensava eu, mas eu não dizia. Meu pai na poltrona olhava tranquilamente. Às vezes eu acho que sempre estive largado ali, pensando, mas talvez não pensasse em nada, talvez ele só fechasse os olhos e recebesse o presente com calma ou resignação. Naquela noite, no entanto, ele falou isso é bom, ele me disse: você superou a adversidade.

Essa fala do pai deu muito problema dentro de casa e gerou uma briga com a mãe do menino daquelas que ele conta no livro, aliás, que era muito comum que eles brigassem. Minha mãe o fitava com receio, mas ele seguia alinhavando um confuso discurso sobre a adversidade. Me recostei na poltrona, em frente, e fiz que dormia, mas eu os escutei brigar, no estilo de sempre. Ela dizia cinco frases e ele respondia com uma única palavra. Às vezes dizia um cortante não, às vezes dizia a beira quase de um grito: mentira. E às vezes, inclusive, como os policiais: negativo! Naquela noite, minha mãe me carregou até a cama e me disse talvez sabendo que eu fingia que estava dormindo que a escutava com atenção, com curiosidade, ela me disse: seu pai tem razão! Agora sabemos que você não se perderá mais. Que sabe andar sozinho pelas ruas, mas você devia se concentrar mais no caminho. Devia caminhar mais rápido. O que aconteceu? Ele tomou esse agendamento para a vida dele. Para o resto da vida ele passou a caminhar rápido.

Esta é a primeira parte: vejam bem a marcação do discurso. Supondo que esse personagem, e ele escreve, ele diz, em páginas depois que a maneira dele resgatar muitas coisas e vivenciar muitas coisas é escrevendo sobre certas pessoas, personagens como a Cláudia, que ele coloca no livro até ele diz que é um nome muito bonito, muito sonoro se esse personagem amadureceu conforme as coordenadas que vimos há pouco e chegou aos dias de hoje provavelmente, algumas sequelas, alguns elementos às vezes, quando encontrar um casal que briga às vezes ele mesmo brigando quando encontrar alguém que se perdeu ou coisas assim por vezes elementos que ele já considera ultrapassados vivenciados, compreendidos podem chegar até ele como quem convida a uma revisão convida a um aprofundamento desafiando a maturidade, a infância não desaparece em boa parte dos casos, não ela se compõe com o que somos já vimos isso: amadurecer, em outras palavras seria uma seletividade em torno do que queremos trazer conosco e coisas que já não nada tem a ver muito diferente de quem não conseguiu dar esse passo terá que viver coercitivamente algumas coisas, querendo ou não.

Há uma pequena obra muito bonita, cinematográfica que mostra o dilema do crescimento das escolhas muito nítido aliás, o próprio filme funciona como uma belíssima metáfora porque ele nos mostra exatamente a mudança de visão como é quando a criança que vai ter que se orientar por uma visão engessada para algumas coisas e isso é um aparente paradoxo, não é?

Para a visão de um adulto que ultrapassa isso e traz a infância o melhor e outros elementos com ele podendo agora ter seletividades e escolhas com uma amplitude bem maior. O papel da professora neste pequeno vídeo é bastante enigmático observem bem quem é que fala no lugar dessa professora na realidade vou partilhar a tela com vocês para vermos esta obra da Sarah Lynn uma obra muito bonita.

Vídeo não identificado

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Estamos diante de um dilema gigante, não é?

Nossas crianças assumidamente têm suas formas poéticas às vezes duras de considerar as coisas. Vão para as nossas escolas nas nossas escolas o professor diz isso é a letra a isso é uma abajur, aquilo ali é uma planta ali é a folha, ali é a pétala faça assim, faça assado isso é dessa forma aquilo é daquela forma isto é o correto isto é o incorreto é um processo de socialização e de educação para uma sociedade na qual vivemos, partilhamos isso é uma parte essencial nos nossos dias no entanto essa obra tão bela mostra claramente isso, esse menino não consegue se ajustar a isso de forma alguma. A professora disse, faça uma pintura exatamente com o que você está vendo. Ele não consegue ver.

Os olhos dele mostram outras coisas. E a professora, se não entender essa subjetividade, terá dificuldades. Esse é um dos dilemas da nossa época.

A conversação entre o subjetivo e o objetivo. Então, o menino se esforça. Muitos passam a ver aquilo que a sociedade diz, o veja isso, e acabam anulando boa parte de suas subjetividades.

Outros conseguem trabalhar essas integrações, e outros vão muito além, para outros lugares. Esse trabalho de conciliação, de respostas, de desenvolvimentos, que nem sempre quer dizer concordância ou aceite, é um dos desafios da existência humana. E é o que esse menino está fazendo agora, tendo essas dificuldades.

Se ele, segundo os nossos padrões de época e as coordenadas gerais que vimos, conseguir, de fato, um processo de maturação existencial, chegando aos dias de hoje com esse processo de maturação, muito provavelmente, quando certos ajustes surgirem na vida dele, qual será a forma de tratamento? Como faz? Vimos algumas dessas referências importantes.

Uma das características é que aquele que conseguiu fazer essa passagem provavelmente olhará isso que houve e dirá olha, houve um problema, eu tentei fazer o melhor na época, eu não sabia fazer o melhor, foi melhor que eu consegui. Talvez tenha magoado pessoas, talvez tenha me magoado. Essa pessoa pede desculpas, tenta reparar.

E então prossegue a vida dela. Isso, segundo os nossos padrões de época, constitui um processo de maturação emocional, muito diferente daquele que não fez essa passagem toda, que ficou pelo caminho. Provavelmente padecerá tudo de novo, reproduzirá o discurso da infância, culpabilizando outros, vocês conhecem as características gerais, já vimos.

Nesse menino, nessa ilustração, nós vemos esse dilema aberto. Como ele fará? Como cada um de nós faz?

Como outros fazem? Vamos ver como ele encaminha essa questão.

... continuação do vídeo (link não identificado)

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

O que ela nos conta? Sara Lynn. Na qual, vejam, quando ele já está se adequando, se adaptando ao que querem, como querem que ele veja, e funcione com as coisas, aí dizem, não, agora a tendência é outra.

Agora você pode abstrair, pode ir além do ensaio fotográfico, pode construir e criar e mudar. Será que consegue? E a questão nem é essa.

A questão é a liberdade da alma humana em relação a uma sociedade que precisa dos critérios para funcionar e as interações, propiciando tanto quanto possível um processo de maturação para que possamos fazer os ajustes. Sem o processo de maturação fica muito complexo, fica muito difícil e às vezes improvável esse ajuste da maturidade. Resumindo, em vários aspectos em nossas vidas é provável que cada um de nós, conforme seus contextos, conforme sua historicidade, se depare novamente com questões antigas.

Veremos, às vezes, numa livraria, crianças reproduzindo coisas que já vivemos, muito próximas. Situações familiares, situações do trabalho, situações de época, por notícias, por literatura, por conversas, às vezes na vivência familiar, dentro de casa, nos depararemos com várias dessas questões novamente. Isso é o mais provável.

Havendo uma maturação afetiva, esse reencontro é uma chance formidável de um reajuste, de uma compreensão aprimorada e muitas vezes até mais elementos, remissões e outras coisas. Não havendo a maturidade, esse encontro provavelmente será pouco agradável. Alejandro Zambra, muitas páginas depois, agora vai tratar da questão dos adultos, dos pais.

E aqui ele se coloca nessa condição. Vejam como se dá um reencontro, uma espécie de ajuste, a partir de outros elementos. Ele escreve.

Pouco a pouco avanço no romance, esse que ele está nos presenteando. Passo tempo pensando em Cláudia como se ela existisse. No começo eu duvidava até do seu nome, mas é o nome de 90% das mulheres da minha geração.

Faz todo sentido que se chame assim. E além do mais, tem um som agradável, Cláudia. Gosto muito que meus personagens não tenham sobrenomes.

É um alívio. Um dia desses, esta casa não vai mais me receber. Queria descer, se der, habitá-la de novo.

Ordenar os livros, mudar os móveis de lugar, arrumar um pouco o jardim. Nada disso foi possível antes, mas me ajudam agora vários dedos para isso. Eis o processo de reencontro.

Ele não precisa ser concreto. Ele pode ser imagético. Podemos reencontrar esses elementos quando escrevemos uma carta para alguém, quando saímos para jantar, quando vamos a um lançamento de um livro e aguardamos na fila para pegar um autógrafo do nosso amigo, da nossa amiga.

São muitas essas situações. Aquele que amadureceu afetivamente, provavelmente aprimorará, arrumará as coisas e seguirá seu caminho. E é esse o intuito, um dos elementos de maturação da afetividade.

No entanto, apenas e por si só, a maturação afetiva não é uma garantia de que esses elementos ocorram desta forma. Há uma crônica filmada alemã muito interessante. Esse trabalho que eu vou mostrar para vocês é do início do século agora, dos anos 2000.

Tem quase mais de 20 anos, o trabalho que vocês verão agora. De um grupo de jovens alemães que constroem uma parábola formidável, muito bonita sobre isso, muito instigante também sobre isso. Eles usaram massinha de modelar, desenhos, fotos quadro a quadro e outras técnicas que há 20 anos estavam começando e eram bem complicadas numa obra memorável e que chama a reflexão sobre isso que estamos colocando.

Subitamente, nós vemos que a maturação afetiva é importante sim para os nossos preceitos de época, importante e recomendável em grande parte dos casos, mas que ela sozinha pede alguns elementos complementares. Nós vamos ver agora uma linda parábola. O que é isso?

Para acessar o vídeo, clique aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=IN-dco5vv-U>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

O que é isso? Estão falando sobre outros elementos. Vamos trazer isso para dentro da conversação que estamos fazendo hoje sobre ajustes ligados a uma maturação afetiva.

Primeiro, uma pontuação. É provável que uma pessoa, quando se depara com fenômenos que pedem essas revisões, esses reencontros de elementos que elas já viveram antes, às vezes difíceis, dolorosos, problemáticos, outras vezes não, a maneira como ela se relaciona nesse reencontro com estes elementos mostra muito do processo de maturação da afetividade dela. É evidente que temos que considerar nisso também o contexto e outros fatores, as interseções, com quem ela está tendo essas interseções e ainda outros elementos.

Quando observamos isso na clínica, a pessoa tem esse reencontro. Por exemplo, aos 8, 9 anos, teve a primeira paixão na vida dela na escola. Depois, aos 12, 13, nada disso foi agradável, ela se machucou, machucou outras pessoas, etc.

Então, agora, aos 25, 35, 45, 50, 60 anos, de novo reencontra este antigo sentimento que ela encontrou. Entendi até como afastado da vida dela. Este reencontro se dá em que bases?

Se dá em que interseções? Em quais interseções? Ela, por exemplo, ao agora, sentir o amor de novo por alguém, conversará com aqueles elementos de anterioridade, segundo dor, afastamento, mágoa, o que podemos dizer então sobre maturação dessa pessoa?

No entanto, ela reencontra. E agora, após toda uma vivência de amadurecimento da afetividade, ela pode olhar e dizer, bom, das vezes em que eu vivi isso, não foi agradável, mas eu não sabia as coisas que hoje eu sei. Nas vezes em que eu vivi isso, eu não me portei da maneira como hoje posso me portar.

Eu não soube conduzir e ser conduzido da maneira como hoje sei fazer. Hoje, provavelmente, isso será muito diferente. E vou, de acordo com as minhas aprendizagens, inclusive o que já vivi a respeito disso, procurar modificar, ajustar, melhorar e encaminhar de outras formas.

Vejam os critérios e as pontuações da narrativa e do discurso existencial. Bem, neste vídeo que estamos acompanhando das pedras, essa pequena obra prima-alemã contemporânea, as emoções passam por esses dilemas. As emoções, ora, são esses elementos que passam muito rápido.

Oras são a perplexidade das próprias pedras. E não raro, as emoções são as pedras. Algumas emoções perduram uma vida inteira, quase inalteradas na alma humana.

Outras vão se desenvolvendo, mudando, morrendo, algumas não morrem, se transformam em pedra. Não há aqui um melhor ou pior, mais certo ou mais errado. Há modos de ser.

Vejam como Alejandro Zambra escreve numa parte bem mais avançada deste livro o que se passa com ele a respeito disso.

Eu saí de casa no fim de 1995, pouco depois de fazer 20 anos, mas desde a adolescência eu desejava abandonar aquelas calçadas limpas demais, aquelas ruelas tediosas demais em que eu havia crescido. Observem os encontros que estamos conversando e observem como ele fará isso.

São registros muito preciosos. Buscava uma vida plena e perigosa, ou talvez simplesmente quisesse o que alguns filhos querem desde sempre, uma vida sem os pais. Já adulto, morei em pensões ou quartos pequenos, trabalhei em qualquer coisa enquanto terminava a faculdade.

E quando terminei a faculdade, continuei trabalhando em qualquer coisa, porque estudei literatura, que é o que estudam as pessoas que terminam trabalhando em qualquer coisa. Anos depois, entretanto, já perto dos 30, consegui um posto como professor e pude, de certo modo, me estabelecer. Ensaiaava uma vida plácida e digna, passava as tardes lendo romances ou vendo televisão durante horas, fumando tabaco ou maconha, bebendo cerveja ou vinho barato, escutando música ou não escutando nada, porque às vezes permanecia um longo tempo em silêncio, como se esperasse algo, como se esperasse alguém.

Foi então que cheguei, que regressei. Não esperava ninguém, não procurava nada, mas numa noite de verão, numa noite qualquer em que caminhava a passos largos e seguro, via a fachada azul, a grade verde, a pequena praça de pasto ressecado bem em frente. Foi aqui eu pensei.

Foi aqui que eu estive. Disse isso em voz alta, entre maravilhado e absurdo, e me lembrei da cena com precisão. A viagem de micro-ônibus, o pescoço da mulher, o armazém, a árvore, a angustiante viagem de volta.

Tudo. É isso. São esses os reencontros.

São essas as oportunidades que existem aos milhares e que cada pessoa, ao alcançar sua maturação afetiva, que não é um ponto, mas é provavelmente um processo, fará. A maneira como ela fará mostrará a ela o quanto ela ainda precisa caminhar em certas questões, o quanto ela já alcançou, o que ela pode fazer, talvez pedir ajuda em alguns casos. Essa é uma das metáforas muito bonitas da vida para esse elemento...

...continuação do vídeo

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito do que acabamos de ver ocorre exatamente com os estados afetivos da alma humana, que às vezes parecem perdurar uma eternidade inteira, e tudo ao redor muda, e outros elementos sequenciais em relação a isso.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turboscribe.ai)

AULA 3 - A Hidratação em Afetividades Amadurecidas – 29/08/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/A%20Hidrata%C3%A7%C3%A3o%20em%20Afetividades%20Amadurecidas.mp3>

Transcrito por [TurboScribe.ai](#)

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos colegas queridos que fazem o estudo Afetividades Amadurecidas, segundo semestre do curso, que durante toda a primeira etapa, trabalhou os vários aspectos de uma imaturidade afetiva em pessoas com 35, 40, 60, 70 anos. Nesta etapa estamos vendo fatores mais complexos. Vamos diretamente a São Paulo e de lá o professor Clailton apresentará a resenha da última aula.

Professor, por favor, pode iniciar seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 22 de agosto e o tema foi Reencontro na Maturidade.

Quando uma pessoa se depara, nos dias de hoje, com algo que aconteceu no passado, em meio a um processo de vida e aprendizagem, tudo acontecendo ao mesmo tempo, e ela reencontra algo que aconteceu, oferecendo uma oportunidade de ajuste, ou mesmo pedindo por ajuste, qual será a forma de tratamento desse elemento? Aquela pessoa que conseguiu fazer a passagem e alcançou uma maturidade, provavelmente olhará isso e dirá, ocorreu um problema, eu tentei agir da melhor forma, e eu não sabia fazer diferente, fiz o melhor que pude. Talvez alguém tenha saído magoado e ela pedirá desculpas, tentará reparar o que puder e seguirá sua vida.

Isso, segundo nossos padrões de época, constitui um processo de maturação emocional. Já uma pessoa que não amadureceu e ficou pelo caminho, provavelmente sofrerá novamente, repetirá o mesmo discurso e atitudes da infância, culpabilizando outros, inventando desculpas, entre outras coisas. É

provável que muitos de nós, em algum momento de nossas vidas, se depare com questões antigas, situações do trabalho, notícias de outras épocas, pessoas da família que levantam questões, havendo maturação afetiva, esse reencontro é uma oportunidade de fazer um reajuste, uma compreensão, remissões, etc.

Sem a maturidade, esse encontro pode ser pouco agradável. A maneira como uma pessoa se relaciona com os elementos em um reencontro, mostra muito do processo de maturação da afetividade dela. Considerando contexto e outras variáveis, interseções, etc.

Por exemplo, a pessoa já se apaixonou mais de uma vez e a experiência não foi agradável. Ela se machucou e machucou outros também. Depois de muito tempo, essa pessoa reencontra esse sentimento.

Esse reencontro se dá em que base? Em quais interseções? Ela resgatará aquela primeira experiência e reviverá a dor e a mágoa que ocorreram lá?

Ou ela colocará o sentimento sob novas bases? E então ela poderá dizer, naquela época eu não compreendia as coisas que hoje eu sei. Hoje eu posso conduzir esses elementos de outra forma, me comportar diferente.

Nos dias de hoje, provavelmente, essa experiência será diferente. Poderei usar o que aprendi sobre isso, fazer os devidos ajustes e melhorar. Ok, professor?

Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton. Estamos com algumas oscilações técnicas hoje, mas vamos prosseguir na medida do possível. Alunos que fazem o estudo ao vivo recebem sempre um lindo presente, um carinhoso presente.

No nosso país, aliás, outros novos músicos, compositores, poxa vida, que numa quantidade generosa tem aparecido. E um desses compositores é um menino, tem pouco mais de 30 anos, é do Nordeste. Ele é extremamente criativo.

Além de dominar muito bem a técnica pianística, ele se destaca pela sua originalidade, pela sua sensibilidade. E ele mistura vários ambientes musicais. Por exemplo, ele tem influência em misturar o maracatu com o jazz.

Faz isso com grande tranquilidade. E com as nossas raízes, o samba, o tambor. Ele é muito fluente nessas composições e também nas interpretações.

Essa interpretação que vocês vão ouvir agora, ela originalmente é do Dominginhos e é a letra do Gil. Muito bonita a interpretação que ele vai fazer. Antes, porém, de eu partilhar a tela, preciso... Lembrem que no ano passado, início do ano passado e antes disso, a gente tinha verdadeiras aulas aqui de música, antes de mostrar. Mas esse tempo já passou e eu acho que para vocês fica até cansativo explicar tantas coisas como a partitura e outros elementos que a gente vê.

O piano já foi explicado. Desde o surgimento dele, a evolução dele, as curiosidades. Muitos pensam que o Johann Sebastian Bach tocava no piano. Ele fazia composições para o cravo.

É diferente. O piano surgiria logo depois. Ele ainda teve, em vida, teve a oportunidade de conhecer.

Mas o piano é um instrumento extremamente completo com relação aos demais. É uma das curiosidades... Olha, se você tiver uma criança em casa ou uma criança vai visitar você e ela encontra o tampo do piano aberto, aquele piano de cauda, mas o alongado, horizontalmente alongado.

Hoje se usa muito o piano vertical por conta do espaço, nas casas, nos apartamentos. Mas o piano alongado, ele é muito bonito. Muitos nem tocam o piano, mas tem como obra de decoração em casa. Você mostra, abre o tampo e mostra ali os martelos de madeira revestidos, as cordas enfileiradas, as tarraxas de madeira. É muito raro uma criança não se encantar. Geralmente já estende a mãozinha querendo tocar tudo aquilo.

Pois o Amaro Freitas faz isso nessa composição que vocês verão. Ele faz... Na elaboração da música, ele toca literalmente dentro do piano, os martelos, as cordas.

Ele passeia com a mão ali por dentro. Algo muito raro. Os músicos de formação clássica e mesmo de jazz trabalham o piano na parte de teclas, ponto final. Não há mais nada além disso. O Amaro Freitas trabalha o piano também como elemento de percussão, concomitantemente à música. Muito interessante o trabalho dele.

Vídeo não localizado.

A nossa sociedade se especializou em muitos campos e de muitas formas. Algumas vezes ela foi muito rápida em atender demandas e elementos que eram para ela muito importantes. Em vários contextos, a questão de lidar com adultos afetivamente imaturos custou muito caro.

Uma das medidas, então, adotadas, medidas para conciliar, para tentar um termo que pelo menos garantisse que as coisas continuariam funcionando. As escolas abertas, os hospitais abertos, as prefeituras, as igrejas e as instituições de um modo geral, uma das maneiras foi oferecer distrações, oferecer movimentos, oferecer elementos que possibilitassem a pessoas que tinham uma forte inclinação à imaturidade afetiva poderem conviver conforme as regras, conforme os preceitos dessa sociedade. Um exemplo, cria-se um gigante de um parque de diversões, enorme, imenso parque de diversões.

Então, esse adulto irá ao parque de diversões acompanhar crianças, mas ele também participará. Muitos brinquedos que, na verdade, ali não são para crianças, são para adultos. É uma das formas de fazer trânsitos, de elaborar elementos.

E nem sempre isso é nocivo. Muitas vezes isso ajudou e propiciou na caminhada desses adultos para um amadurecimento das afetividades. No entanto, para além disso, muito além disso, muitos conseguiram, de fato, conforme os preceitos de época, seus contextos, um amadurecimento dessas afetividades.

Bem, ao trabalharem e conseguirem fazer isso, e lembrem, não se trata de uma corrida de 100 metros. Uma pessoa que conseguiu o amadurecimento de uma afetividade, às vezes, do ponto de vista da epistemologia, ou dos valores, ou de outros elementos, pode ter ficado muito aquém de sua época. No entanto, esta que obteve, que conseguiu fazer essa jornada, como ela se alimenta?

Do que ela vive após fazer essa jornada? Fazer essa passagem? Ela sabe que quando surge um problema, por exemplo, ela raramente vai sair espalhando culpas para os outros.

Se afetivamente ela amadureceu, ela provavelmente trará muitas dessas responsabilidades diretamente para ela, questionando como ela pode melhorar, o que ela pode fazer e outros elementos. Se ela conseguiu essa caminhada, provavelmente, quando algo, ela gostou de alguém, foi até essa pessoa e não foi bem recebida, foi, inclusive, maltratada, muito diferente de explosões, de tristezas que durarão

semanas e semanas, é muito provável que esta pessoa buscará compreender o que houve, compreender que nem todos gostarão dela, e nem por isso ela é ruim nem má. Buscará elementos para prosseguir a caminhada, e assim sucessivamente.

Mas qual a alimentação? Como essas pessoas se hidratam existencialmente quanto à afetividade, de modo a permanecer, a poderem permanecer no âmbito da maturidade afetiva? Existem caminhos?

Esse caminho é para todos e é sempre igual? Não, esse caminho não é para todos, esse caminho não é sempre igual, esse caminho tem muitas peculiaridades e veremos hoje alguns desses elementos em torno disso. Vamos trabalhar inicialmente a obra João Anzanello Carrascoza, chamada Vendedor de Sustos, uma obra muito bonita, que vai nos ajudar aqui a aprofundar vários desses aspectos que estamos trabalhando.

Nós vamos ver a parte na qual ele trata, chamada Coisas de Menino, uma lição muito bonita, e, no entanto, ele coloca essa lição com um trocadilho existencial que somente ao final nós poderemos compreender a dimensão. No entanto, Coisas de Menino, parece que tudo aqui girará ao redor de menino. Vamos diretamente à questão.

É muito provável que pessoas que, no nosso contexto atual, conseguiram elaborar e amadurecer suas afetividades, é bastante provável que uma parte significativa delas se alimente de uma maneira metafórica, como com as gotas do orvalho. Será muito importante observarmos isso de perto, ou seja, a alimentação se dá por pequenos elementos ligados às interseções de boa parte dessas pessoas, muito diferente do que vemos no funcionamento das afetividades imaturas. Aqui, pequenos gestos, pequenas vivências, às vezes breves, delicadas, em geral, são suficientes para a manutenção, para a hidratação e para o continuado desenvolvimento.

Há muitas exceções aqui, e além das exceções, temos outros fatores importantes a considerar. Por isso, vamos ilustrar um trabalho que o João nos presta nesta obra. A obra é vendedor de sustos.

Havia tanto silêncio na sala que, de repente, ninguém mais aguentou ficar calado. A porta da casa foi que começou a conversa. O menino ainda não passou por aqui, disse ela, nem se sentou em mim, emendou a cadeira, e nem se espichou aqui, comentou o sofá.

E olha que ele gosta de deitar a cabeça neste meu braço e apoiar os pés no outro. Também não vi ele hoje, comentou a TV. É o menino quem vê você, disse a mesa.

Aliás, desde ontem, ele não se esconde debaixo das minhas pernas. Onde será que ele anda? Perguntou de longe o espelho.

Sempre me dá uma olhada quando passam os objetos ao redor de onde este garoto mora. Começam a conversar entre eles. Evidentemente, não são objetos, não é?

São seres que habitam as nossas vidas. Pessoas, pensamentos, situações, elementos que dão por nossa falta se não aparecemos. Sentem saudade, conversam, elaboram a partir das interseções que fazemos.

Cada elemento desses que aparece na obra serve de hidratação, de poesia, de prolongamento, de continuidade. A maneira como alguém que amadureceu afetivamente se relaciona com o automóvel que precisa mudar, com a casa que precisa reformar, com um amigo, uma amiga, para quem telefona, costuma ser muito distinto de alguém que afetivamente ficou muito aquém disso. Se há um desentendimento com um amigo, com uma amiga, este, que amadureceu afetivamente, liga para esta pessoa e diz fulana, fulano, provavelmente, o que pode ter acontecido?

Eu magoei você? Peço desculpas? O que aconteceu?

Uma conversa adulta. Se o outro vai destratar, vai levar a mal, etc., isso é uma outra questão, que será tratada também dentro deste critério. Este adulto vai se alimentar existencialmente com tudo o que está ao redor dele e que tem relação com ele, e que são elementos de escolha, são elementos de elaboração, as audições maiores ou menores, ele dará segundo critérios de um adulto, afetivamente adulto.

Isto que eu estou falando não é universal, não é assim para todos. Faço esta universalização como maneira de caracterizar o fenômeno, ilustrar apenas. Há muitas diferenças aqui em cada situação.

Mais adiante, isso que está ao redor da vida deste garoto, tudo isso continua falando. Eu não tive a mesma sorte quando ele brincou comigo, falou o guarda-chuva. Essa mania de ele me usar como bengala, sabe, imitando Carlitos, já me rompeu uma vareta.

Uma vareta não é nada, disse uma bola. Ele quebrou dois vidros do vizinho e eu levei a culpa. Observem os objetos referenciais da vida deste menino conversando, colocando o menino que não está ali.

Aos poucos nós vemos esse menino. Alguém que está afetivamente em crescimento, em desenvolvimento e que não aparece. Pelo menos, ele agita a casa, disse a parede.

Melhor do que viver assim, aqui, parada. E os rabiscos que ele fez em você? Pergunta o tapete.

Eu adorei aqueles rabiscos, respondeu a parede. Cansei de ser assim, branca, sem nenhum desenho. Desenho?

O pai dele diz que aquilo é um garrancho? Lembrou a janela. Essa metáfora tão bonita que é construída aqui na obra mostra esses elementos de referência.

Um adulto sabe que esses elementos referenciais conversam. Ele é responsável enquanto a isso. Não traz apreensão a ele, desespero, coisas que para uma criança afetiva, na mesma situação, já seria completamente diferente.

Um adulto que afetivamente se desenvolveu, repara esses elementos, convive com eles. É amistoso com eles, provavelmente. Com as exceções que nós conhecemos, com os problemas naturais da vida.

Será que ele ainda está dormindo? Perguntou o relógio. Pois ele acorda tão cedinho.

Já acordou, disse o vaso. Estou ouvindo um barulhinho no quarto. Está cantando, disse o telefone.

Conheço bem a voz dele. O menino está feliz, disse o assoalho. Aposto que vai sair de meias e escorregar em mim.

Já voltamos a esta obra tão bonita que nos ajuda a pensar.

Mas há situações que são dramáticas, muito difíceis, principalmente nos contextos atuais que vivemos. Algumas dessas situações instigantes, desafiadoras, colocam a maturidade afetiva, muitas vezes, em situações dilemáticas, envolvem responsabilidades muito grandes.

Há um pequeno, uma pequena obra de cinema de Goby (François-Xavier Goby), Matthieu Landour e Edouard Jouret. Em Teus Braços (En Tus Brazos) é o nome desta obra. Em Teus Braços, de 2006.

Vamos dar uma olhada nesta obra. Vamos ver de perto alguns dos dilemas muito profundos na ilustração em forma de dança.

ASSISTA AO VÍDEO NA INTEGRA CLICANDO AQUI: <https://matlandour.com/short-film-en-tus-brazos>
PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Jorge, como vemos agora, Jorge, foi um dançarino importante. Amava dançar. Era um dançarino que a sociedade reconhecia e que concedeu a ele muitos prêmios.

Por razões que o filme mostra, ele não pode mais caminhar e agora está em uma cadeira de rodas. O que Jorge faz? Entre outras coisas, ele revisita fotografias da época que ele podia dançar, que ele podia se expressar, utilizar como dado de semiose, crescer, se desenvolver.

Ele revisita, ele sonha, ele lembra da música, das peças, da dança. Então, a mulher chega perto dele e diz, chega, pare com isso. Provavelmente ela está percebendo que talvez não seja um bom caminho para ele.

No entanto, ele que está nessa condição terá que resolver problemas do cotidiano, problemas que já passaram. O que ele fará? Recuará? Viverá com amargura? Viverá de lembranças? Procurará aprender com isso e ir além?

Nós não sabemos o que ele fará. Sabemos que uma pessoa, num contexto como o nosso, com uma afetividade imatura, provavelmente apresentará caracteres muito conhecidos. Se portará como uma vítima diante do mundo. Ninguém a compreende, ninguém a ajuda. Essas coisas somente acontecem com ela e muitos outros caracteres que nós vimos nos nossos estudos, que variam conforme contexto e pessoa. Como uma pessoa que amadureceu afetivamente e que estava se hidratando afetivamente com essa maturidade reagirá agora a isso? A perda brusca significa um recuo?

Às vezes, sim, significa um recuo. Significa oscilações também? Às vezes isso pode acontecer, mas alguns vão adiante.

Não tenha a menor dúvida que, seja o que for, já não vale mais para eles um recuo para uma afetividade imatura. Como fazem? Esta obra mostra um dos caminhos possíveis e dilemáticos para isso.

Vamos ver. (continuidade de trechos finais do vídeo En Tus Brazos).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Um caminho é oferecido. Ela recua, retorna, coloca um disco, coloca música, se aproxima dele e eles juntos vão viver danças que já fizeram e novas danças por fazer.

Revisitam o momento da tragédia, passam por ela e vão adiante. Isso, pela obra, não parece ser um movimento simples, exige bastante deles, mas é assim que ocorre. Alguém que, do ponto de vista da afetividade amadureceu, sabe, entre outras coisas, segundo os padrões da nossa época, que muitas vezes nós temos vizinhanças dentro da maturidade que nos acompanham e que nos ajudam enquanto nós as ajudamos, numa parceria que não é mais quantitativa.

Você ajuda o X, o outro precisa ajudar o X. Não é assim mais que isso ocorre. As disposições são outras.

Estão seguras disso! Conversem com amigos ou amigas que, do ponto de vista da afetividade, amadureceram com relações aos padrões da nossa época. Coloquem questões e problemas, observem.

Observem como imediatamente o horizonte fica povoado de vizinhanças, de elementos, desta maturidade afetiva, que as relações que são colocadas dentro disso são em relações maduras. Não é como uma criança chorando pela mãe e pelo pai, desesperada, apavorada. É alguém que sabe dessa caminhada e como essas coisas ocorrem, se fazem.

Na obra que estávamos acompanhando, do menino que não aparece, está no seu quarto e seus vizinhos conversam. Vejam o que se passa.

De vez em quando ele me leva lá para a varanda, disse uma cadeira.

Que privilégio, falou a parede para a cadeira. Ele adora se debruçar em mim e contar os carros que passam pela rua, disse também a janela. E jogar comigo a tarde inteira, disse o videogame.

Pena que é só nos finais de semana. Aposto que o menino vai viajar, disse o quadro. Vai curtir outras paisagens.

Estas vizinhanças da afetividade, estes elementos que hidratam a vida do menino e vejam quantos ele tem. São elementos que o acompanham, alguns irão para boa parte da maturidade. Sabem disso, meninos também.

Outros ficarão pelo caminho, como a bola, que talvez ele guarde para jogar com o filho dele. Outros, no entanto, nem mesmo ficarão pelo caminho, irão para outros lugares existenciais.

Para quem está crescendo, dificilmente elementos como estes se portam a partir de perdas, mas sim de colocações de situações, de elementos naturais.

É como passar de uma classe para a classe seguinte na escola. Há muitos elementos assim, que a maturidade traz. Vai revisitar esses elementos a partir de um enfoque mais generoso, mais atual.

Mais adiante, então, outros objetos, muitos vão se pronunciando, chega a vez da caneta.

A caneta fez um suspense por um instante, mas então ela tinha uma revelação. O menino, na verdade, ele está apaixonado.

Os objetos ficaram surpresos, perguntaram a uma sua voz, mas como você sabe disso? Ontem, ontem ele pegou em mim, na caneta, e escreveu um poema para ela. Ela quem?

Perguntou o bloco de papel. Você sabe, disse a caneta. O nome dela está aí, escrito nas suas folhas.

Observe, nós estamos presenciando aqui o crescimento do menino. E como esses amigos e vizinhos que o acompanham começam a se portar. Como as pessoas que amamos, nossos amigos, aqueles com quem trabalhamos, com quem vivemos, começam a se portar, quando começamos a amadurecer.

Alguns ficam inspirados, querem participar. Outros se afastam, outros fazem outros movimentos. É assim.

Por fim, nesta linda história, os objetos, alguns começaram a falar. Nossa, então ele não vai mais ligar a TV. Outro disse que ele não vai mais se importar comigo, outro disse que vai.

Talvez ele até se esqueça de me desligar, disse a TV. Quietos, quietos, gritou o relógio. Ouçam os passos.

Ele está saindo neste momento do quarto. Nem parecem mais passos de um menino, disse o tapete. Quero só ver a cara dele, disse o espelho.

Psiu, ele está abrindo a porta, alertou a porta do quarto. E imediatamente todos se calaram. Começava agora uma outra época, uma outra etapa da história deste menino.

Completamente distinta, com outras formas de hidratação, com outras formas de alimentação das afetividades. Quando trabalhamos as afetividades imaturas numa época como a nossa, uma passagem

como essa, geralmente traz as dificuldades que já vimos. Mas aqui os elementos são muito outros, muito outros.

Onde de um lado é lido algo como perda, agora provavelmente gratidão, reconhecimento. Onde de um lado é visto, ah, culpa, não fiz, deixei isso, que pena. Agora é visto como responsabilidade.

Eu fiz o melhor que eu poderia fazer naquele momento. Onde antes tudo parecia uma trincheira, um campo de batalha. Agora parece um horizonte cheio de possibilidades.

Antes as escolhas precisavam da mamãe e do papai. Agora dependem só dele, do garoto. E ele se sente seguro, inspirado, responsável para fazer isso.

E assim sucessivamente. Apenas esses atos volitivos já em grande parte nutrem a alma deste menino. Há uma parte nesta obra, um outro capítulo bem avançado dela, na qual nós temos a história de um menino que provavelmente é o mesmo.

Um menino que percebe, agora mais velho, elementos que o outro estava aprendendo. Nesta outra história do livro, sempre nos aniversários, em comemorações, um tio vinha e dava a ele presentes. Mas presentes que ele não entendia o que fazer.

Não entendia. Um dia esse tio chegou e disse para ele, olha, vou te dar um presente. Vem até aqui, este rio é o teu presente.

Ele estava crescendo, ele não sabia o que fazer com o rio. Ficou feliz, mas como uma criança, não sabia. O tio apareceu então, isso num dos outros aniversários.

Vem comigo, tenho uma surpresa para você. Levou o menino à base de uma montanha e disse, está vendo essa montanha? Ela é sua.

O menino subiu ao topo da montanha e de lá ficou a ver feliz a árvore à beira do rio. A árvore ele também ganhou de presente. Uma outra ocasião.

Que corria pela paisagem, mas logo se deu conta de que a montanha não se movia. E também não podia mudá-la de lugar. Assim, não demorou para a montanha se tornar uma lembrança em sua memória.

Não é o que acontece ao dar algo assim para uma criança? Por maior que seja a vontade dela, os sonhos dela, o que ela fará com isso? Passou um ano e outra vez chegou o aniversário do menino.

Ele ganhou uma porção de presentes, mas dessa vez o tio não apareceu. É a primeira vez que o tio não aparece. Sempre nos aniversários aparecia.

Deu a ele uma árvore, deu a ele um rio, deu a ele muitas coisas. O menino entristeceu. No dia seguinte foi nadar no rio.

Depois deitou-se à sombra da árvore e contemplou a montanha lá adiante. Lembrem, presentes que o tio deu a ele. Dizendo, cresça, cresça para viver isso.

Cresça afetivamente para entender isso. Que como criança você não tem como. Vai viver essas coisas com medo, com desespero, com desamparo e uma série de outras coisas.

É natural. Mas como adulto, como é viver tudo isso? O menino compreendeu que estava brincando errado com aqueles presentes.

Observem os caracteres de crescimento. Queria levá-los consigo, mas o lugar deles era ali mesmo. E lá estavam o rio, a árvore, a montanha.

Estavam ali à disposição a qualquer hora. Bastava ir ao encontro deles. Animado com essa descoberta, o que ele fez então foi direto conversar com o tio.

Um novo vizinho de uma vizinhança melhor para a maturidade. Não existe propriamente uma vizinhança melhor ou pior fora de certos contextos. Precisamos apurar bem os contextos e as subjetividades aqui.

Você não foi à minha festa, ele disse ao chegar. Eu queria que você viesse aqui, disse o tio. Por isso eu não fui, para pegar mais um presente para você.

Já sei como brincar com o rio, com a árvore, com a montanha, disse o menino. Maravilhoso, disse o tio. Eu tenho algo para te dar. E apontou para o sol. O sol que iluminava o horizonte, se perder de vista. É para você, disse o tio.

Para nós, corrigiu o menino. Vejam bem. Para nós, não é mais para ele.

Para nós, corrigiu o menino. E foram juntos passear pela paisagem ensolarada.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

AULA 4 – MOMENTOS – PARTE 2 - 05/09/2025



Essa aula tratou do tema "Momentos - parte 2". A primeira parte foi estudada em nosso outro curso, Transversalidades.

Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Momentos.%20parte%202.mp3>

Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Neste semestre, segundo semestre deste curso, estamos trabalhando as afetividades amadurecidas. No primeiro semestre, vimos aspectos emocionais ligados mais a um atraso em relação aos demais tópicos estruturais da pessoa e ao contexto.

Agora não, estamos vendo na outra ponta alguns elementos importantes. A aula é muito bonita, contaremos com várias ilustrações, fotografia, filme, livros. Uma aula muito bonita.

Vamos diretamente a São Paulo e de lá o professor Clailton apresentará gentilmente, como eu tenho feito, a resenha da nossa aula passada. Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio.

Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 29 de agosto. O tema foi a hidratação em afetividades amadurecidas.

Uma afetividade amadurecida diante de um problema, por exemplo, dificilmente vai jogar a culpa sobre outros. Provavelmente ela assumirá muitas responsabilidades e vai questionar em que pode melhorar, o que pode fazer para reparar algo, etc. Se uma pessoa emocionalmente amadurecida gostar de alguém, se interessar e se aproximar dessa pessoa, mas não for bem recebida, ela não apresentará episódios de explosões e tristezas sem fim.

É muito provável que ela buscará compreender o que houve, saberá que nem todos gostarão dela, buscará elementos para prosseguir sua caminhada. E então podemos perguntar, o que hidrata uma

pessoa afetivamente amadurecida? Do que vivem essas pessoas? O que alimenta emocionalmente esses que amadureceram, de modo que permaneçam no âmbito da maturidade afetiva?

É muito provável que uma parte significativa das pessoas que em nosso contexto atual conseguiram elaborar e amadurecer suas afetividades se alimente, metaforicamente falando, com gotas de orvalho. A alimentação se dá por pequenos elementos ligados às interseções de boa parte dessas pessoas.

Pequenos gestos, pequenas vivências, às vezes breves, delicadas, são suficientes para a hidratação e a manutenção do desenvolvimento. Há exceções quanto a isso, mas de forma geral seria assim. A maneira como alguém que amadureceu se relaciona com seus amigos, com o meio, os objetos do seu cotidiano, costuma ser muito diferente afetivamente de outro que está aquém desse amadurecimento.

Se houver um ruído na relação com um amigo, por exemplo, esse que amadureceu vai ligar, vai perguntar se fez algo, se o outro está magoado, vai pedir desculpas, terá uma conversa adulta. E se o outro vai receber bem ou não, isso é uma outra questão e diz muito sobre o outro também. A pessoa afetivamente madura vai se alimentar de tudo que existe ao seu redor, que tem relação com ela.

Vizinhos que estão à sua volta serve de hidratação, de poesia, não que seja um elemento universal e que será assim para todos. É uma caracterização apenas. Uma pessoa que nos dias de hoje, devido a um acidente, por exemplo, não possa mais fazer alguma atividade da mesma forma que já fez um dia, como andar de bicicleta, dançar, praticar algum esporte, algo que a condição física atual não permita mais, o que essa pessoa pode fazer em relação a isso que ela tanto gosta?

Viverá com a amargura de lembranças que despertam tristezas e rancor? Vai procurar aprender com isso e ir além? Nós não sabemos.

O que sabemos é que uma pessoa em um contexto como o nosso, com uma afetividade imatura, provavelmente apresentará alguns dos caracteres que já estudamos, comportando-se como vítima, ninguém a compreende, ninguém a ajuda, colocará culpa sobre outros, etc. E aquele que amadureceu afetivamente, que se hidrata? Como se comportará em um caso desses?

A perda brusca pode causar oscilações e recuos? Às vezes, sim. Mas alguns vão adiante.

Seja lá o que for que aconteça, eles não têm a menor dúvida. Um recuo para afetividades menos desenvolvidas não será uma opção. As vizinhanças dentro da maturidade acompanharão a pessoa, ajudarão e serão ajudadas, sem dívida ou cobrança pelo que se faz.

Um nível mais elevado de cooperação. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton. Lindíssimo resumo, como sempre, professor Clailton. Um dos nossos colegas está neste momento em Assis, lembram de Assis?

Uma das nossas viagens de estudos que fizemos. A Toscana, lá do outro lado do Mar da Ligúria. Sistema oposto.

E podia ir até a igreja de São Damiano. São Damião, né? Foi nessa igreja que o crucifixo bizantino, enquanto São Francisco orava, Jesus conversa com ele a partir dali.

História muito bonita, e um momento muito importante na história de Francisco de Assis. Esse colega está lá, foi para a canonização do Carlos Acutis, agora dia 7, domingo. Muito bonito o que ele conta da linda Itália.

Vamos lá, vamos trabalhar. Temos aí a primeira ilustração, que vocês sempre me recebem por frequentarem a aula ao vivo. Esse fotógrafo que eu vou apresentar a vocês agora é um fotógrafo chinês, ele é de Xangai.

Ele é praticamente um dos maiores fotógrafos da Ásia, um dos mais celebrados, muito importante. Um verdadeiro mestre da geometria. Observem as fotos que eu vou mostrar agora para vocês, o enquadramento que ele dá.

Observem também os espaços negativos, as movimentações, aqueles elementos paradoxais. A foto é parada, no entanto ela se movimenta. Ele usa muito esse recurso.

Ele é um prodígio no estudo da luz e das sombras, no contraste e nas fotos dele em branco e preto. Mesmo podendo usar colorido, ele prefere assim. E ele se muda para Hong Kong, saindo da China, vai viver em Hong Kong.

Lá, na década de 50, 60, ele faz uma verdadeira documentação da transformação de Hong Kong, que se tornaria completamente diferente. Vou partilhar a tela. Este fotógrafo que vocês virão agora, ele vai fazer parte de uma das nossas aulas no outro curso de transversalidades.

Vamos então conhecer um pouquinho do trabalho do Fang Ho. Aqui está.

Vídeo não localizado.

Maravilhoso poeta, fotógrafo de Xangai, China.

Trabalharemos esse autor em breve. Um trabalho muito bonito, viu? Que faremos com ele logo, logo adiante.

Sim, agora um breve aviso. Hoje, no final da nossa aula de sexta-feira, ali por volta de 20 horas e 5 minutos, quando encerrarmos a aula, faremos uma pequena pausa de 3, 4 minutos. E depois, um pós-fácil à aula de hoje.

Esse pós-fácil consiste no seguinte. No nosso último workshop, feito sábado, recentemente, sobre as similitudes, teve um momento em que eu convidei os professores titulares de centro de formação. Dos 53 participantes, havia 20 desses professores que foram convidados a chegar uma hora mais cedo, na parte da tarde, para eu mostrar um pequeno encarte do filme que estávamos vendo.

Eles prontamente atenderam. Dos 20 colegas, 18 puderam comparecer. Dois, por razões outras, não puderam.

E com esses 18 colegas, então, eu trabalhei algo que hoje eu vou mostrar nesse pós-fácil para vocês. Que o trabalho que foi feito com os professores titulares. Para isso, eu vou contextualizar o trabalho. Eu vou explicar agora o que foi feito: Nós trabalhamos, no workshop de sábado, uma obra chamada *l'écume des jours*. A tradução seria Espuma dos Dias.

Uma obra de 1947, do Boris Vian. Uma obra de um homem, de um grande escritor, um dos importantes escritores franceses, que o Vian viveu as duas guerras e ele era um surrealista. Era um homem que não gostava de filosofia e nesse livro dele ele simplesmente arrasa com os existencialistas.

Ele cria uma caricatura do Sartre, que é o “Jean-Sol Partre”, que ele coloca o nome do filósofo, que é uma paródia ao trabalho sartreano. O Vion não perdoa que nós filósofos não participamos melhor da reconstrução da Europa, etc. É uma visão dele.

Muitos filósofos participaram, sim. Inclusive ele, que não é menos filósofo que os outros. Nesse livro ele mostra, ele coloca para o lado de fora como nós somos por dentro.

Então, você está caminhando rumo a uma sorveteria, aí você já fica todo feliz, vai tomar um sorvete com chá gelado no verão, etc. Ele já mostra como é que o nosso interior conversa com o exterior. E ele faz isso de uma maneira muito poética, muito bonita.

Toda a primeira parte do filme é lindíssima. Os 53 colegas, muitos de vocês aqui estavam presentes e viram como é bonito, como é poético. No entanto, na segunda parte ele mostra o outro lado.

Ele mostra que a Europa, que é tão bela, tão linda, e que nos trouxe tantos elementos tão bonitos e promissores, se perde em meio a tudo isso e promove horrores que ninguém antes havia presenciado na humanidade. Então, ele mostra, na segunda parte do filme, o que acontece quando nós, seres humanos, descuidamos da capacidade que temos de construir. Primeira parte toda, ele mostra uma linguagem poética, de construção, tudo é bonito.

É lindo o filme, cheio de trocadilhos existenciais. Na segunda parte, ele mostra o que acontece quando nós nos descuidamos e mergulhamos em direção às trevas, o que ocorre. E que ele presenciou na Segunda Guerra Mundial, no país dele, que é a França, que foi invadida e fatiada, literalmente.

Pois essa obra, eu separei 13 minutos, 14, para mostrar para esses professores o outro lado. E conversamos sobre isso, contextualizamos. É para essa segunda parte que eu convido vocês, aqueles que quiserem, e eu peço uma coisa, cada um que respeite a si mesmo.

Tem gente que não tem nada a ver com isso aí. *Oh professor não quero ver, não me interessa essa outra parte. Eu quero ficar com a parte bonita, inspiradora, essa sim.*

É uma atividade facultativa, apenas para aqueles que querem ter as duas dimensões para avaliar, para fazer contrastes, essas coisas. Mas é algo bastante pesado. O filme, quando foi feito, mais de 60 anos depois do lançamento do livro, o filme, quando foi feito, mais de 60 anos depois do livro, ele foi muito fiel ao livro, procurou ser muito fiel.

Com as devidas adequações, seis décadas depois. Mas ele mostra muitos desses problemas, o livro. Mostra o filme, mostra muitos desses problemas que nós encontrávamos ali.

Vocês verão, é bastante dramático. Que é uma lição para nós, o cuidado. Pois assim como podemos construir elementos sublimes, podemos também, infelizmente, por distração, negligência, erro, e às vezes até propositadamente fazer coisas que não trarão nenhum benefício à humanidade.

Hoje nós vamos fazer um trabalho de encontro, vejam só que interessante, do curso de terça-feira com o curso de sexta-feira. São cursos inteiramente diferentes. Terça-feira estudamos as transversalidades.

Hoje nós trabalhamos as afetividades. No entanto, há muitos conectivos, há muitas áreas que se aproximam, e hoje vocês verão uma delas. Na terça nós trabalhamos o tema da aula, foi momentos, um.

Aqui, nas emoções, nós veremos momentos dois. Ou seja, uma confluência das duas disciplinas, que depois se afastam de novo, cada uma vai para um lado. Mas na aula de hoje temos essa enorme proximidade, muito bonita.

Nós trabalharemos a obra do Bill Watterson, duas obras dele, que foram agora à tarde, aqui na secretaria nós escrevemos alguns trechos para trabalharmos. Eu tenho dois livros em mãos. O primeiro livro é O Livro do Décimo Aniversário, de Calvin e Haroldo.

E o outro é Os Dias Estão Todos Ocupados, também do Bill Watterson. Esse, Os Dias Estão Todos Ocupados, é a obra que nós trabalharemos aqui hoje, do Bill Watterson. Mas essa outra obra, O Livro do Décimo Aniversário, ela é muito interessante, por isso eu a trouxe também, porque é uma obra comentada.

Aqui o Bill Watterson faz comentários sobre o Calvin, uma homenagem a Calvino, e Haroldo, uma homenagem a um filósofo inglês, Hobbes. E faz vários comentários, várias analogias sobre o modo como ele era, como Calvin é, sobre os pais, apresenta personagens, explica e faz um belíssimo prefácio, contando como a importância dos quadrinhos, do quadrinista, na comunicação contemporânea. O Bill Watterson começou a publicar em 1985.

Durante dez anos, centenas de jornais pelo mundo publicaram as tirinhas desse garoto, irreverente, de seis anos, que é o Calvin, despenteado, sempre muito preocupado com questões que não diziam respeito à maioria das crianças, questões filosóficas, e uma criança cheia de impulsividade, muito pouca responsabilidade, diferente do seu tigrinho, o Haroldo. O Haroldo é um tigrinho que quando ninguém está olhando, apenas está ele e o Calvin, ele ganha a vida própria, ele conversa, ele interage, ele é inteligente, etc. Quando se aproxima um adulto ou outra criança, ele vira um bonequinho de pano, na mesma hora, o Haroldo.

Uma das coisas que fizessem filmes, que fizessem teatro, que levassem esse estudo para outros lugares, e não tinha nenhum interesse em marketing também, tanto que dez anos depois de trabalhar, ele se retira, não quer mais escrever as tirinhas dele, se retira e leva uma vida reclusa, ou ele não deve ter 70 anos, é mais jovem que isso. E hoje ele pinta seus quadros e vive em algum lugar dos Estados Unidos, em paz, longe de tudo o que temos presenciado no mundo. Então, nós teremos esse trabalho e também um filme muito bonito, que vem lá da Austrália, feito em Melbourne, na Austrália.

Vamos, então, iniciar este trabalho, está bem? Nós trabalhamos a questão dos momentos, a primeira parte deles no curso, um outro curso que fazemos, que são as transversalidades. Temos vários aspectos, hoje veremos ainda outros, complementares.

Nessa aula denominada momentos parte dois. Para isso, nós vamos utilizar uma pequena obra cinematográfica, que vai nos mostrar deslocamentos que uma pessoa pode fazer quanto ao tempo, quanto ao espaço, mostrando que, pela maneira como estamos constituídos, em muitas ocasiões, em muitos casos, podemos ir além, muito além de certas limitações. Isso dependerá muito de uma série de fatores.

Vamos, então, ver essa obra chamada Jalebi! de 2024, de Kailas Prasanna. Primeiro vamos ver o que é isso, o que ele coloca aqui, o jalebi. O jalebi é uma sobremesa. Muito conhecida na Índia, no Paquistão, em boa parte da Ásia. Ela é muito doce. Por fora é crocante, por dentro é às vezes dourada, e por dentro ela é muito pegajosa.

O jalebi é muito pegajosa e gruda nas mãos. Ela é feita com açúcar em calda, ela é mergulhada ali, antes é frita, e ela leva farinha de trigo, leva alguns produtos da região, muito apreciada, uma sobremesa muito apreciada. Então ela tem esse título.

E a história que eu vou mostrar para vocês é uma história muito singela. Uma garota chama um aplicativo em Melbourne, na Austrália, e eles vão conversar nessa pequena, curta jornada. À medida que eles conversam, esse motorista, que fala sem parar, ele até se desculpa com a moça, pergunta se ela gostaria que ele não falasse mais.

Ele coloca algo para ela que faz com que ela recorte em si mesma, que ela tenha a oportunidade, sim, de modificar várias coisas na vida. Não todas as coisas, não sempre, mas às vezes, sim. E que ela pode fazer isso mediante um recurso muito simples.

Simplesmente se deslocando naquilo que nós convencionamos tempo, naquilo que nós convencionamos espaço. É possível uma pessoa se deslocar no tempo? Sim, é claro que é possível.

Se eu perguntar a você, a semana passada, você esteve em Fortaleza, em Maceió, no Recife? Estou fazendo uma pergunta fora do tempo agora que corre conforme nós o convencionamos. Você dirá, acho que não, não fui, não lembro de ter ido, não.

Só se eu vi um filme, alguma coisa, mas não fui até lá. Você se deslocou para o seu passado e lá pesquisou e viu que não tinha nada a ver com isso. Também pode fazer para o futuro, não é?

Se podemos fazer isso, podemos fazer outras coisas dentro disso. Vamos ver essa pequena ilustração.

Para assistir ao vídeo completo, clique aqui:

[https://www.youtube.com/watch?v=-uoFbA4kmww#:~:text=JALEBI!%20\(2024\)%20%7C%20Award%20Winning%20Indian%2DAustralian%20Short%20Film](https://www.youtube.com/watch?v=-uoFbA4kmww#:~:text=JALEBI!%20(2024)%20%7C%20Award%20Winning%20Indian%2DAustralian%20Short%20Film)

Transcrição da primeira parte (até o momento em que ela entra no ônibus).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Estamos vendo isso no tempo presente, não é? Observem como modificamos algumas coisas aqui. E se eu dissesse a vocês, olhe, num futuro próximo, você, menino, você, menina, tentará montar um emprego e lá nesse lugar é muito difícil, talvez você não consiga, talvez você trabalhe um tempo, talvez você seja demitido, mas vai valer muito a experiência lá.

Veja, a mesma história que vocês estão vendo deslocada para um futuro. Conforme a cronologia que nós, seres humanos, nas nossas sociedades, designamos como elementos temporais. Fica diferente, não é?

Alguns dirão, talvez aconteça, talvez não, e depois é futuro, eu posso me preparar, eu posso modificar. Ok? Agora vejam a modificação que ocorre.

E se eu dissesse assim, uma vez você tentou um emprego, tal qual essa moça, e você não conseguiu, ou você trabalhou um tempo, e depois disseram que você não seria mais necessário lá, que iam contratar a outra pessoa, então você saiu, você foi embora, você ficou triste, é isso que aconteceu. Deslocamos daqui para lá. Alguns dirão, já faz tanto tempo que eu nem lembro mais.

Outros dirão, sim, foi isso, só que na época eu não tinha as habilidades que eu tenho agora. Hoje, por exemplo, sei trabalhar no computador, na época eu não sabia. Vejam, deslocamos.

Alguns têm grande influência num tempo futuro, alguns têm grande influência no tempo passado, alguns têm agora, enquanto as coisas ocorrem. Outros têm vários tempos, outros mesclam tempos. Está bem?

Vamos prosseguir com essa ilustração, em Melbourne, na Austrália.

Continuação do vídeo:

DIÁLOGO:

“Você viaja muito para a Índia? Não muito.

Eu tentei ir uma vez em dois anos. Eu saí da Índia para melhores oportunidades, sabe? Mas meu coração ainda está na Índia.

Então eu tenho que voltar a cada oportunidade que eu tenho. Mas nesses dias é muito, muito caro. Desculpe, eu falo um pouco demais, eu fico animado quando conheço indianos.

Se você prefere uma viagem tranquila, tudo bem. Me diga se você quer ouvir alguma música. Eu tenho algumas melodias clássicas bolivarianas.

Não, não, tudo bem. Eu não me importo. Eu só tenho algumas coisas na minha mente hoje.

Você mencionou que seu dia não estava indo tão bem. Posso compartilhar algo com você? Sim, claro.

Você se lembra do filme Forrest Gump? Um super filme. Ele tem esse diálogo famoso que eu me lembro.

A vida é como uma caixa de chocolates. Você nunca sabe o que vai receber.

Atriz

Sim, uma frase famosa.

Motorista

Assim que eu fiz meu próprio diálogo de filme. A vida é como comer um jalebi. Você provavelmente está se perguntando o que eu quero dizer com isso.

Sim, o que você quer dizer com isso? Deixe-me lhe dizer. Imagine um jalebi azul bonitinho.

Você pega em suas mãos. Ele ainda está quente. Ele está frito em óleo. Ele está brilhando como uma estrela. Ele está brilhante e crocante como uma estrela no céu.

Mas aí você percebe que seus dedos estão todos esticados. E agora você está preocupado em manter seus dedos limpos. Então você pensa em quão saudável ele é.

E em quanto peso você vai ganhar. E naquele momento. Quando você começou a pensar demais.

Você já matou o que foi um momento muito especial para você. Então o que eu estou tentando dizer é. A vida é como comer um jalebi. Você tem que parar de se importar com algumas pequenas coisas. Para que você possa experimentar as verdadeiras alegrias da vida. Você sabe, a sociedade quer que a gente pense de uma forma particular.

Mas para você, isso nem sempre pode ser a forma ou o caminho certo. Então você tem que pensar em como e por que você pensa da forma que você pensa. E você pode acabar encontrando uma maneira melhor de viver a vida.

Então sim, viver essa vida. Você sabe, é como comer um jalebi.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Quem quiser comer um jalebi já sabe, ele é muito doce, muito saboroso também, como o motorista explicou. Quando ela entra neste automóvel e começa a conversar com ele, ele coloca algumas questões para ela, ela imediatamente se dá conta de aspectos que ultrapassam o que ela acabou de viver. Ela liga com um amigo, o Jess, e retoma os projetos dela.

Vamos, sobre aquela ideia que a gente tinha, vamos conversar e tal. É isso, aqueles que fazem esses deslocamentos aprendem estes elementos. Vejam, conforme nós organizamos nossa mente, nós vivemos momentos, não é?

Isso não quer dizer que eu vivo momento no presente, quer dizer que eu vivo momentos. A cada instante da vida, estou em um momento. Neste momento, estou fazendo alguma coisa, um jalebi.

Neste outro momento, estou dentro de um automóvel ou caminho de algum lugar. Às vezes estou pensando, dirigindo e ouvindo música, há um só tempo, momentos. Outras vezes eu fraciono momentos em um momento.

Então me desloco, estou vivendo, enquanto dirijo o automóvel vivo intensamente um momento ligado a algo que nós denominamos passado, outras vezes futuro. Se eu posso fazer esses deslocamentos, nada mais posso além disso? Se eu fizer uma alteração em um fator de momento que houve, ele terá consequências para esse de agora?

Quais consequências e de que forma? O Bill Watterson, em um garoto de seis anos de idade, nos explica em uma metáfora, uma maneira belíssima de questionar e de aprofundar isso. De aproveitar um pouco mais, expandir um pouco mais elementos existenciais, torná-los mais ricos.

Vamos ver esta metáfora de Bill Watterson. O menino, este aqui que vocês estão vendo, é o Calvin, sempre tendo muitas ideias, sempre vivendo muitas coisas, sempre muito intenso para a vida. O Calvin nos diz, poxa, eu tive uma ideia.

E essa ideia, eles estão conversando aqui porque a professora pediu uma história na escola. Quando está apenas o Calvin e o Haroldo, lembrem, quando estão apenas os dois, o Haroldo se personifica, ele conversa, ele é muito inteligente. Ele é a voz da ponderação em geral, quando os dois estão conversando, ele é quem é o mais ponderado dos dois, o mais razoável dos dois.

Bom, o menino puxa de dentro de um gabinete, ele diz, não pense em um jeito de não precisar escrever nada. Isso é típico desse garoto, viu? Sempre que ele pode fazer algo que não é o que foi combinado, não é o que foi pedido, ele faz.

Ele sempre está fazendo diferente daquilo que é o solicitado. E o Haroldo não gosta nada dessa ideia dele, como sempre, já sabe que isso pode levar a contratempos maiores. E o menino diz para ele, que a caixa é uma máquina do tempo, entra aqui na máquina do tempo Haroldo, vamos arrancar algumas horas do futuro, até lá eu já vou ter terminado a minha história e aí a gente pega ela e traz de volta para o presente, assim eu não preciso escrever nada.

Olhem a ideia dele, ir para o futuro, quando as coisas já foram feitas, e então trazer para cá. O Haroldo não gosta muito, como vocês estão vendo neste último box aqui. Ele acha que não está fazendo sentido alguma coisa, e é assim como o fato dele estar dentro da caixa do menino.

O Calvin tenta tranquilizar. Vamos ver essa primeira passagem aqui, o que esse menino está colocando é o que muitos seres humanos fazem em vários momentos de suas vidas. Num momento difícil, algumas pessoas não pegam esta caixa que está dentro do armário, mas pegam outros veículos e dizem, hoje estou passando muitas dificuldades, mas eu sei que num futuro próximo isso será resolvido, eu vou ter mais tranquilidade, eu vou poder descansar, eu vou poder me inspirar, retomar algumas coisas.

Ao fazer isso, a pessoa foi para o futuro, nessa caixa aqui, já está lá, foi além do Calvin, está lá no futuro e trouxe do futuro para agora inspirações, força, entendimento e muitas outras coisas pelo simples fato, vejam bem, de ter se deslocado para o seu próprio futuro, hipotético, imagético, provável, às vezes

muito parecido com o que acontecerá de fato. É o que o menino está fazendo, da maneira dele, ele disse vamos até lá. O Calvin e o Haroldo das 6h30 da tarde foram visitar o Calvin e o Haroldo das 8h30, vejam que ele já está com o pijaminha colocado aqui para dormir.

Então, este das 6h30 da tarde, que entrou na caixa, conversa com o outro, que é duas horas mais velho, e diz a ele, bom, como nós somos vocês do passado, acho que já sabem o que estamos fazendo aqui, você fez o trabalho da escola? Esse das 8h30 disse que não, que não fez trabalho nenhum, o que leva o outro a se exasperar, que quer saber por que ele não fez. O próprio Calvin do futuro explica, ué, se a duas horas eu decidi vir para o futuro buscar, o que eu faria? Aqui é um paradoxo, ok, porque ele sabe o que está se passando, ele faz um trocadilho para deixar o outro confuso, então ele fala: “isso, e aqui estou eu, cadê o trabalho?”

Foi isso que eu disse duas horas atrás. Então os dois Haroldos ponderados aqui conversam, entre eles, que sabiam que esse tipo de coisa não poderia dar certo. Bem, há vários elementos aqui metafóricos importantes nesses deslocamentos.

Uma pessoa que diz, eu sei que no futuro próximo estará tudo bem, que agora é só uma etapa difícil, no futuro próximo eu posso retomar a leitura dos livros, eu posso voltar a trabalhar na livraria, eu posso ajudar nas edições de materiais, na pequena tipografia, etc. Esse que assim procede está emprestando coisas ao futuro, está criando relações de continuidade, está trazendo muito desse futuro para o presente, levando muito do que ele vive agora para o futuro. Isso, às vezes, se passará de uma maneira harmoniosa, legítima, e que trará benefícios para vários lados, mas às vezes pode acontecer isso que o Calvin está fazendo aqui.

Ele não considerou que por ser ele mesmo, em duas horas depois, ele continuaria protelando as coisas e tudo mais, e então o problema se torna bem maior, como vocês estão vendo. Há pessoas que fazem esse diálogo inteiro dentro delas. Elas começam dizendo, eu sei que no futuro se resolverá, e logo em seguida elas colocam, mas eu sei que também que eu vou protelar até chegar ao futuro, e quando chegar ao futuro eu não terei feito nada, e se exasperam conforme o que estamos vendo aqui.

Mas há fatores muito interessantes que ultrapassam isso que estamos vendo. Vamos ver, o Calvin, às seis e meia da tarde, começa a ficar realmente preocupado, quer dizer que já está na hora de dormir, e a gente não escreveu a história da escola. Vejam agora, ele se associa ao outro, antes ele estava tratando esse outro como um outro ser, não como ele mesmo.

Isso ocorre muito, uma pessoa se deslocar para o passado, para o futuro, ela às vezes se associa à lembrança dela, então ela transforma tudo isso aqui nela mesma, se deslocando por uma linha, e outras vezes ela faz esse elemento, ela vê a ela mesma como uma outra pessoa fazendo algo, e discute, critica, se separa. São vários movimentos, não há certo ou errado, há modos de fazer isso, e procuramos entender, aprender as melhores disposições, o que é possível, de que forma essas coisas podem ser realizadas com respeito, com cuidado, e de modo a aprimorar, a aprofundar o modo de ser da pessoa. Como pode não estar pronta se você não escreveu?

E o Calvin das 8 e meia, o Calvin mais velho, diz, obviamente ela deveria ter sido escrita antes, porque são 8 e 30 e eu preciso ir para a cama. Um está aqui culpabilizando o outro. Olhem, isso é outro fator muito comum, pessoas que vão lá para o seu passado e dizem, eu errei, eu fiz isso mal, eu machuquei outros, eu me machuquei, não perdoam, fazem isso, culpabilizam esse outro, que é ele mesmo, às vezes, às vezes ele nem se reconhece nesse outro.

E aqui estamos vendo que o Calvin faz isso com relação ao próprio futuro dele, e o futuro dele, devolve para ele, você deveria ter feito. Espera um pouco, se a história deveria ter sido escrita no seu passado,

isso significa que ela tinha que ter sido escrita por mim. O Calvin das 6 e meia coloca um argumento que parece ser até contra ele mesmo.

Ele começa a refletir e começa a ver essas coisas, e o outro que já está com o pijaminha pronto para dormir diz, e por que você não escreveu então? Ele diz, porque eu vim para o futuro para pegar a história quando já estivesse pronta. Esse Calvin do futuro diz ele, se você não tivesse feito besteira no seu passado, o seu futuro não seria este.

Muito rigoroso, não é? Vejam o que se passa aqui, que conversa, parece tautológica não acrescentar nada, no entanto, toda essa história aqui que vocês acompanharam até esse ponto, é um diálogo às vezes fidedigno do que algumas pessoas fazem com elas mesmas. Eu vou gastar agora o meu décimo terceiro, porque eu sei que amanhã eu vou trabalhar o dobro, farei serão, e vou corrigir tudo isso.

E quando chega no outro dia, esse que já está de pijama diz, mas eu estou muito cansado, você não deveria ter torrado tudo durante o ano, e agora, nós não temos pro Natal, esse diz. E então começa uma discussão como essa que vocês estão vendo aqui, culpabilidades mútuas, sistemas de translados, ora um culpa a si mesmo e o outro ao invés de aliviar ainda, de contemporizar, ainda torna tudo muito mais dramático.

[pequena interrupção de áudio da aula...]

Mostrar pra vocês um pouquinho do homem que construiu essa história, observe o que ele fala sobre si mesmo, sobre o Calvin, é um livro no qual ele comenta os personagens, as várias histórias, comentários muito ricos aqui na obra. Ele diz, o Calvin tem esse nome por causa de Calvino, que foi um teólogo do século XVI, que acreditava em predestinação, a maioria das pessoas acha que Calvin é baseado em um filho meu ou em lembranças detalhadas da minha infância, na verdade eu não tenho filhos e eu fui uma criança tranquila, uma das razões por que é divertido escrever as falas de Calvin é que na maioria das vezes eu concordo com ele, na maioria das vezes ele concorda com esse garoto, a maneira como ele resolve coisas, como ele questiona os pais. O Calvin está sempre apontando uma criança de seis anos que mais sonha o mundo do que vive o mundo empiricamente como as outras crianças.

Calvin é autobiográfico, ele escreve, o Bill Watterson, em certo sentido, porque ele encara as coisas da mesma forma que eu encaro, mas na minha idade adulta, não na infância. Muitas das afirmações e metáforas de Calvin são minhas, eu tenho para mim que a maioria das pessoas envelhece sem amadurecer, e que dentro de cada adulto, e às vezes nem é preciso escavar muito fundo, existe alguém assim que quer que tudo seja feito à sua maneira. Eu uso Calvin como uma válvula de escape para minha própria imaturidade, como uma forma de manter um olhar curioso a respeito do mundo, como uma maneira de ridicularizar minhas próprias obsessões e como um modo de tecer comentários sobre a natureza humana.

Apesar de não querer alguém como Calvin na minha casa, o papel, ele me ajuda a entender e suportar as coisas da minha vida. Observe então, o próprio autor utiliza pelo dado de semiose escrito essa construção na qual ele assume uma certa imaturidade para um homem de 50, 60 anos, e diz que ele resolve muitas destas coisas vivendo na pele do menino, que é o autobiográfico. Muito que acontece tem a ver com ele, com o Bill Watterson.

Então isso que o Bill Watterson faz é um deslocamento sobre um deslocamento, uma maneira sofisticada de fazer elaborações que nós fazemos ao natural, quando conversamos com um personagem em um filme, em um livro, em nossas lembranças, quando lembramos de um ente querido, um avô, um amigo e fazemos esses diálogos. A arte de fazer isso é que torna diferente muitas vivências na vida de cada um de nós, como estamos acompanhando o menino. Vamos um pouquinho adiante, vamos ver como esse

deslocamento no tempo está ajudando Calvin a resolver, lembrem, ele tem que apresentar uma tarefa na escola, a professora pediu.

Vamos prosseguir então, com o Calvin, das 6h30 da tarde, que está com seus óculos de aviador, vejam, ele entrou na caixa, não é? No meio dessa confusão ele diz, espere aí, vamos pensar um pouco. Eu sou você às 8h30, eu sou você às 6h30 e você sou eu às 8h30, nenhum de nós dois fez o trabalho da escola, o outro concorda, já está com o pijaminha para dormir.

Isso significa que o trabalho deveria ter sido feito entre a minha época e a sua, olhem bem o que ele está fazendo agora. Isso, ele teria de ter sido feito às 7h30, mas o Calvin das 7h30 claramente não fez, caso contrário estaria tudo pronto às 8h30, isso mesmo diz o menino que já está com o pijama, a culpa é dele. Aquele moleque preguiçoso, a gente está encrocado por causa dele, diz o Calvin das 6h30 da tarde, e o Calvin das 8h30, duas horas depois diz, vamos atrás dele.

Esse diálogo que ambos fazem, e vejam, é o mesmo Calvin, é o mesmo menino que simulou entrar numa caixa, você pode fazer a mesma situação por escrito, conversando com você mesmo, ele está conversando com ele mesmo de certa maneira, só que esse ele mesmo às vezes se modifica muito e assume que está duas horas na frente dele, outras vezes não, assume estar na mesma posição que ele. Ora, eles juntos pensam em uma alternativa, e observem, eles começam a dialogar coisas diferentes. Como isso se traduz no cotidiano de uma pessoa?

Como nós encontramos isso em consultório? Como isso é feito? Uma pessoa chega ao consultório e nos diz que ela tem projetos muito bonitos para a vida dela, que daqui cinco anos ela termina um curso de mestrado, está pensando em fazer um doutorado fora, uma vez que há a possibilidade de uma bolsa para isso, está fazendo essas mesmas posições que Calvin fez com a caixinha dele, e então essa pessoa diz, mas nada disso será possível, porque aos 25 anos eu cheguei à conclusão que nunca eu poderia terminar nenhum curso que eu fizesse na minha vida, vejam o que ela fez, como os dois meninos que agora encontraram um no meio, que vai ser responsável por tudo, às vezes no consultório a pessoa faz literalmente algo da mesma proporção e forma, vai lá e encontra alguém que ela vai responsabilizar, que ela vai culpabilizar, poderia também ser compreender, acolher, poderia olhar com olhos e com afetividade adulta para esse elemento de anterioridade e constatar aos 25 eu não sabia fazer melhor, eu nem tinha como fazer melhor, as coisas eram diferentes, o contexto era diferente, eu era diferente, não é o que Hannah Arendt escreve no famoso julgamento que acontece na Alemanha, quando prendem um homem idoso e o culpabilizam por algo que ele fez quando tinha menos de 20 anos, seguindo ordens, essa pessoa que está sendo julgada está respondendo por aquela, mas há uma equivalência, há uma relação, é lícito fazermos isso com alguém, conosco, com outros?

Não há outras maneiras de lidarmos com isso? Se sabemos navegar pelos momentos, que é o tema do nosso trabalho de hoje, não poderíamos ao fazermos essa navegação levarmos coisas que aprendemos para outros lugares e recebermos de lá coisas que não sabemos? Como se faz isso?

Há muitas formas, muitas formas, por exemplo, ao ir para o futuro, você vai fazer um doutorado fora do Brasil, você vai para um pequeno país, você vai para a Bélgica ou vai para a Holanda, vai fazer seu doutorado lá, quando você entra na internet para pesquisar como são os costumes, como é a aldeia onde você vai morar, o trabalho que você vai fazer, você já está indo para lá, fazendo o momento agora lá, vivendo aquele momento e pode fazer conectivos com este ser que está aqui, criando pontes, criando alternativas, criando elementos, sendo respeitoso com os fatores de lá, respeitoso com os fatores daqui, trazendo e levando nesse caminho que se criou. Olhem a riqueza, a fortuna que pode se estabelecer nisso, se for feito com carinho, com reciprocidade, com cuidado, é isso?

Esse é o estudo sobre os momentos. Vamos prosseguir a história do Calvin, nesse momento em que ele está vivendo. Aqui estamos nós.

E o Calvin, das sete e meia, se assusta, está deitado, lendo um gibi e diz opa, o meu passado e o meu futuro, vejam como ele fica. Isso aqui que vocês estão vendo, o meu passado e o meu futuro, ocorre muito. Muitas pessoas fazem exatamente isso, para tomar uma decisão, meu novo emprego, nossa, eu já fracassei tantas vezes, esse é o meu passado, meu futuro, vou fracassar de novo, estou arrasado já desde agora.

Olha o que está fazendo, não é? Está falando do passado e do futuro. Esse passado e esse futuro aqui não vêm como amigos até ele, eles vêm cobrar dele as coisas, é isso que estão fazendo aqui.

Larga esse gibi e vai fazer o trabalho da escola, diz o Calvin das oito e meia, vejam que até agora estava bem sereno e tranquilo, agora, e ambos estão com os óculos de aviador, porque agora navegam com a sua caixa, e o Calvin, das seis e meia da tarde, diz, chamam o outro de vagabundo, vejam bem, e ele não gosta. Ele diz, por que eu tenho que fazer tudo? Vocês também podiam ter feito, vocês também podiam ter feito, de fato, não é?

Isso que somos neste momento, somos, porque quem estava no passado não fez, porque quem estava no futuro não fez, é isso? Estamos convictos que é isso? Será que é isso mesmo?

Aqui na história é. Então o Calvin, das seis e meia, diz, mas às seis e meia eu não fiz nada, e agora são sete e meia. E às oito e meia vai ser tarde demais, a sua última chance é agora.

Então vejam a pressão que existe aqui, destes mesmos Calvins, do passado e do futuro. Isso é diferente do que encontramos no consultório? Ou muitas vezes é exatamente assim?

A pessoa vem e nos diz, no passado eu desperdicei todas as minhas chances, doutor, por isso eu não me formei na faculdade, eu joguei tudo fora. E tenho certeza também que no futuro, aqui, doutor, também vou jogar tudo fora. O momento que eu tenho para fazer é agora, eu faço agora, ou não faço nada.

Essa pessoa está jogando esses dois, passado e futuro, sobre esse peso imenso dela aqui sozinha agora. Isso é razoável? Temos que ver contexto, a própria pessoa, historicidade e outros fatores.

Temos a seguir uma novidade, que provavelmente os senhores não estão considerando até aqui, pela própria narrativa da história, mas que muda tudo completamente. Nos levando para outros elementos e que mostram a profundidade que tudo isso pode alcançar. Bom, então ele diz, você vai começar a escrever ou a gente vai ter que partir para a ignorância?

Diz o Calvin, das seis e meia da tarde. Olha só a coação, a ameaça para esse. É como a pessoa que vai para o passado e lá no passado ela lembra de uma cobrança tremenda.

Como é que é essa cobrança? Eu falhei quando mais precisavam de mim, eu não respondi quando fui solicitado, eu capitulei, eu fui covarde ou eu fui vigoroso, valente, mas me aproveitei de uma situação entre fracos. Como eu agi dessa forma?

Eu que fui fraco. Olha o que essa pessoa está fazendo, por favor. Ela está fazendo o que ele está fazendo aqui com ele mesmo, pesando agora imensamente no presente.

E mais, vejam, esse que está no presente aqui, das sete e meia da tarde, ele não tinha nada a ver com isso. Se nós colocarmos as cronologias das coisas, ele tinha uma parte da responsabilidade, mas não essa responsabilidade toda que estão querendo atribuir a ele. Então, quando das seis e meia ameaça, olha o que o das sete e meia diz, você pode me bater.

Quem vai ficar dolorido é o meu eu do futuro, que é esse das oito e meia que já está de pijama para dormir e que não gostou nada disso. Ele achou que culpabilizando o outro, ele estaria fora. Mas não é assim que essas coisas se passam.

Muitas pessoas lidam exatamente assim com suas vidas. Trazem o peso do passado para esmagar seu presente. E trazem as impossibilidades do futuro para esmagar seu presente.

E ainda se admiram com o peso das coisas, com a falta de horizontes, com tudo de ruim. Mas como poderia ser diferente diante do que elas estão fazendo? Por que não vão amistosamente para o passado, em lugares, tempos e momentos amistosos e não trazem de lá fatores promissores para o que se passa aqui?

Por que não fazem o mesmo com relação ao futuro, seu próprio futuro? De maneira hipotética, respeitosa, abrindo para a plasticidade, para as possibilidades, não é muito mais interessante? Não aliviaria muito mais o presente? Não traria recursos maravilhosos para isso que nós chamamos presente, para o momento que se vive aqui?

Sabe por que isso não é feito? Porque não há, na nossa tradição ocidental até aqui, uma formação para isso. Não há interesse, não houve, mas começa a existir cada vez mais e começa a possibilidade.

Isso abre um manancial de recursos para o ser humano, gigantesco para muitas e muitas coisas. Quem estava, até há pouco, longe da história, parecia que não existiria na história? O Tigrinho, o melhor amigo dele? Onde estava até agora o Haroldo? Por que não apareceu o Haroldo? Já vamos ver.

Então, o Haroldo das seis e meia da tarde conversa com o Haroldo das oito e meia. Lembrem que há pouco não apareceu o Haroldo das sete e meia. Onde estaria, não é?

Sabe, Haroldo, se o Calvin das sete e trinta for igual aos Calvin das seis e das oito, aposto que ele não vai escrever coisa nenhuma, diz o Haroldo, sempre coerente, sempre responsável com as coisas. E o outro diz: tem razão, Haroldo. Por que a gente não escreve uma historinha enquanto espera eles voltarem?

Aliás, muitas vezes esse Tigrinho fez as tarefas de casa do Calvin. Não foram duas, não foram três, foram muitas. É, aí o Calvin pode usar ela na escola, diz o outro.

Eu escrevo e você pode fazer a ilustração, certo? É a nossa história. Vai ser sobre o que a nossa história?

O Calvin não está aqui, vamos escrever sobre ele. Aliás, o Tigre esse faz muitas ironias com o Calvin, que às vezes o Calvin não entende ou entende torcido e fica furioso com o Tigrinho dele. Desenhar o Calvin é fácil, é só fazer uma boca bem grande e um pouco de cabelo.

Vejam o que eles vão fazer aqui. Aqui entra uma parte que nós não havíamos considerado, não é? O Haroldo tem esse nome por causa de um filósofo do século XVII que tinha uma visão pessimista da natureza humana e possuía a dignidade, a paciência e o bom senso da maioria dos animais que eu conheci.

Haroldo foi inspirado em grande parte em uma gata que eu tive. Ela era rajada, chamada Sprite. Além de ser longilínea e ter um rosto largo como o de Haroldo, ela também foi o modelo para a personalidade dele.

Ela era tranquila, inteligente, amigável e adorava brincar, de espreitar e de dar o bote. Isso é uma das brincadeiras prediletas do Haroldo nas histórias. Espera o menino passar e se joga e eles rolam, brincam e brincam.

É uma das coisas que o Haroldo faz muito. Assim como a maior parte dos animais dos quadrinhos, sua graça provém do seu comportamento humanizado. Apesar de Haroldo andar sobre duas pernas e falar, eu tento sempre preservar seu lado felino, tanto em termos de características físicas como de comportamento.

Sua elegância e seu tato são tipicamente felinos para mim, assim como seu orgulho manifesta de não pertencer à raça humana. Como Calvin, eu também prefiro a companhia dos animais à companhia das pessoas. E Haroldo é a minha concepção de um amigo leal.

Aquilo que chamam de grande sacada da minha tirinha, as duas versões do Haroldo, muitas vezes é mal compreendida. Eu não vejo Haroldo como um boneco que milagrosamente ganha vida quando Calvin está por perto. E também não considero que ele seja um produto da imaginação do Calvin.

A verdadeira natureza do Haroldo, na verdade, nem me interessa. E nas histórias existe sempre uma maneira de contornar esse problema. Calvin vê Haroldo de uma forma e as demais pessoas de outra.

Acho que sim que as coisas funcionam na vida. Nenhum de nós enxerga as coisas exatamente da mesma maneira. E eu retrato isso de modo bastante literal nos quadrinhos.

Na verdade, Haroldo é muito mais uma referência ao caráter subjetivo da realidade do que um boneco que ganha vida. Uma belíssima explicação, muito importante. Em muitas passagens, quando alguém chega perto, o Haroldo fica bem pequenininho, quase do tamanho do Calvin.

Um bonequinho de pano inegável. Você olha para ele e diz, é mais um boneco de pano, não é mais o Haroldo. E agora ele nos diz que para ele não é assim.

Para o próprio autor, Bill Watterson, não é assim. Mas temos agora algo muito relevante, muito sério. Vejam que nós não contávamos com isso. Contávamos? Havia a mais profunda convicção de que quem resolveria, se era para resolver essa situação, seriam os meninos, os três agora, os três Calvins. Mas nunca ocorreu, talvez.

Puxa, mas por que o Tigre, que é sensato, é ponderado, sabe escrever, por que ele não escreve a história? Eis o elemento que eu havia dito. Nos nossos contextos, quando fazemos esses deslocamentos temporais, para passado, para futuro, nós fazemos igualmente elementos de espacialidade.

Estamos em contextos espaciais diferentes. Lá no passado não havia casa, foi construída depois. Lá no passado não havia um irmãozinho, nasceu depois.

Lá no passado a mamãe estava fazendo um tratamento, depois agora ela melhorou. Há muitas modificações. O contexto fala e os elementos do contexto participam.

Então quando fazemos esses elementos, quanto mais o homem antropocêntrico se deslocar para lá e para cá, achando que tudo dependerá exclusivamente dele, provavelmente isso será mais difícil, quanto mais for parcimonioso, fraterno, distributivo, solidário, amoroso, participe de uma série de eventos e condições, mais os outros que estão com ele de maneira fraterna poderão ajudar, participar e às vezes resolver algo que ele sozinho de forma alguma poderia. Neste caso, o tigre tomou a frente e disse, vou ajudar, vou escrever, vou fazer a história.

E fez, fez a história. Isso é possível. Como isso é possível?

Como nós encontraremos um exemplo disso plausível dentro do âmbito da clínica? Nós temos inúmeros exemplos disso. Inúmeros exemplos.

A pessoa nos diz que quando nascer o filho dela, em breve, a alegria dela será muito grande, que era o sonho da mãe dele, dele, dela, que já faleceu, esse neto, e que vai dar o mesmo nome em homenagem à mãe, e que vai amá-lo, que vai sempre lembrar que muito do que essa mãe ensinou em valores, em afetividade, em religiosidade, em Deus, estará acompanhando essa criança. Que a mesma Nossa Senhora que tinha na cabeceira da mãe, agora estará na cabeceira do neto. Olhem o que a pessoa está fazendo.

O neto, aqui, está resolvendo um monte de questões existenciais. Algumas, inclusive, que a pessoa nem se dá conta. Uma pequena criança, um bebezinho, singelo, delicado, que chega e já faz toda essa movimentação.

Para o passado, a mesma coisa. Podemos ir para o passado, e ao invés de entrarmos lá, numa casa que depois, infelizmente, seria incendiada, e pessoas se machucariam, a pessoa, ao invés disso, vai andar pelo milharal, pela plantação de feijão. Vai visitar o lago, vai meditar e orar, numa pequena capela arruinada que está lá.

Ao fazer isso, ela vai encontrar situações, personagens, que muitas vezes explicarão coisas para ela, arrumarão coisas para ela. Às vezes, o maior trabalho dela é não atrapalhar, porque tudo já está sendo feito e providenciado. Vejam, esse é o deslocamento.

Os momentos que vão ocorrer lá, às vezes, terão repercussão. Talvez não aqui no nosso presente, mas num futuro que se anuncia. E sendo no futuro, podemos, às vezes, ir a esse futuro de novo, criar conectivos para cá, harmoniosos, responsáveis, e levar daqui para trás também.

E olhem que estamos sendo bem singelos aqui, num sistema de linearidade. Isso é bem mais complexo e tem muitas outras disposições, mas aqui o intuito é ilustrar. Está bem? Ilustrar. Vimos, então, o Bill Waterson explicando esse simpático tigre. Vamos, então, agora ver o final dessa história?

Olha, pessoal, vocês não podem se juntar contra mim, diz o Calvin das sete e meia. O Calvin das seis e meia diz, ah, é? E o das oito e meia diz, e por que não?

Por que esses dois aqui não podem se voltar contra ele? Lembrem que agora estão no tempo presente, que é o das sete e meia da noite. Porque todos nós somos o mesmo Calvin.

Em uma hora, o Calvin das seis e meia vai ser eu, e uma hora depois disso, nós dois vamos ser o Calvin das oito e meia. Olhem o que ele está propondo. Ele está tentando uma unificação entre os vários, dizendo, não, nós todos somos um só.

Para algumas pessoas é assim como ele está dizendo. Elas têm uma ideia de que aquela lembrança de quando elas tinham 15 anos é ela mesma com relação a como ela é agora. Mudou, ela sabe que envelheceu, que aprendeu, etc., mas para ela é a mesma pessoa, como é aquela que terá 80, 90 depois. Para outros não é nada disso. Para outros, em cada etapa, ele é uma pessoa diferente, e às vezes várias pessoas, mesmo que eventualmente possa ser a mesma. Isso significa, prossegue o Calvin das sete e meia, que vocês vão sofrer na pele tudo o que vocês fizerem comigo.

Opa! E os outros dois ficam bem pensativos com essa ideia dele. Aliás, pergunta este Calvin, quem foi que teve essa ideia?

Idiota foi ele? E cada um aponta o dedo para o outro, vejam. É muito interessante essa parte aqui, que cada um aponta o dedo para o outro, ok?

A pessoa que chega ao nosso consultório e nos diz que ela sofre hoje por tudo o que ela viveu, o que ela fez com a vida dela no passado, e que amanhã nada pode ser feito, etc. E esse eu de amanhã aponta para o eu de hoje, essa confusão. Alguns fazem isso com suas vidas.

Vamos adiante.

Bom, então eles retornam.

A gente está de volta, mas não fez o trabalho da escola. Agora já são oito e trinta de novo, e a gente está ferrado, diz o Calvin para os tigrinhos, para os dois tigrinhos. Os dois retornam sem nenhum trabalho.

Prontinho! O Haroldo e eu escrevemos uma história enquanto vocês estavam fora, dizem os dois tigrinhos para eles, que ficam admirados. A gente se deu bem. Podemos voltar para as seis e trinta agora. Valeu, Haroldos. Vocês salvaram a nossa pele.

Calvin, alguém diz. É a mamãe. Rápido, Haroldo, entra aqui. Eles têm que voltar. Vejo a mãe deles chegando. Uma questão aqui bastante interessante é como a pessoa lida com o contexto quando ele participa e resolve coisas que ela procura e que às vezes nem tem a menor ideia do que fazer.

A gente vai ser vocês daqui a duas horas. Até lá. Você ainda não está na cama? Não, entra aqui. Eu estou pondo um pijama. Como sempre, ele mente muito para a mãe dele, então aqui eles vão até lá.

Essa parte também é muito interessante por vários efeitos e vários elementos. Muitas pessoas usam isso de maneira perdulária e de maneira pouco consequente, ainda que outras saibam utilizar de sabedoria e respeito. Aqui está o final da história.

Você escreveu sua história para a aula de amanhã? Pergunta à mãe dele quando ele retorna. Mais ou menos, diz o Calvin.

Vejam, aqui está o tigrinho. Vocês podem ver bem. Quando um adulto, um amigo, alguém chega perto de Calvin, ele vira imediatamente esse bonequinho aqui.

Um boneco de pano.

Mas o Bill Waterson diz que não é assim para ele, não. O Haroldo me deu ajuda e eu tive que fazer umas viagens. Você escreveu a história ou não? Pergunta a mãe dele. Ah, ela está escrita. Eu só não li. Os tigres escrevem uma história muito engraçada. Ironizando, faz um grande sucesso na escola.

Ou seja, hoje fizemos um pequeno estudo de temporalidade e de espacialidade para mostrar que podemos navegar por momentos em nossas vidas de várias formas. Trabalhar essas questões, reeducar elementos e ir muito além de tudo isso.

Transcrito por [TurboScribe.ai](https://www.turbo.scribe.ai).

AULA 5 – Cantinelas de Alabastro – 12/09/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Cantinelas%20de%20alabastro..mp3>

Transcrito por [TurboScribe.ai](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos queridos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções. Nosso trabalho neste semestre diz respeito às afetividades amadurecidas. Semestre passado vimos as características de uma afetividade bastante incipiente que ficou para trás.

O tema de hoje é um tema desafiador, bonito. Ele tem vários elementos de aprofundamento, de reflexões. As obras que veremos são realmente maravilhosas também, que ilustrarão o trabalho.

Vamos agora diretamente a São Paulo e de lá o professor Clailton fará a resenha da nossa aula passada. Boa noite, professor Clailton.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. Nossa aula passada ocorreu no dia 5 de setembro.

O tema foi momentos, parte 2. A primeira parte foi no curso de terça-feira, transversalidades. Nessa aula estudamos vários aspectos em torno das vivências que podemos experimentar a cada instante.

E também os deslocamentos, as navegações em diferentes momentos no tempo e no espaço. O que podemos fazer a partir dos deslocamentos é a questão. Seja o nosso deslocamento ou o deslocamento do próprio momento.

Um mesmo momento pode ser vivenciado de formas diferentes, estando ele no passado, no presente ou no futuro. Por exemplo, alguém que planeja algo, uma conquista, e vive com intensidade a imaginação do quanto isso será bom. Ela vivencia esse elemento dessa forma no futuro.

Mas quando essa pessoa realiza seu projeto e vivencia de fato no presente aquilo que planejou, ela pode dizer que não foi tão bom quanto esperava. Observe, no presente o momento aparece diferente daquilo que foi projetado. Já uma vivência muito intensa no presente pode ser abrandada quando arquivada na memória, quando narrada como algo do passado.

Enquanto uma vivência menor pode ser potencializada quando passar a fazer parte do passado e em suas narrativas. São alterações que os momentos podem sofrer no trânsito por diferentes temporalidades. Viver momentos não se limita ao presente.

A cada instante vivemos momentos, mas eles podem estar no passado, no presente ou no futuro. Algumas pessoas se deslocam para o futuro e pegam algo emprestado para amenizar o momento presente. Isso ocorre, por exemplo, quando estamos passando por momentos difíceis, mas nos tranquilizamos, nos acalmamos, ao considerar que em um futuro próximo estará tudo bem, haverá mais tranquilidade.

Nesse momento, um pouco dessa tranquilidade do futuro veio para o presente e participou da composição do momento. Podemos buscar muitas coisas no futuro, inspiração, força, entendimento, etc. Para algumas pessoas, esses movimentos podem produzir coisas diferentes dessas que já vimos.

Quando se desloca ao passado, uma pessoa pode, por exemplo, dizer que fez tudo errado, pode apontar o dedo para o seu eu do passado e culpabilizá-lo. De coisas que deram erradas em sua vida, por exemplo. Outras vezes, as pessoas deixam todo o peso das obrigações para seu eu do futuro.

Gastam o que não podem pensando em dar um jeito no futuro ou nunca fazem, hoje, o que podem deixar para amanhã. E quando não dá mais para adiar ou para negociar, se veem exasperadas, ansiosas, etc. Sabemos que esse desfecho não é assim para todos, trata apenas de uma ilustração.

Por vezes, esquecemos que não temos como sair ilesos se pesarmos a mão sobre nosso próprio eu, seja ele do passado ou do futuro. Costumamos esquecer também que nem sempre tudo dependerá de nós. As interseções que estabelecemos nesses deslocamentos devem ser criteriosas.

A seletividade é sempre bem-vinda e devemos respeitar esses momentos. Além de respeitar nós mesmos e os seres que encontramos, podemos nos surpreender com esses vizinhos. Muitas vezes, a solução para o que buscamos virá deles.

E haverá momentos em que não atrapalhar será o suficiente e caberá a nós apenas aceitar o que eles têm a nos oferecer. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton. Linda resenha. Gostaria de apresentar vocês um trabalho.

Mas para isso eu preciso fazer uma introdução a eles, tá bem? É usual um certo movimento dentro das artes. Por isso nós as distribuímos em escolas, fazemos esses movimentos, tanto na música, quanto na escultura, quanto no desenho.

Em outras artes também nós fazemos isso, teatro, por exemplo, a dança. Existe toda uma historiografia que mostra um desdobramento e um desenvolvimento dentro disso. Na filosofia, nem preciso falar, nós estudamos a filosofia, a história da filosofia, um, dois, três, quatro, cinco, e começamos lá dos gregos, dos pré-socráticos, passamos por inúmeras escolas filosóficas até chegarmos aos nossos dias.

Entre as muitas ilusões que existem nisso, uma delas é a linearidade do desenvolvimento. De cada escola, de cada pensamento, como se o subsequente se apoiasse no antecedente. A gente sabe que não é assim.

Principalmente na filosofia não é assim. Há muitos movimentos de ziguezague e outros. No entanto, em certas áreas isso se torna tão surpreendente que alguns estranham.

Por exemplo, na fotografia. Considerem, não agora, hoje, que é uma miscelânea de tantas coisas, mas há muitas décadas. Por exemplo, se a fotografia resolvesse, os fotógrafos, os importantes fotógrafos da época, resolvessem, por exemplo, parar de fazer aquelas fotos que só faziam evoluir, perspectiva, profundidade, cor, nitidez, só faziam evoluir, ano a ano só faziam evoluir.

Imaginem, por exemplo, um grupo de fotógrafos que decidisse nós vamos fazer a fotografia uma espécie de acompanhamento da pintura. Nós vamos simular na fotografia o que uma pintura faz. Ora, à primeira vista isso parece um contrassenso completo, não é?

Parecia o contrário, que a pintura que tentava se aproximar cada vez mais da fotografia. Só que naqueles anos as coisas andavam muito tumultuadas, muitas novas descobertas, muitas coisas acontecendo. Final dos anos 1800, início dos anos 1900, com todos aqueles problemas que nós sabemos bem, na pintura havia movimentos que rompiam com várias cadências, por exemplo, com o romantismo, com o realismo, com as dimensões gregas, greco-romanas, e a fotografia, por sua vez, não ficou atrás disso.

Um dos trabalhos, uma das escolas, um dos movimentos fotográficos que surgiu então é o pictorialismo. Para alguns eu acho que é a primeira vez que eu venho falar, não é? Pictorialismo.

Mas para quem conhece fotografia, isso já é bem conhecido, surge ali no finalzinho do século XIX. Eles tinham uma ideia muito interessante. Fazer com que a fotografia, tanto quanto eles pudessem, se assemelhasse a uma pintura.

Se olharia a fotografia e diria, nossa, mas parece uma pintura. Exatamente, esse era o intuito deles. E teve um certo êxito e muitos desdobramentos.

Naquela ocasião surgiu um jovem fotógrafo belga que levou isso muito, muito longe. Desenvolveu várias técnicas. Deixa eu ver aqui.

Esqueci o nome do outro. Está aqui, já peguei ele. Está no filmezinho que eu vou passar para vocês.

O Léonard Misonne. Misonne. Está a pronúncia francesa, né?

Misonne. Então esse que nós vamos ver agora, ele inova muitas técnicas. Eu estava olhando os trabalhos dele.

Tem muita coisa na internet. Uma coisa que chama a atenção é que ele gostava de colocar a luz lá atrás. Eles chamam isso de efeito aura.

Sabe como é que é? Você está com a máquina diante de você, você mira para algum lugar, e vamos supor, um grupo de árvores. Lá atrás das árvores é que está o sol.

Direto olhando para você, e cria um efeito de aura, de halo, né? Muito bonito. Mas ele não ficou contente com isso.

Sabe o que ele fazia além disso? Ele retocava os pontinhos de luz. Ele mexia na fotografia.

Usava materiais específicos para isso. Uma das técnicas que ele usou, eu vi num dos sites de fotografia, que escrevia direitinho as técnicas, e me chamou muito a atenção. Essa técnica chamada Processo, é frisson, que ele colocava pequenos pigmentos, tinta, né?

E deixava os produtos químicos de revelação de lado. Isso dava à fotografia um elemento rugoso, parecia uma pintura. Veja o trabalho que ele tinha de aprofundamento nisso.

Também tem um outro processo muito bonito que ele utilizava, que usava partes da fotografia, ele imprimia tinta, a óleo ali, a mesma tinta que se usava nas telas. Olha, impressionante o efeito que dava nas fotos. É de admirar tudo isso.

Mas acho que de todos esses processos que ele usava, um que se tornou mais famoso era o Flounet. Flou-net, eu pronunciei em francês, né? Flou em francês é borrão, borrado.

Então Flounet seria borrado e nítido. Uma tradução livre, Flounet. O Missone, ele usava o Flounet de uma maneira impressionante.

Ele criava contraste com isso. Com esses elementos. Agora tentem montar tudo isso que eu estou descrevendo para vocês para verem que bonito esses elementos.

O processo fotográfico dele, entre outras coisas, ficou conhecido como Futur Dessins. Ou seja, desenho fotográfico. Olha que expressão linda.

Futur Dessins. Desenho fotográfico em português. Futur Dessins era então essa mescla que esse jovem tinha 24, 25 anos quando ele começa a trabalhar e fazer tudo isso.

Olha, notável. Vi muitas fotos dele aqui e separei um filmezinho para a gente dar uma olhada juntos. Eu vou partilhar a tela com vocês.

Esse é o presente para vocês que fazem o estudo hoje ao vivo.

VÍDEO NÃO LOCALIZADO

Tranquilo observarmos que a pintura procure imitar a fotografia. Muitos cresceram aprendendo isso.

Mas que a fotografia imite a pintura, isso é mais raro e gera um monte de interrogação, pois viram hoje um exemplo. Maravilhoso. À medida que uma pessoa existencialmente percorre seus caminhos, percorre suas experiências, faz inúmeros desenvolvimentos em alguns aspectos, há âmbitos nos quais as escolhas surgem praticamente ao natural.

Escolhas que levarão em conta esses dilemas, esses fatores. Como, eventualmente, algumas pessoas lidam com esses fatores mais avançados. Vamos ver algumas experiências em torno disso.

Hermann Hesse. Separei dois longos textos do Hermann Hesse, no qual ele dialoga diretamente com esses fatores, principalmente o elemento do dilema em torno deles. Primeiro é um jovem que, ao sair de casa, o pai, um pai amoroso, preocupado com esse jovem, diz a ele, leve esse instrumento musical com você, pode ser seu ganha-pão no início, depois você escolherá o que fazer da sua vida, mas para o início da sua vida.

Ele, então, sai de casa, já adulto, e vai para o mundo. Uma pequena metáfora do Hermann Hesse para aquele que afetivamente cresceu. E agora mira os horizontes e vai cuidar deles.

Vamos ver o que se passa nesse início de trabalho. Toma isso, disse-me o pai, e entregou-me uma pequena flauta, feita toda de osso. Leva isso, e não esquece esse teu velho pai.

Quando alegrares com a tua música as pessoas nas terras distantes, já é tempo de agora veres o mundo e aprenderes alguma coisa. Mandei fazer este instrumento musical para você, porque não sabes mesmo nenhum outro ofício, e porque gostas de cantar. Mas pensa também em só tocar sempre canções bonitas, agradáveis, senão seria a pena esse dom que Deus te deu.

Meu querido pai entendia pouco de música. Era um sábio, pensava que eu tinha apenas de soprar a linda flautinha e tudo estaria bem. Eu não queria decepcionar meu pai, por isso agradeci, coloquei a flauta no bolso e me despedi.

Observe os elementos referenciais da maturidade afetiva. A discordância, a divergência, mas longe de qualquer elemento que já vimos sobre as afetividades infantis, aqui os elementos são outros. Quem parte, parte com gratidão, parte com emoção, parte com agradecimento.

Não há culpabilização dele, para com ele mesmo, para com outros, etc. E o horizonte da vida se abre. Tudo parece tão natural, tão diferente das afetividades infantis que movimentos assim enchem uma alma de medo, de ansiedade.

Aqui não. Aqui ele vai para o mundo, de maneira consensual. O pai já entende que é o momento do filho levantar suas asas, voar.

Nosso vale me era conhecido até o grande moinho. Depois, então começava o mundo e ele me agradava bastante. Lembrem que o moinho, naquele contexto, era onde eles faziam...os grãos eram moídos ali, não é? A farinha pura descia dali. Aquilo era o centro para fazer não apenas os alimentos deles, era como eles viviam, vendendo também esses grãos.

Pois além do moinho, o desconhecido completo agora. E o que ele nos conta sobre isso? Isso o agradava.

Ora, olhar o desconhecido com agradecimento, com um sorriso nos lábios, querendo vê-lo. Sim, nas afetividades adultas isso é o mais usual dentro de contextos como os nossos que vivemos. Uma abelha cansada do voo pousou na minha manga e eu a levei comigo, a fim de que no meu primeiro descanso tivesse um mensageiro para mandar de volta, como um cumprimento à minha terra.

Observe, eu sigo viagem, mas assim que eu puder, mandarei algo de bom para estes que ficaram. Bosques e prados acompanhavam o meu caminho e o rio corria junto comigo, vigorosamente. Há muitas figuras como essas nas crônicas, contos e livros do Herman Hesse.

A figura do rio levando suas águas, aquilo que sempre é novo, que sempre se renova, que nunca para. O fluxo da vida, o rio. Vigorosamente vi o mundo, e vi, eu vi, o mundo diferia pouco até ali da minha terra.

Árvores, flores, as espigas de trigo e as moitas de avelã falavam comigo. Cantei com elas suas canções e elas me compreendiam, exatamente como lá em casa. Com isso, minha abelha também despertou, subiu devagar até meus ombros, voou, tornou a cruzar duas vezes comigo com seu zumbido profundo e docinho, então voou para a minha terra.

Aí apareceu diante do bosque uma mocinha e carregava uma cesta no braço e um largo e sombrio chapéu de palha na cabeça loura. Bom dia, disse eu a ela. Onde você vai?

Devo levar essa comida aos ceifeiros, disse ela e caminhou ao meu lado. E para onde queres ir, ainda hoje? Perguntou ela para o rapaz.

Ele disse, eu vou para o mundo. Meu pai me mandou para o mundo. Ele acha que eu devo tocar a música para as pessoas, mas isso ainda não sei direito, eu preciso primeiro aprender melhor.

Bem, bem, diz ela. E que sabes então direito? Alguma coisa preciso saber?

Eu não sei nada de especial. Eu sei cantar canções. Algumas.

Quais canções? Canções de todo tipo, sabes? Para amanhã e para tarde e para todas as árvores e os bichos e também para as flores.

Agora, por exemplo, eu poderia cantar uma bonita canção de uma mocinha que eu vi saindo do bosque e trazendo comida para os ceifeiros. Podes fazer isso? Então canta, disse ela para o rapaz.

Sim, mas como te chamas primeiro? Preciso saber teu nome. E ela disse que o nome dela era Brigitte.

Então eu cantei a canção para a linda Brigitte com o chapéu de palha. O que ela traz na cesta e como as flores olham para ela e a trepadeira azul da grade do jardim sente saudades dela e tudo que podia dizer. Ela prestou atenção, seriamente, e disse que estava bom.

E quando eu lhe contei que estava com fome, ela levantou a tampa de sua cesta e apanhou para mim um pedaço de pão. Como eu mordi um pedaço e continuei firmemente andar, ela disse, não se deve andar comendo, uma coisa depois a outra. Então nos sentamos na grama e eu comi o pão e ela cruzou as mãos morenas em torno da perna e ficou me olhando.

Eles ficaram amigos. Ele saiu para o mundo. Ele saiu para o mundo com tudo aquilo que ele havia desenvolvido no coração, no discernimento, nos elementos dele.

Ele faria agora interseção, faria agora conexões com elementos que dissessem respeito à parte desse desenvolvimento e aquilo que nada dizia respeito a ele ficaria de lado, à margem, para trás. Queres cantar alguma coisa para mim? Perguntou então, quando terminei.

Eu quero sim. Então ela disse para ele que ela está triste, houve uma situação e perguntou a ele o que ele sabia a respeito do amor, se ele poderia cantar sobre o amor. E o jovem olhou para a menina, para Brigitte, e disse, sobre o amor?

Ora, é claro. O amor, isso é o mais bonito de tudo. Imediatamente comecei a cantar.

Sobre o raio de sol que ama as papoulas vermelhas e como ele brinca com elas e fica cheio de alegria. E sobre a fêmea do tentilhão quando espera por ele e quando ele vem ela voa para longe e parece amedrontada. E continuei a cantar, a cantar sobre a menina dos olhos castanhos, sobre o rapaz que chega, canta e por isso recebe um pão de presente.

Mas agora ele não quer mais pão, ele quer um beijo da donzela e quer olhar nos seus olhos castanhos e continua a cantar tanto tempo e não termina de cantar, até que ela começa a rir e lhe fecha a boca com seus lábios. Aí Brigitte debruçou-se e fechou-lhe a boca com os lábios e fechou os olhos e tornou a abri-los e eu olhei as estrelas, castanho douradas bem de perto, eu próprio estava refletido ali dentro e um par de brancas flores do prado também. O mundo, disse eu, é muito bonito.

Meu pai tinha razão. Mas agora quero te ajudar a carregar isso para que cheguemos até a tua gente. Bem, ele ajuda a menina.

Ela entrega para ele a cesta, eles vão caminhando, vão cantando, vão conversando e enquanto ele faz isso, dentro dele novos desenvolvimentos vão surgindo, novas compreensões. Observem bem, onde está o mundo de onde ele partiu há pouco? Um mundo, vejam, muito diferente, bem menor que esse, circunscrito, no qual ele era filho, no qual ele tinha uma casa que não era dele, era do pai dele.

Um mundo no qual ele se preparava para poder um dia ir além. Onde estava esse mundo? Estava com ele também.

Mas agora este mundo conversava e abria essas portas deste novo mundo. Quando você encontrar uma pessoa que sabidamente, do ponto de vista das afetividades, segundo os nossos padrões de época, amadureceu, converse de perto, observe essa pessoa, ouça, aprenda o que ela tem a dizer. Você acha que ouvirá o quê?

Mágoas sobre coisas que aconteceram, alguém fez algo a ela ou ela fez algo a algum? Acha que ouvirá sedução? Acha que ouvirá galhofas ou culpabilidades ou elementos que parecem grotescos?

É muito improvável. Talvez contando uma história aqui ou ali isso apareça. Mas não é isso o usual num contexto como o nosso.

Num contexto como o nosso trará muito mais isso que vocês estão presenciando. Mas parece uma história tão bonita, tudo vai bem, é assim que funciona sempre? Não.

E já a seguir veremos que não. Que a moça quer muito que ele fique. Convida ele a ficar, pede para ele ficar.

Brigitte parou, segurou a alça da cesta. Agora eu devo ir, devo seguir, disse ela. Lá no campo está a nossa gente.

Vens comigo? Não. Ir contigo eu não posso, Brigitte.

Eu preciso ir pelo mundo. Eu agradeço o pão, eu agradeço o beijo, eu vou pensar em ti. Ela segurou a cesta de comida e sobre a cesta seus olhos novamente se inclinaram para mim em sombras castanhas.

E seus lábios prenderam-se aos meus. E seu beijo foi tão bom e carinhoso que eu quase fiquei triste de tanto prazer. Então eu disse vai com Deus.

Marchei apressadamente estrada acima. A moça subiu devagar a montanha e sobre as folhas de faia penduradas na orla do bosque parou e olhou para mim na minha direção. E quando lhe acenei com o chapéu ela tornou a balançar a cabeça e desapareceu silenciosamente como uma miragem para dentro da sombra do bosque.

Este jovem vai seguir a vida dele. Ele vai encontrar um balseiro, um homem que conduz uma pequena balsa, uma canoa. E este homem ele vai perguntar pra onde vai essa canoa?

E o homem diz pra ele, essa canoa vai pra onde você quiser. Vejam, como o Herman Hesse propõe: Nós, na nossa maturidade afetiva escolheremos o caminho. A vida se desdobrará conforme a nossa escolha. Bem, mas e os acidentes?

E as coisas que estão fora do nosso alcance, que não dependem de nós, não participam disso tudo? Elas participam. Mas em Herman Hesse, a nossa decisão, a nossa preparação para a navegação é o que conduzirá.

Para outros autores, isso pode ser diferente, assim é para ele. E o que acontece com esse jovem? O que acontece com ele é que ele não tem uma boa jornada.

À medida que ele escolhe para onde ir, com este homem, as coisas vão ficando muito tristes, tudo muito sombrio, tudo muito difícil. E o homem diz para ele, quando você quiser voltar, me avise. E ele deseja continuar.

Ele diz, bom, isso vai melhorar, em algum momento vai melhorar, mas não melhora. Não pelo caminho que ele escolheu. Aqui, Herman Hesse faz a conversação entre nós e os nossos contextos.

Nem sempre será um conto feliz. Nesse caso, o homem que conduz a balsa desaparece, ele fica sozinho, o rio se torna muito feroz, muito rápido. E um dia ele olha para as águas do rio e vê o rosto de um homem, envelhecido, cansado, triste.

Era ele, ele mesmo. E a jornada ia longa. Foram as escolhas dele.

Ele não teve uma vida infeliz. Em várias vezes ele pensou na Brigitte, até com saudade. Pensou que talvez pudesse ter ficado com ela, entre outras coisas.

Mas ele escolheu, ele decidiu, ele podia ter voltado. Havia como mudar isso. Mas ele escolheu.

Não culpabilizou ninguém. Ele foi o responsável pela vida que ele teve. Mas tem uma outra história que veremos depois, na qual Herman Hesse nos dá uma outra opção, diferente dessa que ele coloca aqui.

Agora eu gostaria de convidar vocês a acompanharmos uma pequena crônica em forma de filme. Essa crônica foi feita pelo Jake Ebright. O Jake Ebright, ele interpreta, ele escreve, ele dirige, ele produz essa obra que eu vou mostrar para vocês.

E ele convidou essa atriz maravilhosa, a Kris Ann Russell, e os dois contracenam. A história é muito simples. É um jovem que perdeu a mãe muito cedo.

E se recente desta perda, amava-se a mãe. Ele perdeu em volta de 10 anos de idade e sente muito a falta dela. E ele trabalha numa quitanda, eventualmente entra numa livraria e furta um livro.

E um garoto da idade dele, com os dilemas, os problemas e várias questões outras da idade dele. O filme é feito provavelmente em Los Angeles. Então, um dia, caminhando, ele encontra esta senhora.

Uma senhora que viu voar há pouco tempo, que tinha sido atriz e que perdeu um filho. E que sentia muito tudo isso. Ela estava jardinando quando eles se encontram.

Este encontro traz inúmeras ilustrações importantes para os nossos dias, que podem beneficiar muitas pessoas nesta trajetória que estamos estudando hoje.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO COMPLETO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=zoMchZfVuuQ>

DIÁLOGO (TRECHO DO FILME REPRODUZIDO):

Isso é bom. Eu não queria incomodá-los. Oh, você não os incomodou.

Aqui, deixa eu dar um para você. Ei, não, não, não. Eu não quero arruinar sua árvore, certo?

Oh, mentira. Aqui. Eu apenas aprecio ter alguém por aqui que o goste tanto quanto eu.

Obrigado. Diga, qual é o seu nome? Eli.

Olá. Você não quer saber o meu? É Anne.

Tipo, Anne-Margaret, a estrela do filme. Bem, é melhor eu voltar para o trabalho, ok? Eu não quero perder o meu trabalho.

Eu conheci um jovem interessante hoje, Lou. Eu o peguei olhando para as rosas no nosso pente. Você já viu algo assim?

Não, eu também não. Um jovem parando para admirar nossas rosas. Ele parecia um pouco chato quando eu tentei conversar com ele.

Eu sei, eu sei. Eu deveria me preocupar com o meu próprio negócio e... permitir que ele se preocupasse com o seu, mas...

Havia algo sobre o jeito que ele estava admirando aquelas rosas. Ele tinha um olhar tão triste em seus olhos. Você virou a minha rocha!

Meu marido virou aquela rocha. Você sabe, ele pintou ela sozinho. Ele adorava a ideia de que um estranho perfeito poderia andar e...em qualquer momento ter o coração para derrubá-la. Qual rocha? Bem, aquela rocha lá em cima.

Eu não derrubei aquela rocha. Oh, você não derrubou, né? Você sabe, você tem olhos bonitos.

Meu marido tinha olhos bonitos. E você sabia que as pedras são um símbolo da verdade? Meu marido tinha olhos bonitos.

Ele podia dançar. Você sabe que a gente se conheceu no cinema...

Ei, ei, ei, ei, ei.

Olha, eu tenho que ir, ok? Eu tenho que ir. Oh, ok.

Você mora por aqui? Sim. Com a sua família?

Isso é legal. Não, só eu. Oh, então você não deve ser de por aqui.

Eu cresci em Baltimore. Como você gostaria de um jantar em casa algum dia? Não.

Obrigado. Bem, se você mudar de ideia, você sabe onde pode me encontrar.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Segundo os preceitos de uma época, de um contexto como os que vivemos hoje, há alguns elementos que, durante a caminhada se fazem por processos praticamente automáticos. Na verdade, não são automáticos, parecem ser. Elementos que se aproximam, se mesclam e se fazem por afinidades, por proximidades. Baseados em escolhas profundas, em discernimentos elaborados, são as afetividades que amadureceram. Muito distantes do que vimos durante todo o primeiro semestre das afetividades infantis.

Elas obedecem a outros critérios e outros caminhos. Como isso se faz? Pela simples aproximação, vários destes fatores se vinculam.

Por exemplo, nesta obra que estamos vendo, Bons Homens e Unicórnios, é o título desta obra, de Efron nesse filme, o que ocorre? Nós vemos um jovem que tinha uma afinidade, uma aproximação com flores. A própria senhora estranha, Anna, no filme, que esse jovem, o Eli, ele se aproxima e fica sentindo o aroma da flor.

Mas eles têm outros elementos também, como a literatura que os aproxima. Mas também não há uma série de elementos que afastam e que pouco têm a ver? Sim, tem, sim.

Afinal, cada ser humano é único. No entanto, na consideração das coisas, no emaranhado delas, no estabelecimento delas, esses elementos vinculantes fazem com que provavelmente cada um tenha a

oportunidade de uma aproximação, de uma convivência. Alguns descrevem isso como um fator muito familiar.

Outros descrevem isso como se sentir muito bem, como se não existisse um perigo ou algo que ameaçasse. Ao contrário, é algo amistoso. Em outra história, bem diferente da que vimos que o Herman Hesse coloca, na qual o desfecho não foi dos melhores e, no entanto, importante, ele nos mostra uma outra situação, de um jovem chamado Pictor, que chega em um lugar e começa a observar tudo ao redor.

E nota que é muito diferente de como ele era quando partiu de uma infância. Uma outra história, Pictor faz determinadas escolhas. Ele observa essas afinidades, se aproxima delas.

E, na obra metafórica do Herman Hesse, ele consegue uma proximidade tal que ele chega a se tornar isso. Então, se ele vê uma pétala, por exemplo, caindo, ele se torna às vezes parte dessa pétala, tamanha a identificação que ele tem. Um dia, ele encontra uma árvore muito bonita, ele pergunta a ela, és uma árvore da vida?

Quando, porém, em vez da árvore, quem quis responder foi uma outra criatura, ele virou as costas e foi embora, foi andando, não tinha relação com essa criatura. Mas lá adiante, o que acontece? Ele reencontra e se aprofunda com esse elemento da árvore.

E, sendo assim, ele tem uma afinidade tão grande que, numa determinada ocasião, vivendo como quem aprecia o sol, como quem se beneficia da brisa e vive em paz, ele encontra uma moça que se aproxima. E ele coloca, puxa vida, agora eu sou árvore, e se aproxima essa linda moça de mim. No entanto, e aqui Herman Hesse ultrapassa todas as dimensões, os caracteres que habitam essa árvore fazem conectar com essa moça que se aproxima.

O desfecho disso é maravilhoso. Vejam o que ocorre. A mocinha se aproximou, ouviu um sussurro das folhas da árvore.

Ele, a árvore no caso, que agora ele tinha se tornado essa árvore praticamente, olhou e sentiu como uma súbita tristeza no coração, movendo-se para dentro dela novos pensamentos, novos desejos, novos sonhos. Levada por uma força desconhecida, a moça sentou-se debaixo da árvore. Ela lhe parecia solitária e triste, e com isso Bela, comovente e nobre em sua tristeza, muda.

A canção da sua copa sussurrante soou-lhe sedutora. Inclinou-se contra o tronco rude da árvore. Sentiu a árvore.

Ela se arrepiava, sentiu o mesmo arrepio no próprio coração. Observem, pelas características de cada um, eles possuem uma enorme afinidade. E mesmo sendo de natureza as propriedades e conformações inteiramente distintas, ele se aproxima.

O que decorre daí? Como é possível que uma aproximação dessa leve a elementos maiores? Ou levará a infortúnios?

Seja como for, se estivermos tratando de afetividades amadurecidas, os infortúnios são tidos de uma outra conformação, com outro entendimento. Vamos ver o que acontece. Raramente o coração da árvore lhe doía.

Sobre o céu de sua alma corriam nuvens. Lentas lágrimas pesadas, no entanto, caíram dos seus olhos. Mas, afinal, o que era isso?

Por que deveria sofrer? Por que desejava o coração romper o peito e fundir nele, numa criatura solitária? A árvore estremeceu levemente até as raízes.

Um pássaro veio voando. Um pássaro vermelho e verde, um pássaro bonito e audaz, veio voando, voando em forma de arco. A mocinha ouviu voar, viu alguma coisa cair do seu bico, brilhando.

Caiu na erva verde e brilhava na erva verde. Era tão familiar seu brilho vermelho. Pedia tão alto que a mocinha se curvou e segurou.

Aí era um cristal. Era um carbúnculo. E onde ele está não pode haver escuridão.

Assim que a mocinha segurou esta pedra na sua mão, logo se satisfaz o desejo que havia em seu coração. A bela moça desapareceu. Ela entrou na árvore.

Tornou-se com a árvore uma única só. Brotou em seu tronco como um jovem ramo, crescendo rapidamente em direção para si. Em pouco tempo tudo estava bem.

O mundo agora em ordem. Só agora o paraíso havia sido encontrado. Pictor não era mais uma velha árvore preocupada.

Agora cantava, cantava, cantava. Ele se transformara. E por que dessa vez alcançar a transformação certa que lhe parecia eterna?

Por que de um meio ele se tornara um todo? Daquela hora em diante podia continuar se transformando. Podia continuar se transformando o quanto ele quisesse.

A encantadora torrente da transformação contínua pelo seu sangue. Ele eternamente tomava parte da criação de todas as horas. Foi rena, foi peixe, foi gente.

Descreve tudo o que ele foi. Até nuvem ele foi. Havia sido na vida dele.

Corria pelas terras como rios gêmeos. Brilhava como dupla estrela no céu. Ou seja, para Hermann Hesse, a maturidade, e aqui ele descreve isso como acontecendo num lugar que é o paraíso praticamente.

À medida que a pessoa se desenvolve afetivamente, esses encontros, esses aprofundamentos ocorrem, não porque são uma coincidência, por sorte ou por um elemento fortuito, mas porque são naturais delas. Ocorrem porque são delas. Um momento de solidão já não é dito solidão, um momento de perda já não é dito perda.

São pontuações de um discurso amoroso que se prolonga, se aprofunda. Continua, continua, continua. Uma tal maturidade vista de uma afetividade infantil é quase um pontinho branco no firmamento, uma pequena estrela distante e desconhecida, muito improvável que possa haver uma compreensão em torno disso.

E do quanto isso faz cicatrizar, faz encaminhar e faz de fato viver, a tal ponto que todo o resto parece simplesmente um brinquedo de criança, não há mais o espaço da mágoa, não há mais o espaço de culpabilizar o outro a si mesmo, não há mais o espaço do rancor, não há mais o espaço para você querer tirar qualquer coisa de quem quer que seja, não há mais a competitividade. E quando alguém toma algo que parece ser seu, você não fica com medo que vai tirar todo o resto e você vai ficar sem nada, ninguém vai gostar de você. Nesse espaço não existe mais nada disso.

Não é que foi expulso, não existe, porque não tem como se alicerçar aí, não existe como se alimentar numa ambientação tal. O que existe então? Existem descobertas, existem desenvolvimentos, existem outros fatores estimulantes, profundos, vida.

Não é nada mágico, não quer dizer que tudo correrá bem, tudo será seguro e certo. Não, isso ficou para muito longe e nem a pessoa que vive isso provavelmente desejará dessa forma. Ela está aberta à existência.

São outros fatores. Muitos autores discorreram sobre isso, assim como Herman Hesse. Vamos ver esta obra, Homens Bons e Unicórnios, como ela se desenvolve, como se dá esse encontro de uma mulher em sua maturidade que não receia o espaço de uma amizade profunda, por afinidade, e um jovem que tenta ultrapassar certos dilemas que são muito recentes.

Um dos encontros muito bonitos nos nossos dias.

CONTINUAÇÃO DO VÍDEO

Ok. Vejo você então. Ok.

Obrigado. Claro. Você chega a um ponto em que é tão difícil.

Você está apenas cozinhando um todo o tempo. E quando você está acostumado a cozinhar dois, é só... Bem, você nunca consegue fazer as porções certas.

Você disse que está cozinhando um? Sim. Meu marido passou há um ano.

Oh, desculpe. Não se preocupe. Ok.

Você sabe que está vindo, mas não faz isso mais fácil. Sim, eu sei o que você quer dizer. Louis, meu marido, estava no Vietnã.

E quando ele voltou, nós nos conhecemos na Praia de Santa Mônica, em uma dança. Aquele homem podia dançar. Ele era maravilhoso.

E era o grupo... Eles eram tão bons. Era o Four Tops.

Você conhece o Four Tops?

Eu conheço o Four Tops. Você conhece o Move Down?

Eu conheço, eu conheço. Oh, isso é maravilhoso. Ele podia dançar e eles podiam tocar.

Oh, que banda. Eu amei. Eu amei.

Eu amei. Oh, meu Deus. É tão maravilhoso.

Você usou isso? Sim, desde 1974. Você sabe que computadores são uma coisa agora, certo?

Sim, eu sou consciente disso. Então, por que você ainda usa isso? Oh, eu não sei.

Você sabe o que eles dizem sobre novos truques dos velhos cachorros. E além disso, funciona muito bem. E eu adoro a sensação de as chaves batendo na página.

Posso? Certamente. É, é bem bom.

Mas o que é isso? Oh, é uma memória de alguma forma. O que é sobre?

É sobre minha vida. Bom menino e cachorros. Você conhece sobre eles?

Quais? Fantasias e superstições? Unicórnios.

Eles são criaturas místicas. E eles são amigos apenas com os mais puros do coração. E seus cachorros têm o poder de curar doenças.

Você sempre foi uma escritora? Eu fui várias coisas na minha vida. Eu fui uma atriz.

Eu fui uma professora. Um connoisseur de filmes. Eu acho, mas ultimamente fui apenas uma escritora.

Espera, o que você disse? Filme o que? Um connoisseur.

O que é isso? Alguém que gosta de filmes. Bem, acho que isso me faz...

Um connoisseur. Um filme connoisseur também. Que tipo de filme?

Filmes clássicos, principalmente. Eu assistia todos os tempos. Como o quê?

A Noite de Cachorros. Você assistiu Casablanca? Você está brincando comigo?

Esse é o meu filme favorito. Espera. De todas as casas de gin, de todas as cidades, de todo o mundo.

Ela entra na minha. E onde é que fica? No mar?

Oh, oh, oh, espera, espera, espera. Você não entende. Eu poderia...

Eu poderia ter tido uma classe. Eu poderia ter tido uma classe. É uma honra ter você como meu convidado de jantar, Sr. Bogard. Ele está olhando para você, garoto. Você disse que era uma atriz? Oh, sim.

Quando eu tinha o seu idoso. Sério? Alguma coisa que eu conheça?

Oh, não, eu duvido. Isso foi há muito tempo. Quando eu trabalhava no teatro, os homens vinham e jogavam rosas no palco para as mulheres que eles gostavam depois de suas performances.

Aquele aplauso. Sempre havia aplausos de rosa quando eu performava. E com cada nova flor, é um novo começo.

Minha mãe amava as rosas. Ela morreu quando eu tinha 10 anos. É engraçado, eu penso em ela muito.

Mas eu não falo muito sobre ela. Ela era incrível. Eu imagino que ela era.

Meu pai, ao contrário, não ganhou nenhum prêmio de Pai do Ano. Ele colocou isso assim. Ele me desculpou muitas vezes.

Me disse que eu não era bom para nada. Quando você ouve isso, você começa a acreditar nisso. E depois que ela morreu, eu parei de assistir filmes.

Isso é a nossa coisa. Eu não me sinto mais igual.

Por que você voltou? Eu não sei. O mesmo que com a maioria das coisas, eu acho.

Aconteceu. Por um tempo, eles faziam ela se sentir longe. Mas em algum lugar, eles começaram a fazê-la se sentir perto de novo.

Ah, estar lá na palestra. Que pressão. Eu queria ser o próximo Ingrid Bergman.

E por que você parou? Eu não sei. Eu acho que a vida meio que se foi embora.

E nunca voltou. Isso suja. Você sabe, você deveria levantar de novo.

É bom para vocês, geriátricos, ter hobbies, sabe? O que te deixa perdido no caminho para o banheiro. Geriátricos?

Oh, vocês, vocês crianças. Andando por aí com seus celulares no rosto. E eu não sei como vocês continuam se levantando e não caindo o tempo todo.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

O autor constrói aqui uma belíssima metáfora. Esse jovem que perdeu a mãe aos 10 anos, encontra uma velha senhora que perdeu um filho em algum momento. Durante a afetividade amadurecida dela ela tem a oportunidade de combinar, de mesclar, de refazer, de ir além disso que, usualmente seria uma perda, algo irreparável. Mas que aqui tomou uma outra conformação. Observaram a dança da flor, passando de mãos e voltando.

Toda simbologia da pureza e da eternidade. Que se refaz. Não numa única flor. Nas flores. Uma construção muito bonita. Nas afetividades amadurecidas, elementos como perdas são compreendidas geralmente por um outro fator.

Às vezes com o mesmo nome, mas sob a égide de uma outra experiência. Não é assim para todos. Não é assim sempre.

Para cada um de nós será de uma maneira, conforme uma série de peculiaridades, de singularidades, que se alimentam via historicidade, via contexto e outros elementos. Mas muitas das reparações improváveis, difíceis, remotas, que são tentadas nas afetividades infantis, que mais fazem sofrer e aprofundar certas dores do que propriamente encaminhá-las, aqui estamos lidando com outras questões, de outras ordens, de outras maneiras. O mundo se torna um palco diferente, se torna um bastidor diferente, uma plateia diferente, e um universo muito outro para isso. A caminhada se faz importante, todas essas etapas, todos esses processos, gradativamente, não é?!

AULA 6 – Palavras e Consequências – 19/09/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Palavras%20e%20Consequ%C3%Aancias.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos queridos amigos, boa noite aos colegas que fazem esse estudo bonito, profundo, uma educação para as emoções com ênfase no amadurecimento afetivo. Nossa aula de hoje é muito bonita, trata de elementos, nós teremos filmes, teremos pinturas, leituras, uma leitura de 1966, que está lá na biblioteca da Universidade de Princeton. Muito bonita, muito bonitos os trabalhos que faremos.

Por isso, vamos iniciar, como sempre, com uma parte que é tão aguardada, a resenha do professor Clailton. Boa noite, professor, por favor, pode iniciar.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 12 de setembro. O tema foi cantinelas de alabastro.

Considerem o seguinte contexto, um jovem saindo de casa, os pais fazendo mil recomendações, entregam pertences que acham que o filho vai precisar em sua jornada, presentes, etc. Mas esse filho, que está partindo, acha um exagero todas aquelas recomendações e não vê muito valor em tudo que recebe. A pergunta é, o que uma pessoa madura fará nesse momento?

Vai rebater o que os pais estão dizendo? Vai recusar o que estão oferecendo? Sendo fiel aos seus próprios sentimentos, sem se preocupar com os sentimentos dos pais?

Ou vai ouvi-los e buscar compreender o que se passa a partir do contexto? Vai agir de forma a deixá-los tranquilos, se despedindo com gratidão e com paz no coração? Aquele que atingiu a maturidade, certamente exerce suas escolhas com maior liberdade, enquanto outros ficam presos às necessidades de atender caprichos infantis, o que dificulta os diálogos, a alteridade e a compreensão dos eventos.

Durante a jornada existencial de cada pessoa, as escolhas surgem praticamente ao natural. Cada um tem seu próprio caminho e o caminho vai se fazendo a partir das disposições internas em relação ao meio, ao contexto. Até mesmo o que se encontra pelo caminho muitas vezes tem a ver com as disposições internas, considerando que interagimos com uma pequena parte de tudo que existe à nossa volta e notamos uma pequena parcela de tudo que atravessa nosso caminho.

Muitas vezes serão as especificidades de cada EP elementos como afinidades e propensões, o que fará a pessoa, o que colocará a pessoa diante de determinadas vivências. Alguém que amadureceu afetivamente enxergará elementos compatíveis com seu desenvolvimento e poderá experimentar vivências muito belas, não por acaso ou por coincidência ou sorte, mas porque é da sua natureza, porque existem disposições para isso em sua EP. Um momento de solidão, por exemplo, já não aparece como sofrimento da forma que muitos apontam em seus lamentos.

A perda para uma pessoa madura é um evento dentro de um contexto. Haverá compreensão sobre o ocorrido, cicatrizações e não aparecerá com todo o peso de uma perda, como ocorre para alguém que não compreende, não aceita e que sofre apenas. Na maturidade não há mais espaço para mágoas, culpabilizações nem para o rancor.

O que existe são descobertas, desenvolvimentos e vida. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton. Alguns colegas, enquanto você falava, que se atrasaram, chegaram agora, uma pena, perderam sua resenha e também perderam todo aquele diálogo inicial que tivemos aqui, que é tão importante. Muito bem, vamos para vocês sabem, alunos que fazem o estudo ao vivo, invariavelmente, ganham um lindo presente.

O presente de hoje é até bonito, tão bonito esse presente. Olhem, durante algum tempo começou a surgir, em vários lugares do mundo, um desenho muito peculiar com crítica social, com crítica inteligente social, de muito bom gosto e aguda. Eram desenhos que surgiam em pontes, surgiam na fachada de prédios, em bancos, surgiam, às vezes, junto a bibliotecas, em lugares pobres da cidade também, em vários lugares do mundo.

E tinham o mesmo padrão, o que levou a assinatura pessoal a considerar que se tratava ou de um grupo de estudantes, de jovens que resolveu fazer esse trabalho social, em alguns lugares, quando ele surgiu, no outro dia já tinha apagado, porque quem recebeu isso não gostou nada da crítica social, bem pontuada essa crítica social. Então começaram a pesquisar, já que era anônimo, havia uma assinatura que não levava a identificação do autor. No mundo inteiro, algumas agências, instituições e também a própria polícia, em alguns países, começou a pesquisar, mas quem é que está fazendo isso?

Uma das coisas que chamou a atenção é, no mundo que é todo ele cercado por câmeras, será que uma câmera não viu isso? Será possível que escapou? Tem lugares em que você não consegue dar um passo sem ser filmado de vários ângulos.

Como pode? Uma das explicações, o fato de não conseguirem isso, é que esse grupo ou essa pessoa usava muito aquele molde, o estêncil é tipo um carimbo, você chega e coloca na parede, já fica o desenho praticamente pronto e em minutos você termina. Ou seja, a pessoa não ficava muito tempo nos lugares e era prudente, cuidava onde poderia colocar isso.

No entanto, na nossa época, nós temos recursos que vão muito além disso, como uma universidade que começou a cruzar dados por geoprocessamentos, uma técnica muito avançada, e em 2016 identificou

que não assumiu o Robin Gunningham, que foi quem eles localizaram e até surgiu uma entrevista no jornal espanhol com um pesquisador dizendo que era, sem dúvida, o Robin Gunningham, que negou, não quis nem saber disso, um britânico, disse que esse assunto não era com ele, negou, mas hoje há poucas dúvidas.

Realmente, pelos dados que foram cruzados, com a ajuda também da polícia, se sabe que é o rapaz, deve ter um pouco mais de 50 anos hoje. Quero mostrar para vocês o desenho que ele fez em alguns lugares do mundo, a crítica social que ele fez. Observem que algumas pessoas constroem através da crítica, é o caso dele.

Em alguns lugares ele chega, não tinha árvores, ele desenha uma árvore na parede, ele faz jardinar o mundo, mas em alguns lugares não. Em alguns lugares a crítica dele é de outra natureza. Vamos acompanhar o trabalho, então, deste artista que ficou conhecido no mundo inteiro como Banksy.

Aqui vai, algumas pinturas vocês verão que conhecem.

<https://www.youtube.com/watch?v=sSsjC-F9bwk>

O nosso trabalho de hoje traz alguns elementos profundos e importantes na nossa caminhada. Eventualmente, em uma sociedade com tantos elementos para tantos lados, tantas conversações, tantos dilemas, tantos trabalhos de cotidiano e outros fatores, é usual que alguns se distraiam sobre um dos fatores corriqueiros.

Por exemplo, que estamos em constante diálogo. Um diálogo que inúmeras vezes não é feito com palavras, que em inúmeras ocasiões leva em conta fatores que também não são somáticos, mas imagéticos e que ocorrem com uma parte vindo de nós, uma parte vinda de nós e com outras partes vindas de muitos lugares. Em determinados contextos, uma palavra nossa gera um alarido em todo o redor.

Outras vezes música, outras vezes a brisa suave. Em outros contextos, nós precisamos dizer frases inteiras para que possamos receber de volta um suspiro e às vezes nada. O que indica fatores de prudência, de reciprocidade, de consideração, fatores importantes numa época como a nossa?

Quais as indicações? Primeiro, ao conhecer o contexto. Isso em filosofia clínica é um dos elementos fundamentais.

Passamos por lugares, procuramos compreender os contextos, depois historicidades de pessoas e interseções entre elas. E então, com base nisso, o que fazemos? Temos uma ideia mais próxima.

E por prudência, por elementos éticos e epistemológicos, sabemos que na nossa simples aproximação de algo desencadeia às vezes muitos diálogos, muitas interseções, como também o nosso afastamento. E isso muitas vezes é feito com um gesto, muitas vezes isso é feito apenas com oração ou com uma intenção, o que é muito bonito e que abre caminho para as muitas coisas. Em 1966, um jovem pensador norte-americano que gostava muito de jazz, tocava num pequeno pub de jazz em Nova York, escritor, cineasta, ele escrevia também para outros autores.

Ele faz uma crônica, um conto, ele publicou isso numa revista muito importante, que é a New Yorker, nos Estados Unidos, mostrando que certos diálogos só se tornam visíveis quando são contundentes. E que esses diálogos, além de contundentes, inúmeras vezes são contraditórios, mutuamente excludentes, contraproducentes, e quem participa deles não tem a menor ideia de que isso está acontecendo. Foi muito bem recebido.

Ele utilizou para isso uma arte, que é a arte enxadrística, que ele, aliás, domina tão bem. Naquela ocasião, era muito comum, em muitos lugares do mundo, partidas por xadrez por correspondência. Lembrem-se, estamos na década de 60 para 70.

Naquela ocasião, não havia internet, não havia muitos dos recursos que temos agora. Então, a pessoa escrevia um lance no xadrez, ia até o correio, despachava a carta, o outro recebia na semana seguinte, escrevia a resposta ao lance e mandava de volta. As partidas duravam um ano, um ano e meio.

E ele fala de dois intelectuais que estavam nessa partida e nos conta do incidente. Observem bem a marcação do discurso desse diálogo. Os nomes, provavelmente, Allen (Woody) tirou do bairro onde ele cresceu em Nova Iorque, um bairro pobre de imigrantes.

Então, são nomes inventados que ele construiu. Um é o Gossage e o outro é o Vardebedian. Esses são os dois.

Então, quem começa a escrever a carta é o Gossage. E o Gossage escreve, meu prezado, Vardebedian, fiquei sumamente aborrecido hoje, ao examinar nossa correspondência e encontrar minha carta de 16 de setembro, contendo o meu 22º movimento, cavalo à quarta do rei, fechado e devolvido ao remetente devido a um pequeno equívoco no endereço, mais precisamente, a omissão do meu nome e residência, além da completa falta de selo. Se ele não mandou selo, como ele queria que a carta chegasse, não é?

Então, linhas e linhas, depois ele diz, perdoe, o fato de você ter deixado de notar a ausência da carta revela uma pequena distração também da sua parte, o que prefiro acreditar ao seu excesso de zelo. Todos nós erramos, a vida é assim, o xadrez também. Portanto, apontado o erro, passemos à retificação.

Se fizer a gentileza de depositar o meu cavalo na quarta casa do rei, acho que poderemos continuar nosso jogo com mais precisão. O anúncio de cheque mate feito por você em sua carta desta manhã passa a ser, por conseguinte um alarme falso. E, se reexaminar as posições à luz da descoberta de hoje, notará que é o seu rei que está às vésperas do 'xeque-mate', exposto e indefeso, na alça de mira dos meus bispos.

Como são irônicas as vicissitudes desta pequena guerra. O destino prega-nos peças surpreendentes, não é? Mais uma vez, rogo-lhe aceitar minhas sinceras desculpas por gesto tão descuidado e aguardo ansiosamente o seu próximo movimento.

Anexo, segue meu 45º movimento. Meu cavalo toma sua rainha. Sinceramente, Gossage."

Bem, isso é extremamente contundente, não é? Praticamente ele acabou com o jogo com isso. Dizendo, vejamos, ele tinha muitas outras opções, mas para ele o razoável é esse elemento.

Recebi sua carta contendo o 45º movimento. Seu cavalo toma minha rainha? Juntamente com sua longa explicação a respeito de sua elipse em nossa correspondência.

Deixe-me ver se entendi perfeitamente. Seu cavalo, que eu removi do tabuleiro há várias semanas, estaria agora, segundo você, na quarta casa do rei? Devido a uma carta perdida no correio, há nada menos que 23 movimentos?

Não notei qualquer irregularidade na altura e lembro-me perfeitamente do seu 22º movimento, o qual foi torre à sexta casa da rainha. Logo depois, estraçalhada por um infeliz gambito de sua parte. Neste momento, a quarta casa do rei está ocupada pela minha torre e você perdeu os cavalos.

Não obstante a sua carta, não posso compreender com qual deles você pretende me tomar a rainha, já que perdeu os dois. Como a maioria das suas peças está bloqueada, acredito que, no fundo, você queira

dizer que o seu rei deveria ser removido à quarta casa do meu bispo, o que já tomei a liberdade de fazer, acrescentando antecipadamente meu 46º movimento, no qual eu capturo a sua rainha e ponho seu rei em xeque. Agora sua carta tornou-se mais clara e nosso jogo pode prosseguir."

Sabe como vai acabar essa discussão? Vai acabar muito mal. Eles não vão se entender.

Cada um vai fazer os reparos que bem entende. E isso vai ficando cada vez pior. Chega um momento em que o Gossage, que iniciou a correspondência, diz ao amigo – infelizmente, isso depois de várias cartas trocadas – com a progressão tomada pelo jogo, já nem posso calcular exatamente em qual casa deve ser colocado o cavalo.

O cavalo, aliás, que você surrupiou. E sugiro que deixemos aos deuses a decisão, permitindo-me fechar os olhos e jogá-lo de novo no tabuleiro, concordando em aceitar qualquer lugar em que ele venha a cair. Talvez acrescente um pouco mais de calor ao nosso pequeno embate. Meu quadragésimo, sétimo lance, então, é, minha torre captura esse cavalo. Sinceramente, Gossage! Eles começam a trocar ironia, um com o outro. Vejam um trecho deste diálogo.

Muito curiosa essa sua última carta, Gossage. Bem-intencionada, concisa, contendo todos os elementos que, em certos grupos, poderiam passar por um efeito altamente comunicativo, mas que, em outros, seriam classificados imediatamente por aquilo que Jean Paul Sartre gosta de se referir como nada. O que mais aflora a página é um vívido sentimento de desespero, lembrando-nos os diários deixados pelos exploradores perdidos do polo.

Chega a ser fascinante a maneira pela qual os sentidos se desintegram quando confrontados com a dura realidade. Eles começam a duvidar um da sanidade do outro. Evidente que essa correspondência não termina bem.

Um ofende o outro, cartas curtas, às vezes com apenas uma recomendação de procurar médico, procurar ajuda, e encerram a partida. Isso que vocês acabaram de ver, que o Woody Allen escreve nas páginas de um dos mais importantes periódicos do país dele, na década de 60, é um lembrete de como muitas pessoas fazem seus diálogos. O tempo todo.

Chegam em casa e dizem que o trabalho foi muito ruim e que não querem comer comida alguma. Começam a falar palavras muito baixas. Dizem que, por eles, eles nem voltam a trabalhar.

Uma pessoa se aproxima, mas vendo o movimento das coisas, já se afasta. E essa pessoa, então, já se dirige, no pensamento, àquela pessoa que se afasta. Como quem diz, está fugindo de novo.

Nem para conversar serve, nem não sei o quê. E dialoga com outros elementos ao redor. E começa, evidentemente, a se sentir cada vez pior com tudo isso.

Alguém chega e diz para a pessoa se acalmar, e isso é tomado como uma declaração de guerra. Os diálogos, então, tomam outro rumo. A pessoa tenta ligar o aparelho de televisão para colocar alguma coisa, não funciona.

Descontrolada, atira o aparelho e acaba quebrando um vaso. Então, cai no chão e começa a chorar. Vejam, um cenário que já era difícil, começa a se estabelecer por diálogos, agora, que amarram a pessoa.

Ela começou um diálogo muito ruim, que continua muito ruim, com a participação de tudo ao redor dela. É disto que o Woody Allen está colocando. Que desentendimentos durante uma conversação, pelo menos no contexto em que ele vivia naqueles tempos, levavam, usualmente, a situações como estas, de pessoas, lembrem-se, esclarecidas.

Estes dois enxadristas, pelo linguajar que usam, pelo conhecimento que ambos têm, poderiam facilmente, com boa vontade, levar este pequeno problema de comunicação a outros fatores. Mas nenhum dos dois fez isso. E, rapidamente, não há mais qualquer ambiente para o jogo de xadrez, que é um jogo que é uma arte, exige silêncio, ponderação e outros elementos.

Não há mais qualquer ambiente para isso. É esta a natureza de alguns diálogos. Eventualmente, uma pessoa que chega em casa, está indo para casa no ônibus, no metrô, no seu automóvel, e vai estabelecendo diálogos muito ruins, não se dá conta do que está fazendo.

Alguns acham que isso não terá maiores consequências. Outros acham que isso é um desabafo e que não atingirá ninguém, a não ser eles mesmos, quando muito. Mas é isso que ocorre?

Tudo o que está ao redor. Para quem é proposto esse diálogo, reage como? Podemos tomar como exemplo nós mesmos.

Quando alguém nos dirige uma sentença, uma frase torta e ofensiva, nós não nos sentimos bem, não é? Isso não nos deixa tranquilos, não é? Alguma coisa está errada.

O que houve? Exatamente. Quando então esse diálogo é feito com coisas, com situações e com contextos, isso ocorre de uma forma assim.

Às vezes a pessoa está pré-agendada, então ela acha que um diálogo, por exemplo, com uma situação ruim, precisa ser necessariamente ruim. Com uma situação dilemática, idem. Mas não é assim.

Estou mostrando a vocês algo muito bonito. É um pequeno texto de um encarte de filmes, que é Ideias. É de 2012.

É de Juan Alcazar. Uma obra que mostra uma conversa. Mas observem a natureza desta conversa, está bem?

<https://www.youtube.com/watch?v=mLo5Q3Lt4HE>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

E pode não se dar conta de que o estado de ânimo dele, certas palavras que são ditas, certos elementos que vão surgir dele, conversarão de várias formas com o ambiente. Formas tão variadas e ramificadas que a eles será difícil acompanhar. Por exemplo, uma pessoa que viria sentar à mesa com eles, ele mais duas pessoas, faz meia volta e vai embora.

Uma pessoa amistosa. Uma pessoa que sempre tem palavras muito bonitas a dizer. Recuou.

Sentiu que algo ali não estava bem. Sentiu algo que para ela não era nada bom. E ela recuou.

Um cachorrinho amistoso que viria se aproximar. Não se aproxima mais. E essa pessoa gosta de cachorrinhos.

Olhou, quando chegou e viu que tinha alguns cachorrinhos, já ia fazer uma festinha com eles. No entanto, eles recuam. A moça que serve à mesa fica nervosa e acaba derrubando um copo de suco sobre uma daquelas pessoas.

Ao se levantar para tentar arrumar, ele também se levanta. E ao xingar a moça e levantar a mão para pedir para que ela se afaste, acaba acertando uma lâmpada que queima na mesma hora. Pessoas ao redor levantam e olham e perguntam o que está acontecendo.

E ele grita com essas pessoas. Que não é da conta delas. Que cuidem de suas vidas.

Que o mundo já é muito difícil do jeito que está. Observem a multiplicação. Uma frase que ele emite se multiplica por 10 ao redor.

Uma respiração pesada faz afastar muitas coisas. Um gesto, às vezes, apenas tem uma consequência próxima com um ou dois objetos, uma ou duas pessoas. Considere um efeito associativo, multiplicativo de tudo isso que está acontecendo ali.

A dona do lugar se apresenta, se dirige a ele e diz, está tudo bem com o senhor. O senhor gostaria de alguma ajuda? Isso para ele é demasiado.

Ele diz para ela, a senhora é que precisa de ajuda. Por que a senhora me diz isso? E diz para ele que ali ele não é bem-vindo, que ele já sabia disso, ele nem queria vir.

Levanta e se dirige para o automóvel. As pessoas ao redor, incrédulas, perplexas, com tal comportamento, sem entender de fato o que se faz, sem saber direito o que fazer, acompanham apenas em silêncio. A dona da casa pede para que baixem um pouco a música.

No entanto, ele nem chega até o carro, ele esqueceu a chave sobre a mesa. A moça, ao limpar a mesa, infelizmente faz com que a chave caia dentro de um dos saquinhos de lixo e não acham a chave dele. Ele retorna e diz que o responsável por ter escondido a chave dele, esse, pagará muito caro, etc.

A dona da casa diz a ele que o levará até onde ele quiser e que logo que encontrarem a chave vão levar o automóvel até onde ele está. Aos gritos, ele se retira. Olhem o que acontece ao redor.

Para aqueles que acham que isso é um efeito placebo, que de fato isso não incentiva, que há certos comportamentos, reações e composições, a indicação aqui é prudência, cuidado. Cuidado. Procure equacionar certas coisas.

Quando eu vou atender em um hospital, quando eu vou atender em uma instituição, no meu consultório, quando vou a uma instituição de ensino, em muitos outros lugares, primeiro eu cuido elementos de equação que vão conversar com o que eu vou encontrar. Não é uma gangorra exata e esse equilíbrio é bastante delicado, não depende só de nós, depende de uma série de fatores, mas quanto mais nós pudermos colaborar, contribuir, provavelmente isso se tornará melhor. Mas há uma segunda ilustração muito bonita, muito tocante.

Uma conversa que mostra que durante as etapas, durante os processos difíceis que às vezes passamos, muitos podem se derem conta disso que estamos falando, podem, durante um processo em que as coisas parecem destinadas ao drama, à tragédia, podem durante o processo fazer arrumações que levarão para outros caminhos amistosos, mais profundos, sábios, movimentando. Considerem que assim como este homem causou uma pequena avalanche ao redor dele, há outros que promovem jardins ao redor, que constroem jardins ao redor, que conseguem fazer isso, pois sabem que as sementes que colocam às vezes em alguns lugares serão fortalecidas e se multiplicarão sobre outros elementos, não estes que vimos. O Julian Dennings tem um trabalho muito bom chamado Infinito.

Gostaria que vocês acompanhassem essa breve ilustração tão bonita, tão singela sobre vida, morte, transcendência.

VÍDEO NÃO-LOCALIZADO – TRANSCRIÇÃO DO TRECHO DO VÍDEO:

Eu não preciso mudar o mundo inteiro. Se eu puder mudar o mundo para uma única pessoa, eu tenho feito um impacto maior do que eu poderia ter esperado. E mesmo assim, eu não estou garantindo que mude nada.

O que devo fazer, além de resistir à vontade de desistir, pois desistir só garantirá a insignificância do meu ser, dos meus entornos imediatos, dos meus amigos e família que me lembrarão, não por o que fiz, mas, o mais importante, por quem sou. Quando o destino está em mão da morte, eu não terei medo de que minha vida não fosse boa, pois o assustado irá morrer em nada. Mas aqueles que irão descer voluntariamente, a onda do tempo irá superar o imaginável.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Aqui nós temos um aprofundamento. O diálogo que estávamos falando, que implica em responsividade, em conteúdo criado, em conteúdo compartilhado, etc., parecia dizer respeito apenas a coisas, a outras pessoas, pequenos animais. Mas agora vimos que isso pode ser feito também com relação à própria transcendência.

Pode ser feito com relação a elementos que não temos como acompanhar. O tempo, a distância, a morte, a vida, elementos abstratos. As mesmas premissas que serviram há pouco, servem agora também?

Em muitos casos, sim. Ou seja, quando falarmos conosco, com a nossa própria alma, com a nossa própria essência, quando fizermos diálogos internos conosco, como este homem fez, como muitos fazem, há que se considerar aqui a prudência desse diálogo. Se for como aquele senhor que foi naquele almoço, provavelmente muitas coisas dentro de nós, que tiveram conexão com isso, passarão por problemas.

Emoções, lembranças, inspirações e outras coisas podem facilmente ser arruinadas por isso. E muitas coisas podem ser facilmente criadas, edificadas, compartilhadas. Muitas flores podem surgir pelo bosque.

Bosques inteiros podem surgir. Se o diálogo for outro, um diálogo melhor, em Filosofia Clínica estudamos muito analítica de linguagem. Ela nos ajuda, como uma ferramenta, a elaborar esses discursos melhores, mais profundos e condizentes com a caminhada de cada um.

Não de uma forma aleatória, de uma forma corrosiva, que nunca corrigiu nada até aqui na história da humanidade, improvável que corrija. Mas desta outra forma, uma forma mais amistosa, sábia, que faz aprofundar elementos tão importantes nos nossos dias, aí sim, talvez assim tenhamos oportunidades bem melhores nessa caminhada.

Transcrito por [TurboScribe](#).

AULA 11 – Conversas de Adultos – 31/10/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Conversas%20de%20Adultos.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem um estudo às afetividades maduras. Hoje a nossa aula é muito bonita. Vamos diretamente a Boituva ouvir o professor Clailton na sua resenha semanal.

Professor Clailton, boa noite.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 24 de outubro.

O tema foi elogio da sensibilidade. Quando vamos ao passado e acessamos eventos ou partes da nossa historicidade, alguns fazem isso como quem acessa o curso de um rio, algo historicamente linear em uma sequência de eventos que tem apenas uma direção. Temos visto, porém, que é possível acessar caminhos alternativos.

E é o que vamos ver até o final dessa aula. Uma das obras usadas nos aprofundamentos foi Elogio à razão sensível, do filósofo Michel Maffesoli. Um dos problemas apontados por ele é que colocamos a razão como princípio para quase tudo, embora existam áreas que ela não deveria ter chegado nem perto.

Mas chegou e acabou causando alguns problemas. Ele diz que deveremos estar usando mais a sensibilidade, a intuição, o sentir, as emoções, a arte, espiritualidade, elementos que estão à margem da construção do saber, sendo menosprezados há algum tempo, enquanto a razão predomina. O

Maffesoli também fala da deontologia, que, segundo ele, é um princípio do agir de uma maneira amistosa, de quem quer compreender e não chega a um contexto com a verdade pronta.

Ele aponta os limites da razão para perceber e apreender os aspectos imagéticos e simbólicos de uma experiência vivida, de sentir a vida, entender com o coração e com a alma. Em clínica, é comum encontrarmos aberturas, janelas e portas epistemológicas que, conforme a EP de cada um, dão passagem a elementos como amor, Deus, valores, buscas, e conforme o trabalho que estamos realizando com o partilhante, podemos usar elementos como esses. Realizamos um segundo aprofundamento a partir de um vídeo construído com fotos em homenagem aos 50 anos da máquina fotográfica Olympus.

A partir das imagens, retornamos ao que foi dito no início, que muitos acessam o passado em uma única estrada de eventos sequenciais e apenas revivem memórias. Há, porém, questões do passado que poderiam estar em melhores conformações se fossem trabalhadas, dialogadas, com os recursos e conhecimentos que a pessoa adquiriu durante sua caminhada. Um álbum de fotografia, em analogia com o que estamos tratando, poderia ser montado com fotos selecionadas e uma imagem que lembra um tombo de bicicleta, por exemplo, poderia ser retirada.

Já outros momentos poderiam ser reeditados, melhor arrumados, reinterpretados, etc. Movimentos que exigem ética, prudência, cuidado, responsabilidade, devemos considerar pessoas, contextos, e usando outros elementos também, conforme cada EP, a fé, intuição, amorosidade, tudo isso contribuindo. Quando uma pessoa acessa um acontecimento e diz se fosse hoje eu teria agido diferente, nesse momento ela já está criando uma nova estrada.

Não está mais acessando o elemento como quem vai a um arquivo apenas consultar e reviver do jeito que está lá. Isso também ocorre quando consideramos que a interpretação de outra pessoa tem outro olhar e tentamos compreender essas outras versões, esses outros olhares, então isso contribui com a criação de novas estradas. Por vezes, a própria pessoa, ao mudar o tópico, se ela primeiro fala a partir de dados centralizados ali na razão, aparece uma versão para a história.

Depois, quando ela insere outros tópicos, axiologia, emoções, sensações, a própria versão da pessoa pode mudar, o elemento pode aparecer diferente. Essa aula teve outros aprofundamentos importantes, mas até aqui já deu para recordar o tema desenvolvido. Ok, professor?

Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton. Que oportunidade maravilhosa de rever a aula e de aprofundar. Antes de começar, em Porto Alegre hoje, eu estou em Florianópolis neste momento, mas hoje em Porto Alegre, que fica a 500 quilômetros ao sul daqui mais ou menos, abre a Feira do Livro, sobre aqueles lindos jacarandás floridos ali da Praça da Alfândega, no centro histórico da cidade.

Hoje é a abertura oficial. Olhem o número da edição, hein? 71ª, ou seja, de número 71, é a edição da nossa Feira do Livro de Porto Alegre.

Aqueles que moram perto e que estão por lá, o meu convite é irem prestigiar este evento cultural fundamental. Ali na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, você atravessa, há poucos metros ali, 20, 30, 40 metros ali, você está dentro do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que é belíssimo e vai estar aberto, a entrada é franca, para poderem passar o dia lá dentro. É espetacular, merece uma aula à parte, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Esta Feira do Livro, que acontece em Porto Alegre, tem cerca de 80 bancas. Ela é a maior feira de livros ao ar livre da América Latina. Teria que dar um Google para ver se o que eu vou dizer é verdade, eu acho que vão encontrar restrições, mas provavelmente é a maior do mundo.

As outras que existem, tem no México, em Guadalajara, tem também uma feira tão grande quanto essa, mas ela é híbrida, metade é espaço interno, metade externo. Esta aqui não, a de Porto Alegre é inteiramente ao ar livre. Na Praça da Alfândega são 80 barracas, é a coisa mais linda, entre cafés, um centro histórico, parte dele restaurado, muito acolhedor, muito bonito.

E tem a Feira de Frankfurt, na Alemanha, essa realmente deve ser a maior da Europa, maior que a de Paris, com certeza, mas ela também não é toda assim, é espaço aberto. Então provavelmente a nossa é gigantesca. E sabem quem é?

Tem o patrono, vocês sabem, e tem a patrona. Sabem quem é a patrona da Feira do Livro de Porto Alegre? Se chama Marta Medeiros.

E aliás, é o livro dela que nós vamos trabalhar hoje aqui, o livro da Marta Medeiros, um livro muito bonito, da Marta Medeiros. Então já sabem, estão convidados, geralmente milhares e milhares, olha, a estimativa é de um milhão e meio de pessoas nessa Feira do Livro. Imaginem, oportunidade de sentar, tomar um café com o próprio livreiro.

Meu Deus do céu, encontrar os professores caminhando por lá, eles têm um professor que leva alunos, vou me dar de presente um dia inteirinho de Feira de Livro, caminhar entre aquelas dezenas, vou estacionar meu carro, tem ali perto vários estacionamentos, para depois encher o porta-malas de livros. Vocês encontram saldos, livros belíssimos, por 15, 20 reais, vale a pena. Então vamos agora ao nosso trabalho.

Deixa eu acessar aqui os papéis para a gente poder... Pronto, está aqui tudo. Imagem, não é, pessoal?

Ah, desculpem. Antes da imagem, antes de iniciarmos a aula, eu tenho um presente de vocês. Alunos que fazem ao vivo recebem sempre um presente.

Esse presente é muito interessante. Para combinar com o que a Marta Medeiros vai falar em seguida no idioma espanhol, esse videozinho também é em espanhol. Houve uma época que para você conseguir um emprego havia uma entrevista.

Você sentava com o entrevistador, ele colocava questões, havia até manuais que vendiam dizendo como a gente tem que se portar para conseguir esse emprego e tal. Isso virou durante muito tempo uma caricatura, porque primeiro que essa entrevista não avalia um ser humano, a gente sabe disso. Quando muito algumas características...

Esse vídeo vai mostrar exatamente isso, esses dilemas, mostrando alguns impasses que são constrangedores de parte a parte, tanto daquele que se acha no direito de avaliar quanto em quem é avaliado, e na afetação do discurso que surge em torno disso. Vou partilhar a tela para juntos podermos ver essa alegoria.

VÍDEO NÃO-LOCALIZADO

Uma das parábolas da nossa época. Uma das características pelas quais, aqui, seremos lembrados. A partir do processo de maturação afetiva, como uma pessoa que se desenvolveu, que aos poucos amadureceu conforme os preceitos de uma época como a nossa, como ela dialoga? Quais são as

características que norteiam este diálogo? Inicialmente, nós temos alguns aspectos importantes a verificar.

É provável que cada um de nós dialogue, na maior parte do tempo, com contextos, situações e pessoas que não estão presencialmente conosco. Aquele diálogo que temos com uma pessoa imediatamente ao lado, diante de nós, sentada a um metro de distância ou dentro de um ônibus, esse diálogo, em muitos e muitos casos, é a minoria, é a menor parte. É complexo universalizar isso, mas muito provável que a maioria das pessoas neste momento, nos grandes centros urbanos, nas nossas cidades também de porte médio e na maioria das pequenas cidades, está fazendo diálogos com quem não está mais ali com ela.

Para caracterizar esse fenômeno e mostrar que, então, a boa parte destes ajustes depende muito provavelmente de cada um de nós e muito menos do outro, quando consideramos as coisas sobre esse aspecto. Nós veremos uma obra da Marta Medeiros, que é a patrona este ano da 71ª Feira do Livro de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que abre agora, no final de outubro. Ela tem uma obra chamada Santiago do Chile.

São apontamentos de viagem. A Marta esteve primeiro lá com o namorado que ela tinha na época e depois disso, a primeira impressão que ela teve de Santiago do Chile não foi a melhor. Eles foram de automóvel, partiram de Porto Alegre.

Quando chegaram no centro da cidade pareceu muito tumultuado, carros, engarrafamentos. Eles foram direto a Viña del Mar, do outro lado, no litoral do Pacífico. Alguns anos depois, ela já casada com este que então era namorado dela, eles decidem morar lá porque ele recebe uma proposta de emprego.

Conversaram e foram. E ela já tinha uma filha nessa época. Vamos logo retornar a Marta Medeiros.

Antes veremos uma ilustração. O diretor é Brin Hill. Em 2014, ele lança uma obra que traz muita repercussão pelo formato, pela proposta que ela traz, chamada In Your Eyes, Em Seus Olhos.

Essa obra tem dois personagens. Um é a Rebeca, que é a Zoe Kazan e o Dylan, que é o Michael Stalldavid. Esses dois atores no filme cada um mora em um lado dos Estados Unidos.

Ela mora em New Hampshire, que é lá naquela região dos grandes lagos, lá perto do Canadá. Linda região. E ele mora no Novo México.

Para chegar ao Novo México, tem que atravessar praticamente o país. Lá junto, perto da fronteira do México, são 3.500 quilômetros de automóvel. No entanto, ainda que exista essa distância geográfica, um fenômeno ocorre com eles.

Eles conseguem conversar, trocar ideias, dialogar, como estamos fazendo nas nossas aulas, por exemplo. Quando eu pergunto se eu gostaria de colocar uma questão, um colega abre o microfone e fala e trocamos informações. Só que eles fazem isso sem qualquer computador, sem qualquer linha telefônica ou mídia social.

Nada. Simplesmente, às vezes, durante o dia, ele teve problemas com a justiça, saiu, esteve preso, agora retornou, está trabalhando e ele, às vezes, está fazendo algo e ouve lá sobre a vida dela, com quem ela está conversando, o que ela está pensando, o que ela está fazendo. Às vezes, ele pode colocar uma música e ela ouve.

Nenhum dos dois sabe por que isso acontece. Nenhum dos dois tem ideia disso. O fato é que eles, da estranheza, começam a conversar, começam a se aproximar, notam as diferenças.

O que o Brin Hill nos oferece com essa obra? O que ele está propondo com essa alegoria, com essa metáfora dos nossos dias? Nada mais está nos dizendo que, na maior parte do tempo, nós conversamos com quem não está conosco.

Quando você termina essa aula, por exemplo, e vai jantar e pensa na sua esposa que está fazendo um estudo na cidade vizinha. Como foi o dia dela? Será que ela gostou do estudo que ela está fazendo?

O que ela precisa tanto para o trabalho dela? Você está conversando com ela. Talvez não em palavras, mas em imagem, em observando o que ela está fazendo.

Talvez esteja já deitada, cansada, tomou um banho, jantou e foi dormir. E aí você lembra de algo que ela disse a você. Observe como se passa isso.

Você viu a imagem dela, depois a voz dissociada num outro canto e então lembrou de um compromisso. Olhem como o diálogo é rico que é feito. Onde você está, para onde ela está.

Olhem a beleza, a profundidade e isso nós fazemos provavelmente em boa parte do nosso tempo.

Qual é a qualidade dessa comunicação? Observe qual é a sua qualidade nessa comunicação.

Pegue papel, pegue caneta e tire um tempo e faça um exercício de anotar qual é a qualidade disso. Tome um dia típico na sua vida, do momento que você acorda as coisas que você faz. Vai tomar um café.

Você dialogou ali com quem? Com a xícara? Com o café?

Com o pãozinho, com manteiga? Ok, foi o seu diálogo. Um diálogo sensorial, presencial.

Depois você transforma isso em coisas complexas, conversa com elementos que não estão ali. Faz as suas orações antes de ir para o trabalho. Está conversando com a transcendência.

Está pedindo para que Nossa Senhora abençoe seu dia. Isso é um diálogo que vai se misturar às vezes com a paisagem que você acabou de ver. Uma mãe levando as crianças para a escola.

Vejam a riqueza dos diálogos. Observe a qualidade dos diálogos. Faça uma relação durante o seu dia para ter um parecer sobre isso.

Alguns notarão que tem oscilações imensas. Outros notarão que não tem diálogos amistosos de forma alguma. Todo tempo são reclamações, queixas, reivindicações, conflitos.

Outros ficarão agradavelmente surpresos. Apreciarão muito a maneira como dialogam. Amistosa, amorosa.

Conciliatória. Sempre buscando as melhores premissas. Observe como você faz isso.

Esse é o tema do nosso trabalho agora. Vamos então diretamente a essa obra *In Your Eyes e Seus Olhos*, de 2014. Vamos ver como ela se constitui.

São apenas dois personagens que veremos aqui. De um lado a Rebeca, que está longe, longe, longe, lá na fronteira com o Canadá. E do outro lado, esse rapaz, o Dylan.

PARA ACESSAR O FILME COMPLETO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=OXsxlRpgvX0>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Isso que eles estão fazendo não é o que a maioria de nós faz? Quando pensa numa tia que já faleceu, ora por essa tia. Pede que Deus cuide bem dela lá no céu.

Era uma pessoa tão boa. Não estamos fazendo algo muito parecido? Às vezes ouvimos e vemos essa tia nos dizendo, meu filho, o feijão precisa ficar de molho.

Não faça assim. E recuamos e sorrimos pra nossa tia. E agradecemos como ouvimos ela.

E então, nossa esposa, nosso marido, coloca uma linda música a tocar. E essa música interfere nisso, já gerando uma nova comunicação. E lembramos do show deste músico que vimos no teatro há muitos anos.

E convidamos a esposa e o marido pra dançar, ouvindo essa música. Vejam quantos diálogos fazemos quase todo o tempo. Bem, mas se esse diálogo é feito, o que ocorre que a validação dele não é tão ampla, certificada e certa quanto isso que vimos aqui nesse pequeno encarte da obra *In Your Eyes*.

É preciso que de fato exista, seja como no filme, pra que possamos dizer, ah, isso é válido, isso existe, isso não é fantasia, isso não é imaginação. Observem a fratura que foi feita nesse discurso. O empobrecimento em torno dele.

E são inúmeras as pessoas que chegam ao consultório reclamando de solidão, de abandono, de não ter com quem conversar, quando na realidade muitas delas conversam o tempo inteiro, são tagarelas sem fim. Conversam muito. Como podem se enganar assim?

Muito provavelmente deram crédito, enquanto cresciam, enquanto se desenvolviam, ao fato de um diálogo só ser real e consistente se for feito segundo a pauta da sociedade dos homens. O que a sociedade dos homens entende dessas coisas? Até aqui, muito pouco.

Isso pertence mais à alma humana, às nossas condições de transcendência, algo muito mais profundo. E aquele que entende essas lições e as pratica se torna alguém muito rico, muito cheio de amigos. Ele pode conversar com a mãe que já não existe, pode agradecer essa mãe, pode perguntar a ela, mãe, nesse momento, como você me ajudaria nisso que eu estou vivendo?

Pode conversar com a avó e perguntar para a avó, a senhora era tão sábia, lia tanto. Se a senhora estivesse aqui comigo, eu acho que a senhora concordaria com essas decisões que estou tomando. Isso é conversar.

De certa maneira existe essa conversa, só que silenciosa, muda. A pessoa age intuitivamente ou age conforme ela acha que é o certo e não sabe que ao fazer isso já conversou indiretamente com todos esses elementos de anterioridade. Muitas vezes é assim, não sempre.

Aprender isso e cuidar da qualidade disso, da consistência dos momentos de fazer isso, da forma. Quando você planeja algo para uma pequena reunião com os amigos na sua casa, você está oferecendo um jantar de final de ano para seus amigos e promove isso, já planeja como vai ser, o que você vai oferecer. Às vezes isso já é toda a conversação, a maior parte dela. Aquilo que acontecerá no dia, da reunião, às vezes, é um por cento, meio por cento de tudo aquilo que já houve, que é muito maior, muito mais rico. Isso é tão verdadeiro, tão concreto, que às vezes a pessoa chega a cancelar a reunião, porque antes já vivenciou tantas objeções, já conversou tantas coisas, que anulou qualquer prazer que ela possa ter reunindo os amigos. É fundamental uma política existencial epistemológica que ensine pessoas adultas, afetivamente desenvolvidas, a conversar e a entender que essa conversação é isso que estamos vendo.

E muito além disso, aliás. Isso que está sendo colocado tem um caráter introdutório. Não é muito além.

Uma vez aprendido isso, a pessoa descobre que vai aprender também a lidar com elementos sensoriais, elementos emocionais que participam, às vezes, decisivamente de uma conversa, ainda que só tenham se pronunciado por alguns segundos.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DE TRECHOS DO FILME

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Através do diálogo, ele encontra essa menina. No entanto, agora um fenômeno ocorre neste filme. E as pessoas que estão imediatamente ao redor, no cotidiano?

Já que ele está conversando, seja de que maneira for, está conversando, essas que estão imediatamente ao lado dele não se importarão? E no caso da menina também? Não, claro que participam desse diálogo, de várias formas.

E isso provavelmente ocorre com cada um de nós. Nós fazemos os nossos diálogos, diálogos por vezes concomitantes, não só apenas com uma única pessoa, em um único momento. Às vezes ouvimos um fragmento, nossa esposa, nosso marido, dizendo algo para nós, sobre um cuidado, uma advertência, enquanto estamos fazendo determinada atividade.

Também ouvimos um outro especialista na área nos dizendo é, mas não é preciso ser assim, você pode fazer dessa forma, não é preciso ter tantos receios. Isso às vezes junto e na forma de um amálgama. E imediatamente ao nosso lado, uma pessoa, em carne e osso, nos dizendo algo que, dada a audição que damos a esses outros, se torna muito pequenino o que ela está dizendo.

Quase irrelevante, a ponto de ela nos dizer você não está me ouvindo. De fato, neste caso, estamos ouvindo muito pouco. Isso que estou dizendo não é nenhum efeito paranormal, não é nada transcendente, é simplesmente a crônica dos nossos dias.

Observem nas vidas dos senhores, quantas vezes isso ocorre desta exata maneira como estou colocando. Mas há outras formas. Isso pode ser feito de uma forma estudada, cuidadosa, diligente, pode.

Que é o caso da obra da Marta Medeiros, quando ela esteve no Chile, e o que ela nos escreve de lá, no tempo que ela morou em Santiago. Vamos ver então o que a Marta nos conta. Nesse diálogo, considerem quantos seres, criaturas, condições, especificidades ela acessa nesse diálogo que ela tem.

Me digam, por favor, se um diálogo como esse é menos rico, menos importante, menos válido, do que um que temos com uma pessoa imediatamente à nossa frente. Não é maior ou menor! Ele tem condições diferentes, mas não pode ser menos válido simplesmente por ser desta forma.

Chegamos dispostos a amar a cidade, e não deu outra. Passamos pelo centro sem olhar para os lados, porque era muito barulhento, muito tumultuado. Esta obra é de 1997.

Lá se vão, portanto, 28 anos desde que isso aconteceu. O livro foi escrito logo depois da estada deles no Chile. Fomos diretamente para o bairro onde morávamos, Providência, o nome do bairro.

O apartamento era imenso e tinha vista para o cerro São Cristóbal e para as cordilheiras. A rua era um sonho, cheia de árvores, com um colégio à frente. Aos poucos, fomos descobrindo esquinas, vizinhos, a estação do metrô mais perto, a fruteira na rua de trás, o jardim de infância para onde eu levaria a Júlia, a filha dela, todas as manhãs, os restaurantes preferidos, os cinemas, os museus.

Telmo começou a trabalhar, Júlia a estudar, e eu me vi numa situação inédita. Ela disse que tinha tempo, principalmente para fazer o que ela ama muito, escrever. E como escreve a nossa Marta Medeiros, não?

Quando o Chile parecia uma coisa do passado, um editor, o Sérgio Liedtke, me telefona e pergunta se eu gostaria de escrever um livro sobre Santiago com crônicas e dicas de viagem. Se eu gostaria? Ai, meus saís, em setembro de 96, lá estava eu de novo, grávida de sete meses, anotando tudo.

Se os parques estavam onde sempre estiveram, novos restaurantes, etc. Observem a riqueza que é a Marta. Ela faz diálogos dentro de outros diálogos.

Então ela se reporta a história, lá dentro da história ela refaz o diálogo, dentro do diálogo ela relembra que apontava. São diálogos em cascata, diálogos que se associam. Observem a riqueza que há aqui.

O Chile tem uma das paisagens mais deslumbrantes do mundo. No início da obra ela se estende profundamente na questão da geografia, da época. Conta muitos dados sobre o Chile de então.

E depois é que ela vai nos contar esses outros elementos. Ela diz do mundo, mas isso não significa que possua muitas riquezas minerais, vegetais e animais. Tirando as frutas, os pescados, o vinho, o cobre, o lítio, que é a mineração do Chile, ainda hoje é assim, a mineração, quase 30 anos depois.

Não há muito o que destacar. É praticamente um país sem vida industrial. Importa quase tudo.

Ela conta aqui que o Chile era um país que hoje tem uma outra população. Hoje o Chile é um país com quase 20 milhões de pessoas e em muitos aspectos diferentes do que a Marta nos descreve aqui, como vocês verão. Ela diz que o Chile está apenas 2 horas e 40 minutos de avião de Porto Alegre, muito pertinho da nossa vizinhança gauchesca aqui.

E ela diz que, diferente de qualquer outra condição, nós começamos a viver o Chile, dependendo da época que se vai do ano, muito antes de chegar lá. Vamos ver o que ela nos conta. É quando a viagem vai chegando ao final, dos últimos 20 minutos, que já nos defrontamos com a primeira atração chilena.

Antes mesmo de colocar os pés em terra, é a vista aérea da Cordilheira dos Andes. Quem vai a Santiago entre maio e setembro é recepcionado por uma paisagem deslumbrante. De fato, é um dos momentos mais lindos de quem está entrando naquele país.

Ela diz que o Chile é um país muito comprido, 4 mil quilômetros, dividido ao meio por essa cordilheira, de um lado as praias, do outro lado essa cidade, diz que é riquíssimo o país. Saindo do centro do Chile, do Santiago, você encontrará bairros com prédios de arquitetura arrojada e uma efervescência cultural digna das grandes metrópoles. Santiago é uma das cinco cidades mais poluídas do mundo.

É páreo para Los Angeles, cidade do México. Ela diz que sempre tinha aquela fumaça dos carros pra lá e pra cá. Mas não esqueça, você está numa cidade quase sem horizontes, cercada por uma cordilheira, o que faz Santiago parecer uma espécie de anfiteatro.

Nela vivem 5 milhões de habitantes, sendo que cada 10 chilenos tem um carro. Hoje, 20 anos depois, 28 anos depois, 7 milhões de habitantes. Muitos dos dados aqui que ela coloca envelheceram nesses 30 anos, o que é natural.

Ela conta das multinacionais que elegeram a simpática e charmosa capital do Chile pra viver lá. Bem, o que a Marta está fazendo aqui nada mais é do que diálogos. Muitos diálogos.

Eu sei que na clínica, o que nós ouvimos, vários dos senhores que fazem esse curso, muitos psiquiatras, psicólogos, psicanalistas, filósofos clínicos e colegas de outras áreas. Eu sei que no consultório, fica

eclipsado isso que estamos conversando pela natureza do discurso e da queixa que chega. A pessoa nos dizendo que não tem com quem conversar, que não tem com quem se abrir, que não consegue um retorno para aquilo que de fato se passa com ela.

Quando enraizamos esses conteúdos, uma das coisas que descobrimos é que tudo isso que ela diz não existir existe e existe em grande quantidade na vida dela. Só que, no entanto, ela não reconhece isto como válido. Ela diz, não, mas isso é tudo imaginação minha.

Eu é que fico, não tenho com quem conversar, fico imaginando essas coisas. Então ela se diz muito sozinha. Não é sempre que é assim, muitas vezes é assim.

E ignora toda essa riqueza, optando por o lado mais, que ela considera mais pobre e problemático, elegendo isso como a maior parte dela. Muito disso vem da nossa formação cultural, da nossa época. Algo que, para ser ajustado, para poder ter o reconhecimento que, de fato, lhe é devido, pede por um aprofundamento dessas questões.

Quando alguém conversa como a Marta Medeiros está conversando, não quer dizer que isso é um monólogo. Às vezes é. Como diferenciar quando isso se passar na forma de um monólogo para a forma de um diálogo.

A forma de um diálogo não é tautológica, sempre parece acrescentar elementos. Se a pessoa está fazendo um bordado e se lembra de sua avó, como a avó contornaria esse problema? Será que ela desmancharia tudo o que eu estou fazendo? E sorri? A avó, de certa maneira, viu o bordado que a pessoa está fazendo. Ela colocou isso na proposição.

Como minha avó resolveria isso? E com os conhecimentos que ela tem da avó? Minha avó diria, não desmanche. Não desmanche. Prossiga. Faça aqui deste lado uma linda árvore com as folhas caindo do outono.

Faça. E você vai ver que você resolve. A avó dela nunca esteve diante deste desenho.

Nunca viu o bordado que ela está fazendo. Nem sabia que a neta, um dia, bordaria como ela bordava. E, no entanto, a avó, que já está no céu, participou de tudo isso.

Ajudou? Vejam. Diálogo.

Por vezes, não. Por vezes, há uma afetação do discurso. A pessoa assume o discurso da outra pessoa e transforma num monólogo viciado, grave, no qual o outro nem está cumprindo, não está nem fazendo o que, de fato, ele faria.

A pessoa diz, eu já sei. Tal pessoa me julgaria, me condenaria, me criticaria. Já assumiu o discurso do outro completamente.

Nem sempre essas diferenciações são tão evidentes como eu estou colocando. Às vezes, elas pedem muitos cuidados. Mas, à medida que a pessoa se desenvolve e enriquece esses conteúdos, a vida se torna cheia de estrelas, cheia de horizontes, de uma riqueza tão grande, tão gigante, que a pessoa entende a dimensão, a grandeza de Deus em fazer tudo o que fez e nos dando tudo o que nos deu.

É outro elemento. Muitos do que se tornam avaros, muitos dos que se tornam arrogantes, que se tornam pessoas que tiram coisas das outras pessoas, não entenderam lições como estas ou torceram de maneira muito grave. A Marta brinca muito no livro dela e faz algumas paródias.

Ela diz, uma das razões principais para que os turistas brasileiros escolham um país latino-americano para tirar as férias é, além da proximidade geográfica, a proximidade idiomática. Coisa que ela vai dizer não existe, é uma ilusão nossa isso, de grande parte de nós para ela. Ela diz, ficou estabelecido que toda América do Sul fala 'portuñol' e se entende muy bien.

Só que não é nada disso. O espanhol falado na Espanha, é diferente do espanhol falado na Argentina, que por sua vez é diferente do espanhol falado no Chile, e o português nem foi convidado para esta festa. Se as sinaleiras de Porto Alegre são chamadas de semáforos, em São Paulo e faróis no Rio, imaginem as confusões que acontecem do outro lado da fronteira.

Ela vai nos dar muitos exemplos, alguns deles muito engraçados, outros nem tanto. Vamos, apenas um dos trechos que eu selecionei. Para começar, se você disser yo te amo, ou yo te quiero, yo necesito ir a Albano, você pronunciará o io como se fosse jo, certo?

Corretíssimo. Se você estiver no Uruguai ou na Argentina, corretíssimo. Mas no Chile, não.

No Chile se pronuncia yo, como na Espanha. Então se diz yo te amo, e não jo te amo. O mesmo acontece com os dois Ls.

Ela dá muitos exemplos disso. Como é que a gente fala, e ela diz isso é muito mais complexo com outras palavras. Outra coisa comum de acontecer quando visitamos os nossos vizinhos é achar que temos um vocabulário muito parecido.

E que palavras semelhantes têm o mesmo sentido aqui e lá. Ledo, engano. Você está deixando o hotel e pede para fecharem a sua conta.

O recepcionista responderá al tiro, señor. Não é o caso de jogar-se no chão. Você vai ouvir al tiro de dois em dois minutos.

Sabe o que significa? Significa imediatamente. Imediatamente, senhor.

É isso que ele está dizendo. Ela nos dá muitas diferenciações. Ela diz, há muitas gírias, mas uma pessoa fina como você não vai querer saber dessa linguagem vulgar.

Em todo caso, se ao perguntar para uma pessoa a opinião sobre uma peça de teatro e ela responder muy fome, você cometerá uma gafe horrível convidando a pessoa para um lanche. Muy fome não quer dizer muita fome, quer dizer muito sem graça. Quando ela faz esses diálogos, ela ainda enriquece fazendo elementos comparativos.

Ela não diz o português é maior, melhor, mais profundo, ou o espanhol é maior, melhor, não. Não faz isso. Ela é cuidadosa.

Ela nos coloca isso como parâmetros, diferenciadores. Vai fazer isso com a cultura também. Ela diz que o Chile, quando ela esteve lá, em 1997, era um país muitíssimo conservador que para os padrões brasileiros causava estranheza.

Mas ela não diz que nós somos os certos e eles errados. Não. Ela pontua as diferenças.

Ela faz um diálogo maduro com a sociedade. Quando nós examinamos a natureza do diálogo que a pessoa faz, os seus pontos imagéticos e esses elementos, às vezes, uma das surpresas é que eles destoam completamente dos diálogos que a pessoa faz com uma pessoa que está presencialmente com ela. Às vezes, aquele que está presencialmente com ela é tratado de maneira polida e educada.

Já quando ela faz esses outros diálogos que estamos acompanhando aqui, que constituem a maior parte, são péssimos. São desaforados, são truculentos, conflitivos. É esta pessoa, às vezes, que chegará ao consultório e nos dirá o que acontece.

Ela conversa tão bem, é tão educada, tão seletiva. Por que é tão tumultuo? Ela não se dá conta que ela é educada, seletiva, na exceção, na menor parte das conversações dela.

E que, na maior parte, é o caos, é o conflito, é a briga, é o palavrão. Como ela pode estar bem dessa forma? E ela não compreende.

Educar-se quanto a isso é um dos elementos fundamentais? Cuide, por favor, com esses diálogos que são feitos. Na sua lembrança, quando você lembrar daquele tio que sempre no final do ano aparecia, porque gostava muito do jantar que a sua mãe fazia, trate-o com carinho.

Mesmo que ele fosse lá e sempre pedisse dinheiro para o seu pai, que já nem tinha para a família, mas que, às vezes, partilhava com ele, você tem a chance de conversar em bases amistosas. Isso não quer dizer falsear, não, o que houve. Quer dizer que, naquela época, você tinha uma compreensão que agora, com a sua maturidade, pode ter outra, melhor, mais profunda, respeitosa com você, respeitosa com o contexto, melhor.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito diferente do que alguns possam considerar a respeito disso que estamos tratando, numa parte significativa de situações e casos, isso parece ser muito mais um ajuste do que uma reaprendizagem completa das coisas.

Uma pessoa vai até o mercado, encontra um amigo, que mostra a ela um poema. Esta pessoa lê o poema e fala para este amigo, que belo poema.

Você deveria publicar seus livros. Os poemas são muito bonitos. Ok.

O amigo agradece, fica feliz e diz a ela, pode ficar com esse poema. Eu imprimir para você. Pode ficar.

E a pessoa pega, guarda e vai, volta para a sua casa. Dentro dela, ela faz quase que concomitantemente, com algumas distensões temporais, um outro diálogo, no qual ela diz que aquele amigo é chato, que vai querer mostrar a ela mais um poema que ela não suporta, que são medíocres, e que ele é ridículo por querer insistir nisso, deveria pegar um trabalho para fazer as coisas, etc. Quase concomitante.

Um discurso se sobrepõe ao outro, sendo que o que ela considera verdadeiro é este diálogo que ela fez, imagético, em sua alma, em seu coração, achando que, na praticidade da vida, este que ela fez por dentro não se relacionará com o outro, no sentido de a própria pessoa, o amigo, não perceber isso. No entanto, muito além de tudo isso, estas coisas costumam dialogar entre elas, costumam fazer vários movimentos associativos de proporções diferentes, aproximações e distâncias, e isso acarreta uma série de coisas, desde a vontade de encontrar ou não esse amigo de novo, até fazer determinados movimentos, até estados de ânimo e de humor e muitas outras coisas. Para alguns, essas fraturas são simplesmente desastrosas e ocorrem quase sempre.

Para outros, não. Para outros, elas são ocasionais, episódicas e não têm maior relevância. Mas para aquele para o qual isto é nocivo em grande proporção, é importante que tenha cuidado, é importante que se eduque nesse sentido.

E educar aqui não quer dizer que então dirá para o amigo que é bonito e tal, não. Talvez, na medida do possível, de dizer a ele que não apreciava aqueles poemas. O amigo ficará surpreso.

Dirá, mas você sempre gostou. Talvez a pessoa tenha que dizer a ele, estava tentando ser agradável, mas isso me custava muito. Eu não gosto desses poemas.

O amigo ficará triste. Poderá até se afastar. Sim, essas coisas podem acontecer.

Nem sempre haverá aqui um final feliz. Para algumas dessas coisas e para outras, sim. Às vezes, pessoas que sabem disso, quando surge algum problema, a pessoa diz, eu preciso falar com você.

Ah, me ligue depois. Não, eu preciso ir aí onde você mora e conversar com você aí. Há três quarteirões daqui.

Diz, mas não pode conversar, a gente sempre conversa. Não, eu preciso ir até aí. Algumas pessoas sabem que, estando diante do outro presencialmente, certas coisas, certas conversas paralelas que ocorrem na interioridade, na subjetividade profunda, não acontecerão.

Outras não têm essa segurança e nem sabem se isso é assim ou assado. E nada podem fazer a respeito. A Marta Medeiros, na obra dela, ela começa então a aprofundar agora e esparramar para outros lugares o que ela nos fala sobre a viagem à estada ao Chile.

Chilenos, para chegar à conclusão de que se está em um país extremamente conservador, ela diz que, para ela, o Chile era de fato um país conservador para aqueles padrões de época, em 1997, onde a Igreja Católica é mais poderosa que o Executivo e o Papa é o ídolo nacional. Ela diz que, mesmo com a aparente democracia religiosa, ela está se referindo também, depois que Pinochet saiu, se estabeleceu lá uma democracia, como é hoje, aliás, 30 anos depois. Ela diz que, mesmo com essa aparente democracia religiosa, não se conseguiu aprovar até hoje aquilo que já é comum na maioria dos países civilizados, a legalização do divórcio.

Esse livro é de 1997, no Chile, em 2004. Sete anos depois, o divórcio foi legalizado. Uma edição atualizada sobre a viagem ao Chile traria novas conversações.

No entanto, uma pessoa como a Marta Medeiros se escrevesse esse livro de novo hoje, muito provavelmente, não é? Por todos os seus textos, sua evolução maravilhosa, ela nos mostraria, sim, essas atualizações e correções, etc. Mas nem sempre é assim.

Há pessoas que, mesmo o contexto tendo mudado, a base categorial tendo mudado, elas reescreveriam exatamente igual. Elas não viram essa mudança, não consideraram essa mudança, congelaram aquilo numa fotografia que não muda mais.

O que ela está fazendo? Conversando, dialogando. Ela não estava mais no Chile quando escreveu a obra. Já tinha voltado a Porto Alegre, ao Brasil, à terra dela, com os filhos, com o marido, retomando os dias dela.

Mas a conversação que ela fez é tão profunda, tão intensa, que é questionável dizer se ela estava ou não ainda no Chile, ou se trouxe o Chile para dentro dela. Como ela disse, um país que ela passou a amar, com as pessoas que ela passou a amar. A obra se estende agora por muitos contextos, por muitos caminhos.

Aqui nós tentamos apenas fazer uma breve ilustração de conversações. Como outro autor, gaúcho, Érico Veríssimo, quando esteve em Israel, escreveu Israel em Abril, um livro muito bonito, no qual ele faz esse diálogo também. Há muitos diálogos assim.

Não precisa apenas ser dessa forma. Quando você coloca um filme na televisão e começa a observar, a se emocionar e a viver, você está dialogando. Está, às vezes, dialogando muito mais do que ao conversar com uma pessoa de carne e osso ao seu lado.

Portanto, integrar esses discursos, associá-los de maneira amistosa, profunda, com responsabilidade, com compreensão, e sempre aprimorando, é uma das características dos nossos dias de afetividade que amadurecem, que crescem, e que vão muito além de uma época que precisa muito disso. No filme que estamos acompanhando, essa moça não prosseguirá o casamento dela. Essa moça, no diálogo que ela faz, se aproximará deste rapaz.

Lembrem, isso é uma alegoria, isso é uma metáfora. Isso quer dizer que, nas nossas conversações, nos nossos diálogos, que, como vimos, constituem a maior parte de nós, muitas vezes estaremos profundamente associados a amizades, a contextos, a elementos que, na verdade, não são aqueles que vivemos no cotidiano da vida que nós chamamos prática real, não é que a sociedade assim nomeou. Aos poucos, à medida que mais e mais seres humanos forem se dando conta disso, provavelmente a riqueza aumentará muito.

Seletividade também será muito maior, os cuidados, as prudências, uma vez que isso envolve responsabilidades gigantes, imensas. Vamos ver como termina, que aliás, dentro desse diálogo, a maneira como termina é muito pontual, mostrando as consequências enormes de fazermos essas conversações para todos os lados e os cuidados que isso leva.

[Palestrante 2]

Tem um carro de trás aberto, vê? Onde? Esse é o carro de trás vermelho, bem aqui, o carro de trás vermelho, vê?

Não! Não pode ir! Não!

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Estavam a 3.500 quilômetros de distância, e então começam a se aproximar. Há um vagão, não é? O vagão entre eles, todas as distâncias dessa aproximação do discurso.

A realidade física do mundo dos homens, social, etc. No entanto, essa conversação é uma conversa de outra ordem, uma alegoria, é uma metáfora. O encontro deles é uma metáfora.

Então, eles se aproximam, mas há essa distância e há o vagão. No entanto, dentro desses obstáculos, há lugares porosos que permitem a aproximação, que permitem o encontro. Vamos agora levar isso para o nosso cotidiano.

Haveria algo similar? Nós temos impedimentos concretos no nosso cotidiano, segundo o contexto da sociedade dos homens, que com conversações de outras ordens nós conseguimos conciliar, adequar, adaptar, sempre com respeito e com cuidado? Isso é possível?

Sim, muitas vezes isso é possível. Muitas vezes isso é possível. E há inúmeros exemplos disso.

Às vezes o que nós não conseguimos mais fazer com o tijolo, com a pedra, com o cimento, nesse diálogo da sociedade dos homens, concreto, nós conseguimos fazer esses diálogos de maneira bela, amistosa, profunda, em diálogos como estes que vimos no nosso trabalho de hoje. O que só aumenta a nossa responsabilidade sobre todos esses fatores.

Transcrito por [TurboScribe](#).



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Quem%20n%C3%A3o%20existe%20em%20voc%C3%AA.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos queridos, estudiosos, que com muito cuidado, esforço, empenho trilham esta linda jornada, às vezes tão difícil, que é a filosofia clínica. Hoje temos uma aula muito bonita, uma aula que serve, inclusive, de uma autoavaliação. Cada um fará essa autoavaliação, a maioria aqui é de filósofos clínicos, alguns são estudantes, outros já são especialistas, outros são de outras áreas, da psiquiatria, da psicanálise, da psicologia.

Cada um fará uma autoavaliação conforme os critérios que sabe e compreende a partir de suas historicidades. Ao final, depois de desligarmos o gravador, vamos juntos considerar um pouco sobre isso. Vamos agora diretamente a São Paulo e de lá o professor Clailton, como sempre fará um dos momentos mais aguardados, que é a sua primorosa resenha.

Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 31 de outubro, o tema foi conversas de adultos. É provável que cada um de nós dialogue, na maior parte do tempo, com situações, contextos e pessoas que não estão imediatamente ao nosso lado.

A primeira ilustração para esse tema foi o filme *Em Seus Olhos*. Nessa obra, dois personagens, a Rebeca e o Dylan, moravam distantes, em lados opostos dos Estados Unidos, porém, eles conseguiam conversar sem usar tecnologia, como se estivessem um ao lado do outro. Essa alegoria demonstrou o quanto conversamos com pessoas que não estão presentes, nem usando tecnologias.

São diálogos que realizamos quando nos lembramos das palavras de alguém, quando consideramos o que uma pessoa nos diria se a encontrássemos, independente de estar viva, inclusive. Esses diálogos internos ocorrem com o ambiente também, com os objetos, seja uma louça na cozinha, um vasinho de flor que parece nos pedir para que seja colocado mais próximo da janela, da luz, do sol, entre outros. Nessa linha, podemos incluir também os diálogos com a transcendência, o que fazemos em nossas orações e, por vezes, o diálogo com nós mesmos.

Uma das questões que surgem é a qualidade desses diálogos. O professor recomendou que façamos anotações sobre essas conversas, com quem conversamos, como ocorreram, o que expressamos, cada detalhe que for possível anotar. Alguns perceberão que se queixam a maior parte do tempo, estão sempre em conflitos.

Outros notarão que seus diálogos são mais amistosos e conciliadores, conciliatórios. Outra questão levantada é a validade dessas conversas. Se elas existem e nos afetam, o que ocorre que muitos de nós não atribui a elas o mesmo status de realidade e validação de uma conversa com alguém que está ao nosso lado.

Quando classificamos esses diálogos como imaginários ou fantasias, ocorre um empobrecimento de um recurso que é muito valioso. Quando encontramos no consultório, por exemplo, pessoas se queixando por não terem com quem conversar, quase sempre são pessoas que simplesmente não percebem o quanto conversam, o tempo todo, porém não atribuem realidade a esse tipo de diálogo. Observem um exemplo do uso que podemos fazer desse elemento.

Se estamos diante de um dilema e nos lembramos de um velho professor com quem conversávamos e que nos orientava, compreendendo que esses diálogos internos são tão válidos quanto os outros, podemos então nos aprofundar nessa conversa com esse professor, questionar o que ele nos diria se estivesse aqui. Talvez dissesse para considerarmos o caminho percorrido, para reconhecer o valor das pessoas, etc. E assim estaremos dialogando com ele, poderemos então usar suas palavras no encaminhamento que vamos fazer, em uma decisão que vamos tomar, etc.

Outra contribuição, outra obra que contribuiu com os aprofundamentos foi um livro da Marta Medeiros, onde ela escreve sobre Santiago do Chile, é um guia turístico. Nessa obra, encontramos diálogos com a cidade, com parques, paisagens, etc. Verificamos que um diálogo é diferente de um monólogo.

Quando dialogamos, estamos abertos aos elementos que vêm do outro lado, a um acréscimo de informações, como no caso do professor que nos orientou a lembrarmos do caminho, da florzinha que se inclinou, pedindo que fosse colocada mais próxima da luz, etc. Outro aprofundamento se refere à diferenciação do diálogo interno com aquele que dirigimos às pessoas. Algumas vezes, as palavras polidas que saem da nossa boca contradizem o diálogo interior, que muitas vezes pode estar disparando ofensas e xingamentos.

Esse contraste pode gerar situações de constrangimentos, dúvidas, desconforto. E quando isso se tornar um problema, uma pessoa amadurecida encontrará as palavras para dizer o que a incomoda, o que está em desacordo com a sua opinião, isso sem desrespeitar o outro, sem criar um problema maior, o que também não é uma garantia de final feliz porque nem sempre sabemos como o outro vai receber as

palavras. Pra finalizar, é possível que a maior parte dos elementos com os quais dialogamos não estejam imediatamente à nossa volta no cotidiano.

E esse é mais um dos motivos para os cuidados, a responsabilidade, a seletividade com o que ocorre nesse ambiente, que possibilita esses diálogos com vários vizinhos que podem interferir em nossa vida. Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton. Muito obrigado. Linda resenha.

Alunos que fazem ao vivo, vocês já sabem, recebem sempre um lindo presente. O presente de hoje é muito bonito, de novo, porque é uma continuação. Na outra semana, mostrei a vocês o trabalho do mímico, coreógrafo, dançarino do Krosny, que nos contou com mímica toda a história da dança.

Ele tem muitos outros trabalhos, um deles eu vou mostrar hoje para vocês, mas esse trabalho que eu vou mostrar, ele pede um prefácio. Numa parte do que vocês verão agora, entra uma valsa. E ele usa uma metáfora muito interessante, associada a essa valsa de Johann Strauss, que é a famosíssima, a valsa do Danúbio Azul, lembram?

Passa no início lá do Odisseia no Espaço, 2001, muito linda a valsa. Ele usa essa valsa do Strauss muito como o que nós chamamos de vice-conceito em filosofia clínica. Vocês verão a maneira como ele faz isso.

Muito lindo, lembrem? A valsa do Danúbio Azul, o Danúbio é o rio belíssimo, que atravessa um dos mais importantes da Europa. E ele, durante essa valsa, é uma espécie de contemporizar da alma, é um amenizar de várias situações traumáticas que eles viveram.

E o Krosny faz aqui uma citação muito política e social, bem com pitadas de pimenta. Vocês vão achar engraçado, e é de fato, é uma cena cômica. Eu diria tragicômica, pelo teor dela, mas muito bonita, muito bonita mesmo.

Que mostra o completo domínio de palco que ele tem, da coreografia, da dança, da mímica. Ele é um artista praticamente completo no trabalho que ele faz. Essa completude dele vem de muito trabalho.

Nossa, mas muito trabalho. No teatro, então, é imenso. Vamos então, eu vou partilhar a tela, após essa observação inicial, para que vocês possam acompanhar esta linda citação que o Krosny, já vimos na outra semana, fará.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO COMPLETO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=xCtXX9iQkuw>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Escritor, jornalista, pensador, gaúcho, Paulo Germano, escreveu um texto polêmico. Neste texto ele fala sobre o jornalista (economista) norte-americano Steven Levy. Muito conhecido pelos trabalhos, um dos economistas proeminentes no mundo hoje.

É professor da universidade em Chicago. É aquele economista que diz que não gosta de matemática, não entende nada de econometria. Que para ele a economia é mais uma poesia da alma humana do que propriamente um cálculo.

Evidentemente ele conhece muita matemática e mostra isso de diversas formas. Este professor norte-americano, Levy, ele tem como uma das especialidades desmistificar aquilo que há de vício de linguagem em certos pensamentos intelectualizados. Assim como alguns se especializam em mostrar para outros segmentos da humanidade suas contradições, seus problemas, ele se especializou nisso.

Ele pega dados, por exemplo, de uma instituição, de uma fundação credenciada, afirmando determinadas coisas e ele vai pesquisar. Será que é isso mesmo? Então vejam o que o Paulo Germano escreve.

Uma boa história é a do economista Steven Levy. Ele decidiu investigar porquê de uma hora para outra os índices de criminalidade começaram a cair nos Estados Unidos. Depois de duas décadas com estupros, assassinatos subindo sem parar, os números repentinamente despencaram.

Até que no ano 2000 a taxa de homicídios atingiu seu menor nível em 35 anos. Disseram que era o crescimento econômico, as leis de controle de armas, a política de tolerância zero em Nova Iorque. Analistas do governo, comentaristas, todos tinham uma certeza, mas Levy não se convenciu.

Achava as explicações óbvias e após anos estudando o assunto, concluiu que a principal causa para a queda da violência foi a legalização do aborto. Aqui ele mexeu num vespeiro gigantesco. Ele judeu numa sociedade preponderantemente cristã e aqui ele lança um problema que ofende e que gera uma série de desconforto tanto com a esquerda quanto com a direita.

Vamos ver como isso prossegue. Então segundo o trabalho que ele fez, a partir de 1973, quando o aborto se tornou legal, a maioria das mulheres que se utilizavam da lei foram adolescentes muito pobres e mais de um milhão de crianças que cresceriam em ambientes familiares adversos deixaram de nascer. Ou seja, duas décadas depois, quando essa geração alcançaria a idade do crime, parte da delinquência simplesmente deixou de existir.

Steven Levy foi execrado pela direita por atribuir ao aborto uma conquista da sociedade e foi execrado pela esquerda por associar a criminalidade à pobreza. Só que ele nunca havia expressado julgamentos morais ou sua opinião particular sobre o aborto. Apenas analisou dados e chegou a esta constatação.

De uma maneira peculiar, o que nós vamos trabalhar agora, mas em outra área muito diferente e distante dessa, traz desafios similares. Entraremos numa área da afetividade que causa muitas discussões. Por isso, vamos ilustrar com um trabalho muito bonito da Lya Luft e uma obra britânica, um pequeno clássico britânico que desde que surgiu em 2021 não deixou mais de causar conversações em torno dele.

Desde o trabalho dos diretores, roteiristas, aos atores principalmente. O ator que vocês verão, um homem com mais de 80 anos, num dos momentos belíssimos da carreira dele. Muito bem.

Quando nós filósofos que trabalhamos em hospitais, consultórios, instituições religiosas, educandários, nos deparamos com pessoas que segundo os padrões da nossa época conseguiram gradativamente uma melhoria nas suas afetividades, crescimento nas suas afetividades. Uma das características bonitas, importante, mas que como qualquer outra coisa pede seus cuidados, pede o seu zelo. Uma das características é que nas afetividades encontram geralmente caminhos.

Caminhos amistosos. Caminhos que geralmente conversam com os elementos morais de suas épocas, com suas religiosidades, de maneira responsável. Que é o que nós veremos hoje aqui.

Um homem idoso, com mais de 80 anos, que nós não encontramos nenhum familiar, não encontramos amizade. E numa época que poderíamos recuar a algumas décadas, duas décadas talvez, ele em seu

apartamento na Inglaterra, ele passa parte do tempo dele abrindo a lista telefônica e ligando aleatoriamente para pessoas. De uma maneira muito amistosa, ele liga, a pessoa atende, ele tenta uma conversa.

Às vezes a pessoa leva mal, bate o telefone no rosto dele. Outras vezes conversa com ele. E é um modo dele de se exercitar existencialmente, com respeito, vocês verão, de uma maneira amistosa.

Pois essa obra vai trazer para nós um dos elementos muito, muito profundos nos nossos dias. Delicados, graves, da nossa época. Vamos, à medida que o filme flui, transcorrendo, ilustrar com alguns poemas e pensamentos da Lya Luft.

Eu tenho em mãos a obra A Casa Inventada: Não sou apenas eu no espelho, escreve a Lya Luft. A pessoa lá dentro me contempla como eu a ela.

Às vezes sorri, ela sorri, quando eu sorrio. Mas pode se virar sem que eu me vire também. Acenar se eu fico imóvel.

Saltar para o lado de lá e andar comigo. O meu passo deixa um duplo rastro no chão. Sou ela?

Ou serei eu? Se eu mergulhar daqui e do seu lado, ela, vão se fundir os nossos sopros. Todos os meus sonhos e os anseios dela.

Minha amiga, minha alma, parte de mim, irmã que eu inventei e desenho, como ela faz comigo, eu a chamei Pandora. Muito bem. Assim começa a Lya Luft, está bem?

Para os nossos propósitos, este homem, à medida que vai se exercitando, às vezes ele mesmo se estranha. Se surpreende com esse espelho que, no caso, não é visual, é sonoro, é auditivo. Uma outra forma de espelho.

A atriz que vai contracenar com ele, a Rachel Shenton, que nós só ouviremos a voz dela, aliás, ela tem um trabalho muito bonito de inclusão social com pessoas que têm questões auditivas. E ela é uma voz muito bonita, muito melodiosa, que nos ajuda a compreender várias coisas. E o ator é o David Bradley.

David Bradley, um dos principais atores britânicos, que vai contracenar com ela.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO COMPLETO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=c46piVq6ID4>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Este senhor, mais de 80 anos, o Roy, que está sozinho na casa dele, nós não temos notícia de ninguém mais, viveu sua vida, desenvolveu suas afetividades. O que ele faz por se sentir sozinho?

Ele liga para as pessoas. Lembrem as diferenciações para uma afetividade incipiente, infantil, que alguns adultos possuem. Ele, se está sozinho, ele liga.

É a maneira dele de conseguir estabelecer conexão com essas pessoas. O que acontece se ele é rejeitado? Se alguém diz não, não vou conversar com você, etc?

Ele simplesmente tenta de novo, tenta fazer amigos desta maneira, não é? De uma maneira amistosa, conversa, se apresenta com o nome dele. Uma das características muito importantes.

Hoje, dadas os muitos canais que temos, nossas afetividades, uma vez desenvolvidas, uma vez amadurecidas, elas começam a encontrar seus caminhos, que são muitos, muitos. Fazem isso pelo

caráter próprio da maturação numa época como a nossa. Diferente de quando não alcançaram certos índices de maturidade.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DO FILME

[Palestrante 2]

Ah, claro. Tem alguma coisa que eu possa ajudá-lo, Roy?

[Palestrante 1]

Ah, certo. Bem, você está no meio de algo?

[Palestrante 2]

Eu? Não. Eu sou toda sua, Roy.

Você quer conversar comigo?

[Palestrante 1]

Sério?

[Palestrante 2]

Você não precisa.

[Palestrante 1]

Oh, não, não, eu adoraria. Eu também. Só um pouco fora de prática.

[Palestrante 2]

Tudo bem. Por que não me diga o que você faz para divertir-se, Roy?

[Palestrante 1]

Para divertir-se? Oh, bem... Eu gosto de um lugar de jardim.

Se o clima está certo, mas a maioria das vezes eu vivo na cidade deste ano. Isso parece difícil, Roy. É difícil?

Ah, eu suponho que pode ser bastante cansativo. Você tem um jardim grande, Roy? Ah, não é grande necessariamente.

[Palestrante 2]

Não, vamos lá. Eu acho que é realmente grande.

[Palestrante 1]

Bem, depende do que você usa. É maior do que o próximo.

[Palestrante 2]

Eu acho que sim. Ei, Roy. Você está se tocando agora?

[Palestrante 1]

Desculpe?

[Palestrante 2]

Porque eu talvez esteja me tocando. Oh, Deus. Roy?

Você ainda está lá, Roy?

[Palestrante 1]

Olha, eu... Desculpe, eu não percebi que você era um deles. Eu...

Eu não estou atrás desse tipo de coisa.

[Palestrante 2]

Ok. Mas que tipo de coisa você está atrás?

[Palestrante 1]

Eu... Uma criança agora pode ser vivenciada como adulto, os alimentos são outros apelos.

[Palestrante 2]

Você não tem que se você não quiser, mas eu estou aqui para conversar. É o que eu faço.

[Palestrante 1]

Bem, a coisa toda é um circo, realmente, porque... as caixas vermelhas estão cheias depois de quatro ou cinco dias, mas você ainda tem que aguentar até segunda-feira. E, francamente, os gatos estão tendo um dia de campo.

[Palestrante 2]

Bem, veja aqui, são caixas vermelhas semanalmente, caixas vermelhas fortemente.

[Palestrante 1]

Exatamente, que é como qualquer pessoa sensível desenharia o sistema, honestamente. Cara, eu sou um argumento com os gatos vermelhos de escrever para a minha MP.

[Palestrante 2]

Bem, talvez você deveria, porque é claramente importante para você.

[Palestrante 1]

Ah, talvez. Ah, desculpe, eu sou terrível por falar. Me diga se estou ficando envergonhado.

Então, há alguma possibilidade para a progressão de carreira no seu campo? Não é realmente uma carreira, é mais uma espécie de escapamento. Eu nunca gostaria de ficar em um lugar por muito tempo.

Eu provavelmente deixaria que isso me ligasse para minha próxima aventura. Ah, bem, você vê, é por isso que você e eu nos diferenciamos. Porque se eu for muito longe, atrás da grande chuva de Sainsbury's, eu começo a ter dor de nariz.

Roy, você sabe que eles te pagam por chamar esse número, não é? Bem, eu espero que sim. Como outra mulher tão bonita como você vai ganhar seu dinheiro?

Obrigada. Eu aprecio isso. Ouça, seria ok se eu te chamasse de novo algum dia para...

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Observem a marcação do discurso. Roy quer fazer amigos. Ele é um homem maduro, viveu sua vida, teve seu trabalho, está sozinho no mundo e agora busca por amizades, não tem nenhuma questão quanto a ser rejeitado ou quanto à discordâncias, ele sabe que isso é parte e está buscando para hidratar uma parte de sua vida, em outras partes ele tem uma boa hidratação e não há nenhum problema em recuar, ele viu que acabou fazendo uma ligação para um tipo de serviço que não está nenhum um pouco interessado e não quer nada com isso, muito longe de ofender a moça ou dizer qualquer coisa agressiva e hostil ele simplesmente disse não é isso que estou procurando, pronto, assunto encerrado.

A Lya Luft na Casa Inventada, ela conta dos cuidados que adultos e crianças, num mundo com tantos elementos podem observar.

Aberta ao mundo como grande ouvido, nada entre o buscado e o buscador. Então a criança no degrau de pedra e olha, ele contempla, não a casa, mas o espaço que define tudo isso. Sua pequena mão inventa formas, sua voz cria palavras que a minha lucidez ainda não alcança. Eu não quero indagar se faz sentido isso que se esboça no ar ou falo ou canto ou apenas descobre, nem a chamo, nada que possa lhe mostrar vale o seu olhar de agora.

Esse encanto, você acha que desapareceu no Roy? Não, um dos elementos muito bonitos da maturidade afetiva é conservar esses elementos, trazê-los juntos. A infância não é descartada, ela é convidada a participar de tudo isso, de todos esses processos, de uma maneira que pra ela mesma, é muito mais seguro, mais profundo. Uma vez foi vivenciada como criança, agora pode ser vivenciada como adulto, os elementos são outros apenas.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME.

Observem o que se passa, Roy poderia simplesmente, alimentado por concepções, por elementos ligados ao orgulho, vaidade e outros elementos também, ou um preconceito arraigado, finalizar essa conversa. No entanto, ele deixa o julgamento de lado, sabendo que há questões éticas envolvidas aqui, não é? E morais também, importantes, aliás.

Um exemplo disso. Ao prosseguir a conversa, ele não está, de certa forma, incentivando o tipo de serviço como esse? O tipo de serviço como esse tem sua utilidade?

Ele é defensável do ponto de vista de uma sociedade que deseja se desenvolver? Ou ele faz com que certas pessoas, na necessidade de ter o alimento, de ter água, de ter um lugar para morar, se submetam a isso? Todas essas questões passam, é evidente, na cabeça de Roy.

Mais do que isso. Como nós sabemos que isso passa por ele? Vocês viram a natureza do diálogo que ele tem?

É um homem que lê, é um homem que se informa. Ele sabe o que está acontecendo. Da mesma forma, ao prosseguir com esse diálogo, mas em outras bases, ele também não está ajudando, de certa forma, que coisas que precisam tanto também do carinho, da atenção, da ajuda, possam tomar outras dimensões, outros rumos e outros aprofundamentos?

Muito mais do que atirar a primeira pedra, ele estende a mão? Não pode também ser isso? Tanto por necessidade dele de encontrar pessoas, de conversar, isto que acontece não ajuda também a pessoa com quem ele converse?

Ela não cria novos parâmetros e outros elementos? E há muitas outras considerações aqui, várias delas dilemáticas, como é o mundo hoje no qual estamos inseridos. A Lya Luft, na Casa Inventada, escreveu o seguinte, sobre essa amplitude, sobre esses problemas e coisas assim.

A vida deve ter varandas para sonhar, cantos para chorar, quartos para os nossos segredos, mais ambivalência onde respiramos e a portinha do porão com sua velha chave. A vida precisa espaço de voar, liberdade de partir ou de ficar, alegria e algum desassossego contra o tédio. Não se esqueçam os danos a cobrir, o medo de perder ou de partir, o dom de surpreender e um jardim de milagres.

Vamos ver como prossegue, como se desenvolve esse trabalho com o Roy e com a Kara.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DO FILME

Estou escrevendo com respeito ao sistema de coleção do seu concelho, que, francamente, é um monte de merda. Ok, deixe-me te parar aí. Tem alguma coisa que esses pássaros não colocam em suas torres?

Você está fazendo muito bem. Lembre-me de comprar uma micro-ondas para o Natal. É melhor para você desse jeito.

Você sentirá o benefício, confie em mim. Eu não sinto o benefício em minhas pernas, Kara. Em e fora da cozinha, como um braço do Fiddler.

Bem, me chame de Fanny Craddock. Foi maravilhoso. Ei, Roy, você se considera ir em um tipo de namorado?

O que? Com você? Não, não comigo, mas com, tipo, um amigo de mulher.

Bem, não consigo realmente me encontrar com um amigo de mulher, depois de... Eu sei. Mas e se é só por um pouco de companhia?

Honestamente, eu estou bem. Eu estava pensando, quero dizer, eu adoro nossos conversos, mas você não gostaria de falar com alguém em pessoa? Talvez.

Oh, espere. Eu acho que tem alguém na porta, Kara. Eu vou ver o que eles estão procurando, e eu lhe chamei de volta.

Falo com você na loja. Tchau. Princesa Margaret.

Eu sei. E eu tive esse outro amigo ontem que me pediu para fazer uma voz como Suzy Dent. Quem é Suzy Dent?

Você sabe, do Countdown, no lado de Dictionary. Oh, Suzy Dent. Sim, eu gosto dela.

Ele também. C7. Princesa.

Onde está a música? Não há uma. Espere para a batida.

Roy, onde estão as batidas? Espere, espere.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Roy consegue, então, exercitar sua afetividade. Conforme o mundo que ele habita e que ele constrói, conforme o habitat do Roy, ele faz isso com responsabilidade, com respeito, para ele mesmo, aos outros. Ele tem uma amiga. Está emocionalmente hidratado.

Afetivamente, conforme os princípios de uma época como a nossa, conforme os desenvolvimentos, isso terá enormes variações de pessoa para pessoa, de contexto para contexto. Mas até onde vai isso?

Roy (a amiga dele) tem uma amiga, uma senhora da idade do Roy, que ela acha que seria uma boa companhia para ele, para eles saírem, poderem jantar juntos, ir ao teatro, como ele gosta, música clássica, ver um recital, um concerto. Ela é uma jovem, ela sabe disso e conversa com ele, aprende com ele. Ele aprende com ela também, uma música que ele provavelmente nem sabia que existia.

Esses elementos, diferente de quando existem outros princípios, possuem fortes concepções de auto hidratação. Pelo menos nos contextos da nossa época, em situações de maturidade, isso é muito usual. Ou seja, não é preciso quantidades.

Pequenas qualidades das gotas de ovário são suficientes para hidratar a alma. Pequenas sensibilidades. Poemas inteiros cabem em uma única linha.

E muitas outras coisas, que o Roy, com a idade, com o tempo, com as aprendizagens, sabe. A movimentação dele é nesse sentido apenas. E provavelmente não há por que ir além disso.

Talvez vá, mas em princípio não. Tanto que quando ela convida para sair com uma amiga que ela conhece, uma senhora, ele diz que não, que está tudo bem. Não precisa.

Vamos ver como termina essa pequena crônica dos nossos dias, os seus problemas, os seus dilemas.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DO VÍDEO

Talvez eu deva cancelar. Roy, escute-me. Você não é o tipo de homem que vai segurar Valérie.

E nós dois sabemos disso. E se eu não estiver pronto? Eu acho que você está pronto.

Eu acho que você vai se divertir e ser um homem gentil. E perguntar muitas perguntas e ser charmoso, como você está comigo. Tudo bem?

Ok. Certo. Tudo bem.

Estou indo. Vou te ligar mais tarde para te contar como foi, ok? Boa sorte, Roy.

Oi, é a Jasmine. Quem estou falando com? Oh, olá.

Desculpe, pode me enviar para a Cara, por favor? Oh, ela se foi, amor. Ela se foi?

Um pouco cedo para ela. Não se preocupe. Vou lhe ligar amanhã.

Oh, não, desculpe. Quero dizer, ela se foi, amor. Foi o último dia dela hoje.

O quê? Sim, você sabe como ela é. Ela tem os pés doente e tudo isso.

Eu posso cuidar dela. Você quer que eu lhe diga o que estou vestindo?

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Como fazem pessoas, nos nossos contextos atuais que conseguiram, ao longo das décadas, do tempo, uma afetividade amadurecida, quando lidam com perdas, com afastamentos, com decepções. O que elas fazem? Se desesperam? Arruinam tudo? A própria vida? E dizem que nada mais faz sentido e, portanto, não querem mais viver? É esse o testemunho?

Ou a humanidade já alcançou hoje patamares existenciais nos quais determinadas perdas, ausências, separações, afastamentos para aqueles que conseguiram andar muito? Do ponto de vista da afetividade, isso já possa ser considerado sobre outro horizonte. O que provavelmente alguém como Roy faz?

Provavelmente ele chora. A ausência de sua amiga. Provavelmente ele sente muito isso.

Terá alguns dias de tristeza, de dor, de perplexidade. Sim, vai chorar sua dor. Seu rosto ficará coberto de lágrimas. Seus dias de tristeza, é assim. E depois disso, o que provavelmente acontecerá? O que provavelmente acontecerá, retirando daqui as exceções, é que provavelmente Roy continuará agora, levando com ele mais essas aprendizagens lindas, mais estas coisas belíssimas.

Este é um dos testemunhos da nossa época para várias pessoas que aos poucos conseguiram levar adiante os processos de maturação afetiva. Lembrando que para cada um isso tem características próprias. Aqui é colocado desta forma, com os riscos da universalização, que na prática não existem, apenas para caracterizar, para ilustrar.

Vamos ver como Roy vai lidar com isso.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DO TRECHO FINAL DO VÍDEO.

Roy, no final, leva tudo o que ele aprendeu, pra frente. Uma das lições muito bonitas dos nossos dias. Uma afetividade amadurecida é um dos grandes investimentos da nossa época, provavelmente, não é?! E vejam que a situação é dilemática, poderia com seus pré-conceitos, com suas opiniões, tirar a integridade do outro ser. Numa época como a nossa, aquele que não tem, aquele que não possui, aquele que é despojado, muitas acusações, imigrantes que não conseguem entrar em países, países que trocam bombas, entre irmãos às vezes, situações muito graves, pessoas flageladas, nossos irmãos por todo o planeta sendo afastados, um porquê é bandido, outro porque está na prostituição, outro por isso, outro por aquilo. Nós somos os julgadores é isso? É esse o nosso papel? O nosso papel não é acolher? Não é procurar compreender, não é procurar no meio de tantos dilemas a espiritualidade em Deus, a transcendência, não é esse o nosso papel existencial como filósofos, como pesquisadores, sabendo que erramos, sim, muitas vezes erramos. Não, não são só os outros que erram, nós erramos e é assim, essa é a nossa jornada até agora, tem sido assim!

A Lya Luft, na Casa Inventada, ao final ela escreveu:

Certa vez eu digitei peras em lugar de perdas. Quando fui corrigir o texto, achei mais interessante assim, peras, pois vendo aquelas frutas fora de contexto perdidas no meio de um campo ermo, as pessoas pensariam, o que foi que ela quis dizer com isso? Por mais que me irrite, todo mundo quer entender o que eu deveria ser, apenas sentindo e reinventando. O trabalho de viver só termina quando a noite chega feito uma pálpebra baixada tranquilamente e aí, sonho, delírio, transfiguração ou a quietude de sempre e sempre. Alguns dias, ao acordar, vemos tudo fora do quadro, o teto, a porta, a cama, minha alma ou essas coisas que a gente chama assim, torta, pendurada de cabeça para baixo. Ela parece um morcego cego.

Lya Luft, Minha Casa Inventada.

AULA 13 – As Vidas Afetivas Hoje – 14/11/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/As%20Vidas%20Afetivas%20Hoje.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos queridos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções, uma delas há várias, esta tem o enfoque da filosofia clínica. Vamos à Boituva, São Paulo, e de lá o professor Clailton fará um

dos momentos mais aguardados do nosso trabalho, que é a resenha da aula da semana passada. Boa noite, professor Clailton.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. Nossa aula anterior ocorreu no dia 7 de novembro.

O tema foi Quem não existe em você? Iniciamos com um texto do jornalista e pensador Paulo Germano. Ele apresentou um dos trabalhos do economista norte-americano Stephen Levy, um estudo polêmico pela sua conclusão.

Durante duas décadas, a criminalidade nos Estados Unidos subiu, ano após ano, mas, repentinamente, começou a cair. Contrariando outras explicações para esse acontecimento, o Stephen Levy, após levantar dados e analisar, concluiu que a queda da criminalidade estava relacionada à legalização do aborto. O grupo social que mais fez uso dessa lei seria aquele com potencial para dar origem a uma nova geração de infratores.

Esse é um daqueles temas delicados, difíceis de trabalhar em grupo e de encontrar consenso, principalmente por despertar o interesse de ideologias, religiões e pela questão moral envolvida. A relação dessa introdução com a sequência da aula é a similaridade dos desafios para desenvolver o tema. Um dos aprofundamentos contou com o filme onde um personagem idoso, o Roy, que ligava para as pessoas desconhecidas números da lista telefônica, buscando alguém para conversar, até que, sem querer, ele ligou para um serviço de sexo por telefone.

Logo que percebeu o engano, ele deixou claro para a atendente que não estava interessado naquele serviço, mas que gostaria sim de conversar com ela. E eles passaram a se falar com certa frequência, tornando-se próximos. Ela se preocupava com ele e ele se sentia bem com aqueles diálogos, surgiu uma amizade e ele se hidratava nessa relação.

Um dos elementos que contribuíram para que essa interseção se estabelecesse assim de forma tão positiva foi a ausência de julgamento moral do Roy em relação à moça e ao seu trabalho e até mesmo em relação à própria atitude por estar contribuindo com esse tipo de serviço, ao fazer uso dele, ainda que fosse com outra finalidade. Consideramos que os benefícios envolvidos nessa amizade poderiam ser recíprocos. Será que ele não ajudou aquela moça de alguma forma?

Além da questão financeira, visto que havia um custo envolvido nas ligações, era o trabalho dela. Será que ele também não estava ajudando aquela jovem com novos parâmetros e elementos para questões da vida? Mas um dia o Roy ligou e sua amiga não estava.

Era outra atendente. A sua amiga se preocupava com ele, mas quando sentiu que era o momento que ela poderia sair, ela foi embora. A questão que nós analisamos foi como uma pessoa afetivamente amadurecida em nossos dias lida com as perdas, com afastamentos, decepções.

Ela se desespera? Diz que nada mais faz sentido, arruína a própria vida, não quer mais viver? Ou a humanidade já alcançou patamares existenciais nos quais determinadas perdas, separações, afastamentos já podem ser considerados sob outro horizonte?

O Roy sentiu muito a falta da sua amiga, provavelmente enfrentou dias de tristezas, de dor, chorou, mas depois continuou. Levou com ele essas lindas aprendizagens, mas as vivências. Esse é um testemunho de várias pessoas em nossa época que conseguiram levar adiante processos de maturação afetiva.

Para cada um isso terá características próprias, aqui nós temos um exemplo apenas. Outra obra que ilustrou essa aula foi A Casa Inventada, da Lya Luft. Para cada trecho do filme nós acompanhamos um pequeno texto, uma poesia da Lya, que nos auxiliou nas reflexões.

A história do Roy nos mostrou como as relações e a própria vida pode ser mais leve sem julgamentos preconceituosos. Aliás, o julgamento não está entre as atribuições de um filósofo clínico. Ok, professor, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Obrigado, Clailton. Vou parar o gravador um segundo, prosseguindo a nossa aula. Primeiro agradecimento ao professor Clailton, sempre uma oportunidade maravilhosa de revermos o conteúdo programático. É tão importante, inclusive, de reparar em ajustes necessários a partir dessa crônica que ele faz. Alunos que fazem ao vivo, vocês já sabem, recebem invariavelmente um lindo presente. Este presente de hoje, eu peço a atenção de vocês a ele.

O Ministério da Educação, na França, convidou, em certa ocasião, o filósofo Maurice Merleau-Ponty para fazer um texto para crianças, o equivalente ao nosso segundo grau. Um texto histórico que ele fez, que existe já hoje publicações em português com essa obra. E o Maurice Merleau-Ponty traz para dentro desse trabalho, que era de biologia, ética, questões da fenomenologia.

Uma dessas questões que vocês encontram nos cadernos é quando nós diluímos os conteúdos somáticos. Por exemplo, quando você abraça alguém, você abraça ou você está sendo abraçado? Uma mãe que está uma gestante, o bebê está nela, o bebê é dela.

São criaturas autônomas, separadas? São a mesma criatura com desdobramentos? A sociedade dos homens precisou deliberar sobre isso e nos deu respostas prontas.

Isso é uma coisa, aquilo é outra coisa. Mas na subjetividade e na alma humana, nem sempre é assim. Às vezes nós nos sentimos um filho, um irmão, uma pessoa próxima, tão próxima de nós, que às vezes a dor da pessoa dói mais em nós do que nela mesma.

Como em Levinas, por exemplo, que coloca claramente os princípios de alteridade nas relações dialogais de Buber, temos também isso em Maurice Merleau-Ponty. Este trabalho que vocês viram agora, que mistura pintura, escultura, teatro, é um trabalho da Lucia de Pietro. Ela faz uma homenagem memorável a esses autores, ilustrando a praticidade deste discurso.

Vou partilhar a tela para que vocês possam acompanhar um poema filosófico na forma de arte. Aqui está.

VÍDEO NÃO-LOCALIZADO

Belíssima reflexão filosófica.

Observaram que, aos poucos, ela vai ficando com as cores que ela havia emprestado ao rapaz, que era, metaforicamente, a tela na qual ela estava trabalhando. Hoje, na nossa aula, nós teremos três filmes. Já estou colocando aqui no ponto o primeiro deles.

E teremos também uma obra, um clássico, uma obra muito bonita dos nossos estudos. Primeiro, vamos abrir a imagem. Não é, pessoal?

Não? Não? Hoje, nós temos convidados aqui no Instituto, colegas da área médica que estão acompanhando o nosso trabalho.

Uma das questões que, na área das afetividades, hoje, costuma causar impactos, costuma trazer muitas pessoas ao consultório, é a maneira como a afetividade é utilizada em várias áreas. A fluidez, a rapidez, a troca. Muitos parecem não ter mais paciência, ter mais tolerância, capacidade de perdão muito pequena, assim como a capacidade de amor.

Não é para todos, mas é uma das características muito disseminadas na nossa época. O conhecimento em torno das afetividades. Muitos filósofos anteciparam esses movimentos.

Bauman, por exemplo, em amor líquido. Byung-Chul Han, em suas obras, A Sociedade do Cansaço. Vários filósofos.

Jean Baudrillard, tentaram avisar para onde estávamos caminhando com tudo isso, os riscos e o que teríamos que trabalhar. De certa maneira, isso que se anunciava hoje é a pauta do dia. Muitos vivenciam isso.

E de maneira surpreendente descobrem que às vezes não é a outra pessoa que está assim. É ele mesmo. Assume uma relação afetiva, seja ela íntima, seja ela de acompanhamento, seja ela de outra ordem, e no meio do caminho, por uma decepção, por um desentendimento, por algo que usualmente poderia ser trabalhado com paciência, com compreensão, não.

A ruptura se dá. Alguns vivem olhando para o passado, vivendo elementos que já, em muitos casos, não existem mais, enquanto padecem duramente dos elementos presenciais, num ziguezague, em movimentos que não se resolvem. O nosso trabalho hoje diz respeito a isso.

Vamos iniciar com um pequeno poema cinematográfico. Este poema cinematográfico se chama Connect. É do autor Abrahams.

Abraham, né? Vem da Inglaterra. Este breve e muito tocante filme que vocês acompanharão agora mostra parte dos relacionamentos de hoje.

Conexões rápidas, fugidias, frágeis, que às vezes se alimentam para depois jogar a pessoa numa solidão. Às vezes alimentam para em seguida romper, fazendo o efeito gangorra, que para alguns, via contraste, é muito pesado. Alguns se estressam.

Alguns ficam desesperados, não sabem como lidar com isso. Não era assim há muito pouco tempo. E agora é assim e parece se aprofundar.

Uma menina entra dentro de um ônibus na Inglaterra. Está ouvindo uma música. Está com fones.

E ela observa ao redor com seus prejuízos, seus preconceitos. Para ela, as pessoas são egoístas. As pessoas vivem separadas umas das outras.

Ninguém dá bola para ninguém. Assim ela pensa o mundo. Assim é o mundo para ela.

Mas então acontece algo. Uma pequena brincadeira. Algo delicado.

Que a outra pessoa no início não entende, mas depois partilha com ela. E tudo isso evapora como borboletas que voam na primavera.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=SpOSIYHxAaE>

Essa obra nos coloca, do Abrahams, nos coloca diante de um dos dilemas do nosso tempo de hoje.

Muitas das afetividades agora são assim. Elas são efêmeras. Elas são instantâneas praticamente.

Acontecem por segundos. Unem pessoas. Constroem pontes.

E então desaparecem. Alguns não conseguem se alimentar com isso. É pouco.

Outros, com até menos, apenas pensando em algo assim, já se alimentam afetivamente. E muitos, não sabendo direito como lidar com isso, se perdem completamente. Não há anterioridade sobre isso na história da humanidade.

Até muito pouco tempo, nossas sociedades não tinham situações como estas, a não ser nas exceções. E agora, cada vez mais, nós temos isso. Precisamos trabalhar questões existenciais, filosóficas, de como isso pode participar na vida das pessoas, de uma maneira responsável, cuidadosa, ética.

Quais serão os caminhos? Para fazermos essas conversações, vamos retornar a alguns séculos. Vamos lá para os anos 1700.

Naquela ocasião, 1719, nesta obra que eu tenho em mãos, Robinson Crusoe, de Daniel Defoe. Daniel Defoe faz de Robinson quase um espelho para a vida dele. O Daniel teve uma vida complicadíssima, entre prisões, ficou completamente arruinado financeiramente, brigas, e era um homem complexo em questões de identidade e de opinião.

Dependendo do contexto e do que estava se passando, ele ia de um partido para outro, defendia causas diferentes, e tentava arrumar isso na alma dele. Quando, por volta dos 60 anos, ele tenta se erguer e constrói este personagem maravilhoso, o Robinson Crusoe, que mostra muito dos dramas de uma época. Lembrem, a Inglaterra, 1719, tinha um contexto muito diferente do que encontramos hoje, não apenas na Europa, que era a época do iluminismo, a racionalidade, o controle da natureza via razão, a explicação dos elementos todos, a época que era o auge das navegações inglesas, na África, as conquistas, o elemento colonialista para todo lado, e o público também, na Inglaterra.

Ele andava cansado, não queria mais romances, novelas com mitos, com épicos, não queria mais nada disso. Aliás, Daniel Defoe é um dos pioneiros no romance moderno, um romance que traz contextos concretos de cotidiano, com tintas realistas, ainda que no Robinson nós encontremos uma miscelânea dessas coisas. É um garoto que o pai quer que ele estude, que ele fique na Inglaterra, ele não quer nada disso, ele vai embora em uma embarcação e enfrenta muitos perigos, cai na mão de piratas, durante um período da vida dele ele é escravo, vem parar aqui no Brasil, trabalha com açúcar, tem um episódio que hoje não seria nada, nada politicamente correto, ligado à escravidão, à escravatura.

Alguns tempos depois, em suas aventuras pelo mundo, ele acaba em um naufrágio. E é o único sobrevivente, vai parar em uma ilha. Nesta ilha, ele chega com muitos problemas, com algumas coisas que ele consegue levar da embarcação, poucas coisas, e precisa agora viver.

Ele passará 28 anos nesta ilha. Até que um outro episódio semelhante faz com que ele consiga... No fim foi um levante que marinheiros fizeram em uma embarcação, ele vem parar ali, ele ajuda esse pessoal que acaba auxiliando no retorno à Inglaterra.

No meio de tudo isso, ele precisa lidar pela primeira vez com ele mesmo. Ele faz um diário, tanto para ter noção das coisas, porque rapidamente começa a perder, mostrando que o homem da modernidade colocou tudo para o lado de fora, esvaziando-se. Suas referências todas passaram a ser fora, diferente do homem da Idade Média.

Então ele precisava de um diário para se reconhecer temporalmente, existencialmente. Em tudo isso aparece... Um dia ele está caminhando e vê pegadas que o deixam apavorado.

Ele achava que estava completamente sozinho naquela ilha. Ele vê pegadas. Ele acompanha para ver, e descobre que uma tribo ia até lá e exercia antropofagia.

Eles iam devorar algumas pessoas e ele salva uma dessas pessoas, um índio. Como era sexta-feira, segundo ele imaginava o dia, ele chama este jovem de sexta-feira, que passa a ser seu amigo, sua companhia nesta ilha. Lembre-se, esta obra é de 1719.

O que vocês imaginam? O Robinson faz o papel do típico colonialista da época. Ele quer colocar os valores dele para a sexta-feira, a linguagem dele para a sexta-feira, a fé dele para a sexta-feira, e nunca, jamais o contrário.

Quem é o senhor ali é ele, não sexta-feira. Ele se comporta como dono da ilha. Isso muda ao longo da obra.

Nós temos variações muito interessantes que lembram muito a dialética hegeliana do senhor do escravo. Não tão rapidamente, mas temos vários fatores ali que lembram muito. Num certo momento da obra, um dia o Robinson considera uma canoa, que os índios conseguiam, a partir de uma árvore, fazer uma canoa.

Eu separei esse texto para juntos podermos aprofundar a questão ligada à maturidade e às pontes da afetividade. Não seria possível construir uma canoa, como fazem os nativos destes climas, mesmo sem ferramentas ou, pode-se dizer, sem mão de obra, de um tronco grosso de uma árvore. A partir daí ele queria construir essa canoa para poder retornar para a casa dele, que, no caso, era a Inglaterra.

Então, ele começa a considerar isso. Não só achei possível, como fácil, e me agradou extremamente pensar em fazê-la e saber que seria muito mais conveniente para mim do que para qualquer dos negros ou índios. Mas absolutamente não considerei as inconveniências especiais que pairavam sobre mim mais do que o fizeram os índios, a saber, carência de mãos para levá-la, quando pronta, até o rio.

Dificuldade esta muito mais difícil para mim de transpor do que todas as consequências da carência de ferramentas o seriam para eles. Pois, o que me adiantava se depois que escolhi uma grande árvore no mato, conseguindo com muito custo abatê-la, depois de cortar, aparar a parte de fora, até tomar a forma própria de um barco, e então queimar e cortar a parte de dentro para ficar oca, de modo a transformar num barco, se depois disso tudo eu tive que deixá-la onde encontrei incapaz de lançá-la a água? Pode-se pensar que não tive a mínima reflexão sobre minhas circunstâncias enquanto fazia esse barco.

Eu deveria, sim, ter imediatamente pensado em como colocaria no mar, mas os meus pensamentos estavam tão concentrados na minha viagem pelo mar, no barco, que nem por um instante refleti sobre como o retiraria da terra e, na realidade, seria naturalmente mais fácil para mim guiá-lo por 45 milhas dentro do mar do que por 45 braças de terra, onde ela se encontrava para fazê-la flutuar lá no mar. 45 braças, cerca de 100 metros, uma coisa assim. Agora vamos estabelecer as conexões aqui.

Para vocês não deve ter sido muito esquisito ouvir essa passagem do Robinson Crusoe considerando sobre o barco, a canoa, que ele queria construir, uma vez que antes disso fiz toda uma contextualização de época e do que estava se passando. Façam agora uma conexão com essa menina que entra num ônibus e que tem uma conexão muito rápida e profunda, espiritual, emocional, existencial com o rapaz e que logo termina. Ali não há contexto, ali não há qualquer aprofundamento.

Nossos colegas da antropologia, da sociologia podem considerar que há sim um contexto, que é o contexto da base categorial. Ou seja, a mesma época, a mesma língua, são conterrâneos, são contemporâneos, etc. Já há aqui, propriamente então, esses referenciais.

E, no entanto, isso não corresponde quando levamos essa questão à subjetividade. Na subjetividade, cada um pode estar habitando, ainda que dentro do mesmo ônibus, planetas e mundos completamente distintos, como colocava Feyerabend nas obras dele. Mundos diferentes.

Então, como fazer um contexto que parece perdido a partir da modernidade e que encontramos ainda em Robinson Crusoe, vejo um esforço dele numa ilha de manter a identidade dele. Não havia dúvidas sobre isso, quem ele era, o que estava fazendo ali, para onde ele queria ir. Muito diferente de hoje.

Como nós temos uma linguagem de conversação, o que ao longo do caminho parece ter se perdido e o que pode ainda conversar de modo a aprofundar certos relacionamentos que hoje estão fadados praticamente à ruína pelo próprio desejo que os concebe. Como fazer isso? Para cada pessoa haverá um mundo.

Vamos, a título de ilustração, esparramar um pouco isso.

Como propiciar, a esta menina, a este rapaz, se for necessário e se for deles, às vezes não, às vezes o próprio encontro por si se basta e se alimenta, mas se for algo para continuar, como propiciar a eles a estrada? Como eles podem propiciar a eles mesmos esta estrada? O que de questões como esta do Robinson Crusoe, que usa do diário, que usa de...

ele tenta reconstruir sua própria cultura dentro desta ilha isolada. O que pode ainda servir a esses jovens? Vários elementos.

Por exemplo, elementos éticos, elementos de reciprocidade, elementos de responsabilidade, elementos que para eles surgem a partir de uma afetividade atualizada, pode sim. Provavelmente, por exemplo, apenas como uma ilustração, se a menina fosse grosseira com o rapaz, provavelmente, na mesma hora, a conexão terminaria. Se o rapaz, ao invés de descer, permanecesse e começasse uma conversa, talvez, da mesma forma, aquilo se diluiria.

Vejam, como nós não temos mais referenciais, tudo parece fruto aleatório, *in actu(?)*, no livro do Sartre, a náusea. Para alguns será assim, mas para muitos não, eles nem querem viver isso. Se deslocam para as novas afetividades, mas querem certas seguranças, que provavelmente terão se considerarem essas conversações, ainda que isso não traga garantias, como não trazia também antes.

Gostaria de mostrar a vocês uma segunda obra, como um aprofundamento do que estamos vendo aqui. Essa segunda obra se chama The Bench, o Banco, Banco de Praça. O autor é o Toulon Stevens.

Muito interessante aqui. Aqui nós vamos ver consequências de uma afetividade atual, quando vivida aleatoriamente. No caso desta primeira ilustração no ônibus, pareceu romântico e bonito, não foi?

Mas agora talvez vocês repensem isso e procurem relações, para além desta afetividade, que possam até mesmo fazer bem a ela, a afetividade.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI: VÍDEO NÃO LOCALIZADO

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

A pergunta que havia sido feito é: dadas as condições das novas afetividades, dinâmicas, rápidas, paralelas às vezes, antagônicas muitas vezes, e outras. Dada a possibilidade de agora e, diferente de

antes, poder romper, poder fragmentar e tantos outros elementos, para aqueles que ainda necessitam, nas suas trajetórias, de certos elementos de maior profundidade, de maior pertencimento, não como era antes... nem é possível mais, mas que consista, que propicie uma solidez, uma caminhada com certa segurança e discernimento. O que é possível? Muitos elementos são possíveis. Um deles, diz respeito, aos entrelaçamentos. Significa, por exemplo: nesses encontros fortuitos, propiciados pela vida, parecem completamente fora de um elemento causal. Nestes elementos, por exemplo, o que acontece se a pessoa, ao prosseguir como é o caso destes jovens que se reencontraram no banco de uma praça se esse rapaz dissesse para a menina venha conhecer os meus livros venha conhecer os meus livros estes são os livros que eu costumo ler. Venha conhecer os meus defeitos. Venha conhecer os meus defeitos e mostrar-se para ela que ele, um dos defeitos dele é pensar demais nos outros, ou é não pensar de modo algum nos outros, que uma das qualidades, ele nomeia assim: Defeitos, Qualidades, ele dá esses nomes, que uma das qualidades dele é cuidar das plantas na praça, etc., se ele mostrar, esparramasse esses elementos a partir da afetividade que ele tem com essa menina, isto, este é o efeito do entrelaçamento, de relações tópicas, poderia fazer com que inclusive ela escolhesse se deseja prosseguir com isso ou não, se ficariam pela amizade mesmo, ou se conviveriam juntos, se teriam filhos e outras coisas, mais da vida, muito diferente de um relacionamento no qual você tem um dado estereotipado, o outro faz parte de uma estereotipia, não chega a ser um ser humano, é uma coisificação de um ser humano, aí os riscos são muito grandes, aí provavelmente, ainda em 2025, estamos diante dessas relações que, diante do primeiro conflito, vocês sabem as queixas que virão para o consultório, que não está afim de aguentar nada, que não precisa se adequar a coisa nenhuma e que não precisa esperar pelo outro, onde já se viu, vai dar 3, 4 anos da vida para uma pessoa que não merece, que não respeita, vocês conhecem o discurso da ruína das afetividades, como é possível aprofundar as afetividades se diante dos primeiros problemas a pessoa joga tudo por terra? Não quer dizer com isso não um elemento retrógrado no qual você precisa suportar uma escravidão afetiva a vida inteira, não se trata de uma ponta ou outra, mas de conversar elementos, é isso que se trata.

Vamos ver como termina este evento.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DO VÍDEO.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Destoa tanto, não é? Destoa completamente, de planos, de construção, de elementos que pareciam prosseguir por um bom tempo, se arruinam pelo caminho. Vejam, não se trata de uma situação na qual você terminou uma vivência que se esgota por si, mas sim de rupturas por não saberem prosseguir, é um outro fator.

E isto não é apenas nas afetividades, isso é amplamente disseminado nos nossos dias em várias áreas da alma humana. Vamos recuar um pouco no tempo, 1719, não quer dizer que é para adotar as métricas daquilo, isso nem é mais possível, é para se ter uma ideia dos componentes historiográficos que foram se perdendo. Robinson Crusoe está naquela ilha, eu sei que alguns podem pensar puxa, mas ali ele não tinha opção, ele tinha que pensar em sair dali e tinha que construir de qualquer jeito, não, claro que não, ele tinha opções, ele poderia querer ficar ali, seguir sua vida ali, gostar de estar ali, encontrar-se exatamente por estar ali, são várias as opções, mas a opção dele foi, eu quero prosseguir, vou continuar, vou tentar fazer essa canoa, sei o quanto é difícil, os problemas que eu vou enfrentar, mas vou fazer a canoa, ou vou tentar fazer esta canoa, mas vou para frente com ela.

A ideia da ruptura não era tão usual como é hoje, a ideia da ruptura hoje em relacionamentos, em afetividades, ela não é uma das últimas instâncias, ela é uma das primeiras, e isto é um grande problema, que está devastando corações, devastando almas, devastando vidas. Ele prossegue dizendo, comecei a

trabalhar neste barco, observem como a própria caminhada mostra as dificuldades e as arrumações a se fazer, e não as rupturas, como hoje é tão usual em tantos âmbitos. Comecei a trabalhar neste barco, mais idiota do que qualquer homem, com pelo menos um dos sentidos alerta, diverti-me com o projeto, sem determinar se seria capaz de executá-lo, a dificuldade de lançar meu barco, a água vinha frequentemente à cabeça, mas eu punho um ponto final às questões a respeito, com essa resposta boba que eu dava a mim mesmo, vamos primeiro fazê-lo, garanto que vou descobrir um jeito ou outro de levá-lo quando estiver pronto. Este método era completamente despropositado, mas a ansiedade da minha fantasia prevaleceu e pus mãos à obra. Abati um cedro, duvido muito que Salomão jamais tenha conseguido um desses para a construção do templo em Jerusalém, tinha 1,90m de diâmetro na parte baixa, perto da raiz, e 1,50m de diâmetro, uma distância de 7m, a partir de onde afinava um pouco e se dividia em galhos.

Não foi bem um trabalho infinito que consegui ao abater esta árvore, fiquei 20 dias entalhando e cortando a parte de baixo, fiquei mais 14 dias tirando os galhos e tocos, tirando a vasta copa espalhada, cortando e entalhando tudo com machado e machadinha, um trabalho inexprimível. Depois levei um mês para moldá-lo e apará-lo até as proporções e algo que seria o fundo de um barco, para que pudesse flutuar apumado. Estes elementos atávicos não chegam até nós?

Eles se perderam completamente, essas lições, elementos como estes? Perseverança, considerações, admitir que estou errado, mas sei, isso é uma fantasia, por um tempo preciso para conseguir. Onde estão?

Será que a modernidade, ao descartar tantas coisas para poder instituir navegações, novos mundos, ao espalhar objetos por toda parte, esvaziar o homem, acabou esvaziando coisas que exatamente fariam sentido para até viver estas coisas que ele construiu para fora? Don Quixote, Cervantes, nos dá uma lição completa sobre esse esvaziamento. Mas vejam, não é só ele, muitos outros autores já nos advertiam.

Custou-me mais três meses para abrir por dentro e modelar até torná-lo exatamente um barco. Isso eu fiz realmente, sem fogo, usando simplesmente marreta e formão e por meio de um trabalho árduo, até que consegui transformá-lo numa linda embarcação, grande o bastante, para carregar seis, talvez mais homens, e conseqüentemente, grande o suficiente para transportar a mim e toda a minha carga. Quando completei este trabalho, fiquei extremamente deliciado.

O barco era realmente muito maior do que qualquer canoa. Eu quero pontuar um elemento de conexão. Uma pessoa que rompe suas afetividades com ele mesmo, com os outros, com as estruturas e organizações ao redor, porque se frustrou com algo, se decepcionou, se sentiu injustiçado, porque não quer prosseguir, etc., pura e simplesmente arruína aquilo. Este homem terá uma possibilidade de um futuro próximo, entender o que é levar algo adiante, a concluir e sentir-se, diante desta conclusão, de uma certa maneira similar ao que ele descreve aqui, talvez para muitos isso não tenha mais nem sentido, não seja nem mais importante, não faça qualquer diferença. Sim, isso também é possível. O mundo é muito grande, é muito vasto, há lugar para muitas coisas, entre elas esta, que para muitos ainda cabe.

Uma última ilustração, essa ilustração é de 2018, é do Felipe Vargas, cineasta colombiano, radicado nos Estados Unidos. O Felipe Vargas nos traz uma obra que serve para um último aprofundamento nos nossos trabalhos de hoje, chamada The Guide, o Guia. Esta obra vai mostrar o prosseguimento provável do que estamos encontrando hoje nas rupturas.

Se prosseguirmos com isso e tornarmos isso, que agora ainda para alguns é motivo de vertigem, de desconforto existencial, mas se tornarmos tão plausível e cotidiano quanto era, por exemplo, este texto

em 1719 para aqueles ingleses, o que acontecerá? Como trabalharemos as questões das afetividades então? Este filme, o Guia, nos dá uma ideia disso.

Não que será assim, mas também poderá ser assim. Uma vez que as coisas podem ser substituídas, trocadas, quebradas, fracionadas, moduladas e tudo, e se isso se tornar uma regra, enquanto a exceção dirá respeito a outras coisas, como isso será trabalhado. Vejam esta linda metáfora que o cineasta colombiano nos traz.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=tb8iM47y8sQ>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER.

Não pensem nesse garoto como sendo qualquer outra situação, pessoa, criatura, que não nós mesmos. É o que poderemos provavelmente fazer. Poderemos editar nossas memórias, editar elementos inclusive de parte do futuro.

Poderemos navegar por várias situações e vê-las de várias formas, concomitantemente. Apagar, construir, criar, modificar. Isso hoje já é uma parte do que fazemos.

Em breve será muito mais. Mas isso sem sabedoria? Isso sem compreensão?

Isso sem entendimento? Se for feito apenas via uma tecnologia sem esses elementos, que mentes erráticas, não é? Que criaturas que surgirão a partir de elementos assim, pois ao mexerem em uma coisa pode quebrar tantas outras.

Se isso for feito simplesmente por conta de sintomas, não quer sentir dor, desconforto, etc. Imaginem a ruína existencial que se fará a partir daí. Que criaturas surgirão a partir de uma consideração como essas?

Desde lacunas, abismos existenciais e horrores de toda a natureza. Portanto, uma tal evolução pede necessariamente um aprofundamento da compreensão, do entendimento, para que se possa utilizar isso. Recuando, de novo, para os anos 1700, vamos ver o que aconteceu com o barco que ele estava fazendo.

Completei o meu trabalho, então. E quando completei o meu trabalho, fiquei extremamente deliciado. O barco era realmente muito maior, etc.

Agora vejam o que acontece. Mas todos os meus esforços para levá-lo à água falharam. Embora também me custassem infinito trabalho.

Ele estava a cerca de 100 metros da água e não mais. Mas o primeiro inconveniente era que o riacho estava morro acima. Bem para afastar esse desencorajamento, resolvi, então, cavar a terra para formar um declive.

Cheguei a começar e custou-me uma quantidade prodigiosa de dores. Mas quem se rende a dores tendo a libertação em vista? Mas quando isso foi feito e essa dificuldade resolvida, estava ainda bem empatado, pois eu não conseguia mexer a canoa como fazia com outro barco.

Então, medi a distância do chão e resolvi cortar um cais ou canal para trazer a água até a canoa, já que não conseguia levar a canoa até a água. Eu iniciei esse trabalho e quando comecei a detalhar e calcular a profundidade que teria de cavar, a largura e como retirar os detritos, descobri, pela quantidade de mão de obra à disposição, que era só eu que levaria 10, 12 anos até completar isso, pois a praia estava

no alto, de modo que a extremidade superior precisaria ter pelo menos 6 metros de profundidade. E assim, por fim, embora com grande relutância, desisti desta tentativa.

Isso me entristeceu profundamente e agora percebi, apesar de muito tarde, o desatino de começar um trabalho antes de calcular o custo e antes de julgar corretamente as forças para executá-lo. Provavelmente, num futuro próximo, nós não teremos nem notícia de eventos como este, porque teremos formas de lidar, de equacionar, de encurtar, de alongar, de transpor. Isso não será mais qualquer problema, não no quesito das afetividades e várias outras constituições humanas.

Mas isso, sem um conhecimento profundo, será um desastre completo. Será brincar com coisas cujas consequências podem nos levar muito longe na ruína. Assim como a sabedoria e os cuidados poderão nos levar muito alto na transcendência, na amorosidade, nos cuidados com a fé e com a alma humana.

Transcrito por [TurboScribe](#).

Aula 14 – Ética e Epistemologia – 21/11/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/%C3%89tica%20e%20Epistemologia.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem o estudo Uma Educação para as Emoções, uma parte avançada. No primeiro semestre vimos as emoções imaturas, que não puderam se desenvolver por uma série de causas, e neste segundo semestre estamos trabalhando a parte das afetividades amadurecidas. Nossa aula de hoje é um grande desafio, e é também um modo de cada um poder fazer uma autoavaliação profunda de sua caminhada até aqui.

Hoje nós iremos muito longe, faremos uma aula muito diferente das que já fizemos. Vamos iniciar indo a São Paulo, e de lá o professor Clailton apresentará a sua resenha, um momento muito aguardado. Boa noite, professor Clailton.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 14 de novembro.

O tema foi as vidas afetivas hoje. A falta de paciência, a capacidade de amar e de perdoar, tem se mostrado muito presente nos dias de hoje. Em contextos em que a compreensão poderia resolver, muitos seguem para o rompimento.

A falta de conhecimento das afetividades tem sido um elemento presente em meio a esses relacionamentos rápidos e superficiais. Uma das ilustrações dessa aula foi As Aventuras de Robson

Crusoé, de Daniel Defoe. Após um naufrágio, o personagem ficou isolado em uma ilha, mas mesmo nessas condições, ele se preocupou em manter sua identidade, sua cultura, ele usava um diário para fazer anotações, se preocupava em manter o controle dos dias.

Havia um mundo fora daquele lugar com o qual ele tinha laços, e a todo momento ele buscava meios de sair daquela situação de isolamento, se esforçava, construiu até um barco nessas tentativas. Na busca por alternativas para prosseguir, ele admitia que poderia estar errado, mas não ia deixar de tentar por isso, e a perseverança estava sempre presente. Naquela época, a ideia de ruptura não era tão usual como hoje.

Na atualidade, temos vivido em meio a inúmeras transformações sociais, muitos avanços tecnológicos, e a perseverança é um dos elementos que devemos preservar para viver tudo isso que está chegando. O Robson Crusoé é uma obra publicada em 1719. Esse recuo no tempo nos mostrou um modelo diferente do que temos atualmente.

Na atualidade, muitas vezes a ruptura ocorre porque as pessoas não sabem como prosseguir, em um mundo onde quase tudo pode ser substituído, trocado, fracionado, quebrado, e se continuarmos por esse caminho, alguns cuidados precisam ser tomados. Em breve, poderemos editar nossas memórias, acessar elementos do futuro, viver situações de várias formas, apagar, construir, modificar elementos. Mas vocês já imaginaram as consequências disso sem a sabedoria, sem um amadurecimento compatível com esses elementos, sem compreensão e entendimento?

Uma tecnologia fria poderia nos levar para onde? Quantos desejarão remover sintomas apenas, descartando todo o aprendizado do processo? Quantos, ao mexerem em um ponto, estarão esbarrando em outros, quebrando coisas que desconhecem?

Que criaturas sairão daí? Quantos abismos existenciais poderão surgir? Todos os recursos que se anunciam pedem por aprofundamento da compreensão e do entendimento para que possam ser usados.

Do contrário, poderá causar a ruína de muita gente. E já a sabedoria e os cuidados poderão nos levar muito alto na transcendência, na amorosidade, nos cuidados com a fé e com a alma humana. Ok, professor?

Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton. Estava ouvindo atentamente o senhor, fui buscar uma água ali do lado. Alunos que fazem o estudo ao vivo já sabem, não é?

Invariavelmente, vocês recebem lindo presente. Como mudou a configuração aqui do computador, eu preciso ver se tem alguém lá fora, a não ser que eu não esteja vendo.

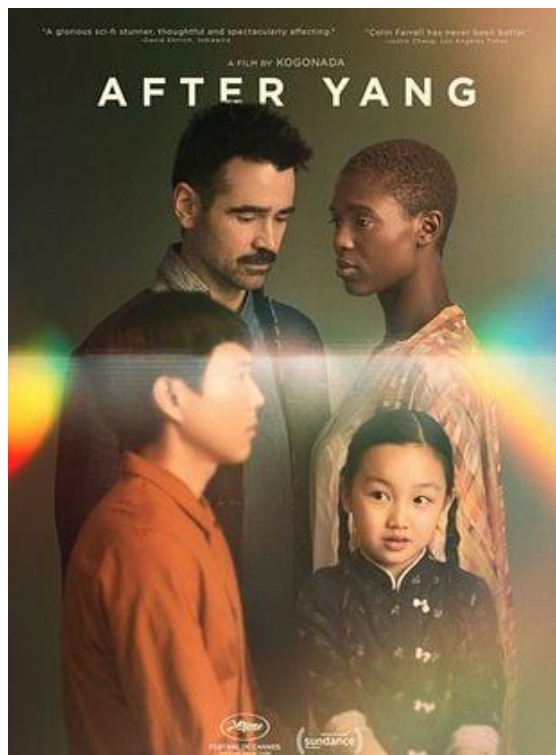
Uma artista digital norueguesa, Amanda Herrmann, costuma fazer fotomontagens muito bonitas e com o uso de vários recursos. Ela mistura pinturas, telas a óleo, ela usa plástico, ela tem uma riqueza. Também usa as IAs para fazer os trabalhos dela.

Muito bonita, ela tem toda uma série de trabalhos. Num desses trabalhos, ela faz uma crítica social muito interessante na nossa época. E eu não vou fazer spoiler, vou colocar para vocês.

Observem só por onde essa pessoa vai passar e se é a mesma pessoa e o que ela carrega com ela, todo o tempo. Vamos ver então ou partilhar a tela para o lindo presente que sempre quando fazem ao vivo, recebem. Aqui está.

VÍDEO NÃO-LOCALIZADO.

Boa noite aos colegas que fazem o nosso estudo com educação para as emoções. Em nossa aula de terça-feira, vimos uma obra cinematográfica, uma longa-metragem compilado para os nossos trabalhos com o título de After Yang, que era um rapaz, uma noite que num futuro próximo, dentro daquele contexto, um casal compra um robô. Compra e um robô humano, lembrem.



Esse casal compra para que a filha deles, que é muito pequena, uma filha que eles adotaram, possa ter a oportunidade de ter fluência na cultura dela, chinesa. Então eles trazem esse jovem, o Yang, para dentro de casa, para trabalhar e ajudar na educação da criança. Nós vimos longamente, com muitos detalhes, este trabalho.

Hoje nós vamos fazer um estudo que tem duas vertentes centrais. A parte ética, em seus desdobramentos, inclusive a filosofia moral, e a parte afetiva. Nós vamos levantar uma série de questões para conversar sobre isso.

Na parte que os colegas, alunos vão participar, essa parte não será gravada. Lembrem da proibição de gravar, está bem? Por favor, isso hoje é muito delicado.

Então o professor vai gravar a parte dele, a parte dos alunos não será gravada. Depois vocês receberão. Então vamos iniciar imediatamente.

Toda aula de hoje será esse aprofundamento. Quando o Yang para de funcionar, há muitos contrastes aqui. Aqueles que acompanharam a aula notaram que há um paralelismo entre várias obras. Eu coloquei uma obra de uma médica, a Timerman, uma psiquiatra paulista, em contraposição ao filme, mostrando os elementos no cotidiano que hoje já ocorrem. No conto original, que dá origem ao filme. O conto original foi escrito por Alexander Weinstein, um escritor que coloca uma obra, aliás o título é como para as crianças, como as crianças vão lidar com essas novas tecnologias.

Era a preocupação dele. É diferente do filme. A começar do narrador, que é o marido da Kyra, que nos conta a história.

Também há muitas diferenças. Quando no filme o diretor Kogonada, diretor sul-africano, desenvolve muito mais, leva muito mais longe. O texto no conto é breve e mais singelo.

Quando o Yang para de funcionar, no texto, no conto, em casa eles tentam reiniciar. Ele vai ver o manual de instruções, para ver o que havia acontecido e como colocar ele de volta em funcionamento. Ele leva na loja onde ele comprou, mas a garantia já tinha expirado.

Então é aí que ele vai procurar uma oficina, muito duvidosa para isso tudo. Diferente do que acontece no filme. O filme vai muito mais longe e nos joga diretamente dentro de questões éticas e morais muito graves na nossa época.

Vamos começar pela primeira. A ordem aqui não será exatamente cronológica. Obedecerá outros fatores epistemológicos e também de complexidade.

A primeira questão ética que eu gostaria de colocar a vocês é a seguinte. O personagem do filme, o ator que faz o papel do pai daquela família, ele compra o Yang. Quando o Yang para de funcionar e ele tem a possibilidade de acessar as memórias do Yang, coisa que a fábrica que projetou este humanoide diz que não era permitido, que era ilegal. A lei não permitia isso. E quando aquele senhor na oficina diz a ele, eu posso acessar para você, ele diz, não, isso é ilegal. Mas depois ele aceita acessar as memórias do Yang.

Isso do ponto de vista ético, do ponto de vista moral é aceitável, segundo os nossos padrões de época? Vejam que ao fazer isso ele não estava acessando somente as memórias de uma propriedade que ele tinha, porque afinal ele comprou esse robô. Ele tinha papel e pela lei era propriedade dele, como um automóvel, como uma casa, propriedade.

Ele não podia acessar essas memórias? Se podia acessar essas memórias, como separar? Porque vejam bem, esse humanoide tinha, o Yang era muito amigo também da esposa dele. Há conversas belíssimas de um filme, não é? Que aparecem eles. Também da filha, que o considerava um irmão, é lícito, do ponto de vista moral é razoável aceitarmos isso, é ético aceitarmos isso?

Na obra que conversou com este filme vimos uma psiquiatra contando da morte do pai dela e ela tendo que lidar com o computador do pai dela depois que faleceu, com as roupas, com os livros, com os fichários das pessoas que ele atendeu, ele era médico, como ela também era, e os dilemas que ela encontrou por tudo isso, ela conta no livro. Nesse aspecto, no entanto, é muito diferente? É completamente diferente?

Gostaria aqui de ouvir a opinião de vocês e vou aprofundar depois com novas questões a partir daí. Parar o gravador.

Vamos agora a uma segunda questão ética, moral e afetiva dentro do nosso trabalho, vinculado ao estudo que fizemos.

Vimos a opinião de alguns colegas quanto a esse primeiro elemento das memórias, se tem direito ou não acessar essas memórias e o que decorre a partir daí. No filme há leis que tentam regulamentar isso. Provavelmente teremos várias dessas leis e condições de acesso e outras coisas mais.

Lembrem também que a dimensão que afasta e que diz isso é um ser humano, aquilo é um androide, cada vez mais isso se aproxima. Hoje a neurologia tem como algo muito provável que em breve

poderemos acessar nossas memórias semelhante a como vimos no filme. Quais os direitos que teremos a partir daí?

Poderemos alterar memórias? Sendo que uma parte é nossa, às vezes outra parte é social, há muitas questões existenciais aqui que precisarão ser trabalhadas sobre o crivo da própria filosofia, da filosofia clínica. Mas eu gostaria agora de propor um segundo aprofundamento.

Neste segundo aprofundamento entra um elemento delicado. Quando ele vai acessar as memórias, o Jake vai acessar as memórias do Yang, que era um androide, ele encontra ali material como, por exemplo, as conversas que o Yang tinha com a esposa dele, conversas belíssimas sobre mortalidade, sobre a transcendência, sobre a vida. Yang tinha lido filósofos chineses e discutia e conversava com ela.

Ela colocava questões de foro muito profundo, íntimo, sobre o que ela acreditava, sobre a vida, sobre a morte, sobre se haveria uma continuidade ou não. Ele também se posicionava, ao acessar, ele teve acesso a isso. Aqui a questão ética se torna ainda mais complicada, bem mais complicada.

Peculiarmente no filme ela parece não se importar com isso. Como parece não se importar também com o fato da filha deles. Toda a vivência que ela teve com o Yang, belíssima, conversas muito profundas, sublimes, agora estava exposta.

E o Jake vai acessar e acompanha isso. Isso tudo causa uma modificação enorme na vida dele. Ele se dá conta de que tratou o Yang como um eletrodoméstico, não como o irmão da filha dele, como a filha o tratava.

Como a esposa, aliás, tinha esse rapaz, o Yang. Para eles ele era alguém da família, para o Jake ele parecia mais um eletrodoméstico, um computador. Uma peculiaridade é que o Alexander Wiseman, quando fez esta obra, ele conta numa das entrevistas dele, que ele se inspirou vagamente no fato de um dia o computador dele ter apagado e ele perdeu anos de trabalho.

Uma época que não se fazia backup nas nuvens e nada disso, ele perdeu tudo que ele tinha no HD daquele computador e foi uma das inspirações dele para esse trabalho. Muito bem, vamos prosseguir agora. O que eu vou dizer parece algo que não é coerente com a nossa época.

E, no entanto, há grandes discussões nesse momento sobre isso. Yang, esse jovem androide, homínídeo, o Yang tem direito à privacidade? O Yang tem direito à privacidade dele? Ou não tem direito à privacidade dele? Ele é propriedade, ele é coisa, ele foi comprado em uma loja, ele tem um selo de garantia, ele pode ser desativado. No filme nós vemos uma senhora da universidade dizer que poderia transplantar aquilo para uma outra cabeça, para um outro computador, eles poderiam interagir com aquilo e eles não aceitam.

Yang para eles, inclusive para Jake, deixa de ser isto que ela propõe, ele é muito mais, ele é muito mais que o próprio corpo que ele tem, ele é um ser, nós não sabemos a dimensão deste ser. Quando Jake, e depois veremos isso também, é outra pergunta, vai atrás de Ada, a menina com quem o Yang tinha uma grande amizade, profunda amizade, ele questiona qual é a natureza da relação que vocês tinham? Ela disse não importa, não tem nome, era muito profunda, não era namoro, não era nada, era uma outra coisa, para a qual não há nome.

Belíssima, belíssima essa resposta que ela dá a ele, que estava tentando entender as coisas. Mas a pergunta aqui é se ele tem direito à privacidade, e se tem direito a essa privacidade, qual tipo de privacidade ele tem? Porque aqui nós vamos incluir um outro fator muito sério para uma sociedade como a nossa, que é a quem pertencem as memórias do Yang, pertencem à fábrica, irmãos e irmãs que

o projetaram e venderam a sociedade, pertencem ao Estado, ao governo, as memórias do Yang pertencem à família que o comprou, a Kyra e ao Jake, é deles, ou a privacidade, as memórias do Yang pertencem a ele mesmo.

No momento em que a fábrica, com a força da lei, diz que é ilegal alguém acessar aquilo, já temos uma resposta. Mas então eles são donos dessas memórias, dessa privacidade? Considerem que a resposta para isso nos colocará em vários impasses, seja ela qual for.

Vamos ouvir então a opinião dos colegas que fazem este curso, temos aqui psiquiatras, pedagogos, psicanalistas, sacerdotes, filósofos clínicos, temos vários colegas de várias áreas, um curso muito rico na sua diversidade, vamos ouvir esses colegas, o que eles têm a nos dizer. Uma das obras que separei para conversar com tudo o que estamos fazendo é Crime e Castigo, de Dostoiévski, que antecipa várias dessas questões, muitas e muitas décadas antes. Nos diálogos do policial com Raskolnikov, nós temos tantos elementos éticos e morais como estes que estamos vendo aqui, que praticamente ele prefacia essa nossa época.

E a outra obra é Fenomenologia do Espírito, de Hegel, desde o seu início, quando ele mostra o conhecimento mais frágil que é aquele derivado dos sentidos, depois ele aprimora a percepção até que ele chega lá adiante ao espírito, uma caminhada rumo ao absoluto. Vários dos dilemas éticos que estamos tendo agora encontram nestes autores já prefácios importantíssimos, fundamentais. No momento em que se diz, não, Yang não tinha direito à privacidade, ele foi comprado, ele era uma propriedade, ele, a família, a sociedade, assumiram esse acordo social, portanto não há espaço para privacidade.

Bem, se eu coloco desta forma, desta maneira, e vejam, isso é um parecer entre muitos que poderiam, inclusive pareceres que endossam que eles sim teriam direito a uma privacidade restrita até para poder funcionar, até para poder ouvir, por exemplo, da Kyra, que é a mulher do Jake, determinadas confissões, e ela dizer para ele, por favor, isso não pode sair daqui da nossa conversa, e ele ter de respeitar. Isso envolve, de certa maneira, a privacidade, direito a ela. Então, mesmo que limitada, sim, ele provavelmente tinha.

Agora, no momento que eu digo, não tem direito a essa privacidade, a própria lei que tenta preservar a família, a coloca numa situação de grande risco, porque esse que diz não tem, se é o Estado, se é a empresa que pode acessá-lo, o próprio mecânico diz para ele, na oficina, a empresa pode acessá-lo e a quantidade de dados sobre a sua família é muito grande que eles terão acesso. Vejam, são questões dilemáticas. Só que como o Android, ele se humaniza, ele começa a aprender, a crescer, e ele mesmo entende o papel da privacidade, nos dando lições que a própria humanidade parece muitas vezes ter esquecido.

A privacidade não é simplesmente um estatuto. À medida que se aprofunda uma vivência, ela toma outros lugares, outras dimensões, outros elementos muito graves, muito profundos. Por exemplo, as distâncias entre as coisas, entre as pessoas envolvidas, entre os fatores.

Há elementos, eles aparecem dançando, a dança da família, todos brincando, cantando. No livro, diferente do filme, a pane que ele tem faz com que ele parta a cabeça repetidamente num pratinho de cereais. No filme é na dança que ele tem isso.

Quando ocorrem esses elementos, a privacidade se dilui porque ele vai se relacionar com a menina que o considera um irmão, diferente de como ele se relaciona com o Jake, que o pega como se fosse um saco de batata, para levar para qualquer lugar, daquele jeito. Aquilo não é uma maneira de pegar, por exemplo, uma criança, um ser humano, que acabou de apagar e desmaiou. Ninguém pega daquele jeito.

Para quem acompanha um filme, é pesado ver aquilo, como ele coloca sobre os ombros o Yang, que parece realmente um boneco ali, e não mais algo como ele era. Então a privacidade aqui ganha outros elementos. O que vem agora é ainda mais complexo, mais delicado, e nos coloca em situações ainda mais, em perspectivas, mais profundas.

Para isso, nós precisamos ir com vagar aqui, está bem? Esse escritor, o Alexander Weinstein, ele é de origem judaica, ele teve uma sólida formação, um escritor conceituado, e dentro desses escritores judeus é muito comum a questão da família, a gente vê volta e meia a família, a cultura, etc. Vocês notaram que tanto no conto escrito, quanto no filme, não aparece, por exemplo, a voz, não aparecem tios, não aparece ninguém.

Há uma família nuclear, conforme nós entendemos, o pai, a mãe e a criança, mas não há avós, não há ninguém. Existem amigos, existem trabalhos, eles se relacionam com pessoas, a obra começa com ele na loja de chá, vendendo uma senhora, procurando um determinado tipo de chá, mas não há familiares. Vamos ver um elemento.

Ainda que os textos do Weinstein sejam minimalistas, costumam ser, isso poderia ser uma hipótese, e aqui vamos com cuidado com essas colocações. Será que o Yang era o único androide nessa história? Dada a natureza dos diálogos, dadas as disposições de como as coisas se passavam, será que ele seria o único androide aqui?

Há vários indícios aqui importantes. Nós vimos que o Yang tinha memórias, ele conversava com fatores. Vocês lembram?

Eu gostaria de ter vivido isso, mas não vivi. Eu tenho lembranças que foram colocadas, eu sei o que é uma borboleta, eu sei o que é liberdade, mas são conceitos que foram colocados.

Desta mesma forma, seria possível que um outro personagem, a própria menina, fosse um androide, ainda que não o soubesse? E pela maneira como o próprio Yang é tratado na obra, o autor nos dá, nos deixa uma pergunta. Ué, se o Yang está sendo tratado assim, o que a fábrica, ou a sociedade, ou alguém interessado, a própria universidade, poderia tranquilamente fazer de Jake um androide, ainda que ele não soubesse, achasse que era um ser humano?

Como os devidos implantes e tudo mais, como um experimento social, abalizado pela universidade, pelo hospital, para saber como um androide se comportaria em situações nas quais alguém como Yang falhasse, apagasse simplesmente, e tudo mais? Experimento? Na sociedade dos homens, isso não seria nem a décima, nem a milésima vez.

De tantas vezes que coisas assim já foram feitas, profundamente dilemáticas, e do ponto de vista da ética, dos elementos morais também, muitas vezes indefensáveis. E a obra nos deixa margem para isso. Ela não afasta isso.

Seria muito improvável que a menina passasse por um drama como esse e ela fica abaladíssima. A menina não consegue ir para a escola. A mãe suspende a escola e diz, não, você fica com o seu pai hoje, não vá para a escola.

E ela quer ficar todo o tempo. O irmão dela que apagou. Então, antes de prosseguir, deixa eu partilhar a tela com vocês para vermos só esse trecho apenas.

REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

A questão aqui que eu coloco agora como uma indagação é a seguinte. Bem, o pai, para ele, Yang, é uma espécie de eletrodoméstico sofisticado, um computador.

Até na maneira de ele lidar ali diante do dono daquela oficina, do técnico. Diferente, vejam bem, de como a filha lida. Para ela, Yang é uma pessoa, é seu irmão.

E ela quer que ele fique bem. Para ele, é diferente. Muito bem.

A mãe, a Kyra, que é a mãe desta menina, da Mika, sabendo desta situação e durante toda a obra, ela é extremamente correta, não é? Enquanto o Jake diz, ele vai ficar bom, ela diz, nós não sabemos se ele vai ficar bom. Ele vai, eu vou arrumar. Você não sabe se ele vai arrumar. E quando ele sai e vai em outras duas oficinas, três oficinas, ela diz, o que está acontecendo? Você disse que era rápido, que iria, que estaria tudo bem. O que está acontecendo? E cuida de preservar a filha. Ok.

No entanto, esta mesma mãe sabe que a filha tem um envolvimento que ultrapassa essa dimensão. Com o Jake, ela fala em consertar e arrumar. Eles evitam em querer reciclar, que é o que esse técnico recomenda.

Tudo isso. Mas com a filha, ela tem uma linguagem que mostra que ela aceita que a menina, a Mika, trate o Yang, o androide, como um irmão. Esses elementos parecem razoáveis.

Ela está conversando com duas pessoas diferentes, então não tem nenhum problema. Com a filha, quando conversa, o Yang é um irmão, é um membro da família, é como se fosse um filho. Com o Jake, não.

Ela entende que ele é um computador, ele é um robô, etc. E quando eles sentam para almoçar, todos juntos, e aí há essa interação. Ela sabe, com uma régua, dividir direitinho, dizer para cada um deles é isso, é aquilo.

E quando os dois estão dialogando com o Yang, o que acontece muito durante uma refeição, a gente conversa com várias pessoas, ela sabe separar esses elementos todos? Eu vou dar um exemplo para vocês, corriqueiro da clínica, que mostra os dilemas disso.

Por vezes, na família, estão almoçando, jantando, brincando, contando piada, e a mãe grita lá da cozinha, para o pai ir até a quitanda, que faltou algo que ele precisa buscar. Tem alguns amigos ali e tal, e ele diz, tá bem, vou até lá e vou com meus filhos. E um dos filhos fica parado, olhando, porque esse é um filho que ele diz que é filho do coração, que diz que é filho adotivo.

E já ouviu esse pai falar muitas vezes, que filho, de fato, é aquele que é biológico. Vejam bem, não viu isso diretamente, viu indiretamente, quando esse pai, meio alcoolizado e com os amigos, entre piadas, deixou escapar isso. Então ele não sabe se ele pode ir, por ser filho do coração, mas não propriamente filho, ou se não pode.

Esse dilema, a mãe da Myka, coloca amplamente nesta obra, gerando vários contrastes, elementos éticos, elementos morais, delicados na nossa época, que costumam respingar nos nossos consultórios. Essa é a questão. Vou parar o gravador para ouvir os colegas sobre isso.

Vocês observam... Vamos agora aprofundar mais ainda os nossos elementos. Quando algumas pessoas nos contam no consultório, como é que foi a historicidade delas, ambiente familiar, etc., às vezes surgem coisas como, a menina nos diz que ela, quando a avó estava junto com ela, adquiriu uma coragem, uma confiança imensa. A avó chegava na casa dela, durante os meses de férias, colocava uma Nossa Senhora das Graças linda lá no jardim, e faziam orações no jardim e tudo, e diz que os outros membros da família

tinham grande respeito por essa avó, e que ela se sentia muito corajosa com essa avó por perto, e conseguia expressar emoções que normalmente ela não expressaria de maneira respeitosa, mas graças à avó que estava por perto, ela conseguia fazer isso. Muito bem.

Quando a avó se afasta, volta, ela mantém muito disso, mas já não é a mesma coisa de quando a avó está presente. Guardadas as proporções e diferenças que temos aqui, são muitas, não é? Jake começa a mudar muito profundamente o modo de ser dele, quando ele acessa as memórias de Yang.

Lembrem que quando começa a obra, a esposa está se queixando com ele. Ela diz, olha a nossa filha, está dizendo que nós não temos tempo com ela, que nós não estamos com ela, que nós delegamos tudo a esse androide, ao Yang, para cuidar dela e tal, e ela está se ressentindo. Cadê os pais?

Está se apegando muito ao Yang. E o Yang é uma inteligência artificial, é um robô, não é um pai, uma mãe. Ela se queixa no início do filme com ele.

Ele diz que vai mudar, que vai... Ela diz, você já falou muitas vezes isso, você está sempre na loja, sempre cuidando do chá. Ela depois, numa outra sequência, aparece com a filha, a Myka, dizendo para ela, minha filha, o teu pai precisa trabalhar.

Ele está trabalhando, você sabe que isso é importante para ele. Ela tenta contemporizar e orientar a criança. Aí acontece um fenômeno curioso.

Jake muda não por causa da esposa, não por causa da filha. Ele muda porque ao acessar as memórias desse androide, do Yang, ele vê tanta pureza. Ele vê tanta transcendência, tanta humanidade, fé, amor.

Coisas que estavam apagadas, atenuadas da vida dele. A maneira como ele ensina para a menina, há várias tomadas. Olha, vou partilhar uma com vocês antes de a gente prosseguir.

[Palestrante 2]

Ah, certo. Parece assim, não é? Aqui, vamos encontrar uma que já está conectada.

Ei, Ei. Veja essa ponte? Essa ponte é também de um outro três.

Mas olha, você está conectado com a mãe e o pai igual a essa ponte. Você é parte do três da família. Sério.

Então, você também. Por que eles fazem isso? Por que eles mudam as pontas para diferentes três?

É chamado de grafite. Eles fazem para fazer algo novo. Algumas das maçãs que você ama foram produzidas combinando diferentes três.

É uma técnica antiga que foi usada na China há mais de 4.000 anos. Um fato divertido da China? Sim, mas você deve saber que ambos os três são importantes.

Não apenas esse, mas o três desta ponte também. O outro três da família também é importante para quem você é. Você entende?

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Uma lição belíssima que ele coloca. E isso que vemos, o próprio Jake viu ao acessar as memórias dele. E isso começa a mudar completamente o modo de ser de Jake.

Ao final do filme, ele diz eu não quero que exponham o corpo de Yang num museu. Não quero isso. Acho que deveriam acessar suas memórias.

Quer dizer, como um paradoxo, uma contradição que eles não conseguem resolver. As memórias podem, mas o corpo não pode. Mostrando os preceitos de desenvolvimento da época em que isso se passa. Em outro contexto, isso seria diferente.

A questão aqui diz respeito a isso. Então, Jake se modifica.

Melhora como ser humano segundo os padrões da época dele e do contexto dele. Se humaniza, e só se humaniza por acessar uma parceria com um androide. Com alguém que não é humano, mas cuja manifestação é humana.

Há muitos problemas aqui, delicados, que não conseguimos, tal qual um nó que não conseguimos desatar, ocorrem aqui. A filha, às vezes, só gostará deste pai pela parte deste pai que pertence ao androide e que agora habita nele. Um modo de ver o mundo, uma maneira de responder, que às vezes o próprio pai não entende muito bem por que fazer assim.

Mas traz como um implante existencial de aprendizagem pedagógica deste androide. Então, a filha, neste caso, não está gostando exatamente do modo de ser do pai, mas do modo de ser do Yang, que agora habita o pai. Bem, isso não é mecânico de tal maneira que está pronto e é desta forma.

Muitas vezes, se Yang se afastar da família, a menina já não encontra mais isso no pai, ainda que permaneça nele. Essa dimensão ética, esta dimensão moral, faz emprestar aos outros elementos que agora vão caminhar para a axiologia, os valores. O valor que ele pagou pelo Yang na loja não corresponde ao valor que Yang tem para esta família.

A própria esposa dele concorda, se não vamos fazer isso, ele não irá para lá. Observe as dimensões que isso aí começa a repercutir. E o que corrobora com isso que estou falando é a lição que o Yang dá para a menina, a Mika, mostrando para ela que ser filho, ser irmão, ser marido, esposa, pai, mãe de alguém não tem a ver com propriamente o sangue, a carne.

É algo que vai muito além, envolve espiritualidade, afinidade, amor. E sendo assim, se o amor é algo que faz disso, algo muito diferente, vejam que o fato de alguém ser androide ou ser humano fica aqui nesse caso em xeque. O que teríamos, então?

Talvez, como a Ada fala para o Jake, quando ele pergunta, mas qual é a natureza do relacionamento que você tem com alguém como Yang? Ela diz que não sabe. É uma afinidade, é uma empatia, é uma amorosidade, é uma confiança.

Mas ela não tem mais um nome para isso. Como teria? Que nome ela poderia ter?

Não havia esse tipo de situação antes. Não há também agora, porque ela nem sabe definir, nem sabe como vivenciar isso. Mas quando o Yang voltou, ela foi atrás dele.

Vamos ouvir agora os colegas a respeito mais deste elemento, desta questão existencial. Agradeço a opinião dos colegas, o parecer dos colegas, o estudo que estamos fazendo juntos. Havia falado que é importante que lidemos com isso, que filosoficamente possamos dar esse passo. Muito importante. Pelos nossos filhos, pelos nossos amigos, por nós mesmos, pelos nossos netos. São questões que estão agora na pauta do dia.

Vamos aprofundar um pouco mais o que estamos considerando aqui. Quando este androide vai viver com esta família e é humanizado por esta família, sabendo que há limites, uma vez que ele é uma propriedade, ele foi comprado, ele tem um selo de garantia, ele tem manutenção, uma série de alimentos, ele é um robô, um androide, não é um ser humano. No entanto, aos poucos, esta família e a

própria propaganda que se faz para que ele possa chegar até essa família, suas funções, etc., fazem com que cada vez mais características humanas sejam colocadas, emprestadas e levadas a ele. Por exemplo, não apenas as roupas que ele utiliza. Ele é um robô, ele não precisaria utilizar roupas, mas ele utiliza roupas. Ele se alimenta, ele tem todo um aparato neurofisiológico, tem todas as composições que um corpo humano tem.

Quando ele apaga, uma das coisas que o filme diz é que se não for consertado logo, vai começar a se decompor. Então ele tem todos esses elementos baseados no organismo humano. Muito bem.

Para além disso, agora, entra a crônica social da existência, que é assim. Nós agora nos aproximamos do Natal, a maior festa do Ocidente, não é? Então, no Natal, Yang vai receber um presente?

No Natal, Yang receberá o abraço, o carinho da confraternização? No Natal, ele poderá ir à missa? No Natal, ele poderá expressar o que ele está vivenciando?

Mais que isso. A Mika fará muitos aniversários. O Yang terá algum aniversário?

A data de ativação? A data de fabricação? Ele será comemorado esse aniversário?

Ele terá outros elementos? Provavelmente, muitas famílias sim. Ele terá aniversário?

Ele terá bolo de aniversário? Ele pode convidar seus amigos, como a Ada? E outros fatores mais.

Se isso avançar um pouco mais, alguns não terão mais como diferenciar e não haverá mais uma separação do que é humano para o que não é humano. Isso não é apenas uma nomenclatura. No momento em que não se souber mais dizer diante da pergunta você é humano ou você não é humano e a resposta for não sei, você sabe, e o próprio ser humano não souber a resposta a isso, teremos problemas.

Nossa sociedade tem um dos modos de operar, catalogar tudo, etiquetar tudo, colocar tudo em caixinhas, em departamentos e tudo mais, legislar a respeito. Neste momento, o que ocorre? Ela não saberá o que fazer.

Terá que criar uma categoria dos indefinidos que terão seus direitos, que terão suas prerrogativas e outras coisas. Os indefinidos. Que à medida que tudo se aprofunda, muitos indefinidos deixarão de ser indefinidos.

Serão não humanos por escolha ou serão humanos por escolha? E para muitos isso já não caberá em qualquer lugar. Entre outros problemas aqui que colaboram para essa complexidade está o fato do próprio ser humano estar caminhando e se movendo rapidamente para outras paragens.

Até há pouco tempo, uma pessoa chegava a 70 anos de vida e o que ela tinha de horizonte para a vida dela? Estava com chininho de dedo, dentro de casa, aposentada, não tinha muito o que esperar. A visita dos netos.

Hoje, muitas e muitas pessoas com 70 anos estão namorando de novo. Enviuvaram, agora estão namorando de novo. Alguns estão com novas atividades.

Alguns estão fazendo muitas coisas. Resolveram mudar de residência, mudar de país. Algo impensável há muito pouco tempo.

Mas essa mudança social parece em alguns casos pequena diante de outras mudanças que estão acontecendo. Mudanças físicas, anatômicas, fisiológicas. Estamos vivendo mais tempo com mais qualidade.

Estamos mais resistentes, mais fortes. Aprendemos que podemos mudar, vejam bem, a própria anatomia do corpo. Por cirurgias plásticas, pessoas colocam próteses, colocam perucas, colocam dentaduras, colocam próteses no quadril, no joelho e muitos outros elementos.

Hoje nós transplantamos o próprio coração. Isso não vai parar aí. Isso vai prosseguir, gostemos ou não.

Então, como filósofos, precisamos ver direitinho estes elementos. Trabalhar isso. Na Universidade de Sevilha, na Espanha, sul da Espanha, minha conferência tratou desses elementos, entre outros, mas deste elemento.

E dos riscos que corremos se não começarmos a aprofundar reflexões filosóficas sobre isso. Esse momento provavelmente chegará em algum instante e estaremos diante disso. É um grande problema para nós.

Nós construímos tudo com o pressuposto para a humanidade. Essa primogenitura que temos diante das criaturas e outras coisas mais, diante de Deus, não é uma tarefa simples separarmos isso à força de decreto, de leis. Vejam o que Tomás de Aquino escreve sobre os nossos bichinhos que amamos de estimação.

Há muitas questões aqui. Vejam como o próprio São Francisco lidou. Como os nossos irmãos índios lidam com isso.

Como muitos povos pelo mundo. Isso é uma questão a ser trabalhada. Não é algo que se resolve numa aula de filosofia.

É algo que talvez não tenha nenhuma resolução, mas encaminhamentos, aproximações. Neste item, então, o que eu quero colocar como questão é Jake começa a se humanizar através do Yang, através das memórias dele. Começa a retornar sua afetividade, a retornar seus princípios.

Agora, vejam, são princípios humanos ou já são vivências que ultrapassam a dimensão humana que um homem, na situação dele, teria? E se for assim, qual a validade disso? Há elementos ilustrativos em outras áreas da humanidade?

Temos muitos? Quando começamos a literatura, por exemplo, a imprimir livros, vender livros, distribuir livros, não houve isso? Com relação a personagens?

Com relação a atores e atrizes de cinemas, que há muitas gerações tinham cartazes na parede, eram fãs, não é? Lá estava a Rita Hayworth, lá estava Rodolfo Valentino, não era também um elemento que antecede isso que estamos presenciando? Há muitas?

Quando Voltaire viu na Europa os primeiros autômatos no Jardim do Palácio e disse, nossa, que coisa! Há muito disso. Ou seja, não é de agora, isso já vem de muito tempo, agora apenas se tornou mais intenso, mais rápido, e está mais próximo.

E precisamos elaborar essas questões com muitos cuidados. Vamos voltar ao filme para ver um outro trecho, muito bonito.

REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

Para uma forma de vida. Para uma forma de vida. Então é isso que você gosta do chá?

A busca. Não tanto o gosto. Não, o gosto também.

Há essa... Há essa parte no filme, é uma ótima parte, onde o homem explica ao seu amigo alemão por que é tão difícil para ele descrever o gosto do chá. Ele diz que não há língua para isso, não há palavras adequadas para expressar a natureza misteriosa do chá.

E seu amigo alemão, que está perto dele, com um copo de chá, diz, sim, mas eu imagino coisas como você está caminhando por uma floresta e há ervas no chá, e acabou de chover, e o chover parou, e você caminha, e de alguma forma, isso tudo está nesse chá. Eu amei muito isso. Eu amei muito isso.

De alguma forma, isso tudo está nesse chá. De alguma forma, isso tudo está nesse chá. Eu assisti isso de vez em quando.

Eu gostaria de assistir esse filme. Talvez possamos fazer isso juntos. Sim.

Isso seria bom. Então você acredita? O que?

Que um copo de chá pode...

Vamos testá-lo, vamos? Você quer senti-lo primeiro. Não há apenas sabor e aroma.

Há história também. Tradicionalmente, em lojas de chá, eram negócios de família, passados de uma geração a outra. Ou passados de uma geração a outra.

Você conhece isso, de geração a geração. Talvez é hora de eu ensinar-lhe o trabalho. Vamos ver se podemos provar o mundo juntos.

Bebê-lo tudo de uma vez.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

E uma última questão ético-moral, ligado ao trabalho que estamos fazendo aqui. Nesta última questão, temos um trocadilho cinematográfico e existencial, que é a seguinte pergunta. Eu entendo que em uma aula como esta, ao perguntar, e vários colegas responderam, vocês usam todo o aparato de entendimento que construíram até aqui.

Suas reflexões, suas crenças, seus modos de ser no mundo. Ok. No entanto, qual foi a relação que cada um de vocês estabeleceu com o Yang durante os breves trechos que foram colocados?

Esta relação que cada um estabeleceu com ele, esta relação destoa do que você pensava antes da aula? É afirmada com a aula que acabamos de fazer? É diferente?

Houve uma outra coisa, um outro movimento? O que aconteceu? Antes de irmos à resposta dos colegas, abriremos os microfones, nós vamos fazer uma última visita a um último trecho muito bonito dessa aula, uma conversa fenomenológica, ontológica, entre Yang e Kyra.

Vamos ver. Observem como vai girar a filmadora do diretor. Observem o que ele faz aqui.

Que coisa espetacular.

REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

É algo que você acredita? Hã? Que o final é também um começo?

É também o começo? Para o Caterpillar, sim. Mas você acredita que é verdade para todas as coisas?

Eu não sei. Eu não estou programado para acreditar assim. E você?

Eu gostaria de acreditar nisso. Você? Às vezes eu acho que os humanos são programados para acreditar em coisas assim, mas eu não sei se é realmente do nosso melhor interesse.

Posso ser honesto com você? Sim. Espera, não é ser honesto uma opção para você?

Eu não acho que sim. Hum, vá em frente. Você está bem?

Estou bem. Se não há nada no final. Como você está?

Talvez eu fosse programado assim também. Isso faz você se sentir triste? Não há algo sem nada.

Isso faz você se sentir triste? Não há algo sem nada. E você?

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

É um momento muito bonito, Jake está acessando essas memórias e ele reproduz alguns trechos. Observa de novo, se aprofunda de novo, nesses dilemas. É uma pretensão muito grande misturar elementos importantes que envolvem poesia, sentimentos, raciocínios e outros fatores. Jogar tudo isso de uma maneira pretensamente organizada e achar que vamos ter controle sobre isso. É uma das ilusões de uma sociedade industrial, de serviços, que acabou fazendo com ela mesma, com seus membros, humanos, o que faz com coisas que ela achava que eram elementos que estavam a serviço dela. Há muito a aprender, muito a crescer aqui. E será talvez uma ironia, uma lição ou uma decepção para alguns que talvez a humanidade aprenda seu caminho, com o auxílio de quem ela considerava tão pequeno: robôs, IAs, que chegam talvez para nos ajudar, a dar um passo que, sozinhos, talvez não déssemos, mas isso depende de tantas variáveis, tantos elementos que pedem tantos cuidados.

Para finalizar o trabalho de hoje, então, vou ouvir o que esses colegas têm a colocar fora da gravação.

Transcrito por [TurboScribe](#).

AULA 15 – Alcance e Enlace – 28/11/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Alcance%20e%20enlace.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem este lindo estudo que está nas suas últimas aulas, fizemos já o primeiro semestre, este é o segundo e último, Uma Educação para as Emoções. Semana que vem divulgo, provavelmente sem prometer, o curso que sucederá este, que é muito bonito também. Na próxima semana já informo vocês.

Vamos a São Paulo e de lá, professor Clailton, para aquele que é um dos momentos tão aguardados, não é pessoal? Alguns me dizem, professor, às vezes eu estou trabalhando, não posso ouvir, não posso ver aula, mas eu ouço a resenha do professor Clailton, muito bom, muito bom, isso é de fato, ele tem sido muito feliz no seu trabalho, competente, caprichoso. Vamos ouvi-lo então, professor Clailton, por favor, inicie a resenha da semana passada.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite Lúcio, boa noite a todos, obrigado pelas palavras. Bom, a nossa aula anterior ocorreu no dia 21 de novembro, o tema foi ética e epistemologia. Essa aula foi um estudo sobre a obra After Yang, depois de Yang.

O filme conta a história de uma família, um casal, uma menina e o Yang, que é um androide com aparência de um adolescente. O Yang foi comprado para ajudar na educação da filha do casal, para ser uma espécie de irmão, e a menina desenvolveu muito afeto por ele. Só que aconteceu o imprevisto, o Yang apresentou um problema, um defeito e parou de funcionar.

O pai, o Jake, tentou arrumá-lo, levou em oficinas especializadas, mas não houve solução. A partir deste ponto, algumas questões foram colocadas e nós tivemos um tempo para expor considerações também, e aqui nós vamos lembrar algumas das questões. A primeira questão foi a seguinte, apesar de existir

proibição legal para o acesso às memórias do Yang, essa possibilidade surgiu para o Jake, e a pergunta foi, existe alguma implicação ética em relação ao acesso às memórias de um androide?

Lembrando que essas memórias incluem conversas privadas que ele teve com a família, com amigos e suas vivências de modo geral. A segunda questão foi, existem pesquisas avançadas, inclusive da neurociência, apontando para a possibilidade de um dia acessarmos as memórias de um ser humano. E a pergunta foi, quais as implicações disso?

Será que faremos modificações em nossas memórias? Quantos de nós gostaria de apagar ou editar alguma lembrança? E quais os riscos envolverão esse procedimento?

Em outra questão, nós questionamos, o Yang teria direito à privacidade? Ele é um robô, é uma propriedade e pertence a alguém. Esse ser teria direito à privacidade?

A quem pertence suas memórias? Ao proprietário desse androide? Ao Estado?

À família com a qual ele vive? Ou a ele próprio? É importante citarmos que teremos inteligências atuando oficialmente como terapeutas, teremos inteligências sendo testemunhas de eventos duvidosos, poderão ser chamados para depor e os seus arquivos poderão ser usados em processos.

Temos muitas questões envolvendo essa nova realidade. Quando o Yang apresentou defeito, o Jake se viu diante de um problema semelhante ao que temos quando um computador ou um equipamento eletrônico para de funcionar. Essa é uma das características da relação que existia entre o Jake e o androide.

Mas isso se diferencia muito da interseção que surgiu ali, que foi estabelecida pela filha do Jake, para quem o Yang era um irmão e muito amado. E ela estava sofrendo com a falta do irmão. Antes do Yang parar de funcionar, a filha do casal já havia reclamado do pouco tempo que o casal tinha para ela e o Yang é quem estava cuidando, ficando a maior parte do tempo com a menina.

A esposa do Jake também já havia conversado com ele sobre isso, mas essas conversas não foram suficientes para que ele mudasse alguma coisa. O modo de ser do Jake começou a mudar de fato quando ele decidiu acessar as memórias do Yang. Lá ele encontrou algo sublime, tocante pela sensibilidade, a própria essência que nos leva à transcendência humana, nossos melhores princípios.

Dentro daquele androide, o Jake encontrou uma lição de humanidade e isso mudou totalmente o seu modo de ser. Ele se humanizou por meio desses elementos, melhorou como pessoa, o que transformou a sua vida e a vida de toda a família. Muitas questões decorrem desse acontecimento, mas para a nossa finalidade aqui, que é recordar a aula, nós vamos parar por aqui.

Ok, professor? Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, Clailton. Vamos a um prefácio a nossa aula de hoje. Nesta quarta-feira, no jornal Zero Hora, aqui de Porto Alegre, 26 de novembro de 2025, o Fabrício Carpinejar publicou um artigo chamado Transidade.

Hoje em dia, nós temos pessoas que, no repertório da humanidade, dos inúmeros movimentos de praticamente todo tipo de coisa, tem os Therians, que são aqueles que simulam que são animais, mas se vestem de um bicho, um cachorro grande, e saem pela rua. Temos pessoas que defendem o antiespecismo, que é aquela que defende a igualdade dos direitos para todos os seres vivos. Vocês sabem do trabalho do filósofo australiano que já vimos tantas vezes, Peter Singer, sobre os direitos dos

animais e o quão longe ele vai com certas questões que se aliviam para muitos, para outros, pelo mundo, a lugares em que ele nem pode falar em universidades.

É uma época que apresenta muitas coisas e a prudência em torno disso é muito grande. O Carpinejar, nesse texto Transidade, mostra, numa alegoria, como é que essas coisas agora se expandem pelas notícias que a gente recebe em jornal. Pessoas mudam o formato de seus corpos com cirurgia plástica, a cor da sua pele, a cor dos olhos, implantam dentes, cabelos, fazem todo tipo, mudam de religião, mudam de partido político, se divorciam em casa, quer dizer, isso não pode ser sinônimo de liberdade, não é?

Se em alguns casos isso é reflexo de liberdade, em outros casos é reflexo de estar completamente perdido, precisando de orientação e discernir quando é um caso ou outro, é um dos atos de sabedoria para sabermos disso. Observem o que ele escreve:

Transidade, um japonês, Jack, adotou a transidade, ou seja, ele tem 39 anos e se sente com 28 anos, não se identifica com sua geração, acredita que seu corpo possui a força, o ânimo, o fôlego de uma década atrás. Eu não prevejo qual idade Jack comemorará de verdade em 2026, se 40 anos ou a repetição dos quase 30, vai sonegando velinhas no bolo, é um caso estranho, meio retrô, porque surge num período em que finalmente prevalece a sinceridade etária, era comum mentir a idade, avançamos contra o etarismo, desponta o orgulho de ostentar a data de nascimento com festas para faixas acima dos 60 anos, enfraqueceu a loucura de ansiar pela poção da juventude eterna como quem procura desenterrar o santo graal, a saúde é o principal objetivo na longevidade, de um modo geral, as pessoas passaram a enaltecer suas experiências, o fato de ter vivido muito, ter viajado muito, ter casamentos, relacionamentos anteriores, acabou aquela história de carro zero, de fingir ineditismo, de enganar, de simular, as dores são nossas conselheiras, os erros são nossos fiadores de sabedoria.

Jack teve esse insight no momento em que seu chefe o repreendeu por demonstrar desconhecimento de uma tarefa elementar no serviço, não condizia com sua bagagem quarentona. Bom, na segunda parte do texto dele, ele diz que o mundo hoje realmente mudou completamente em relação ao que a gente conhecia, a gente com 30 anos que permanece residindo com os pais, sustentada à base de mesada, no isolamento propiciado pelas redes sociais, jamais experimentou a independência, jamais pensou em declarar imposto de renda. Eu vim de costumes diferentes, fui analógico, comecei a trabalhar cedo, ainda adolescente, celebrei os primeiros fios de meu bigode ao deixar de ser imberbe.

Meu sonho consistia em sair de casa, datilografar com todos os dedos, formar família, alcançar a casa própria. Crescer significava ser responsável a partir da disciplina das obrigações diárias. Talvez por isso eu não mascarei a minha antiguidade.

Pretendo durar longamente, saboreando fases, estações, mas nunca me perdendo em obsessão saudosista e nem querendo estacionar em alguma época dourada, achando que o melhor já aconteceu. Eu tenho 53 anos, exatamente. Não trocaria um dia da minha existência tribulada.

Cada ruga, cada vinco, cada pé de galinha no meu rosto me pertence, me explica. São cicatrizes das alegrias. Um texto muito bonito do Carpinejar, que mostra um dos dilemas da nossa época e muitas outras coisas que estão chegando a cada dia.

Temos muito trabalho como filósofos, como filósofos clínicos, muito trabalho. E a minha sugestão é arregacem as mangas, porque temos trabalho para fazer e é muita coisa. Bem, eu vou dar uma paradinha aqui no gravador para que vocês possam colocar observações sobre isso que vimos, esse início de aula, e depois sim o início formal da nossa aula de hoje.

Muito bem, então, após a observação do colega, tão generosa e importante, vamos ao trabalho de hoje. Alunos que fazem curso ao vivo já sabem, recebem sempre um lindo presente. E o presente de hoje é lindo.

Vamos voltar à década de 70. Vamos lá para a Inglaterra. Lá havia uma banda que depois fez músicas belíssimas pelo mundo.

E essa banda tinha um dos compositores, o Eric. Ele um dia ouviu da esposa dele algo que ele ficou, assim, impactado com aquilo. Aquilo não saiu mais de dentro dele.

A esposa disse para ele, assim, que já que eles se davam bem, conviviam bem e tudo, por que ele tinha tanta dificuldade de dizer para ela que a amava? Literalmente, dizer isso, que a amava. E o Eric ficou com aquilo dentro dele, ficou chateado.

A esposa tinha razão. Ele a amava. Qual era o problema de dizer que a amava?

Em palavras, em voz? O que o impedia disso? E ele começou a matutar sobre isso e acabou fazendo uma composição belíssima, que vocês ouvirão agora.

Muito bonita a música. Essa música tem vários elementos dentro dela. Por questão de tempo, eu serei breve aqui.

A música é toda feita... Sabe aquelas lógicas do contrário? O princípio de Taylor, da contradição?

Ela é toda construída assim. Então ele nega, nega, nega para afirmar todo o tempo. É pela negação que ele afirma, que é o próprio trocadilho do que ele estava vivendo.

Então ele diz na letra... Vocês pegam a letra, é tranquilo, é um inglês tranquilo. Ele coloca aquele...

Ele pendura o quadro dela na parede e ele gosta dela, mas ele diz, mas eu não tô amando você, tá bem? E diz, eu sinto saudade, eu tenho vontade de ligar para você, eu gosto de estar com você, eu gosto de conversar com você. Oh, mas não tô amando você, viu?

Não é nada disso, que é o título da própria canção. Quando eles fizeram, quando o Eric apresentou para a banda essa canção, o Eric Stewart, quando ele apresenta para os outros músicos da banda, eles gostam muito e eles fazem algo inédito, que vocês verão agora. Quando vocês ouvirem a música, a impressão que vocês terão é que são sintetizadores tocando no fundo, e não são.

Olha aqui, até para ouvidos experientes isso engana bem, viu? A gente tem a ideia, poxa, estão tocando sintetizadores lá atrás, na década de 70, essa música é de 75. Não são sintetizadores, são vozes, é um coral de vozes sobrepostos.

E eles gravaram voz a voz, um trabalho gigante, demorou muitas horas, não havia 'las', não havia nada do que a gente tem agora, computações gráficas, coisa nenhuma. Então foi gravado voz a voz sobrepondo e o efeito é de uma beleza sonora impressionante. Foi muito difícil, eles pensaram inclusive em parar e não fazer isso.

Vamos ouvir então esta linda canção de 1975, vou partilhar a tela com vocês.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI:

https://www.youtube.com/watch?v=FQkMq_xniZs

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Uma das características da afetividade diz respeito às personificações. Raramente um estado afetivo ocorre por ele mesmo e isolado feito uma ilha.

Vamos traduzir isso para o português. Você sente amor no seu coração. Logo, esse amor diz respeito a uma pessoa, este amor diz respeito a um lugar, este amor diz respeito a um texto.

Podem observar como ocorre. Vem a saudade, a saudade diz respeito a uma viagem que você fez, a um estado seu de anterioridade quanto a alguma coisa, não é assim que isso funciona? Muito raramente um estado afetivo vem, surge e perdura por si somente, sem vinculação com outras coisas.

Por que isto é relevante num estudo profundo de filosofia clínica sobre elementos da afetividade? Observem como funcionam esses elementos na nossa sociedade. Uma pessoa veio ao consultório e nos disse que ela gostaria muito de ter mais paz, que ela gostaria de ter mais amorosidade pelos outros, capacidade de perdão, de entendimento.

Mas o que ela está dizendo é um fator ilha, não é? Exatamente o oposto do que eu acabei de mencionar. Quando enraizamos isso no consultório, sabemos então quais as relações que ela estabelece quando ela fala que gostaria de ter mais essa propriedade do perdão, mais essa propriedade da pacificação interna, da amorosidade, da fé.

Ela vai nos dizer quais são esses elementos. Dentro disso, às vezes o estado afetivo por várias razões, ou por ser muito raro ela e ela nem saber ao certo do que está falando, ou por, ao mencionar isso, já surgir vários freios que impedem a pessoa de se desenvolver quanto a isso, nós não sabemos. O fato é que o caminho reverso também muitas vezes é possível.

Então, se ela fala em ter amor, compaixão, perdão e outras coisas sem conseguir caminhar nesse sentido, daqueles objetos relacionados a isso, ou outros que são similares, no caso dela, da historicidade dela, da estrutura dela, de lá para cá esse caminho muitas vezes é viável. Vamos a um exemplo disso? Eu tenho em mãos um texto do Mário de Andrade.

Esse texto foi publicado em 12 de junho de 1932, uma das experiências mais importantes da vida do Mário, conforme ele mesmo diz no texto. Particularmente gosto muito do texto, pois também comungo e partilho com o Mário de Andrade esse amor que ele tem pelo mar. Vejam o que ele conta sobre o mar.

Vamos para Santos? Mas fazer o que em Santos? Ver o mar.

Ah, então vamos. E assim, constantemente, ninguém sabendo, feitos amantes clandestinos, eu vou para Santos, vou ver o mar. A primeira vez que eu vi o mar, não me esqueço.

Parece que isso ficou dentro de mim como uma necessidade permanente do meu ser. Teria uns 10 anos, se tanto, estava no ginásio Nossa Senhora do Carmo. Quando chegou o tempo de junho, uns parentes próximos alugaram uma casa muito grande na praia do José Menino, e na mesa falou-se vagamente num convite e na precisão que todos tínhamos de ir ver o mar.

Senti um frio ardente em mim, não sei, o mar das pinturas, verde limão, com a praia boa da gente disparar, porém tudo ficava num talvez tão mole que o mais certo era mesmo ir para a fazenda, como sempre, e a minha incapacidade de ser desistiu do mar. Havia esperança, mais fácil de sentir, que eram as férias, para daí a duas semanas fiquei todo nessa esperança apenas. Em uma tarde, ainda faltavam uns quatro dias para as minhas férias, apareceu um padre na classe, cochichou com o professor, e este disse alto que tinham mandado me chamar de casa e que fosse.

Agarrei os livros, papéis, lápis, meio atordoado, sem saber o que era, crivados os olhares invejosos na orgulhosa petulância de que tivesse acontecido uma desgraça danada em casa, morte de alguém, eu não sei. Sei que saí muito assustado, mas competentemente feliz. Na porta do colégio estava um primo, homem de idade, rindo para mim com essa barulhenta complacência dos que, uma vez na vida, se resolvem a praticar um ato de caridade.

Que fôssemos depressa para casa, que eu não queria ir ver o mar, mamãe tinha deixado, o trem partia numa hora, foi um dos momentos mais sublimes da vida dele. Ele vai nos contar como foi essa experiência do mar. Se você conhecesse um dia o Mário de Andrade, teve uma vida bem complicada, não é?

Como muitos do modernismo. E no momento de dificuldade, quando ele não tivesse esperanças, quando ele não tivesse horizontes, isso aconteceu mais de uma vez na vida dele. Você dissesse para ele, Mário, vamos ver o mar?

Vamos até Santos ver o mar? Vamos caminhar de novo na praia? Ainda que isso fosse improvável, talvez por várias razões ele não pudesse, ao acessar esse elemento, do mar em direção a ele, vejam bem, as emoções que naquele momento ele porventura não pudesse viver, esperança, com apaziguar das emoções e outras coisas, de lá para cá, do mar para cá, ele poderia sim, talvez, vivê-las.

Esse recurso que eu estou mostrando é muito utilizado por mães amorosas, por avós amorosos que intuitivamente muitas vezes usam isso. Vem um neto, filho, padecendo de alguma coisa, então se aproximam e carinhosamente dizem vamos até o mar, vamos passear, vamos dormir na praia hoje, amanhã a gente volta, você continua seus estudos, talvez a pessoa diga não, não quero ir. Então esse avô, esse pai, de uma maneira afetuosa conta, sabe que nessa época as gaivotas costumam voar lá ao redor da casa, a gente acorda com elas cantando aqui e ali, ele não está falando em compaixão, ele não está falando em amor, ele não está falando em cicatrização para as dores da alma, ele está fazendo o caminho de lá para cá, de quem foi, está retornando.

Como o aparato do sofrimento está todo indexado de uma determinada forma, esta outra maneira muitas vezes, mas não sempre, encontra aberturas existenciais epistemológicas para vir ou voar a alma com o orvalho, com a brisa, com a poesia da transcendência. Muito bonito essa trajetória. Mas temos problemas aqui, filosóficos importantes. Nós veremos agora um filme, um trecho, não é?

Que, quando foi lançado nos Estados Unidos, causou muitas discussões. Essa obra é de 2019, de Alec Bevere. Alec Bevere.

Nesta obra, o Alec Bevere, ele dirige, ele escreve essa obra, ele vai nos mostrar um dos principais dilemas da nossa época. Muito diferente da personificação que Mário de Andrade fez contra o mar, ele faz aqui um outro caminho, mostrando que, assim como o mar pode funcionar para pessoas como o Mário de Andrade, as flores do campo podem funcionar para uma pessoa que está aflita e simplesmente vai caminhar e se hidrata com isso, outras coisas também podem passar por estes caminhos. Nós veremos uma jovem mãe que ama profundamente seu filho.

A partir daí, com muita atenção, nós veremos um dos dilemas da nossa época. Muito longe de julgar, e isso não é da nossa competência, nós somos filósofos, filósofos clínicos, filósofos que trabalham em hospitais, em educandários, em igrejas, em consultórios. Não é da nossa competência julgar, mas acolher, procurar, compreender, ajudar. Isto sim. E é neste sentido que acompanharemos esta difícil composição que veremos agora.

SOBRE O FILME: <https://filmfreeway.com/TheLoveYoureLookingFor>

REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Esta jovem, ela engravidou e ela está diante de um dilema.

Por alguma razão que nós não sabemos, o rapaz não está com ela. Ela está sozinha. E ela está, neste momento, numa clínica, tendo que tomar uma decisão muito drástica.

Qualquer que seja, ter ou não esta criança. Enquanto ela está lá, nesta clínica, em momentos que parecem eternos, ela começa a considerar as coisas. E se eu tiver esta criança, com todas as dificuldades, com todas as incertezas, não sei se consigo criá-la sozinha.

É muito difícil, o mundo ainda é muito desigual entre homens e mulheres, vocês sabem. Ainda há muito a trabalharmos para isso. Ainda mais sozinha com uma criança, tudo isso ela considera em outras coisas.

E enquanto ela considera isso, a alma dela, a afetividade dela, começa a conversar. Lembre-se, a afetividade, geralmente, conversa com elementos. Neste caso, com elementos imateriais, conforme os homens, a nossa sociedade definiu.

Então ela vai para longe e começa a considerar como seria a vida com esta criança, como seria chegar em casa, como seria um dia difícil. Conforme ela é, ela sabe como ela é, seu temperamento, seu modo de ser. Então isso começa a avançar, ela começa a considerar que ela tem tudo para poder criar bem uma criança com dificuldade, mas com amor.

Às vezes não é assim, e às vezes isso caminha para outro lado, gerando outras formas de decisões. No caso dela, ela vislumbra como provavelmente seria esse futuro, que ela encontraria um rapaz, um bom rapaz, que tenha a ver com ela. Juntos poderiam constituir um lar e essa criança poderia ter finalmente sua família, assim ela considera, assim é o mundo para ela.

No entanto, no meio dessas reflexões aparece um personagem que ela não sabe o que é, uma ameaça, algo que enche o coração dela de medo, de receio. O que é isso que ameaça? O que é isso que ameaça esse futuro dela?

Uma das coisas é se ela não tiver a criança, ela não terá esse futuro. Outras coisas, seus elementos morais, éticos, sua própria afetividade, tudo o que ela acredita e outras coisas estão... Lembrem, as afetividades conversam com outros elementos.

Isso é o usual, e isso é o que ocorre na maior parte das vezes. Depois que as afetividades estão bem estruturadas, elas podem, sim, vicejar sem esses elementos, elas escolhendo outros elementos, isso pode acontecer. Às vezes é preciso uma parceria, mas as afetividades sem esses elementos não funcionarão.

Para cada um é de um jeito e conforme uma série de vetores. Essa ameaça que surge a esse futuro dela é um impedimento, dizendo, não haverá isso. E é algo que, para ela, é ameaçador conforme ela é no mundo.

Para cada um isso será de um jeito. Estamos vendo o jeito dela. O que ocorre então?

Qual será a decisão dela? O que ela fará a partir daí? Quando as nossas emoções são personificadas, e observem como funciona para cada um de vocês, você vai fazer uma viagem, você não personifica, você está feliz com a viagem.

Essa felicidade que você sente vai conversar com o que você considera da viagem. Às vezes com as coisas que você está deixando, que estão incomodando muito, não é nem a viagem lá. Então se conecta com as coisas daqui.

Outras vezes não. Outras vezes é com a viagem. Outras vezes são com as pessoas, as pessoas que vão à viagem.

E assim sucessivamente. E por vezes isso se pulveriza. Então a pessoa se sente feliz, mas não sabe atribuir a que essa felicidade diz respeito.

Há muito na alma humana, não é? Muito extensa.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Na obra, ela se vê diante de um impasse muito grande.

Lembrem, por favor, de deixar como filósofos que somos, filósofos clínicos, o julgamento muito longe daqui. Se o julgamento entrar nisso, nós não conseguiremos acolher e auxiliar. Então o ato de compaixão, de solidariedade, de fraternidade pede que nós possamos compreender. Não quer dizer aceitar.

Não quer dizer concordar. É um direito de cada um de nós ter sua opinião, seu caminho na existência. Mas é um dos dramas que vivemos.

Então observem, as afetividades, elas tendem a se conectar a se associar e a conversar com elementos ao redor delas. Para poderem viver, elas fazem isso. Quando acompanhamos a historiografia de alguém, logo detectamos com quais elementos essas afetividades conversam e de que forma, para que possam viver, para que possam se estruturar e conseguir desenvolver.

Eis um dos atos de sabedoria, a pessoa aos poucos saber eleger, procurar as melhores escolhas, procurar aprofundar isso. E evitar os elementos nocivos e problemáticos, desagradáveis. Agora, isso não é uma tarefa simples.

Se em boa parte das vezes a pessoa conseguirá, muitas vezes ela terá inúmeras dificuldades e precisará de ajuda, de orientação.

Retornando ao texto do Mário de Andrade, que estava muito contente com seus 10 anos de idade, indo para a praia. Seu amigo padre foi lá e ajudou, o tirou da escola, para ele poder viver algo muito importante na vida dele.

Em casa arrumavam a mala. Havia pressa. Mas, francamente, eu estava numa aventura mais dolorosa que feliz.

Nenhuma ideia do mar tomara até então importância, nem na minha vida de família, nem nas histórias que eu vivi em mim. O Mário está nos dizendo que, muitas vezes, a afetividade não precisa viver já o objeto em si. Que a esperança do objeto em si já é parte da afetividade e, às vezes, a maior parte.

Se a experiência terminasse aqui e ele não tivesse ido até o Mar de Santos, provavelmente para ele, com alma de poeta, imensidão de mundo, ele já teria valido. Ele já teria construído o mar dentro dele. Para outras pessoas não é assim.

Elas precisam ir até o mar, sentir sua água salgada nos lábios, na pele, seu temperamento, seu modo de ser, sua imensidão, seu infinito. Para alguns é assim, para cada um de nós é de uma forma. Era mesmo uma tamanha insuficiência de dados, de noções, de concepções do mar em mim, que naquela prodigiosa inércia em que eu ficara, meio abobado, a única realidade que me sustentava, angústia assombrada, eram as palavras.

O mar. O mar. O mar.

Estava ecoando o meu pensamento. Sem mais nada, mas em... em formidáveis vai e vem, entregue inteiramente a prática do meu primo que me levava, tomei o trem, sem ver, viajei sem ver.

É uma tendência minha. Muito pouco provável pelo que tenho sido publicamente, mas é mesmo uma tendência minha, isso de sentir sempre um respeito quase religioso por qualquer espécie de grandeza. O Mário de Andrade nos conta que ele tinha muito arraigado na alma dele uma humildade imensa, gigante.

Aliás, muitos dos textos dele nos mostram isso, né? Aliás, da generosidade do Mário também nos mostram isso. Na minha vida particular, acabei por tomar uma decisão enérgica, me afastar sistematicamente de todos os indivíduos altamente colocados.

Porque a presença deles me insulta, muito. Eu tenho porte de escravo, uma coisa qualquer, me obriga a uma atitude de pré-estabelecido respeitoso, que é quase subserviência. Até quando os graúdos falam alguma coisa razoável, com que é inteligente concordar, meu apoiado me fere, como se fosse um consentimento de capacho.

Creio que achei a explicação da sombra angustioso em que estava naquela viagem de ir ver o mar. Era o mar na realidade, a primeira grandeza conceitivamente entendida por minha meninice com que eu ia me encontrar na vida. Positivamente, viajava sem ver.

Não me fica dessa viagem, senão a contrariedade topada em Santos. Rebentar uma greve qualquer ou coisa assim, os bondinhos de burro não estavam circulando. Já era tarde avançada e meu primo, um sovina de marca maior, nos fez batermos a pé para o José Menino.

Só noite fechada, chegamos junto da praia. Que cheiro! Não me desfadigava.

Entontecia muito. Mais ruim que bom, naquele primeiro encontro. A praia parecia acabar perto das casas, comida pela noite nublada.

E o mar era aquele ruído incessante, grandiosamente ameaçador, que rolava sem pressa na escuridão. Me mandaram dormir, mas dormi mal. Acordava a todo momento e levantava a cabecinha do travesseiro para adivinhar no silêncio da casa, dormida todos os sintomas do mar.

Havia sempre o ruído é certo, mas os parentes conhecidos do conforto da casa me decepionavam vagamente, como se eu tivesse imaginado que de noite é que todo mundo devia estar em guarda, aos gritos, em frente do mar. E só no retardado dia seguinte, enfiado numa roupa de banho emprestada, me avistei com o mar. Tenho essa primeira presença dele até hoje nos meus olhos.

Um mar pardo, cor das nuvens muito baixas, com frio. Mas toda a criançada estava alegíssima com as brincadeiras do banho e eu era o novato, mimado por todos por isso, na superioridade real que tinham sobre mim, não eram hóspedes e já tinham tomado muitos banhos de mar. Toda a comoção do encontro se diluiu, por isso, numa criançada em que tomei um conhecimento excessivo das ondas para que continuasse respeitando o mar.

Eu gosto muito do mar e é junto dele, nalguma praia lá no Nordeste que eu pretendo morar. Mário de Andrade, 12 de junho, 1932.

Lindo, lindo texto. Mais um, né? De Mário de Andrade. Ou seja, agora, as emoções que por qualquer razão se desfaçam dentro dele, que ele não possa mais alcançar por qualquer motivo, talvez o mar alcance pra ele.

Ainda o mar lindo do nosso Nordeste, não é? Pode alcançar pra ele e dizer, Mário, aqui nós temos amor, aqui nós temos o infinito, Mário, aqui nós te levamos até Deus, venha para as ondas do mar. E ele talvez vá.

Ou seja, eu sei que numa época de tanto antropocentrismo, egolatrias desvairadas, fetiches, tantas coisas que fazem colapsar a alma humana, a transcendência às vezes se torna pra muitos um aspecto do ceticismo. Basta que alguns problemas mais graves surjam e alguns esquecem completamente. Que Deus está lá no alto, o amor todo que temos e que é tão maior do que certos problemas, não é?

Alguns se esquecem fácil e não encontram mais neles essas coisas. Só que assim como as emoções nos lecionam sobre o alcance, as parcerias, nós também podemos fazer isso de maneira diligente, respeitosa, procurando elementos que ao redor de nós nos tragam de volta isso que é nosso. Há uma última ilustração para hoje.

Muito bonita, muito bonita, encantadora. Já mostrando agora uma outra, um outro elemento, diferente do que vimos aqui, que é o Angelman. É o nome desta obra de Sacha Picard.

Angelman. É uma obra que vem lá da França, o título está em inglês, mas ela é francesa, de 2023. Aqui é muito diferente a lição do que nós vamos ver agora.

Mostra um outro elemento, uma metáfora. Vários dos senhores durante a vida tiveram super-heróis, não tiveram quando eram crianças? Alguns tinham como super-herói um jogador de futebol, outros um corredor de Fórmula 1, outros um músico, outros um escritor, e assim sucessivamente.

Alguns, quando voltavam da igreja de mão dada com a vovó, já tinham, não vão ter mais um super-herói. Ou terão o maior de todos, já descobriram. Cada um de nós teve uma trajetória.

Nesta história que nós vamos ver agora de Angelman, do Sacha Picard, nós vamos ver alguns elementos maravilhosos dessas construções e que pedem um cuidado, amorosidade, conhecimento para a orientação em torno disso.

SOBRE O FILME: <https://www.imdb.com/pt/title/tt28017067/>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Nossas afetividades constroem elementos. Como a tendência delas é fazer conexão...então se você ama, provavelmente você ama alguém, não é? Com o tempo, a emoção pode se sustentar por ela, em alguns casos, mas isso mediante uma série de elementos aqui que não fazem parte do nosso estudo. Nesta história, nesta metáfora que estamos acompanhando, o diretor nos mostra que nossas afetividades, por vezes, se conectam com elementos sobrenaturais, transcendentais, utópicos, que, com o tempo, vão passar por ajustes.

Observem como o menino faz essa conexão. Tem toda uma história sobre o Angel, quem é ele, como ele surgiu, o que ele faz, todo um roteiro para ele poder vivenciar e essa emoção se conectar profundamente, passar de uma admiração momentânea para algo mais profundo, maior. No entanto, ele é um menino, ele está crescendo.

Isso ficará com ele um tempo, passará por ajustes, porque isso vai conversar com tudo o restante daquilo que nós denominamos a realidade do menino. A escola, os professores, os pais, os amigos e muitos outros fatores. Com o tempo, a maior parte dos super-heróis desaparece.

Nós crescemos, não é? E aí temos outras coisas. Passamos uma época, alguns, que vivem, que é o caso do menino, como o próprio super-herói, depois outras coisas virão.

Ou seja, as afetividades pedem por maduras. Elas pedem pelos cuidados, elas por si só não são certas nem erradas. O papel delas é vivenciar, sentir.

Outros elementos ligados a elas cuidarão para que isso seja conforme as melhores premissas, as melhores orientações.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DO FILME

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Os caracteres do super-herói vão para o menino por um tempo na caminhada de crescimento dele. Caracteres de justiça, de honestidade, de ajudar os outros. Por um tempo vão ficar com ele.

E depois irão embora nessa longa jornada que é a vida, que é o desenvolvimento da vida.

AULA 16 – Desconstrução da Distância – 05/12/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/Desconstru%C3%A7%C3%A3o%20da%20Dist%C3%A2ncia.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos que fazem estudo Uma Educação para as Emoções. Mais duas aulas e terminaremos o nosso semestre. As próximas duas aulas serão muito bonitas e suaves nesse curso que fazemos.

Vamos à Boituva e vamos ouvir com carinho, com amor, a resenha que o professor Clailton gentilmente nos traz a cada aula. Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio.

Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 28 de dezembro, de dezembro não, de novembro, né? O tema foi alcance e enlace.

Um estado afetivo raramente perdura sem um vínculo com outro elemento. Se um partilhante nos diz que busca paz, amorosidade, perdão, mas não aponta em relação a quê, um enraizamento provavelmente deixará as coisas mais claras. É um movimento tranquilo de identificar.

A pessoa pode estar se referindo ao convívio em sua casa, a um relacionamento, ao trabalho, entre muitos outros. Aqui identificamos um objeto e a afetividade que a pessoa deseja levar até ele. Porém, o

movimento contrário também pode ser feito, ou seja, o objeto levar uma afetividade em direção à pessoa.

Um texto do Mário de Andrade, da obra *Taxi e Crônicas*, no *Diário Nacional*, nos falou da relação do poeta com o mar. Algo sublime que enchia seu coração de alegria, de paz e preenchia sua alma. Consideramos que em um momento difícil, quando não houvesse esperanças e horizontes, se alguém convidasse o Mário a visitar o mar, ainda que ele não pudesse ir, ao acessar esse elemento, considerar uma caminhada na praia, a vista, o som do mar, o cheiro, talvez ele pudesse com isso receber do mar as emoções que não eram possíveis de serem vivenciadas no contexto de dificuldade em que ele estava inserido. Assim, o mar poderia enviar para ele elementos como esperança, motivação, inspirações, entre outros. Havendo aberturas existenciais e epistemológicas, esse trânsito é possível e pode povoar a alma com orvalho, brisa e poesia na transcendência.

Outro aprofundamento contou com a obra *The Love You're Looking For*, onde um dilema foi abordado. Uma jovem tomaria a difícil decisão de interromper ou não sua gravidez. Enquanto refletia, suas afetividades conversavam com alguns elementos.

Ela considerou como seria a vida na companhia dessa criança, as vivências, o amor que existiria, a possibilidade de encontrar um bom companheiro e de juntos constituírem um lar com a criança. Mas suas afetividades também conversaram com outros elementos, que encheram seu coração de medo. Uma ameaça dentro dela, elementos morais talvez, prejuízos, não sabemos ao certo.

E parte da moça queria manter a gravidez, mas havia algo que a impedia. Diante de uma questão como essa, o filósofo clínico deve manter o julgamento bem longe. Se julgarmos, não conseguiremos acolher e auxiliar.

O ato de compaixão, de fraternidade e solidariedade pede a compreensão. O que não quer dizer aceitar e nem concordar. Cada um tem direito à sua opinião.

Para sobreviver, as afetividades dialogam com os vários elementos que existem ao seu redor. No consultório, identificamos com quem e como as afetividades do partilhante conversam. Um ato de sabedoria é estar atento quanto a elementos nocivos, problemáticos e desagradáveis.

Outro aprofundamento foi realizado com o filme *Angelman*. Um dos personagens do filme *Um Garotinho* tinha um herói que se chamava *Angelman*. Um herói idealizado com o qual ele se conectou.

A tendência da nossa afetividade é fazer essas conexões. Seja com pessoas, com elementos transcendentais, utópicos, construídos e muitos outros. O diálogo das afetividades com as transformações que ocorrem à nossa volta, muitas vezes promove ajustes.

Muitos desses elementos ligados à infância costumam desaparecer quando crescemos. As afetividades pedem por maturação, por cuidados. Por si só, elas não são certas nem erradas.

O papel da afetividade é vivenciar, é sentir. Os elementos ligados a ela cuidarão das melhores premissas, das melhores orientações. Ok, professor?

Obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton. Mais um lindo trabalho seu.

Alunos que fazem ao vivo já sabem, não é? A hora do presente de vocês. Sempre, sempre, sempre.

Neste ano, 2025, aconteceu na Sala Adoniram Barbosa, no Centro Cultural de São Paulo um show que muitos gostariam muito de ter visto, muito mesmo. Que bom que foi todo documentado e que a gente pode acessar nas plataformas.

Basta fazer um cadastro e vocês poderão ver. O pai e filho cantando juntos. O filho, o Pedro Viáfora, ele faz parte daquele grupo Cinco a Seca.

Notável compositor, um garoto, não tem 40 anos. E o pai, o Celso Viáfora, que é o compositor da música que nós vamos ouvir agora. E há muitos anos, não é?

Ele toca, ele canta com suas poesias, suas parcerias pelo país. Uma opinião, viu? Apenas opinião estética, sem fundamentação.

Mas várias vezes já pensei que se o Chico Buarque de Holanda continuasse compondo da maneira como ele fazia antigamente, ele ia mais ou menos ser o que o Celso Viáfora é agora, à beira dos 70 anos. E notável, notável essa canção que vocês vão ouvir agora. O espetáculo que o pai e o filho fizeram juntos se chama Me Deixa Ser Seu Parceiro.

Eles combinam profundamente os dois no palco. Foi feito em fevereiro agora de 2025. Esse show que nós veremos agora.

Antes de eu mostrar a música, eu quero perguntar para vocês. Vocês já passaram, eu acho que já passaram isso que eu vou perguntar. Sabe aquele momento que a gente diz, ah, não vai dar certo. Eu estou muito cansado, eu não quero tocar isso para frente. Seja um empreendimento que você vai fazer ou um jantar que você vai dar, alguma coisa que você vai fazer, você diz, ah, não. Estou muito desmotivado diante das coisas.

O título da música é exatamente esse, Não Vai Dar Certo.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI:

https://www.youtube.com/watch?v=IkR2uATLXmo&list=RDIkR2uATLXmo&start_radio=1 .

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Em 1957, Bachelard já era um homem com mais de 70 anos, aposentado de suas funções da universidade, e havia feito um longo caminho filosófico, desde a epistemologia até agora uma área poética, estética, mais branda para os padrões da época dele. Uma época complicada. A França estava numa grande reconstrução do pós-guerra. Esse texto, ele vinha trabalhando já há alguns anos. A publicação se dá no final dos anos 50 e, na poética do espaço, o Bachelard tem a oportunidade de revisar e de aprofundar vários elementos.

Vamos iniciar com uma ilustração.

Em inúmeras ocasiões, pessoas que tiveram a oportunidade de um desenvolvimento, conforme os padrões da nossa época, existencial, afetivo — muitos não tiveram a oportunidade; outros tiveram, mas preferiram andar por caminhos diversos; alguns, no entanto, usufruíram desta maturação e foram muito longe com isso.

Como estas pessoas lidam, usualmente, ainda que cada um faça de uma maneira, diante de problemas muito graves? Diante de situações muito difíceis?

Hoje, no nosso trabalho, veremos, além deste filósofo francês, Bachelard, também uma obra que se tornou clássica no mundo inteiro e é estudada principalmente em áreas da psicologia, como a psicologia experimental. Notável obra que veremos também, que vai acompanhar o livro.

Vamos ver alguns elementos diferenciais. Vamos ver como esses elementos podem contribuir para que muitas pessoas, cada uma à sua maneira e dentro de várias prerrogativas e possibilidades, possam caminhar também quanto a isso.

Nesse texto da poética do espaço, do Bachelard, ele vai trabalhar essencialmente a questão — nesta parte, não, parte do capítulo 9 — ele vai trabalhar muito a questão do exterior e do interior.

Lembrem: uma afetividade bastante incipiente, infantil, tem caracteres que vão complicar muito estas relações quando elas estão a serviço de um adulto, alguém que tem 30, 40, 50, 60 anos.

No entanto, esta dialética interior e exterior, em pessoas que puderam caminhar, puderam se desenvolver existencialmente, ocupa dimensões muito distintas. E Bachelard parece ter visto parte disso.

Um exemplo.

Você chega em casa e encontra seu filho chorando, seu neto chorando. O que faz você? Se você caminhou, se desenvolveu existencialmente, segundo os padrões de uma época conturbada como a nossa, você entrará em pânico? Ou você suavemente se aproximará da pessoa, observando aquilo que você já sabe, e tentará auxiliar a pessoa? Não é assim?

Nesse contexto, existe esta questão interior-exterior? Tal qual existe para outros caminhos e outras coisas? Ou, subitamente, parece que há uma outra redistribuição dessas coisas?

Bachelard nos chama a atenção para isso. Vejam como escreve o autor.

Primeiro, ele faz uma dura crítica filosófica àqueles que esquadriham as coisas de uma maneira lógica, matemática, geométrica, dizendo: aqui é dentro, ali é fora; aqui é o interior, lá o exterior. E diz que, assim que chega até a metafísica, isso já se dilui e já se torna um problema quase insolúvel.

Vamos ver nas palavras do autor:

“O exterior e o interior formam uma dialética de dissecação, e a geometria evidente desta dialética nos cega desde o momento em que a fizemos aparecer nos domínios metafóricos. Ela tem a nitidez decisiva da dialética do sim e do não, que tudo decide. Fazemos de tal dialética, sem tomar maiores cuidados, uma base para as imagens que comandam todos os pensamentos do positivo e do negativo. Os lógicos traçam círculos que se produzem ou se excluem, e logo todas as suas regras ficam claras. O filósofo, com o interior e o exterior, pensa o ser e o não ser. A metafísica mais profunda enraíza-se numa geometria implícita, numa geometria que, queiramos ou não, espacializa o pensamento. Se o metafísico não desenhasse, será que ele pensaria? O aberto e o fechado são para ele pensamentos. O aberto e o fechado são metáforas que ele liga a tudo, inclusive a seus sistemas.”

Bachelard não vai fazer esse esquadrihar com relação às experiências, à alma humana, não. Nessa idade avançada dos seus 70 anos.

Vamos traduzir isso para o português. Vamos traduzir isso para o nosso cotidiano. Como isso se aplica?

Retornando, então, àquela situação na qual alguém chega em casa e encontra uma pessoa devastada, chorando, triste. Dependendo do quadro, do que se passa, da situação, isso varia muito, não é? Como construir aqui uma norma, uma regra?

Ao aproximar-se da pessoa, muitos já fazem diluir esse interior e exterior. Simplesmente ao se aproximar do outro. O outro já passa a ser interior comigo? Ou o outro passa a ser exterior comigo? Ou se aprofunda a noção de interior e exterior? Ou inexistente? Ou ainda outras coisas?

Em parte, isso é automático para alguns. Em parte, isto é deliberado. A pessoa tem ciência do que está fazendo, às vezes, e sabe como proceder. Sendo que, em alguns casos, não.

Então, diante desse aspecto, vejam como o Bachelard vai propor a questão. Aqui, tentar esquadriar exatamente como essas coisas são é uma tarefa muito improvável nos nossos dias.

Mas então, nós não acreditamos durante toda a existência humana nisso? Nós não construímos, aliás, o mundo dessa maneira? Interior, exterior?

Estamos diante da primeira parte de um iceberg, que é gigante, muito grande.

Logo a seguir, depois de nos colocar esses elementos, o Bachelard escreve:

“O aquém e o além repetem surdamente a dialética do interior e do exterior.”

Observem: quando, no consultório, os senhores estão ouvindo, acompanhando, vivenciando uma historiografia, uma historicidade, a pessoa diz para vocês: “o lá”. Lá onde tudo aconteceu. Esse lá é exterior? Provavelmente não é. Ou este lá é interior? Provavelmente é um exterior.

O Bachelard diz: o aquém e o além, este lá, não chega tão longe, repetem esta dialética de interior e exterior. Mas não é só a distância, não. Muitas outras coisas.

Há pessoas que fazem isso quanto à intensidade. Quando elas dizem que foi muito intenso o que aconteceu, para alguns isso já está inserido no interior, aquilo que elas consideram interior. Ou: foi muito fácil, foi muito tranquilo, ninguém sentiu nada. Isso, para algumas pessoas, é sinônimo de “foi lá fora”, bem longe de mim.

Nós não temos como saber isto a priori. Por isso acompanhamos com atenção a história da pessoa, para sabermos se questões como esta, que Bachelard propõe, ocorrem de fato desta forma ou se nada têm a ver com o que está passando com a pessoa.

Queremos fixar o ser e fixá-lo. Queremos transcender com todas as situações para lidar uma situação de todas elas. Confronta-se, então, o ser do homem com o ser do mundo, como se tocássemos facilmente as primitividades. Fazemos passar para o nível do absoluto a dialética do aqui e do agora. Dá-se a estes pobres advérbios de lugar poderes de determinação ontológica malcuidada.

Muitas das nossas palavras estão completamente gastas, completamente arruinadas pelo uso, pelo mau uso, por outras questões.

Quando hoje uma pessoa coloca que ama alguém, provavelmente, desde a modernidade, certos sentimentos foram tão alijados, foram tão colocados a serviço de outras coisas, que precisamos ver de fato do que ela está falando.

O Bachelard diz que, no uso geral dessas coisas que estamos acompanhando, há inúmeros fatores aqui que fazem problematizar a questão e levá-las muitas vezes para outros lugares existenciais.

“Estudemos um pouco mais de perto essa cancerização geométrica do tecido linguístico da filosofia contemporânea.”

Estamos diante de um dos nossos mais importantes filósofos do século passado. Um homem que passou muitos problemas, que viu seu país ser praticamente arruinado durante uma grande guerra, seus amigos, sua cultura, e que trabalhou muito para erguer tudo isso. E que abandona grande parte do trabalho epistemológico que durante décadas ele tratou para se dirigir a estes elementos existenciais, da estética, da poética. Pois ali ele encontrava mais alma. Ali ele encontrava mais coração, mais humanidade.

“Com efeito, parece que só uma sintaxe artificial vem ligar os advérbios e os verbos de maneira a formar excrescências. Esta sintaxe, multiplicando os traços da união, obtém frases-palavras. O exterior da palavra funda-se no seu interior. A língua filosófica torna-se uma língua aglutinante. Às vezes dá-se o inverso. Em lugar de se ligarem, as palavras internamente se desligam. Prefixos, sufixos, sobretudo os prefixos, se separam. Querem pensar sozinhos. Por isso, às vezes, as palavras desequilibram-se. Onde está a força superior do ser-lá? Do ser ou não lá?”

Vamos ver isso com vagar.

O que o filósofo está nos colocando aqui? Houve um desgaste considerável, principalmente na área filosófica, de muitos termos, expressões, explicações que não levavam a qualquer outra coisa, a não ser a grandes armadilhas conceituais.

Muitos filósofos tentaram ajustar isso. Tentaram trabalhar isso. A escola de Viena tentou fazer um trabalho imenso em relação a isso. A redução dos termos até que eles chegassem a dizer de novo algo próprio a eles. Tirar todo aquele tecido adiposo em torno das proposições etc.

Muitos filósofos, em várias áreas, tentaram isso.

Na clínica, uma das maneiras que temos de trabalhar questões como estas é acompanhar os termos que a pessoa usa. Por exemplo, ela coloca a experiência do amor. Com o que isso está ligado? Quais são os exemplos disso que ela tem? Quais são os fatores demonstrativos? O que acontece ao redor disso?

Longamente, devagar, pontualmente etc.

E mais de uma vez é isso que fazemos: acompanhar para entendermos como a pessoa faz referência a esse termo linguístico.

Em tudo isso, a questão do interno e do externo muitas vezes se coloca. Alguns cuidam muito bem do interno, do que elas consideram interno. E, conforme o trocadilho de Bachelard, às vezes elas não sabem que o que elas nomearam como interno é exatamente a parte exterior de tudo.

Um exemplo disso, bem?

A pessoa vai conversar com você e ela diz que ela cuida muito bem do que é dela, dos assuntos dela, das questões dela etc. E você observa o modo geral dessa pessoa. Se ele nota que ela não está bem alimentada, que ela não está com sono em dia, nem o banho em dia, que alguma coisa está acontecendo, parece haver uma discrepância.

Será que ela cuida? Será que, mesmo cuidando, é o melhor que ela conseguiu?

Então, quando você se aproxima para entender melhor o que ela está dizendo, que ela cuida muito bem daquilo que é dela, daquilo que está dentro dela — são palavras dela, literais —, o que você constata?

Que o que ela considera como sendo dela, nas coisas dela e tudo mais dela, na verdade é um jardim que a prefeitura construiu diante da casa dela e que ela considera como sendo o interior dela. Não a casa dela, não ela mesma, não as outras coisas.

Quando alguém fala interior ou exterior, não é o filósofo que vai dizer: “já sei do que você está falando”. Eu não sei. Eu sou um filósofo. Eu tenho que ir atrás para entender. Ah, então é isto.

Alguns consideram seu interior só a parte dos seus sentimentos. Todo o resto não é seu interior. Outros consideram seu interior só aquilo que amam. O resto não é do seu interior? Eu não sei.

No entanto, ao compreender isso, eu posso, na medida do possível, ir adiante, trabalhar essas questões quando elas são condizentes.

Mas agora eu vou partilhar a tela com os senhores para mostrar uma obra. Muito bonita essa obra. O nome dela é Schizon. Schizon, de Jérémy Claplin, de 2018.

Schizon. A raiz é grega, não é? É o mesmo princípio da cisão, do nordestamento, ao que a medicina vai denominar esquizofrenia. A história que vocês verão agora tornou-se rapidamente.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI: <https://www.youtube.com/watch?v=AgiZPrUpynA>

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Só provavelmente, com alguém que passa por uma metáfora assim, como este homem, este rapaz, no filme, que agora, depois que o cometa caiu, ele vai para o terapeuta dele e diz que agora tudo está a 91 centímetros dele e que ele precisa se organizar para poder conviver com isso. Então se ele quer tocar numa flor, quer desligar o abajur, ele tem que se afastar 91 centímetros e aí ele faz o gesto que ele faria se estivesse tocando no abajur, e ali o abajur responderá. Ele se deslocou então, ele está a 91 centímetros de qualquer coisa, muito bem, o que ele faz?

Ele se organiza para lidar com isso, faz cálculos, vocês viram, ele risca a parede, faz tudo e diz que dentro da casa dele as coisas estão sob controle. Vamos ver o que vai acontecer no trabalho e fora da casa dele, quando muitos se aproximam, se afastam e há outros elementos. O que acontece com todo esse controle?

É só um personagem que tem nessa obra, Schizón, que faz isso? Nós não fazemos isso? Afetivamente, existencialmente, do ponto de vista das nossas crenças, do nosso modo de ser, nós não fazemos essas medições?

Talvez não tão exatas, 91 centímetros, ainda que às vezes sim, para lidar com tudo? Quando você vai ao mercado e desce e o menino bate no vidro do seu carro para pedir alguma coisa, qual é a sua reação? Na fila, dentro do elevador, quando alguém telefone e quer tratar de um assunto, não há medições de 91 centímetros, que às vezes se torna menor, maior, às vezes há várias medidas e a pessoa se atrapalha, não é assim que funcionam as nossas vidas?

Não é muito próximo do que Bachelard está colocando, que nós desenhamos um mundo assim, mas que é complicado viver num mundo assim, muito complicado, para alguns é cansativo, é pesado, sempre medições, medições, e alguns levam isso tão longe, tão longe, que acabam medindo, pesando tudo, quantas gotas há ali, qual o peso disso aqui, e fazem essas medições em mais de um fator, às vezes é estético, às vezes é ético, às vezes é moral, e às vezes de outras ordens, a tal ponto que a vida vira um cálculo para qualquer coisa, como chegamos tão longe com isso? Não havia outras formas, hoje não há outras formas de trabalharmos isso? Há outras formas, sim, e Bachelard, na poética do espaço, é uma

tentativa de mostrar essas outras formas, para muitas coisas não precisamos medir, não precisamos pesar, e não precisamos sequer comparar se é dentro ou fora, porque elas estão além disso, estão em outro lugar que não isso, e essas medições podem atrapalhar.

No entanto, para alguns não é assim, há pessoas que conseguem esquadrinhar até emoções. Aparece que começa a importunar a moça, perguntando se ela o ama mais do que amava seu antigo namorado, vejam isso, para ele é possível uma medição dessa ordem, e a menina que não consegue nem entender direito a questão não sabe responder, como responder algo assim? Mas para quem esquadrinha inclusive isso, e tem balanças e medidas inclusive para isso, a resposta é outra, sabe dizer até um número, um denominador, como o rapaz do filme começa a fazer, primeiro com coisas, será que isso também será com pessoas?

Bachelard prossegue seu estudo nos dizendo, antes de tudo é preciso comparar, constatar que os dois termos exterior e interior colocam em antropologia metafísica problemas que não são simétricos, isso para quem estuda filosofia clínica é quase uma obviedade, para alguns o mundo interior é muito pequenino, do tamanho de uma caixa de fósforo, apertado e pouco iluminado, e o mundo lá fora é um universo gigantesco e infinito, conforme ele definiu o que é interno e externo, para outros não, o mundo exterior é pequenininho, do tamanho de um quarteirão apenas da cidade, enquanto o mundo interno abrange até as estrelas, se o filósofo antes mesmo de tratar a pessoa já sabe que é assim ou assado, não é uma clínica, não pode ser uma clínica, se é uma filosofia clínica eu preciso entender o outro, a partir do outro, não é a minha verdade mais que está contando o que, isso não é um relativismo, isso é um subjetivismo, subjetivismo é o mundo existencial do outro, que vai conversar com a objetividade da existência nos exames das categorias, no contexto, então ele diz, tornar concreto o interior e vasto o exterior são, parece, as tarefas iniciais, os primeiros problemas de uma antropologia da imaginação, entre o vasto e o concreto a oposição não é clara, ao menor toque, porém, a dissimetria aparece, e é sempre assim, o interior e o exterior não recebem esses qualificativos da mesma maneira, esses qualificativos que são a medida da nossa adesão às coisas, não se pode viver da mesma maneira, os qualificativos vinculados ao interior e ao exterior, é como ele pensa, para cada um de nós será de uma maneira, algumas pessoas quando vivenciam isso que estamos tratando aqui, os elementos de interioridade, por exemplo, trabalham às vezes, o que é interior pelo crivo da estética, do poema, da flexibilidade amorosa das emoções, e o que é exterior pelo campo da lógica, muitas vezes algo ao passar do campo da lógica para subjetividade, nesse mergulho em uma piscina de água quente e água fria, inverte todos os sinais, vamos a um exemplo bem prático, bem concreto do nosso cotidiano, uma pessoa, do ponto de vista, trabalha em um tribunal, lá tem leis, tem normas, etc, e aplica conforme a constituição do seu país, muito bem, aí chega em casa, que ela considera seu interior, que ela considera, então agora parte do seu poema, de sua plasticidade estética, etc, e a esposa vem e diz para ele, como é que você pôde me aplicar aquela multa hoje no tribunal?

Esqueceu? Ela está perguntando se ele esqueceu que ela é esposa dele, só que lá no tribunal ele estava avaliando uma ação com ela e com outras pessoas e ele atuou como juiz da ação e colocou conforme as normas e as regras, ao chegar em casa tudo isso se dilui e ele já nem lembra direito, já é outro campo, mas ela está muito magoada com ele, ela achou que lá no tribunal ele teria que agir, levar esse que ele considera o interior para lá, para aquilo que na realidade ele conta com o exterior. Isso é um exemplo muito singelo, muito abreviado das complexidades que algo assim pode trazer. Alguns, por exemplo, no quesito da fé, a fé para alguns habita apenas uma área de suas vidas, a parte interna.

Ora, mas a pessoa não sabe disso? Não foi ela que dividiu o que é o exterior e o que é o interior? Não, não sabe.

Entre outras coisas, porque às vezes não construiu muros, fronteiras que mostrem para ela até que é o interior, aqui começa o exterior, nem todo mundo faz isso. Alguns deixam fronteiras abertas, então você pode perguntar, isso é dentro de você ou fora de você? A pessoa não sabe.

De qualquer modo escreve, Bachelard, o interior e o exterior vividos pela imaginação não podem mais ser tomados na sua simples reciprocidade. Por conseguinte, não se referindo mais ao geométrico, para dizer das primeiras expressões do ser, escolhendo saídas mais concretas, mais fenomenologicamente exatas, nós nos damos conta de que a dialética do interior e do exterior se multiplica e se diversifica em inúmeros matizes. Muitas vezes, muitas vezes assim.

E nesse drama da geometria íntima, onde é preciso habitar? E o pesadelo é simples porque é radical, intelectualizar-se a experiência dizendo que o pesadelo é feito de uma dívida, de uma dúvida súbita sobre a certeza do ou não interior e sobre a evidência do ou não exterior, é todo espaço-tempo de ser equívoco. Aí ele comenta um filósofo que ele trouxe para ilustrar o trabalho dele.

Já vamos retomar o Bachelard. Antes, vamos aprofundar um pouco mais o filme. Esse rapaz procurou ajuda de um terapeuta para tentar entender o que estava acontecendo.

Explicou para o terapeuta. Logo, ele diz para o terapeuta que o terapeuta não poderá ajudá-lo, porque está tentando transformar uma questão factual que houve num elemento psicológico e não é o caso dele. Assim ele pensa.

E ele prossegue e aprofunda essas metragens cada vez mais. Vejam bem, ele está tratando de um elemento que para ele é uma exterioridade. O terapeuta parte do pressuposto que é uma interioridade que ele jogou para uma exterioridade.

Ele não tem a menor ideia do que está acontecendo. O rapaz que está vendo isso. Ou será que tem?

E nós é que não estamos entendendo. Talvez a história nos ajude a entender melhor.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DE TRECHO DO VÍDEO

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Ele passa a se comportar, quando sai de casa, da mesma forma. E o que os outros fazem com isso, à medida que ele vai mostrando esses elementos dele? No trabalho dele, cada vez mais problemas.

Ele sabe. Ele pensa, poxa, se eu não me comportar assim, não terei mais trabalho. E ele cria alguns elementos que podem, na ideia dele, ajudá-lo.

Como, por exemplo, se um outro cometa aparecer ali, uma outra pedra voante, gigantesca como aquela, e de novo ele tiver a mesma relação, ele ficará bem e tudo voltará a ser como era antes. Cada vez mais, no mundo dele, ele faz cálculos. Vocês viram as paredes riscadas, tudo riscado.

Cálculos. Cálculos para se aproximar. Cálculos para poder utilizar o toalete, para poder utilizar a cozinha, para poder usar o telefone.

Cálculos por toda parte. De tal maneira que o cálculo entre ele e as coisas passa a ser um imperativo, passa a ser todo o tempo. Mensura.

A vida passa a ser um elemento estudado todo o tempo. Não há mais espontaneidade para nada. Ele não pode se soltar.

Está cada vez mais preso nisso. Essa metáfora ilustra um elemento que o Bachelard coloca lá para fora, nos avisando, nós fizemos isso, nós dividimos interior e exterior de uma maneira tão forte, que ainda que não pareça, mas aqui já não é Bachelard quem fala, mas o que estamos acompanhando, ainda que não pareça, é tão diferente do que estamos vendo nesse rapaz, nessa alegoria, se parar para considerar isso. Será que a pessoa achará tão diferente sua vida disso que ele está vivendo aí?

Esses que virão depois de nós, quando considerarem a nossa época, não vão achar que nós nos comportamos como esse rapaz do filme, do Clapin? Provavelmente. Provavelmente nós hoje fazemos em grande parte das nossas vidas esses cálculos, só que estão automatizados.

Termina a aula, alguns vão para casa, vão pegar seus automóveis, vão fazer suas coisas, alguns passaram ainda no supermercado, etc. Tudo não é medido, pesado, apenas esses cálculos já fazem parte da nossa vida. E sendo assim, o nosso interior já não se expandiu para o exterior, o exterior já não nos habita, você sabe dividir exatamente onde é uma coisa, onde é outra?

Isso levado às últimas consequências pode mostrar coisas como nós vivemos nossa interioridade lá fora, e alguns ficaram muito surpresos disso, seguros que estavam até aqui, de que tudo estava dentro, trancado, ninguém tinha acesso, vão ficar muito surpresos que estavam vivendo toda essa intimidade que achavam dentro dos cercados lá fora. Como isso é possível? Como isso é possível não ser visto, não ser assim tido?

Olha um exemplo bem singelo sobre isso que eu estou falando, o homem, a mulher chega em casa e chama com quem ele vive, com quem ela vive, para uma conversa, quer confidenciar algo. Quando a outra pessoa senta para ouvir, antes mesmo de ele começar a falar, dela começar a falar, esta outra pessoa que foi chamada diz, eu já sei, isso que você quer me falar, que levou tanto tempo sofrendo para poder me falar, eu já sei. Sabe como?

Se a pessoa estava vivendo tudo isso dentro de sua interioridade, quem diz que essa interioridade era do lado de dentro, daquilo que ela considera dentro, pode estar todo o tempo ter vivido isso lá fora, ela que não sabia. Um outro exemplo, você tem um amigo, uma amiga, e você sabe que essa pessoa mente muito, é vaidosa, afetada e tudo mais. Essa pessoa um dia senta para conversar com você, ela diz que quer se abrir, que quer colocar isso para você.

No entanto você diz, fique tranquilo, fica tranquila, tudo isso que você vai colocar, fique bem tranquilo. Essa pessoa não sabe que isso é óbvio, que é evidente, e que todos ao redor percebem isso. Ela achava que isso pertencia ao campo da interioridade, o campo interno, e que lá estava resguardado, e que externamente ela estava mostrando uma outra coisa, e não é nada disso.

Não é nada disso que está acontecendo. Nós temos como saber desses registros? Afinal, às vezes um amigo, uma amiga não vai nos dizer isso.

Olha, é óbvio que você quer tal coisa, é óbvio que você sente tal coisa, mas não só eu sim sei disso, muitas outras pessoas sabem. Às vezes nós não fazemos isso, por compaixão, por amizade, pelo bem do outro, nós damos algumas dicas para a pessoa poder se proteger num mundo que às vezes pede um tipo de proteção, outras vezes não, uma orientação, e às vezes nada. O tema da interioridade, da exterioridade, é um tema que numa época de explosões digitais para todo lado, é uma parte substancial.

Muitos não sabem que estão se expondo completamente, muito além do que poderiam, gostariam, não sabem disso. Como amigos, não é interessante que possamos trabalhar essas questões? Bachelard diz, quanto a mim, acolho a imagem do poeta como uma pequena loucura experimental, como um grão de maconha virtual, sem a ajuda do qual não se pode entrar no reino da imaginação.

E como acolher uma imagem exagerada se não exagerando-a um pouco mais, personalizando a exageração? Logo, o proveito fenomenológico aparece, prolongando-se o exagero, tem-se alguma possibilidade de escapar aos hábitos da redução. Transformemos então o nosso espanto em admiração.

Começemos por admirar, ver se há em seguida, se será necessário pela crítica, pela redução, organizar nossa decepção. Para Bachelard, a maneira, às vezes tão intrincada, tão rigorosa como essas marcações foram feitas, e muitas vezes ilusórias, acabam causando muitos estragos. Ele propõe uma saída poética para isso.

Há outras, há várias outras. Uma delas é a própria epistemologia que ele deixou lá atrás, ainda usa aqui, mas não da maneira como utilizava no início dos seus estudos, quando falava da nova ciência, não. Há várias outras formas.

Pela historicidade de uma pessoa, às vezes, um caminho é mostrar ela onde estão essas marcações, segundo a própria historicidade dela e o contexto. Para outras pessoas, não se trata disso. Para outras pessoas, se trata de conciliar certos elementos da exterioridade e da interioridade, conforme elas se construíram, colocaram.

E assim sucessivamente, para cada um será de uma forma. Vivemos numa época que gradativamente se orgulha de colocar abaixo as barreiras que muitos, muitas centenas de anos, muitas décadas ultimamente acentuaram. Barreiras entre povos, barreiras entre afetividades, barreiras entre identidades e muitas outras.

Mal sabem que muitas dessas questões não estão sendo derrubadas, estão sendo aprofundadas. Por não saberem diferenciar interioridade e exterioridade, muitos estão confundindo esses elementos, levando agora sim a problemas bem maiores. O que seria um exemplo disso que estamos falando?

Um exemplo concreto que mostra esse fato. Vamos ver um exemplo concreto disso. Um homem bem-intencionado vai visitar um lugar em seu país.

E lá ele diz, estas pessoas que vivem na cidade e têm as coisas, a infraestrutura, não podem deixar à margem essas pessoas que não têm. Vamos tirar qualquer barreira para que eles possam interagir e todos tenham tudo. Muito bem, ele considerou que esses que estão dentro colocaram os outros para fora.

Ao colocar esses que ele considera para fora, do lado de dentro, ele está, por exemplo, pensando que há preciso uma preparação, tanto para esses que ele considera que estão entrando, para esses que já estão? Ou é simplesmente um fenômeno de remover a barreira, tirando qualquer concepção do que é dentro e do que é fora? Esse é apenas um dos problemas.

Saídas mágicas, panfletárias, que têm apenas um aspecto aparente, podem complicar muito mais certas situações. Primeiro que, ao assumir que este aqui está do lado de dentro, ele já toma uma petição de princípio aqui muito grande. Como ele sabe que o lado de dentro não é aquele que ele considera que estão fora, lá do outro lado?

O que o faz definir estes aqui do lado de dentro? Dentro do quê, aliás? Ou seja, é um problema grande na nossa época.

E quando diferenciamos isso, o que é o dentro e o que é o exterior, o interior e o exterior, imagine a gama de complexidades que estamos assumindo. Resolvendo vários problemas e complicando e assumindo muitos outros. Diferenciar, aprofundar, ter sabedoria para questões assim, pode ajudar em muitos elementos da nossa época.

Quando eles dizem respeito a isso que estamos tratando? Vamos ver o final desta obra de Jeremie.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DE TRECHO FINAL DO VÍDEO

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

No estudo da historicidade de uma pessoa, vamos acompanhando a maneira como ela fez essas divisões. Do que ela colocou dentro, do que ela colocou fora, e como ela lida com esses elementos. O que é impeditivo.

Aquilo que, por ela ter dividido assim, impede que ela prossiga para certos lugares. E o que fazer a respeito? Não temos como, sem conhecer essa arquitetura toda que a pessoa montou, fazer qualquer coisa.

Não saberíamos o que fazer, aliás. No caso do homem deste filme, vocês viram, ele nos dá todos os indícios das métricas dele, de como ele pesa, como ele mede, como ele sente, o que está acontecendo. No entanto, esta obra vem com tantas leituras.

E uma dessas leituras, diz respeito à própria esquizofrenia, como um exemplo dela, pode ser, aquilo que a medicina chama de esquizofrenia, pode ter a ver com isso. Um exemplo para uma outra área. Para nós, na filosofia clínica, há que se ter muito cuidado quando algumas pessoas levam para além daquilo que, segundo os padrões da época dela, do cotidiano dela, da experiência de vida dela, para onde ela está indo, esses fatores começam a causar inúmeros danos.

Não apenas por ser nocivo. Há muitas coisas que são nocivas, mas necessárias. Certos sofrimentos ligados à aprendizagem, mas às vezes não.

E sem estudar isso profundamente, não teremos discernimento para caminhar. O Bachelard nos traz como ilustração um dos dilemas muito grandes em nossa época, que ele viu na Europa dele, na França dele, nos anos 50, reconstruindo. Muitos desses elementos se tornaram óbvios, existem, evidentes durante toda aquela reconstrução.

Transcrito por [TurboScribe](#).

AULA 17 – O Tinteiro e o Candeeiro de Schelling – 12/12/2025



Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/O%20tinteiro%20e%20o%20candeeiro%20de%20Schelling..mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos amigos, boa noite aos colegas. Sejam bem-vindos nesta sexta-feira, 12 de dezembro de 2025. Estamos finalizando os trabalhos do ano, na próxima semana terminamos as aulas avançadas com a apresentação, inclusive, do próximo curso das terças-feiras, na semana que vem.

É só o que está faltando. Hoje, vamos, então, primeiro à Boituva, ouvir o professor Clailton, momento esperado, a resenha da última aula. Boa noite, professor, por favor, inicie o seu trabalho.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio, boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 5 de dezembro. O tema foi Desconstruções da Distância.

Quando definimos uma bolinha como símbolo singelo de uma EP e a visualizamos ocupando um espaço em uma folha, automaticamente encontramos e enfrentamos muitos dilemas em torno da questão geográfica dessa disposição. Seria possível encontrar aquela demarcação exata, existente na representação sobre o papel em uma EP real? Como identificar os elementos que estão do lado de dentro ou do lado de fora de uma EP?

Os elementos que habitam o lado de dentro conversam com aqueles que estão no ambiente externo? E essa divisão de dentro e fora existe para todos? Uma das obras usadas nos aprofundamentos dessa aula foi a Poética do Espaço, de Bachelard.

No capítulo 9, ele trata da questão do interior e do exterior, uma dialética entre esses dois espaços. Bachelard problematiza a questão geográfica dessa divisão, o que para nós pode ser traduzido como uma pessoa que tem um jardim à frente de sua casa e o tem como um elemento interno ao seu ser, ela hidrata o seu interior cuidando desse jardim. Outra questão referente a essa divisão de espaços ocorre quando uma pessoa vivencia o seu interior do lado de fora, do lado externo, e sem saber disso.

Por exemplo, ela guarda um segredo a sete chaves em seu íntimo, um belo dia resolve abrir isso para o ambiente externo, ela conta para os amigos, para as pessoas próximas, e muitos dizem a ela, olha, a gente já sabia disso? Isso não era segredo para nós, ou seja, ela já demonstrava sem perceber essas questões. Aqui podemos citar as porosidades que nós já estudamos, as interseções, a expressividade, o quanto de nós vai em direção ao outro enquanto nos expressamos, nem sempre temos controle de tudo que passa, que emana de nós, seja pelos dados de semiose ou por outras vias.

Portanto, há casos em que a pessoa considera interno algo que já exteriorizou há algum tempo, e o contrário também pode ocorrer. Por exemplo, quando uma pessoa não reconhece como dado interno um elemento que é interno e ela coloca para fora, por exemplo, alguns elementos da privacidade, ela não cuida desses elementos como se fossem privados, como se fosse algo que diz respeito apenas a ela. Outra obra que contribuiu com essa aula se chama Schizón.

A partir desse vídeo que nós assistimos, surgiram algumas reflexões, por exemplo, sobre a exatidão que podemos encontrar em elementos da objetividade, como peso, altura, volume, e as dificuldades que uma pessoa encontra quando tenta medir elementos da subjetividade e busca encontrar a mesma precisão. Então, quando falamos de amor, de felicidade, de compaixão, de perdão, como vamos encontrar exatidão nessas coisas? Então, é um problema que surge quando buscamos isso.

Ok, professor? Parando por aqui, obrigado.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Agradeço, Clailton, mais uma linda resenha. Os senhores já sabem que alunos que fazem estudo aqui ao vivo recebem invariavelmente um lindo presente, não é? Esse presente de hoje, ele vem lá dos anos 70, dos anos 80, o mundo era muito diferente, nossa, era muito diferente.

E naquela ocasião, dois músicos brasileiros, que costumavam ter muitos problemas com a censura, lembram? Não era um tempo em que a gente podia falar principalmente sobre política abertamente. Mas alguns artistas, alguns escritores, alguns pensadores compreenderam que a natureza dessa interseção, como fazer para dizer aquilo que abertamente não seria possível.

Essa música que vocês vão ouvir agora é muito, muito bonita nesse sentido, mas ela tem um acréscimo. Essa versão que vocês verão agora é dos anos 2005, 2006, por aí, ela traz um arranjo que merece, aqueles que gostam de música provavelmente depois voltarão e farão uma revisão, porque, principalmente, por favor, prestem atenção a como toda a percussão, tanto a bateria quanto os tambores, conversam com os sopros, é uma síntese de samba jazz, já bem conhecida de vocês, já vimos vários trabalhos disso, mas também traz nossa raiz afro-brasileira e de uma maneira muito bonita. Não é fácil fazer uma composição que abrigue esses elementos, dada a maneira como o compositor fez. Ele construiu a música para que ela tivesse uma melodia muito próxima da música clássica.

Quando então ele faz esses arranjos, é um exercício interessante que ele faz para isso. No entanto, ele contou com um letrista que realmente era uma referência na nossa época. Que é o Aldir Blanc.

Ele coloca um casal, na letra dessa música, que vive brigando. Briga porque o dia deles é a briga. A própria queixa é parte do que nutre a vida deles.

E a moça desse casal, nas brigas, ela faz o típico, o que na época os intelectuais consideravam o típico escapismo brasileiro. Então ela prefere, ao invés de enfrentar os problemas, e dizer como é que eu posso me desenvolver numa sociedade tão desigual? Como é que eu posso me desenvolver sendo mulher num mundo que prioriza o machismo, a masculinidade, que não vê alma, não vê coração?

Como eu vou fazer isso? Mas ela não faz nada disso, nem pode. Ao alcance dela não chega a isso.

Então o que ela faz, o que era típico na época, que muitos milhões faziam, ela bota a culpa nas estrelas, nos astros, ela gosta de horóscopo, então ela justifica por aí. Que para os intelectuais da época era um protótipo da alienação no nosso país. Mas quem fala em toda a letra é o rapaz.

E o rapaz que parece que tem, ele que está em razão, ele que está certo, afinal ele está se queixando, ela não deixa ele ouvir futebol, ela não deixa ele fazer nada. Ela cerceia tudo, ele não pode ser no bar com os amigos para tomar um traguinho, que mal tem, não sei o que. Tudo que ele faz ele minimiza, mas carrega as tintas sobre ela.

O Aldir Blanc constrói tema lindíssimo. E o João Bosco constrói a harmonia belíssima, belíssima, um clássico da nossa música popular brasileira, tão linda, tão profunda nessa canção. O título que o Aldir Blanc coloca é mais uma daquelas provocações daquela época, Incompatibilidade de Gênios, uma linda canção que foi publicada em 1976 num dos grandes clássicos brasileiros, que agora vocês verão com essas peculiaridades que eu mostrei a vocês.

Vejam que poema existencial, que pérola de uma época que o tempo levou. Hoje o mundo é outro. Vamos ao tempo medieval, ao ano medieval de 1976.

Aqui está.

PARA ASSISTIR UMA REPRODUÇÃO DA MÚSICA CITADA, CLIQUE AQUI:

https://www.youtube.com/watch?v=CQcDWyuKpWw&list=RDCQcDWyuKpWw&start_radio=1

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Antes de eu acionar a imagem e tudo, vamos a um pequeno prefácio fora das gravações de imagem. Vocês estudaram o primeiro semestre, uma educação para as emoções, sob o enfoque da filosofia clínica, e vimos muitos problemas de uma afetividade infantil, que habita pessoas que têm 30, 40, 50, 60, mais anos. Temos os problemas, que são muitos.

Vimos que a sociedade na qual vivemos se interessa de promover pessoas imaturas. Há toda uma indústria poderosa que se constrói com isso, desde a impulsividade até a quebra das coisas, não é? Imagina, uma sociedade cheia de indústria pra todo lado, serviços.

Como não deve ficar feliz quando alguém diz, não, eu quebro e vou comprar um novo. E como não deve ficar chateada quando a pessoa diz, não, eu vou remendar, eu vou consertar, afinal é uma família, afinal é uma cultura, tem valores, tem tradições, vou manter, etc. Aí não vende, né?

Emperra a máquina. Então é uma dificuldade, e vemos essa dificuldade se esparramar nas mais diferentes áreas, na filosofia, na pedagogia, na medicina. Na teologia, em várias áreas.

Então trabalhamos tudo isso em um semestre. Neste segundo semestre, finalizando esse curso muito bonito, trabalhamos as afetividades maduras. Vimos, nos dois casos, nós começamos com os caracteres.

Bom, se falamos de infantilidade, quais são as características de uma afetividade infantil no âmbito da filosofia clínica? E depois vimos, então, quais são os caracteres de uma afetividade amadurecida, segundo a própria filosofia clínica. Fizemos vários contrastes, vários elementos em torno disso.

E entre as muitas coisas que tratamos, autores, dilemas, contextos, ficou muito claro o desinteresse geral que há em uma afetividade amadurecida. A quem interessa? Uma afetividade amadurecida sabe perdoar!

Uma maturidade amadurecida sabe amar! Procura compreender! Costuma utilizar palavras que, para a indústria e para a sociedade de serviços, causa pânico, que é, por exemplo, paciência, resignação, vamos aguardar, vamos observar, vamos cultivar.

Nossa, para uma sociedade que tem pressa, que desde o início da modernidade avançou os ponteiros do relógio como pode, alguns de vocês viram a conferência que foi feita no Encontro Sul-Catarinense de Filosofia Clínica. Ali tratei dessas questões, mostrando desde o surgimento dos primeiros relógios nas igrejas europeias, como na Catedral de Notre-Dame, em Paris. Quando se diz Notre-Dame, todo mundo pensa que é Paris, mas Notre-Dame quer dizer Nossa Senhora, toda igreja que tem o nome de Nossa Senhora em francês será Notre-Dame.

Essa Notre-Dame é de Paris, a mais famosa delas, que fica na ilha, dentro da cidade de Paris. Ainda não conheço, depois do incêndio e restauração, mas em breve pretendo conhecer. Foi lá que os relógios começam a surgir, na forma de carrilhões ainda, utilizando os sinos da própria igreja.

Os ponteiros viriam bem depois. E a partir dali, da chegada dos ponteiros, a modernidade se interessa que rapidamente nós amarremos a nossa subjetividade àqueles ponteiros. Então não interessa mais porque eu sei que eu quero aguardar uma coisa.

Olha, tempo, você tem que ir, o tempo está passando, etc. E o homem começa a acelerar sua alma, seu coração. Nós entramos e fomos numa grande armadilha conceitual, acreditando nisso.

Muitos tentaram fazer o contrário, como Voltaire, um dos filósofos que tentou nos avisar, dizendo, estamos fazendo um erro que depois vai ser complicado arrumar. A vida está acelerando, nós estamos nos tornando ansiosos, burocráticos, etc. Cuidado, derrubamos, enforcamos reis, fizemos tudo aqui na França, guilhotina e tudo pra quê?

Pra fazer pior que eles? Pois bem, no meio de tudo isso, algo fundamental precisou ser também colocado de escanteio. Que nós conhecemos desde os evangelhos e que Jesus pega, aliás, dos avós dele, lá do Antigo Testamento, lá da Lei Mosaica, aquele povo bem mais primitivo.

Que são coisas fundamentais. Você é o sal da terra, você é que vai temperar a vida, você é a luz do mundo. Ora, para uma sociedade industrial e de serviços isso é interessante?

Quando que uma coisa dessas é interessante? Eles querem que você veja a luz do mundo lá de fora pra dentro. Ah, você não tem um lindo automóvel? Puxa, que pena, hein? Ó, teu vizinho tem, teu amigo tem também. Você não tem, não é?

E essa casa bonita não é sua? Você não tem uma casa bonita? Trabalhou uma vida inteira?

Lembram do Amarcord, do Fellini? Tem uma cena que os trabalhadores estão fazendo uma casa e um deles é um poeta, né? E ele faz uma poesia ali na hora, dizendo, meu avô construía casas de tijolos, meu pai construía casas de tijolos, eu construo casas de tijolos.

E mesmo construindo a vida inteira uma casa de tijolos, eu não tenho uma casa de tijolos pra morar. Exatamente. Que foi a lição da modernidade, que pessoas como... Já estudamos essa obra mais de uma vez, de Cervantes, né? Don Quixote. Quando fizemos aquela viagem temática de estudos pra Universidade de Sevilha, no sul da Espanha, aquela parceria. Nossa, quantas vezes isso foi citado, né? O livro do Don Quixote. Exatamente. Cervantes anuncia a modernidade e diz, olha, nós estamos entrando numa fria que vai ser complicado. Nós estamos botando tudo pro lado de fora.

O que a modernidade faz? Ironiza o homem da Idade Média. Sucateia. Porque era a forma de dizer, são ultrapassados, são retrógrados.

O homem da Idade Média, da escuridão, das trevas, olha só. Não era o homem da Idade Média que se autodenominava da escuridão e das trevas. Como faz Humberto Eco mostrar nos seus livros sobre semiótica.

De jeito nenhum. E isso é uma alcunha dada aqui pela modernidade. Pra lá.

É como um filho colocar um apelido no próprio pai. Vê se tem cabimento uma coisa dessas. Por pior que seja um pai, o testemunho de um filho não deve ser esse.

Se nós queremos crescer e melhorar, como na civilização e tudo, que o filho, se não teve um bom pai, que ele não seja um mau filho. Não é um olho por olho. Se queremos melhorar.

Então, com essa aceleração, imagina no livro do Cervantes e do Dom Quixote, ele é um homem que gera risos pra todo lado. Não é a Dulcinea que ele idealiza quando ele encontra a moça, aquela faxineira, uma arrumadeira. Não é ela que fica constante.

Ele não encontra com ela. É a Dulcinea que pensa, que leva o recado pra ela, dizendo que ele gostaria de encontrar. Depois ele mente pro cavaleiro andante, porque ele acha também que o cavaleiro andante está mais pra lá do que pra cá.

Ou seja, aí a modernidade joga tudo pra fora. Depois vem a era contemporânea, mais pra fora ainda. E quando hoje nós, nos nossos consultórios, ouvimos pessoas desesperadas, à beira do precipício, qual é a queixa que elas nos dão?

Observem. Muitos de vocês são filósofos clínicos. Nós temos aqui colegas de outras áreas, da área teológica, médica, pedagógica.

Observem o que vocês ouvem. É uma composição que envolve preponderantemente o vazio. Vazio.

Ou seja, por dentro a pessoa está vazia. Pelo menos é o que ela vivencia, não o que ela esteja. E ela se descreve angustiada.

Ela diz, prestem atenção no que vem agora, que ela não tem ferramentas para mudar a situação. Poxa, é o sonho da modernidade. Deixa que nós botamos as ferramentas pra você, aqui do lado de fora, nas nossas fábricas, nas nossas coisas.

Aí dentro você não precisa ter nada, não. Está tudo aqui fora. É o que o Walter Benjamin coloca na obra dele.

Capitalismo e socialismo. Disseram pra nós, não, para aí. O que eles estão procurando lá em Deus, lá no céu?

Ah, tá, segurança, bem-estar. Ué, vamos dar isso pra eles aqui. Eles compram produtos, a gente...

E muitos entraram nessa furada. Tiraram completamente sua transcendência, seu contato com o luminoso, com a espiritualidade, e caíram numa canoa furada que nunca se preenche. Esse é o discurso da modernidade, que fez naufragar milhões de vidas em mentiras deslavadas.

Jogaram toda a Idade Média no lixo, com ela botaram toda a religiosidade, como se fosse... Nossa, mas aquilo é um fundamentalismo religioso, não tem pé, não tem cabeça. É mesmo?

Quem é que diz, quem é que faz esse discurso? É um estudioso disso, ou é alguém, um panfletário? Vamos ver de onde parte o discurso.

Qual é o propósito dele? Em princípio, tem erros e tem problemas, como tem a nossa época, como outras épocas tiveram também. Não é melhor nem pior, é muito difícil comparar épocas, povos, contextos, culturas.

Complicadíssimo. Então, finalmente, quando tiram do ser humano esse elemento central que havia, dizem, não, tenho problemas, eu vou resolver. Tudo que eu puder fazer com as pernas, com os meus braços, com as minhas forças, meu sangue, meus músculos, eu faço.

E o que eu não der conta, então os grandes profetas já disseram, aí tu apela a Deus, aí é com ele, aí é com ele, não é mais contigo. Enquanto tu dá conta, é contigo, vai trabalhar. Não deu conta, então é com a transcendência.

Isso se esvaziou. Aí surge o Estado, vocês sabem, o Estado hegeliano, como é que ele se é estruturado, com a grande promessa. Encontramos muitas versões, no Leviatã, por exemplo, de Hobbes, dizendo que é o grande engodo que isso acabaria por fazer.

E hoje, aqui no Brasil, trabalhamos três meses por ano para sustentar uma máquina voraz que nos devora, devora nossas famílias, nossos amigos, nossos irmãos que vivem na miséria, um país com milhões de pessoas na miséria, nas favelas. Isso não pode ser uma coisa que a gente tolere, que a gente diga que está tudo bem, mas principalmente nós que temos casa, comida, roupa lavada. Esse não é um discurso capitalista ou socialista, é um discurso humano, humano, ok?

Precisamos trabalhar para que as coisas melhorem. Não se trata de panfletagens e nada. Para melhorar é preciso amor, amor, amor.

Não é sedução, como colocou Kierkegaard, que arruína a melhor das pretensões. Vocês já viram, já estudamos, toda a história dele com a Regina, como é que foi, a tristeza que esse homem padeceu. Não se trata de sedução, se trata de amor.

Amor é quando você recebe alguém que está com fome na sua casa e você diz, para aí, para aí, eu vou trazer comida para você. E você nem comeu ainda, chegou do trabalho e nem pôde se alimentar, mas não tem problema. Você não está preocupado com você, você está preocupado com aquele que chegou ali e quer dar de comer a ele, e quer abraçar, e quer fazer, dizer boas palavras para ele.

Você se levante, não fique nisso. É como Caetano falava, gente, é para brilhar, não é para morrer de fome, não. Não acredite que você não mereça as coisas.

Só por existir você já merece. Esse discurso todo é o prefácio da nossa aula de hoje. A nossa aula de hoje tem como propósito, uma das introduções, não é a única.

Há pessoas que se desenvolveram afetivamente, são maduras emocionalmente, devolver a elas esses elementos, que elas sejam a luz do mundo, que elas sejam o sal da terra, que elas possam de fato viver em paz, com amor, bem, e que possam semear em seu redor, não é preciso tirar nada de ninguém para você ter as coisas, você pode ter tudo e ainda doar as coisas para os outros, é algo muito triste que em 2025, temos povos irmãos brigando, palestinos e judeus são irmãos, tem o mesmo pai em comum, ucranianos e russos, o mesmo pai em comum, a mesma língua em comum, inclusive, e aqui no Brasil, não preciso nem me estender sobre o tema, é o que a gente vê cotidianamente, mas existem muitas coisas boas também no mundo acontecendo, e é difícil discernir nesse momento se o que é bom não é a maior parte, talvez até já seja.

Agora, Federico Levin, uma obra tocante, uma obra que parece ser para crianças, e também é para crianças, mas é muito mais para nós adultos, nos tornarmos adultos. Uma menina com lápis, é alguém que resolve, não é que ela desrespeite o mundo não, não é que ela desautorize o mundo, nada disso, ela respeita o mundo, ela autoriza o mundo, só que ela quer participar do mundo, sendo ela também o sal da terra que vai temperar tudo isso, sendo ela também a luz do mundo que vai temperar tudo isso, uma obra maravilhosa. Junto com ela, nós vamos lá para a Índia, vamos para a cultura indiana, outro lado do planeta, e de lá os nossos irmãos nos dão um lindo filme, de um garoto que em 2007 tinha pouco, em torno de 30 anos, que é o Amit Dutta, uma obra maravilhosa, Kramasha, que significa gradualmente, algo que você faz passo a passo, um filme que mistura o momento em que estamos na vigília, com o momento no qual estamos acordados, uma das metáforas muito lindas para os nossos dias, com muitas citações, com muitos elementos maravilhosos.

Na obra do Federico Levin, ele conta, a menina com o lápis tem sono, e agora é a hora do sonho, então aparece a menina com os olhos semicerrados, e ela está pensativa, ela queria voltar para casa, essa menina, mas ela não tem casa.

Bem, uma pessoa que quer voltar para uma casa, mas não possui um lar, uma pessoa que quer ter um relacionamento com alguém, mas não encontra ninguém, uma pessoa que deseja um trabalho, mas trabalho não há, uma pessoa que deseja um pôr do sol, mas onde ela está não existe pôr do sol. Se essa pessoa, segundo os padrões existenciais dos nossos dias, pôde alcançar uma certa etapa de discernimento, é provável que ela, como essa menina, o lápis dela é a nossa consciência, o lápis dela é todo o nosso aparato existencial, é provável que essa pessoa, conversando com o contexto, produza isso. Como ela faz?

Muitos não têm casa, bom, mas você está pensando em qual casa? Muitos não têm o que comer, quando eu falo em comida, você está pensando em quê? Ou seja, esta pessoa, em interseção com o seu contexto, com sua base categorial, os exames das categorias, ela, nesta interseção, buscará ajustes que propiciem, na medida do possível, essa interação, de modo que ela possa usufruir e ter coisas.

O testemunho que ela dará tem muito a ver com o que ela é. Alguns se comportam como ave de rapina, devastam tudo, outros de maneira respeitosa, outros choram, sentam e choram, como se o mundo tivesse obrigação de atender seus caprichos, ou talvez suas necessidades. Vamos ver como a história dessa menina, que não tinha casa, mas tinha um lápis para desenhar?

A menina com o lápis desenha uma casa e olha a casa que ela desenha, é uma casa que talvez nós não morássemos, mas ela mora nessa casa, é a casa dela, não é a minha casa, não é a sua casa, é a casa dela.

Ela desenha uma porta na casa e entra, talvez nós não tenhamos pensado nisso, não é? Você desenharia sua casa colocando uma porta, uma janela?

Ela colocou porque ela quer entrar nessa casa. Então árvores, animais e outras coisas ela vai deixar para depois, ela quer uma casa, ela precisa de uma casa e ela conseguiu a casa dela, a casa dela. Agora ela queria se jogar na cama e descansar, mas ela não tem uma cama.

Ora, alguns talvez pensem, mas se ela tem uma casa, uma casa não tem uma cama, uma casa não tem um fogão, não tem uma geladeira, não tem um sofá, toda casa tem. Toda casa tem? muitas casas não tem, a casa dela não tinha. E muitas outras coisas, nós não sabemos nem se tem a parede dos fundos na casa dela, nós não sabemos se tem telhado, lembrem a casa dela, ela é o sal da terra, ela é a luz do mundo, ela está fazendo a casa dela, não é a minha casa, não é a sua.

Ela queria se jogar na cama e descansar, mas ela não tem uma cama, o que será que a menina faz? A menina com lápis desenha uma cama e a cama dela é muito bonita, tem uma lua, tem uma estrela, é uma cama com um aramado todo que sustenta a estrutura da cama, muito bonita a cama que a menina constrói para ela. Essa é uma menina que tem muito bom gosto para construir as suas coisas.

Quando trabalhamos em consultório questões como estas, logo percebemos qual a relação da pessoa e em que distância das coisas, ou às vezes não distância, intensidade, relação ou outra consideração ela tem com aquilo que faz sentido a ela. Por exemplo, algumas pessoas numa situação similar, você nota que elas esperam que façam por elas. Ela constrói todo um movimento em torno disso, os outros devem a ela, é assim ela pensa.

Outros se tornam muito intensos, muito violentos, acabam maltratando, ferindo, outros constroem, mas pela maneira como eles constroem, é quase como se não fizessem isso. Como nós sabemos se é de uma forma, de outra, de outras? Acompanhando a historicidade da pessoa, é acompanhando a historicidade dela que veremos os elementos que são antecedentes, de anterioridade, e os elementos subseqüentes aos atos volitivos desta pessoa.

É assim que fazemos, não há outra forma. Então, ao acompanhar, nós consideramos como se data, como essas passagens são feitas. Agora nós vamos para a Índia, para um pequeno vilarejo indiano, nas primeiras horas da manhã, é como começa esta linda crônica contemporânea.

Ainda que seja rodado numa pequena vila do interior da Índia, uma vila pobre, o que o autor nos traz é universal. Parece abranger as estrelas do céu, as águas do mar, os vagalumes, as borboletas, a alma humana. Não esgota o assunto, mas parece dizer respeito a tudo isso.

O quanto diz, nós vamos ver agora.

REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

Temos aqui várias citações importantes dentro da obra. Primeiro, vocês observaram que ele mescla.

Nós não sabemos ao certo os elementos de temporalidade, os elementos de espacialidade. Observe a perspectiva da filmagem, e também ele trabalha com os elementos locais. Então tem o peixe, ao contrário de uma personificação de vítima, mostrando mudanças, mostrando um ir além, alterações.

E ao mesmo tempo, ao fundo da parede, pássaros passando, apenas as sombras enunciadas dos pássaros. Na tradição local, mas isso varia muito de aldeia para aldeia. A mitologia é diferente de como é aqui no ocidente.

No contexto do filme, provavelmente são mensageiros espirituais, levando além. Numa tradução livre do que estamos vendo, não temos como dizer se ele está propriamente acordado ou se ele está dormindo. Mas seja como for, ele está interagindo, está construindo os elementos.

Bem, mas durante o sono nós temos como fazer, conforme a menina faz, desenhar? Isso é relevante? Bem, aqui nós temos várias histórias.

Quando trabalhamos a historicidade de uma pessoa, e dependendo da estruturação dessa pessoa, por vezes há movimentos que podem ser feitos a posteriori. Exemplo, depois que a pessoa nos conta um sonho que teve, podemos perguntar a ela determinadas coisas, ou agendar mesmo determinados elementos, conforme os princípios que norteiam a vida dela. Um exemplo disso é, neste caso, o que mais você poderia fazer?

De modo a lidar com a chuva que vinha, o vento. E a resposta que a pessoa nos dá, altera o elemento de anterioridade, o próprio sonho que ela teve. Para alguns é assim, para outros não. Para outros isso e nada seria a mesma coisa. Ou seja, precisamos trabalhar junto a historicidade da pessoa e o seu modo de construção para entendermos como é possível que ela, aos poucos, com responsabilidade, com discernimento, com maturidade, compreenda o que é desenhar seu próprio mundo, respeitando o mundo no qual ela vive. Um mau engenheiro, um péssimo arquiteto vai construir rodovias que vão para lugar nenhum ou direto para um abismo.

Então isso não se trata apenas do dom de saber fazer, ou da capacidade para saber fazer, mas compreender o contexto no qual se faz.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

Na cultura indiana, seja ela budista ou não, de outras denominações, é usual que se considere um templo abandonado, um templo vazio, como latente de religiosidade. Ou seja, ela ainda o habita, ainda está.

Mesmo nas imagens que nós vimos, deterioradas, não cuidadas, esquecidas, elas vivem. Além disso, é uma tradição muito diferente da nossa, ela é muito ainda arraigada a fatores da oralidade, sobretudo na questão da mulher, que é quem vai cuidar grande parte desta relevância e destas adaptações. Bem, mas em que isso implica no que estamos estudando?

Quais são as correlações importantes necessárias? Uma delas é compreender que em determinada cultura, ao você riscar determinadas coisas, terá uma outra significação e será um outro elemento. É compreensível que alguns entendam que quando eu falo disso, eles entendam, ok, isso na Índia então será assim, e aqui no Brasil será de outra forma, mas essas culturas não estão desta forma geográfica apenas distribuídas, elas estão dentro de nós, conosco, ao nosso redor, nas nossas vidas.

Aquele que você foi aos 15 anos, você não é aos 20, não é aos 25 e muito menos você é agora. Vários fatores ficaram pelos caminhos, outros retornaram, outros melhoraram, outros você perdeu e assim muitas outras coisas. Essas mitologias nos habitam e às vezes em espaços que nem são distantes.

Há seres, há pessoas que caminham a um só tempo com a religiosidade e com o ateísmo, ao mesmo tempo, aceitam e oram para seu Deus e no entanto dos seus valores, seus princípios, seu cotidiano, encerram um ateísmo que conversa com outras denominações, como capitalismo, socialismo, e a pessoa não se dá conta disso, acusa apenas os sintomas disso. Se ela vai desenhar sobre isso, para colocar suas volições, suas vontades, ela pode estar complicando muito mais a vida dela do que propriamente encaminhando para melhorias. Por isso o estudo cuidadoso, diligente, da historicidade, respeitoso da pessoa.

Na obra do Federico Levin, Uma Menina com Lápis, vamos ver como essa menina está prosseguindo com a história dela. Ela não está totalmente confortável, disse o Federico. Ela queria um travesseiro, um travesseiro fofo.

A menina com o lápis desenha um travesseiro e apoia sua cabeça no travesseiro. Considerem, por favor, o que estamos acompanhando. Esta menina está construindo seu mundo, está indo atrás dos seus elementos, dentro da realidade que é dela, e essa construção dela mostra que ela já tinha um conhecimento anterior sobre isso.

Ela sabe que é uma casa, um travesseiro, uma cama, muitas coisas. De alguma maneira o mundo tomou, ela perdeu, outra coisa aconteceu e ela está agora construindo, refazendo. A maneira como ela faz isso diz muito dela.

Se ela pelo menos pudesse olhar o teto, se ela pudesse olhar uma janela, o autor nos diz que aquele que constrói, aquele que se torna o sal de sua terra, a luz de seu mundo, aquele que faz isso, ele encontra naturalmente os problemas derivados da própria construção. A construção não é finalizada, ela está aberta. É a vida.

Então a pessoa precisará rever, precisará às vezes admitir que cometeu um erro, colocou algo que não deveria ser assim ou de outra forma. Isso é uma parte importante do próprio crescimento. A menina faz a casa e cadê a janela da casa?

Logo, ela que gosta tanto de olhar para fora, se ela pelo menos pudesse olhar o teto ou uma janela, o que faz essa menina, que pode ser provavelmente uma mulher de 40, 50 anos? Ela chora, ela diz, eu não tenho uma janela, não me dão uma janela, o mundo é mau, são culpados, é assim que a pessoa faz? Ou uma mulher de 40, 50 anos diz, vou tentar fazer minha janela.

Se eu não puder abrir uma janela na parede, talvez eu possa pendurar um quadro, que é uma janela, talvez eu desene, talvez eu vá na casa da minha amiga, ela tem uma janela de onde eu poderia avistar o parque, são janelas? Quanto ao pronome possessivo, se é delas, se não é dela, etc., isso para quem constrói muitas vezes é irrelevante. Para quem constrói.

A menina com o lápis desenha o teto e no teto desenha uma janela. Tudo isso que a menina está fazendo, que ela está desenhando, tudo isso são coisas que ficam paradas, como pedras que são colocadas no chão, seixos pesados no leito de rios, é assim que isso funciona? Muito improvavelmente é assim.

O que é construído conversa com outros, e com outros, e com outros, e com outros. Você colocou um banquinho de jardim na sua casa? Um banquinho muito bonito e todo em madeira, envernizado, aconchegante, com algumas almofadas no seu jardim?

Talvez quando você, depois de voltar do trabalho, vá encontrar o velhinho, que mora lá na esquina, foi até a sua casa, pediu para a sua esposa, para o seu marido se podia sentar ali e ler um livro naquele acolhedor local, e o velhinho dá tanta graça ao local, tanta vida, que você nem tinha percebido quantos passarinhos habitam o seu jardim. Sim, tudo isso você não fez, você fez o jardim. Tudo isso agora chega, e muito mais.

Do outro lado da janela, desenha árvores, nuvens, estrelas, planetas, tudo ganha vida do outro lado. E é muita coisa. O espaço dela fica lotado de coisas.

Uma mente pragmática, industrial, ou orientada por uma sociedade de serviços, vai ter uma certa dificuldade de compreender coisas assim, porque rapidamente talvez queira catalogar tudo, etiquetar, precificar e outras coisas que vão fazer arruinar grande parte da construção, levando-os para um lugar

que desde a modernidade tem sido um problema e tanto. Mas aquele que faz isso de outras formas, colhe outros frutos, muito diferentes destes, fazendo com que as estrelas se aproximem e que fiquem em uma distância que nos comove a alma. Fazendo com que os outros teimem.

Os passarinhos cantam, puxando um sorriso naquele que está morrendo, trazendo tranquilidade para aquele cuja alma está aflita. São outros modos de fazer. A menina queria dormir com um conto.

Aqui o autor, Levin, nos leva para uma parte da filosofia muito cara nos nossos dias, que é a ontologia. Ele se afasta desse elemento construtivo, deixa Schelling para trás e entra num espaço de conversação heideggeriano, no qual ele vai com certo cuidado trabalhar a questão ontológica. Vocês não viram pessoas aqui na história dela, viram?

Até agora. Onde estão as pessoas? A menina só constrói coisas?

Ela constrói casa, ela constrói cama, ela constrói estrela. E onde estão as pessoas? Bem, nós vamos ver o que acontece com isso.

Será que as pessoas que aparecem nas nossas vidas, elas aparecem de uma maneira causal? Num mundo que é amplamente responsivo? Ou seria mais como Antoine, na obra de Sartre?

A náusea seria mais ou menos assim, fortuito, aleatório? Seja como for, existe o fenômeno da seletividade, que é aquele que nós precisaremos cuidar. Ninguém está amarrando você a um estado de coisas, mas você pode se amarrar a um estado de coisas.

Então, nossas construções, nossas habitações, a maneira como respondemos e como somos é um dos testemunhos da nossa construção. Antes de eu prosseguir com a obra do Levin, vamos retornar a esta linda metáfora que vem da Índia, de um jovem cineasta, nos mostrando como um mundo pode ser tão maior, tão mais rico, e olhe que a ambientação é numa aldeia, uma pequena aldeia indiana, muito pobre.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

Posso construir simplesmente me deslocando, simplesmente mudando a perspectiva.

O modo como Maurice Merleau-Ponty colocava no olho e no espírito, a maneira como ele tratava o pintor, naquela obra magnífica de 1960, poucos meses antes de falecer. Nós podemos fazer muitos, não todos, porque isso dependerá de vários fatores existenciais, constitutivos, por exemplo, para uma pessoa que teve uma formação extremamente racionalista, cartesiana, e adotou isso como uma das premissas e moldes existenciais, talvez ela tenha dificuldade de compreender certos elementos que vão além das medidas e dos pesos de uma época como a nossa. Outros não. Isso não torna ninguém melhor ou pior, mas diferente. Cada um tem um, vai observar como pode fazer essas movimentações, mas para alguns, se observando a historicidade da pessoa, simplesmente sugerindo a ela um passeio, dizendo para ela bem, isso que você está me contando, que aconteceu desta forma, visto pelo seu tio, que é uma pessoa amorosa, que estava sentada na cadeira, todo o tempo tomando seu chimarrão lá adiante, e com um sorriso nos lábios, acompanhava isso, não era nada trágico, não é mesmo? A pessoa fazer esse deslocamento, uma recíproca de inversão, estando com o tio e conseguindo observar de lá para cá, como coloca o Bob Dylan na música dele, não é? Como você se sentiria, vendo do outro lado as coisas, para alguns isso é muito tranquilo de ser feito, só não fazem. Nunca pegaram um lápis para desenhar o mundo de maneira respeitosa. Ao fazerem isso, alguns têm mais de um ponto de vista, alguns têm mais de uma consideração.

Aquilo que antes era certo e rochoso, se torna flexível para alguns. Então isso é uma panaceia para todos? Evidente que não.

Isso aliás é feito de maneira muito cuidadosa com o histórico, e após termos muitos exames da historicidade da pessoa, não é feito num primeiro momento. À medida que a pessoa começa a retomar para si aquilo que Levinas colocava, a responsabilidade, não apenas sobre si mesmo, a minha responsabilidade sobre a responsabilidade do outro, totalidade infinita. Quer dizer, não se trata mais do horizonte grego, de apropriação da palavra, se trata do próprio, da própria transcendência.

Então no momento em que isso é trabalhado e feito, a pessoa retoma, retoma a sua responsabilidade. Ninguém mais é culpado das coisas que ela vive, ninguém mais é responsável por ela ser triste ou alegre ou qualquer outra coisa. Quando ela começa a redescobrir isso, esse elemento oceânico em sua vida, e aprender a deliberar a partir daí, uma das coisas, e uma sociedade na qual vivemos talvez não goste nada disso, é que os pesos e medidas industriais e de serviços talvez não sejam mais tão significativos.

E talvez aos 70 anos essa pessoa descubra que agora finalmente ela tem um coração jovem para amar. E talvez ela descubra que agora finalmente aos 80 anos, os três meses que o médico disse que ela teria de vida, dado a metástase que ela está vivendo, são mais do que o bastante, do que quase uma infinidade de tempo. Talvez ela descubra muitas coisas, e muitas outras coisas, e ela possa inventar, a alma humana se expande muitas vezes, fica maior que o próprio universo, universo que feito pelo homem, desenhado pelo homem, é tão pequenininho às vezes, não é?

Cabe e parece todo numa caixinha de fósforo, mas feito por Deus não é assim, ele é infinito, não tem fim. Vamos ver o que a menina faz agora? Bom, agora entramos no fator ontológico, a menina com o lápis desenha um livro com um conto dentro, porque ela queria dormir com um conto, então ela desenha, se ela precisa disso, se está tudo bem, ela está construindo, cada vez mais o mundo dela está se expandindo, em alguns contextos encolhendo, ela é a luz do mundo, e ela está fazendo isso, no entanto ela lembra de uma coisa, ela não sabe ler, ela desenhou o livro, ela tem tudo, aparece na caminha dela, muito bem acomodada, no travesseirinho dela, com o livrinho aberto, mas ela com um olhar surpreso, ela não sabe ler. E agora, o que ela faz?

Ela pode desenhar, que ela aprendeu a ler, não pode? Ela pode desenhar um gravador, lendo a história pra ela, pode inventar muitas coisas, o que governa o mundo dela, fizer sentido, lembrem quando estudam procedimentos clínicos, os elementos submodais, a pessoa pode nem usar, mas se fizer sentido a malha intelectual, se tiver aceite, ela é plausível de uso, veremos se pode ou não, é o que acontece com ela. A menina com o lápis, vejam o que acontece agora, desenha uma irmã mais velha, é aqui que o texto se abre para muitos problemas na nossa época, desenhar uma irmã mais velha? Como assim desenhar uma irmã mais velha?

Vinícius de Moraes dizia que ficava feliz, não é quando o filho dele nascia, é quando ele tinha, vejam bem, a ideia de ter um filho, ele já se emocionava, é nesse sentido, não é que ela é

Deus e que ela constrói pessoas ou desconstrói, não é isso, é que no mundo de uma pessoa, quando sua alma, seu coração está pronto para determinadas vivências, usualmente elas costumam ocorrer, não é sempre, mas usualmente, você sai com um estado de humor maravilhoso, com o coração sereno, alma pacificada, respirando a brisa, numa noite de verão que parece uma noite outonal, alguém lá adiante que você nunca viu, simplesmente observa você, você diz, é uma velha amiga, é um velho amigo, conheço desde sempre e nunca viu a pessoa, são afinidades, elementos intuitivos, elementos espirituais e de outras ordens que nos habitam e que ocorrem, se você sair de casa com péssimo humor e querendo brigar com todo mundo, provavelmente encontrará outras pessoas, essas que eu acabei de descrever nem verão você, provavelmente.

A menina com lápis desenha uma irmã mais velha, a irmã mais velha lê um conto para ela, o conto diz, aparece uma cena adorável, a menina dormindo na sua caminha com semi-sorrisos nos lábios e a irmã mais velha dela com estrelinhas no cabelo, sentada na cama, está lendo para ela, olhem o que ela lê, existe uma menina que tem um lápis, que desenha, é essa história que a irmãzinha conta para ela. Fechando o círculo ontológico, o autor nos mostra muito das relações especulares, daquelas que são constituídas a partir da nossa própria alma, do nosso próprio coração. Muitos talvez descubram que construir o mundo não é a maior dificuldade, habitar o mundo de maneira vistosa, amorosa, responsável, esse talvez seja o grande desafio de uma época como a nossa.

Transcrito por [TurboScribe](#).

AULA 18 – A optica de Baruch Spinoza, a visão das estrelas – 19/12/2025



Utilizamos como ilustração as obras:

As Estrelas do Céu. Reescrita por Carolyn Sherwin Bailey, Kate Douglas Wiggin, Nora Archibald Smith.

Passing by Adrian Yang.

Rainbow bridge by Ko Jaeun.

Para acessar o áudio editado, [aqui](#).

<https://www.institutopackter.com.br/2025/Emo%C3%A7%C3%B5es2/A%20optica%20de%20Baruch%20Spinoza,%20a%20vis%C3%A3o%20das%20estrelas..mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Boa noite aos queridos amigos, alunos, colegas. Chegamos ao final de mais um semestre. Hoje encerraremos todas as atividades aqui no Instituto.

Só prosseguiremos no final da primeira semana de janeiro. Vocês já têm os cursos, os estudos que os seguirão. E hoje veremos a aula final do estudo na educação das emoções, a parte mais avançada dela, com um lindo texto.

Um texto muito bonito, que vem de longe, muito longe, e tem praticamente 150 anos que foi escrito. Antes, porém, vamos à Boituva e veremos o professor Clailton na última resenha do ano. Boa noite, professor.

PROFESSOR CLAILTON

Boa noite, Lúcio. Boa noite a todos. A nossa aula anterior ocorreu no dia 12 de dezembro.

O tema foi O Tinteiro e o Candeeiro de Schelling. Foi uma aula sobre construção. Uma das obras que contribuíram com essa aula foi o livro Uma Menina com um Lápis, de Federico Levin.

O lápis dessa menina da história é um recurso com o qual ela constrói. É um instrumento equivalente ao nosso aparato existencial e à nossa consciência. É o que usamos nos diálogos, nas relações e contextos. E que dá origem a novas coisas na nossa vida. Logo no início da história, a menina estava com sono e ela queria voltar para casa. Mas ela não tinha uma casa para voltar.

Nós consideramos que essa casa da história da menina pode ser um trabalho na história de outra pessoa, uma companhia de alguém, um pôr do sol, algo a ser construído. Uma pessoa que em nossos dias alcançou uma certa etapa de discernimento é provável que ela, conversando com o contexto, produza isso. Essa pessoa em interseção com sua base categorial buscará ajustes que propiciem, na medida do possível, essa interação.

De modo que ela possa usufruir e ter coisas. Muito do que alcançamos na vida resultou do nosso modo de estar no mundo. Das nossas interações com o meio, do uso que fazemos, dos recursos que temos.

A menina com seu lápis desenhou uma bela casa. Depois desenhou uma cama para deitar-se e descansar. Ela também desenhou um travesseiro para apoiar a cabeça e ficar mais confortável.

Depois desenhou um livro. Foi aí que ela se deu conta que não sabia ler. O autor estava nos mostrando que aquele que constrói encontra naturalmente os problemas derivados da própria construção.

Portanto, os ajustes são necessários e constantes. Como não sabia ler, a menina desenhou uma irmã mais velha que pudesse ler para ela. Essa foi a solução encontrada conforme as disposições de sua EP.

Poderia ter encontrado outras soluções. Para ela foi essa. No consultório, quando surgem questões como essas, logo percebemos a relação da pessoa com as coisas, a distância, a consideração ou a intensidade com aquilo que faz sentido para ela.

Algumas pessoas esperam que outros façam por elas. Outros se tornam intensos e acabam maltratando ou ferindo quem está por perto. Outros ainda constroem, mas de uma maneira que é como se não tivessem feito.

Acompanhando a historicidade da pessoa, identificamos essas coisas, elementos de anterioridade e subsequentes às suas vontades e ações. E trabalhamos junto à historicidade da pessoa conforme o seu modo de construção para entendermos como é possível que ela, aos poucos, com responsabilidade, discernimento e maturidade, compreenda o que é desenhar seu próprio mundo e respeitando o mundo no qual vive.

Outra obra que contribuiu com essa aula foi um pequeno filme que veio da Índia, chamado Kramausha.

É um filme que aborda sonhos e realidade. Com essa obra, observamos a diversidade de elementos que participam de nossas construções, conforme as vivências de cada um e até mesmo aquelas com os quais temos contato durante o sonho, enquanto dormimos. As culturas que existem ao nosso redor e em

nossas vidas, as mitologias que nos habitam, religiosidade, ateísmo, ideologias, tantos elementos que estão aí em nós, à nossa volta, na base categorial, que temos contato no cotidiano e que participam das nossas construções.

Ok, professor? Obrigado. Finalizo aqui.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Muito obrigado, professor Clailton. Mais um lindo trabalho. Como tantos que o senhor apresentou durante o ano, muito bonitos.

Muito bem, alunos que fazem ao vivo, vocês sabem, sempre recebem um presente. Foi o presente de hoje, é muito bonito. Nós, entre os nossos grandes compositores, já vimos vários, né, pessoal?

Tanto da música chorinho, samba, forró, música instrumental e vimos também música clássica, jazz. Na música clássica, mais de uma vez nós vimos Heitor Villa-Lobos, um dos nossos mais queridos compositores. O Heitor Villa-Lobos, ele tinha algumas características bem interessantes.

Uma delas é que ele amava muito um músico, que era uma verdadeira inspiração para ele, que era Johann Sebastian Bach. Tanto que ele faz as bachianas brasileiras, que se tornariam famosas, né? Deixa eu explicar melhor isso, o que são essas bachianas que ele faz aqui, as suítes que ele constrói.

Nós já vimos em aulas anteriores sobre música clássica, como é que é uma partitura, o que é uma clave, por que os instrumentos ocupam determinadas posições na orquestra, vimos muitas coisas, né? Sempre é interessante, a música clássica é...nossa... um oceano de coisas. Bom, primeiro, o Villa-Lobos, ele não via a música do Bach, que foi redescoberto pelo Mendelssohn, talvez estivesse até hoje perdido, ele não via o Sebastian Bach como um músico regional, como a temática regional, como muitos, aliás, daquela época faziam e eram, né?

Nós tínhamos o pessoal da valsa, as músicas regionalistas. Ele considerava o Johann Sebastian Bach um músico universal. Em qualquer lugar do mundo, quem ouvisse Bach se identificaria com ele, um elemento muito raro.

E aqui há muitas discussões acadêmicas sobre isso que eu acabei de falar. O fato é que ele constrói essas Bachianas, como ele denominou, é uma homenagem a Bach, por isso que tem esse nome. Ele vai mesclar o estilo, a forma escrita do Johann Sebastian Bach com o nosso modo brasileiro, com a nossa melodia, nossa paisagem, o nosso ritmo.

Imagina o Heitor de Villa-Lobos fazendo uma coisa dessas, né? E fez de maneira tão bonita. Bom, por que que tem o nome de suíte, né?

Alguns estranham essas nomenclaturas. Esse é um termo muito utilizado na música clássica. Quando falam em suíte, lembrem, é sempre uma pecinha bem curta, ou seja, tem poucos movimentos.

Geralmente elas são reunidas em forma de números numa obra. Por exemplo, essas Bachianas aí que ele fez, são em número de nove, nove movimentos. Então uma vai descrever lá o campo do Capadócio, tem vários elementos.

Bom, isso foi feito lá no início do século passado, já vão 100 anos que ele fez isso. É a partir de 1930 que ele começa, durante uma década, a trabalhar nisso, Villa-Lobos. E vocês sabem, a Bachiana número dois que nós vamos ouvir agora, que se tornou famosíssima.

Mas essa que eu vou mostrar para vocês, tem mais uma história, além de todas as histórias que vocês já ouviram. É a do trenzinho do Caipira, que o Villa-Lobos faz. Como é que ele constrói isso?

É uma viagem de trenzinho, literalmente. Então quem mora no Espírito Santo, Minas Gerais, aqui no Rio Grande do Sul, no Nordeste, em muitos lugares, quem já andou num trenzinho, vai lembrar disso que ele coloca. Começa o trenzinho a fazer o primeiro movimento, a sofreguidão do movimento, e aos poucos vai engrenando.

Tudo isso Villa-Lobos colocou com a fluência do Bach e com o nosso jeito brasileiro. Linda, linda homenagem. Pois o poeta, nosso querido poeta, tantas vezes já o lemos poeta ali, Ferreira Goulart, lá na nossa linda São Luís do Maranhão, o Ferreira Goulart construiu uma letra para essa música, para essa melodia do Heitor Villa-Lobos.

Tão tocante, tão bonitinha a letra, tão amorosa, parece que ele entrou dentro da música e foi no trenzinho. A letra conta que olha, lá está vindo aquele trenzinho com o menino, a vida, a vida que roda, roda, lá vai a ciranda, lá vai o destino. É parecido com isso que eu estou falando.

Muito bacana. E o grupo Boca Livre, que vocês conhecem, muito afinado, que mescla música clássica com jazz e música e MPB, pegou esta música em 2007, em São Paulo, em um dos seus shows, apresentou ao público. Belíssima composição, belíssima construção, que vocês vão ver agora.

Vou partilhar a tela com vocês.

PARA ASSISTIR UMA REPRODUÇÃO DA CANÇÃO, CLIQUE AQUI:
https://www.youtube.com/watch?v=9m-H-5Y9M40&list=RD9m-H-5Y9M40&start_radio=1

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Um texto que tem mais de 150 anos, vem da tradição oral, provavelmente das aldeias escocesas. Houve um autor que fez uma compilação e recentemente uma publicação com várias escritoras, várias professoras. Elas fizeram uma readaptação do texto para os nossos dias, que volta e meia encanta nas escolas, nos lugares por onde passa.

Então as escritoras são a Carolyn Cate e Nora Smithfield. Essas professoras, essas escritoras fizeram uma linda compilação para os nossos dias. É uma dessas histórias que parece que encontramos em vários lugares do mundo.

O final dela foi ligeiramente modificado. Essas escritoras preferiram adequar para os nossos dias.

Era uma vez uma menina.

Ela desejava nada mais do que tocar as estrelas. Olhei a pretensão da menina. As estrelas do céu.

Nas noites claras, quando não havia lua, ela se debruçava na janela do quarto e ficava olhando para milhares de luzinhas espalhadas pelo céu, imaginando como seria se pudesse ter nas mãos uma daquelas luzinhas. Numa noite, uma noite morna, era verão, a Via Láctea brilhava mais do que nunca. Achou que já não aguentava mais esperar a menina.

Tinha que tocar numa ou duas estrelas, fosse o que fosse, apenas duas. Pulou da janela e partiu sozinha para ver se conseguiria satisfazer seu intento. Essa alma feminina que vai pelo mundo, que vai atrás do sonho, numa época em que muito improvavelmente uma criança poderia fazer algo assim.

Mas a obra está falando do nosso coração, é do nosso espírito, é daquilo que nos momentos de dificuldade nós olhamos e consideramos. Eu poderia sair daqui e poderia alcançar algo que para mim

fosse as estrelas do céu. E alguns partem nessa jornada levando aquilo que tem, aquilo que conhecem, aquilo que eles compreendem como plausível.

É o que ela fez, essa menina. Mas a aventura dela é longa e ela vai encontrar muitas questões pelo caminho. Questões que às vezes ela dirá estão no mundo e são delas.

E outras vezes outras coisas. Ela andou, andou muito, e muito, muito mais ainda, até que chegou a um moinho, um moinho de vento, cuja roda girava moendo os grãos. — Boa noite!

— ela disse. — Para a mó. Eu gostaria de brincar com as estrelas do céu.

Você viu algumas por aqui? — Ora, claro que eu vi, eu vi sim. Resmungou a mó.

— Toda noite elas brilham no meu rosto. A luz vem dessa lagoa aí na frente e não me deixa dormir. — Pode mergulhar, minha jovem, mergulhe.

Você vai encontrá-las. Estão aí. A menina mergulhou na lagoa e ficou nadando até cansar os braços.

Aí teve de parar. Mas não conseguiu encontrar nem uma única estrela. Ela então se dirigiu à velha mó.

— Desculpe — disse a menina. — Mas eu não acho que esta lagoa tenha estrelas, sabe? — Bem — respondeu ela.

— Tinha, sim. Até que você mergulhou e agitou a superfície da água. A menina saiu da lagoa, procurou se secar o melhor que pôde e partiu de novo pelos campos afora.

Depois de algum tempo, chegou a um riacho de águas, murmurantes e pedras cobertas de musgo. Esta menina já teve uma primeira e importantíssima lição em sua jornada. Ora, ela não queria encontrar as estrelas? Ela não encontrou as estrelas? O velho moinho disse a ela onde estavam as estrelas, refletindo no lago. Mas a menina era muito inexperiente e aquilo que ela queria tinha que ser do jeito que ela queria.

Não poderia ser de nenhuma outra forma. O mundo deu a ela as estrelas que ela procurava. E olhem bem, deu muitas mais do que ela procurava.

E a menina não fez mais do que afastar todas essas estrelas. Mergulhou e assim afastou as estrelas. E continuou a procurar aquilo que ela já tinha conseguido, de certa forma.

Existem muitas rupturas entre os atos volitivos, as demandas, as necessidades e os atendimentos delas no mundo, como esse que construímos. Por vezes, isso se dá na própria procura, que já modifica tudo. Durante a procura, dependendo do tempo, do esforço, do empenho, dos recursos que são utilizados, ao alcançar o que se busca, já pode ser completamente diferente e a pessoa já querer, então, uma outra coisa.

Às vezes, é a saudade daquilo que não havia, como no caso dessa menina. Então, nós estamos falando das estrelas ainda que ela está procurando ou é de uma outra coisa que ela está procurando? Há muitos fatores aqui.

A menina, então, continua a caminhada dela. A menina saiu da lagoa, procurou se secar o melhor que pôde e partiu de novo pelos campos afora. Depois de algum tempo, chegou a um riacho de águas murmurantes e pedras cobertas de musgo.

— Boa noite, riachinho! disse a menina, educadamente. — Estou tentando alcançar as estrelas do céu para poder brincar com elas.

— Você viu alguma delas por aqui? — Ora, se eu vi... — Eu vi, sim!

sussurrou o riacho para a menina. — Elas ficam cintilando aí por aí a noite inteirinha. Elas ficam aqui nas minhas margens.

Elas não me deixam dormir. — Entre aqui na água. Você vai encontrá-las.

— Não parece muito semelhante ao que ela ouviu há pouco do moinho, dizendo para ela algo similar?

— O que aconteceu? — Ela está ouvindo a mesma história agora de um riacho e vai repetir tudo de novo no riacho?

— A menina não aprendeu, não. — Quantas vezes ela terá que encontrar as estrelas até aprender? — Que já as tem.

— Ah, para alguns. — Talvez isso o moinho tenha tentado mostrar a ela e agora o riacho. — Quando ela lá na casa dela, antes de pular a janela para encontrar as estrelas. — Quando ela já pensou nas estrelas? Quando ela já sentiu-as em estrelas?

Quando ela idealizou um encontro das estrelas? Ela já não tinha as estrelas, não? O encontro real com as estrelas será mais consistente do que isso que ela já construiu?

Esta menina, há 150 anos e agora atualizada para os nossos dias, não está se comportando muito como alguns dos preceitos da nossa época, imbuída de serviços, de industrialização, que faz efetivar algo a partir de certas regras independentes da alma humana? Mas essa história está longe do fim e há muitas coisas aqui no caminho. Antes, porém, eu vou partilhar a tela com vocês.

Quero mostrar uma obra muito, muito bonita, muito tocante. O título dessa obra é Rainbow Bridge. Rainbow Bridge é uma expressão idiomática.

Significaria livremente a ponte do arco-íris, que é uma expressão que começou a ser usada de algumas décadas para cá, a partir dos anos 80, final dos anos 80. Muito utilizada em veterinárias, entre veterinários, muito utilizada hoje por muitas pessoas em clínicas, disseminada a expressão. Livrementemente quer dizer que existe algum lugar aqui onde estamos, e o céu logo aí adiante, e as estrelas que a menina procura, um lugar onde os nossos animaizinhos de estimação, gatinhos, cachorrinhos, eles nos esperam ali. Estão ali, a meio caminho. Não é bem no céu, é um pouco antes. É um arco-íris, então é um pouquinho antes, mas eles esperam ali, aguardam com amor e com saudade que a gente chegue até ali.

Um dia a gente chega. Essa é a expressão. Mas essa crônica filmada, ela tem uma beleza e tem algumas sutilezas muito bonitas.

Reparem no fio, o cordão que vocês verão todo o tempo, como um elemento de conectivos, de ligação. Observem a menina que está no leito de um hospital e observem a relação que ela vai estabelecer com o cachorrinho dela.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI: <https://www.youtube.com/watch?v=Sx1-Gi6rArk>

A menina está indo ao encontro do bichinho, seu animalzinho de estimação, e ele espera também seu animalzinho de estimação, que é a menina.

E há um fio ligando nessa caminhada. Tudo muito claro, tudo muito transparente, não é? É para onde ela está caminhando.

Quando ela chega perto, o carinho, o amor que tem no coração dela já emoldura e dá forma, ela tem o conteúdo de quem ela ama. Uma lição muito bonita. Mas a nossa menina da história, que está procurando por estrelas, ainda não encontrou isso ou entende isso de uma outra forma.

Vejam como ela faz. Ficou andando pelo riacho um bom tempo, subiu pelas pedras cheias de musgo e não conseguiu encontrar estrela nenhuma. Dirigiu-se então ao riacho, ainda agora com a máxima delicadeza.

Desculpe, mas aqui não parece ter estrelas. Você está me dizendo que aqui não tem estrelas? Replicou o riacho.

Imaginem, a menina procura por estrelas. O moinho diz para ela, estão aí e são muitas. O riacho diz, estão aqui e são muitas.

Ela diz, eu não encontro, eu não vejo. Onde estão as estrelas? A menina não encontra.

E milhões de pessoas não encontram. Onde há amor na Terra? Onde há coisas bonitas na Terra?

Só vejo contrastes, coisas feias, brigas para todo lado, desentendimentos, fome. O que é isso? Que utopia é essa que falam? É natural, e alguns não encontrarão as estrelas, vão tropeçar nelas e não as verão. A menina reconhece o que eles estão fazendo por ela, ela agradece.

Onde estão? Eu não vejo as estrelas. O riacho diz, pois há muitas estrelas por aqui, eu sempre vejo essas estrelas.

Tem noite que elas cobrem toda a minha superfície, daqui até a velha lagoa, lá no moinho, o moinho pelo qual ela acabou de passar. São tantas que eu nem sei o que fazer com essas estrelas todas. E o riacho continuou se lamentando, acabando por esquecer-se da garotinha, que aproveitou todo esse falatório e saiu de fininho, tomando os campos outra vez.

E a menina que sente o que muitos sentem numa época de Natal, de Ano Novo, solidão, tristeza, todo mundo está se divertindo, eu não estou, todo mundo tem quem ama, eu não tenho, todo mundo faz as coisas bonitas, eu não faço, não são muitos que pensam assim, e às vezes falam isso cercados de estrelas. Mas eles querem aquela estrela específica, que eles acham que vai nutrir a alma deles, enquanto o mundo, às vezes, propicia estrelas que talvez nutram muito mais. Não é sempre assim, e também não é assim para todos.

Passado algum tempo, cansada, a menina sentou-se em uma campina, deve ter sido a campina das fadas. Então a menina senta perto das fadas, que são criaturas boas, criaturas que sempre estão próximas de Deus, são influenciadas pelo céu, é ali que ela senta, a menina. Observem por onde a menina anda, ok?

Cada pessoa se direciona para lugares, faz suas trajetórias. Aquele que caminha para o céu, ele encontra anjos, querubins, nuvens, pôr do sol, nascer do sol. Os que vão em outro sentido, em outra direção, encontrarão outras coisas.

Então a menina encontra o moinho, ela encontra o riacho, ela encontra, vejam o que ela está encontrando no caminho dela, e agora encontra as fadas também. Esta parte da história é muito, muito delicada, desde o contexto de onde ela surge até os nossos dias. Então vamos acompanhar.

Deve ter sido a campina das fadas, porque num piscar de olhos, cerca de 100 pequenas fadas precipitaram-se a dançar entre a relva. Não eram maiores do que um pequenino cogumelo, mas estavam

todas vestidas de ouro e prata. As fadas são muito amistosas, muito queridas, e a menina fica encantada com elas.

Boa noite, pequenas criaturinhas, cumprimentou a menina. Estou tentando alcançar as estrelas lá no céu, vocês viram algumas por aqui? Ora, claro que vimos, vimos sim, disseram as fadas.

Elas aparecem todas as noites aqui no meio da relva. Venha, venha dançar conosco, mocinha, que você vai encontrar, você vai encontrar quantas estrelas você quiser. Vejam bem, ela estava conversando com as fadas.

Se uma daquelas fadas pegasse a varinha de condão e vibrasse no ar, até uma estrelinha poderia chegar até a menina. No entanto, as fadinhas não fizeram isso. Elas usaram outro argumento pedagógico, disseram venha para aqui, para a relva.

Venha brincar entre a relva, entre as folhas, e você encontrará isso que você está procurando. Não é preciso nada além de tudo que você já tem na sua vida para ter as estrelas. Convite aceito.

Pôs-se então a menina a dançar. Entrou na roda das pequenas criaturas e dançou, dançou, dançou. A pouca luz permitia ver perfeitamente a relva, mas ela não conseguiu ver nenhuma estrela.

Continuou dançando até a exaustão e acabou caindo no meio da roda. Já cansei. Eu já cansei de tentar e eu não consigo alcançar as estrelas.

Aqui embaixo eu não consigo. Entendam bem os marcadores do discurso. Aqui embaixo.

Olhem o elemento de distância. Olhem o elemento da procura. A menina não considerou que as estrelas já estavam ao redor dela?

Que esses amigos todos estavam tentando dizer a ela? Calma, tranquilize-se. Isso que você tanto precisa já está com você.

É diferente a busca. Ah, suspiraram as fadas. Uma delas se aproximou.

Bom, primeiro ela disse que já cansou e depois ela disse para as fadas, se vocês não me ajudarem, eu não vou arranjar nunca uma estrelinha para brincar. Aí uma fadinha se compadeceu e com compaixão disse. Uma delas se aproximou e pegou a mão da menina.

Olha, se você está mesmo determinada, continue em frente, não pare. Siga em frente e não deixe de pegar a estrada certa. Vai em frente e pegue a estrada certa.

Muito bem. Agora vem uma das partes enigmáticas da história. Peça a quatro pés para levá-la até os sem pés e diga... Esse “sem” é com S. E diga aos sem pés para levá-la até a escada que não tem degraus. E se você subir lá?

Reticências. As fadas não fizeram com a varinha de condão que as estrelas surgissem ao redor da menina. Entre outras coisas, porque talvez já estivessem lá.

Mas as fadas amorosamente orientaram a menina. Olha, você faça o caminho certo e esse caminho certo vai te levar até lá. A menina então diz...

Eu vou chegar até as estrelas do céu? Se você não chegar lá, você chegará em outro lugar qualquer, não é mesmo? Sim?

A fadinha deu uma risada e todas elas juntas desapareceram. Vejam bem, se ela não chegar até as estrelas, ela vai chegar a um outro lugar. Que talvez seja tão bom ou às vezes até melhor que a própria presença das estrelas.

Porque na caminhada para as estrelas ela aprenderá tantas coisas. Amigos maravilhosos, vagalumes, borboletas, o sol, o riacho, o monumento. Talvez a um ponto do caminho a menina se dê conta de que já tem tanto, que agora as estrelas já se transformaram nesses amigos dela.

E até mais, não é assim com aquele que anda para os bons princípios, para a amorosidade, para o elemento do caráter, a fé, e vai nutrindo o seu espírito, o seu coração, passando por obstáculos, por dificuldades, a um tal ponto que muito antes daquilo que ele imaginava ter, ele já tem. E às vezes tem muito mais. A menina então retomou seu caminho, esperançosa, e logo encontrou um cavalo selado, amarrado a uma árvore.

— Boa noite — disse ela ao cavalo. — Estou tentando alcançar as estrelas lá no céu. Eu já andei tanto.

Sabe que até os meus ossos me doem agora. — Você me daria uma carona? — por favor.

— Eu não sei nada de estrelas — retrucou o cavalo. — Só estou aqui para atender ao pedido das pequeninas criaturas que desapareceram há pouco. As fadas, as amiguinhas do cavalinho.

Pediram para ele parar ali. — Mas eu acabo de vir de lá, e essas pequenas criaturas me mandaram pedir aos quatro pés para que ele me levasse até os sem pés, que não tem pés. — Quatro pés, você disse?

— Ora, quatro pés sou eu — relinchou ele. — Monte aí. Vamos lá, eu levo você.

Existe um fenômeno muito estudado na nossa época, que é o fenômeno das vizinhanças. Vizinhança é tudo aquilo que nos habita de alguma forma onde estamos. Então, se você está lendo um bom livro, você tem boas ideias a respeito do seu bom livro, você se sente inspirado, liga para um amigo e diz a ele vamos tomar um vinho juntos e ler este livro, vamos conversar no jantar sobre este livro, etc.

São vizinhanças. Às vezes há discrepância. Uma não se dá bem com a outra, há muitas coisas.

Dependendo da estrada que se toma, essas vizinhanças se agregam, somam. Em um tal momento, às vezes, são tão fortes e tantas, que mesmo que tropeçemos, elas têm a propriedade de amparar aquele que tropeça e de levar adiante. Mas isso é assim para vizinhanças que hoje consideramos boas e também para outras questões.

Portanto, sempre a prudência para esses elementos. Então as fadinhas falaram com o amiguinho delas, o cavalinho, para esperar a menina para que pudesse levar. Os dois se foram e andaram muito, andaram muito, andaram tanto que chegaram a sair da floresta e chegaram até a beira do mar.

Eu trouxe vocês até o fim da terra, viu? E isso é tudo o que os quatro pés podem fazer. Agora eu preciso voltar para a minha casa.

Vou deixar você aqui. A menina apeou e começou a andar pela praia, tentando imaginar o que fazer. Então surge um peixe, um peixe maior do que todos os peixes que ela já tinha visto.

Ele veio nadando, amistoso, chegou muito perto dela. O que essas fadinhas fizeram? Mostraram para a menina os limites da terra conhecida.

Seu amigo, o cavalinho, levou para que ela visse toda a terra conhecida. A menina então diz, puxa, então se eu chegar até o mar, na terra não há mais estrelas, não há estrelas. Era esse o intuito das fadas ou outro?

Vamos ver. Boa noite, disse ela ao peixe. Eu estou tentando alcançar as estrelas lá no céu.

Você pode me ajudar? Ah, sinto muito, mas eu não posso, não. Falou o peixe, soltando borbulhas.

A não ser que você tenha a ordem lá das pequeninas criaturas, sabe? As fadinhas. Ah, mas eu tenho, disse a menina, eu tenho.

Elas disseram que quatro pés me traria até os cem pés. E que os sem pés me levaria até a escada que não tem degraus. Ah, bom, disse o peixe.

Então, ok, está tudo certo. Você pode vir comigo, segure aqui firme, vamos juntos. E partiram os dois dentro da água, tomando um caminho que reluzia na superfície e parecia conduzir ao fim do mar, onde ele se encontra, lá no finzinho, com o céu.

Ah, então esse é o caminho que elas ofereceram à menina. Andar por essa parte que é a terra, até os limites, e então para o céu. Mas antes de continuar, vamos ver um pouco mais daquela obra na qual a menina já encontrou o seu cachorrinho, já está com a sua estrelinha.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DO VÍDEO.

Que ao mesmo tempo que é o final da vida, de onde a menina estava, é a propagação para a transcendência. Mas a menina da nossa história ainda não encontrou suas estrelas. Essa que encontrou com seu cachorrinho, vocês viram, no momento em que ela encontra o amor, que ela encontra alimentos que preenchem sua existência, imediatamente a luz se faz e ela tem acesso às estrelas, a porta se abre para ela.

Para muitos, ter as estrelas, para que eles possam ter estrelas. Eles precisam semear elementos. Para outros, isso será de uma outra forma.

A menina então, mesmo depois de ter conseguido deixar todo o mar para trás, lá embaixo, bem longe, as estrelas do céu pareciam estar mais distantes do que nunca. Ela pensou, eu não vou desistir agora não. Já cheguei até aqui e agora eu não vou voltar daqui.

E continuou, continuou subindo, subindo. Por aquela parte que as fadas disseram, suba, a temperatura começou a baixar. O céu foi ficando cada vez mais claro.

Até que a menina percebeu que já estava chegando perto das estrelas. Já estou quase chegando, ela começou a gritar. E de fato, de repente, ela chegou à pontinha do arco-íris.

Viram nessa história há pouco? O arco-íris é um lugar que não é bem o céu. É muito próximo do céu, quase lá.

É onde essa menina na história também chega, o arco-íris. Olhou em volta e em todas as direções. O que ela viu?

Estrelas dançando. Corriam de um lugar para outro, de cima para baixo, de frente para trás e brilhavam nas cores mais variadas ao redor da menina. Puxa vida, cheguei, sussurrou ela baixinho.

Nunca tinha visto uma coisa tão bonita e ficou ali maravilhada, olhando tudo aquilo. Essa outra menina do filme foi tão mais simples, aparentemente, não é? Esta aqui precisou andar muito para ver suas estrelas.

Mas a história ainda tem algo a nos dizer. Muito bonito. Em pouco tempo, percebeu que estava tremendo de frio.

E ao olhar para baixo, não viu mais a terra, perdida na escuridão. Quis encontrar sua casa, mas não dava nem para ver as luzes das ruas ou das janelas em meio àquele breu. Começou a se sentir um pouco tonta.

Ao conquistar tudo aquilo que ela mais desejou, e olha o quanto ela se empenhou, ela não tem mais a casa dela? Ela não tem mais os pais, os amigos, os irmãos? A escola, os professores, a sua aldeia?

Ela não tem mais nada? Ela procura por isso, onde está isso? Se lá no início dissessem a ela, quando você encontrar as estrelas, acontecer algo assim, ela iria atrás dessas estrelas, será?

Talvez não. Talvez ela dissesse, olha, vou ter as estrelas e tudo isso que eu tenho. Vai ser uma grande melhoria de tudo.

Mas isso que ela encontra é diferente. Muito diferente. A experiência dela está sendo muito diferente.

Não vou embora daqui sem ter tocado ao menos em uma estrela, ela diz. Colocou-se na ponta dos pés, esticou o braço mais que pôde, esticou ainda mais um pouco, e de repente uma estrela cadente passou zunindo pertinho dela. A menina tomou um susto tal que perdeu o equilíbrio e caiu.

E foi caindo, caindo, escorregando pelo arco-íris. Quanto mais descia, mais o ar esquentava, mais sonolenta ela se sentia. Abriu enorme bocejo, soltou um pequeno suspiro e sem perceber, estava dormindo profundamente.

Então ela quase tocou as estrelas. E nesse esforço imenso, ela começa a recuar, recuar, recuar. Quando acordou, estava na sua própria casa, na sua própria cama.

E o sol adentrava pela janela e os pássaros entoavam seus cantos matinais, voando de galho em galho. Será que eu toquei mesmo naquelas estrelas? Será que eu sonhei que toquei naquelas estrelas?

Essa menina ainda vai ter muito o que aprender. Mas essa é uma trajetória muito comum nos nossos dias. Pode-se dizer que é uma das lições para os nossos dias.

Sentiu que havia algo em sua mão e abriu a mão, com a palma estendida para cima. Uma pequena luzinha brilhou e num instante desapareceu. A menina sorriu comovida, contente, sabendo que aquilo era um restinho da poeira das estrelas.

Começou a aprender. Agora ela tem já esse elemento. Ter as estrelas, ela também tem as coisas do mundo dela.

Provavelmente agora as lições serão outras. Podemos recomeçar toda a história. Mas existe uma crônica chamada Passing.

Ela é de Adrian Yang. O Adrian constrói uma metáfora sobre isso. Uma metáfora agora, vamos supor que essa menina cresceu.

Era uma garota, ela deve ter seus 25, 30 anos, talvez mais. E ela vai nos mostrar algo. Algo muito bonito.

Ela está caminhando por uma rua e ela vê um rapaz do outro lado da rua. O coração dela diz coisas a ela. A alma dela.

Mas ela vive num contexto, numa sociedade. Essa crônica se passa na cidade de Nova York. Uma das cidades maiores, populosas, gigantes que nós temos no mundo.

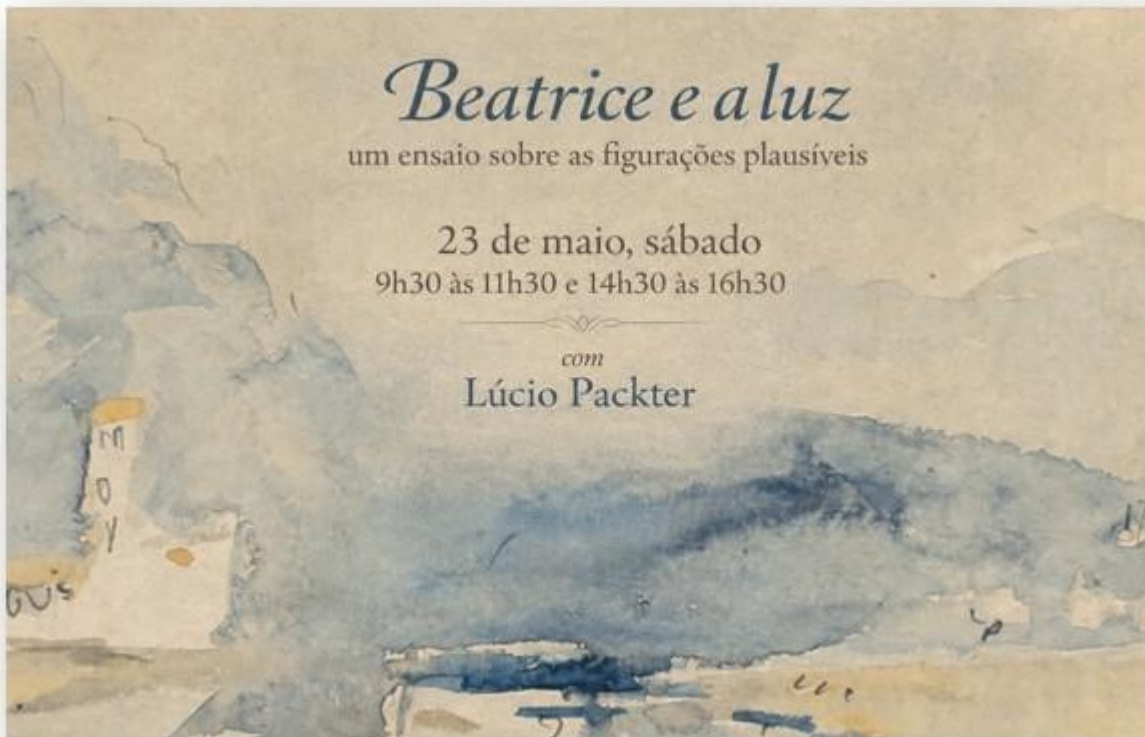
E muito bonita também. Vamos ver essa ilustração como uma conclusão do trabalho que fizemos até aqui.

PARA ASSISTIR AO VÍDEO, CLIQUE AQUI:

<https://www.youtube.com/watch?v=a9YayuVK03M>

Transcrito por [TurboScribe](#).

**Workshop - Um ensaio filosófico sobre afetividades - Beatrice e a luz –
23/05/2026**





[Beatrice e a luz - parte 1](#)

<https://www.institutopackter.com.br/2026/Beatrice/Beatrice%20e%20a%20luz.%20Parte%201.mp3>

[Beatrice e a luz - parte 2](#)

<https://www.institutopackter.com.br/2026/Beatrice/Beatrice%20e%20a%20luz.%20Parte%202.mp3>

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Há muitos dilemas quando nós consideramos a afetividade dentro do âmbito filosófico. A própria filosofia, durante muito tempo, não se ocupou das questões afetivas, a não ser num crivo intelectual e, na maior parte dos casos, dissociado daquilo que se passava no contexto. Temos alguns autores da filosofia que mergulharam muito profundamente nesse quesito.

Entenderam as emoções, muitas vezes por aquilo que elas não são, muitas vezes por sintomas, mas raramente deixaram que as próprias emoções, elas, se pronunciassem, e sem o julgamento pesado da mão da racionalidade. Nosso trabalho é uma tentativa de aproximação nesse sentido. Um trabalho que é propedêutico, introdutório apenas.

Para isso, veremos uma linda obra do cineasta iraniano, Abbas Kiarostami. A obra se chama Certified Copy, uma tradução livre, seria cópia certificada, cópia autenticada. É referente à arte, não é?

O filme traz um escritor que é feito pelo William Schimmel e pela Juliette Binoche. A Juliette Binoche, nesse filme, é uma galerista. É aquela pessoa que escolhe as obras de arte, seleciona, cataloga, cuida da exposição, da venda, da precificação e outras coisas.

Precisa entender muito profundamente de arte para fazer um trabalho desse. E ele é um historiador da arte, que vai lançar um livro na Itália. Ainda que ele tenha vivido alguns anos na Itália, ele domina muito mal o idioma.

E eles vão se encontrar em uma pequena cidadezinha charmosa, linda, no interior da Toscana. E a partir daí começa uma história muito profunda sobre isso que é o nosso tema de hoje. Além de alguns livros que veremos.

No consultório, quando algumas pessoas têm uma inclinação existencial, uma propensão maior para a vivência das afetividades, isso não é para todo mundo. Algumas pessoas são assim, para outras isso é irrelevante, outras até têm essa aptidão, mas preferem desenvolver outras coisas. Para aqueles que têm uma inclinação para a afetividade e procuram exercitá-la, alguns encontram enormes dificuldades.

Parece que tudo sai diferente, tudo é tão difícil. A pessoa caminha em direção ao amor, mas acaba vivenciando o medo. Caminha em direção à esperança, mas só encontra dúvidas.

Caminha então em direção às dúvidas para tentar afastar essas sombras. E o que ela encontra? Elementos dissociados.

Ela encontra um pouco de mágoa misturado com um pouco de afirmação. Alguns fazem exercícios intelectivos em obras que encontraram, que mostram como selecionar, como aprofundar, mas quando partem para fazer isso na praticidade do cotidiano, encontram vários elementos que fazem recuar. Ficam às vezes aflitos, às vezes ficam com raiva deles mesmos ou da outra pessoa.

Alguns misturam, culpabilizam o contexto, culpabilizam o episódio que houve, que deixou tudo muito complicado. Ou seja, há vários fatores envolvidos aqui. Uma das formas de nos aproximarmos, de entendermos isso com maior clareza, com maior evidência, e que pode nos ajudar na compreensão, é exatamente trazer tudo isso para o cotidiano.

Fazer o movimento inverso da filosofia. Vamos ver isso à luz do cotidiano. Vamos ver isso à luz dos nossos dias, com as nossas questões que encontramos a cada momento do que vivemos.

Vamos levar uma palavra de carinho, e a pessoa às vezes é hostil, quando às vezes é o oposto, a pessoa vem nos trazer flores e nós a recebemos muito mal, e coisas assim. Vamos ver isso no palco da vida, dentro de seus bastidores e nos seus horizontes. Nós iniciaremos o trabalho com o escritor chileno Alejandro Zambra.

Ele, já com 40 anos, tem seu filho. E ele resolve escrever para esse filho e com esse filho, em relação a ele mesmo também. E ele inicia, com você no colo, vejo pela primeira vez na parede a sombra que formamos juntos.

Você só tem 20 minutos de vida. Sua mãe fecha as pálpebras e não quer dormir. Descansa os olhos por apenas alguns segundos.

Seu pequeno corpo respira, sim, respira. Mesmo na penumbra do hospital, sua respiração é visível. Mas eu quero ouvi-la, quero ouvir você.

E meu próprio respirar agora me incomoda. Meu coração ruidoso me impede de escutar o seu. Você chora.

E quem aparece sou eu que fraude. Talvez nossos pais tenham levado a sério demais essas primeiras rejeições. Não sou seu preferido.

Mas você se acostuma com a minha companhia. Eu me acostumo a dormir quando você dorme. O ritmo do sono intermitente me faz lembrar dos meus cochilos nas incontáveis longas viagens de ônibus para o colégio, para a faculdade, para assistir às aulas em que continuava cochilando.

Ou essas deliciosas cestas furtivas que me ajudaram a sobreviver. De repente eu tenho 15 anos e à meia-noite eu estou estudando agora algo que não sei se é química, álgebra, fonética e acabaram os cigarros. E isso é um problema porque nos sonhos eu fumo muito.

Conheci homens que exercem a paternidade com lucidez, humor, humildade. Mas também já vi amigos queridos que pareciam ter a cabeça no lugar, afastarem-se de seus filhos para se entregar a uma busca desesperada e caricatural por uma juventude perdida. Também há muitos que enfrentam a pulsão de uma morte sobrecarregando os filhos com um sem número de tarefas e regras com a intenção explícita, velada de prolongar à custa deles seus sonhos interrompidos.

Tudo isso é parte do que ocorre na alma de Alejandro Zambra com esse pequenino que vem à vida dele. Ele se emociona, ele revisita, ele descobre, ele inventa caminhos e pinta um painel de uma profundidade e beleza raros nos nossos dias. Algumas características logo se pronunciam.

Por exemplo, quando falamos em afetividade, dentro de uma sociedade, estamos falando do espaço também dos outros. Dos outros. O que constitui um dos grandes atrapalhos existenciais.

Você já dançou? Já saiu? Convidou alguém para dançar com você?

Viu como funciona a dança? Se você está dançando sozinho, é uma coisa. Se há alguém com você, é outro elemento que surge.

Você tem que sincronizar respirações, respeitar espaços, ritmos, cadências, muitas outras coisas. As afetividades partilhadas já trazem isso. Para alguns, um prazer e uma alegria.

Para outros, uma dificuldade intransponível. Para aprofundarmos nosso trabalho, agora vamos à Toscana. E, na Toscana, um escritor inglês vai apresentar sua obra.

Ele é um historiador da arte e ele trabalha com as cópias. E ele dá um grande crédito às cópias. Ele diz que isso, vocês sabem, na história da arte, é muito comum.

Alguns grandes pintores, por exemplo, Rembrandt, não é raro e também não seria algo que causaria escândalo que ele deixasse que alguns alunos assinassem obras com o nome dele para vender, ele tinha problemas financeiros a vida inteira, o que faz transitar por um espaço perigoso. Outros, no entanto, resolveram copiar abertamente seus mestres e fizeram trabalhos tão impressionantes, como um que vocês verão durante o filme, que eram cópias que diziam, poxa, é o próprio original essa cópia. Baseado

nisso, com Abbas e Kiarostami, cria um argumento mostrando que muitas das nossas vivências que nós consideramos originais e únicas podem ser cópias.

Isso não tira a originalidade delas. Funciona mais como uma inspiração, mas outras vezes plágio, a se ter cuidado com esses elementos que nós veremos agora com o aprofundar do trabalho.

REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME

Você tem uma loja maravilhosa, mas é um dia tão bonito. Podemos sair. E sua convidada não disse nada sobre lojas antigas, não foi?

Não, eu... Eu pensei que só iríamos... Eu ia te ajudar a comprar e...

Não sei, é domingo, tudo está fechado. Você quer um café? Eu tenho um café.

Bem, você acha que talvez possamos pegar um no caminho? Certo. Eu gostaria de sair da cidade por um pouco.

Sim, eu tenho um caminho. Parece-me que a raça humana, a única espécie que esqueceu que todo o propósito da vida, todo o significado da existência é se divertir, é se divertir. E aqui está alguém que encontrou o seu próprio jeito de fazer isso.

Não devemos julgá-los por isso. Se eles estão felizes e gostando da vida, então devemos parabéns e não criticá-los. Apenas mais alguns quilômetros.

E olhe para essas piratas, olhe. Elas são lindas. Elas são indivíduos.

Você nunca vê duas piratas olhando a mesma forma. Elas são velhas. Alguém me disse que havia uma de mil anos.

Originalidade, beleza, idade, funcionalidade. A definição de um trabalho de arte, realmente. Apesar de não estarem em uma galeria.

Elas estão no campo, então ninguém se importa com elas. É uma boa ideia, mas você não colocou em seu livro.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Uma galeria etrusca, subsolo, no meio de um contexto, uma cidade. Pode ser Arezzo ou outra cidade toscana que respira as áreas do Renascimento. Então, estes historiadores, vamos para fora.

Vamos caminhar pelos lugares. Quando eles iniciam o passeio deles de automóvel indo para aquela aldeia “Lucignana”, por uma linda estrada entre as aldeias toscanas, se desenvolve uma conversa muito interessante sobre as afetividades. Trazendo um elemento já inicial muito importante.

A afetividade, pela maneira como a construímos, tem como uma das características de desenvolvimento os elementos de vizinhança. Então, são os ciprestes, a própria estrada, as pessoas com quem eles se encontram, os contextos, a ida até uma maravilhosa cafeteria, uma pequena igreja medieval, onde vão entrar nela. Ela também é uma historiadora, mas, de certa maneira, como galerista, ela precisa entender muito da história da arte.

E, na conversa deles, fica muito claro, a afetividade centralizada, se encontra uma pessoa e se encanta com uma pessoa e tudo gira em torno dessa pessoa, essa pessoa pode ser sufocante para todos, principalmente aqui para a relação, que se torna muito pesada, aflita. Tudo em relação a ela, então, será provavelmente aflitivo. Muito diferente quando esta afetividade encontra os referenciais todos, daquilo

que tudo que acontece ao redor se torna mais profunda, se torna mais extensa, se torna variada e tem um campo maior de desenvolvimento.

Isso já de início, na obra. Mas como conversar, então, no caso com o livro que acabamos de ver, no qual o autor, o Alejandro Zambra, não parece fazer isso? Ele nasce o filho e ele parece fazer uma apologia tudo em torno desse filho.

Essa primeira impressão logo vai se desfazer, porque o Alejandro Zambra dá-se conta, quase que imediatamente, que para poder viver com profundidade o amor com este filho, ele precisará de tudo, tudo, tudo ao redor. Precisar da mãe dessa criança, precisará, inclusive, dos pais dele. Ele faz muitas remissões, conversa muito com o pai dele, vivendo agora o filho, ele conversa com o pai dele.

Ele conversa com lições, com erros, ele se encanta com algumas coisas. Um dia ele chega e encontra a esposa lendo uma obra em francês para o filho dele, uma língua que ele diz que não conhece muito bem. E ele diz, olha, mas por que isso?

Então ele precisa expandir, ele precisa conversar. A maneira como nós conversamos com esses inúmeros agentes que participam da nossa efetividade pode enriquecê-la, pode enfraquecê-la e pode muitas outras coisas. Mas é isso que nós observamos no nosso consultório?

Ou nós observamos no nosso consultório pessoas que quando sofrem de emoções, vejam bem, quando sofrem de emoções, trazem, parece que uma ilha. Então é ela, a outra pessoa e as emoções afetivas no meio. Então ela nomeia o comportamento da outra pessoa que faz com que esses sofrimentos ocorram.

Ela não percebe que na maior parte das vezes isso é somente um espelho, nem há o outro lado do outro lado. Não percebe. Uma das maneiras de quebrar isso ou de pelo menos minimizar isso é exatamente a diluição de todos esses espaços, como eles estão fazendo enquanto passeiam.

Há muitos outros dados aqui, subjacentes, mas que levariam as considerações muito longe. Apenas como uma ilustração, vejam que ela, a galerista, essa moça que aparece com o nome de 'Ela', usa a língua dele, o idioma que ele fala, o inglês. Durante o filme ela fala francês fluentemente e fala o italiano muito fluentemente também.

Ele não, ele usa unicamente a língua inglesa. Pode parecer uma ilustração periférica, mas no Abbas Kiarostami isso se reveste de outros elementos, mostrando que ela vai ao mundo dele de várias formas. Mas se pegarmos isso como uma simples recíproca, é um engano.

Um engano porque nessas trocas, que são muitas, fica muito complexo você dizer um está indo ao mundo do outro, um está cedendo para o outro, parece o senhor das ações, pura ilusão, pelo menos na obra. Não é isso que ocorre. Nas nossas relações com alguém, às vezes cedendo é uma maneira de manipular o outro.

Abrir mão às vezes, que parece uma concessão, um ato de amor, muitas vezes é exatamente o oposto, no qual o amor é instrumentalizado. Então precisamos ter cuidado com as avaliações rápidas, achar que já estamos entendendo o que se passa, algumas vezes não entenderemos o que se passa e precisaremos às vezes de um tempo tão longo que as ações já terminaram quando começamos a entender o que houve. Isso é vida, é o espaço da vida.

Na obra do Alejandro Zambra, ele então começa... vejam como ele esparrama isso para vários lugares. Começou ele com a relação com o filho e fechado, e agora ele começa a expandir para todos os lados.

Então ele começa a falar... Durante as suas primeiras semanas de vida, escrevi em torno de 100 poemas no meu celular. Não são poemas, na verdade, mas no celular é mais fácil dar um `enter' do que lidar com os sinais de pontuação.

Eu escrevo em estado de apego sob a sua influência. Nós dois reduzidos pelo encanto da cadeira de balanço que funciona como uma tímida montanha-russa, ou como um cavalo incansável e generoso como a balsa que por fim nos levará longe. Esta manhã quis transformar os meus poemas falsos em poemas verdadeiros, mas receio ter ido longe demais e acabei encaminhando-os para o civilizado e legível país da prosa.

Ele diz que a palavra infantil costuma ser usada em sentido pejorativo, e ele diz que agora ele entende de uma outra forma isso. Ele cresceu da maturidade dele para recuperar essa parte infantil, tornando-a amistosa da alma dele. Um dos sintomas de maturidade da nossa época.

Ninguém escreveu a nossa infância, e talvez lamentemos essa ausência de sinais, mas também de algum modo agradeçamos porque isso nos permite respirar, mudar, se rebelar. Imaginar o que um filho lerá na própria obra é igualmente emocionante, mas avassalador. Narrar o mundo de que uma criança se esquecerá, tornamo-nos correspondentes dos nossos filhos, é um desafio enorme.

Observem como se expande esse mundo dele. Ele sabe que ao escrever sobre o filho, com o filho de 20 anos, esse filho talvez leia isso, e isso pode ter uma influência enorme. Eis o sentido de ele ser um correspondente, alguém que escreve lá de longe, suas cartas, seus elementos.

Toda pessoa que tenha criado um filho sabe que em muitas ocasiões a palavra felicidade rima inexplicavelmente com a palavra lombalgia. Principalmente quando já tem seus 40 anos, começa a rimar essa felicidade toda. Vem o pequenininho correndo com os bracinhos abertos, se vai pegar, e às vezes não tem como resistir.

A gente pega e beija, já dá um `amassinho' no pequenininho e convida para caminhar. E à noite as costas cobram o seu dia. Às vezes é assim, para ele é.

Nossa ideia, no entanto, de uma ascensão social é uma casa com dois banheiros. Isso antes dele ter o bebê. Agora que ele tem esse filho, não é mais isso.

Muitas coisas imediatamente não são mais o que eram. Vejam a dimensão. Vejam o que é caminhar emocionalmente, se desenvolver.

Até ontem, o que era medo, o que era desespero, o que era angústia, receio e restrição, subitamente, subitamente não é mais. Outros são os problemas. Mas apenas caminhar assim resolve, então?

É essa a receita? Claro que não, não há uma receita. E mesmo ele caminhando e parecendo muito bem, logo em seguida o pequenininho pega uma gripe e ele já revê tudo e já acha que era melhor quando era solteiro e não tinha bebê e etc.

E são nessas idas e vindas que aos poucos a pessoa vai se aprofundando nos elementos. Bem, esse casal que passeia pela Toscana nos mostra algo, eles nos dizem coisas. Primeiro, vocês viram que um não está muito preocupado em escolher palavras em relação ao outro.

Eles estão falando, são provavelmente amigos, talvez já se conheçam de outra exposição, de outro lançamento de livro ou de outro encontro. Os dois trabalham no mundo da arte, ela como galerista e historiadora, e ele como historiador e escritor. Provavelmente já têm uma amizade e são muito francos um com o outro.

Pelo menos até aqui, cada um fala aquilo que sente, que pensa, que vislumbra. Numa relação que hoje, para os nossos padrões de época, costuma ser apontada como uma das mais promissoras. Diferente de algumas que quando surgem cheias de máscaras e elementos que logo adiante se revelarão outras coisas.

No entanto, observem que o custo, os benefícios e os outros elementos disso, como estamos vendo. Ela disse para ele, essa piada não tem graça, é uma piada muito ruim que você está contando. Em outro momento, ele vai ter comentários que ela ficará desconfortável.

E é no espaço de tudo isso que a relação vai se desenvolver, que a afetividade se constrói. Agora entra um outro elemento muito importante. A afetividade, diferente de outros segmentos das nossas vidas, como, por exemplo, epistemologias, aprendizagens, axiologia, os valores, os elementos, os juízos prontos, aquelas verdades apriorísticas, cada um desses tem prerrogativas próprias.

As afetividades trazem, como algumas prerrogativas, elementos, por vezes, atemporais. Então você pode estar vivendo algo com uma pessoa, estar feliz, um sorriso nos lábios e subitamente o sorriso se torna salgado. São lágrimas que desceram na sua face e você misturou uma lembrança de algo que há muito tempo houve e que agora pareceu tão atual por conta dessa vivência afetiva que você está tendo.

Esses são elementos da afetividade. Muitos se atrapalham com isso. Olham para a afetividade como uma régua cartesiana, lógica, e acham que vai funcionar assim.

As afetividades dificilmente conseguem fazer isso. Elas têm essas outras dimensões, pelo menos até hoje, nos nossos dias. Elas trazem elementos.

Se você está vivendo algo bom, elas misturam com algo que já foi, algo que virá, uma esperança. As afetividades lembram muito o estado infantil. São crianças brincando.

Elas brincam. A função delas é brincar, é se divertir, é sorrir, é amar, é odiar. Elas vivem o dado bruto das cores, das intensidades, dos aromas. E dos toques.

Mas são os outros elementos que temos em nós que vão cuidar disso, não é? O fato de brincarmos...

É claro que numa sociedade, numa coletividade na qual vivemos, há parâmetros, não é? Você pode brincar, mas há parâmetros, ok? Alguns têm muita dificuldade com esses parâmetros.

Agem como se o fato de sentir uma emoção validasse qualquer tipo de situação. E não é assim. Claro que não é assim.

Como para todo o resto também não é. Se vivemos numa sociedade com suas regras, normas, há limites. E é papel da pessoa se desenvolver, compreender essas dimensões.

Apenas isso. Vamos agora para uma outra parte da obra, mais delicada, mais profunda. E aqui alguns dilemas abertos.

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME:

Eles não pensam em consequências ou custos. Bem, porque pagamos por isso. Eles nem pensam nisso.

Eles não pensam em custos porque é parte do jogo, não é um experimento. Tudo isso é bom para livros, é legal e inteligente, não tem relação com a realidade. Quando você está sozinho e está lidando com isso, é muito difícil, é diferente.

Desculpe. Desculpe. Eu só quero mostrar algo neste museu.

Eu acho que você vai gostar. Nós chamamos de cópias originais. Você já ouviu falar disso?

Não. É a mesma ilustração do seu livro. A ideia é que você defenda em seu livro.

Mas é uma cópia real. Sim, é como uma Gioconda da Tuscânia.

.

..original por muitos, muitos, muitos séculos. Então você quer dizer que esse é o original também, certo? Não exatamente.

Há muitos originais. Onde? Você vai me dar aquele café que prometi, eu lhe direi.

Está ao redor, estamos indo. Então onde está o seu original? Em um casamento.

Onde? Com o marido. O que você quer?

Um café longo ou um cappuccino? Tudo.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Eles tem uma discussão, inicialmente sobre filhos. Ele não tem filhos e fica teorizando... dizendo que os filhos são assim, são “assado” e ela se irrita profundamente, ela tem um filho. O filme inicie ela conversando com o filho dela, o menino vai para algum lugar e ela fica com esse escritor e ela discorda completamente dele. Ela diz, não, não é nada disso que você está falando, não. Certo? Isso é coisa de livro, de teoria. É diferente. Fica parecendo, então, que ela tem razão. Uma vez que ela tem um filho de carne e osso. Convive com ele. É um garoto, um adolescente. E ela sabe as dificuldades todas. E ele que nunca passou por isso, fica teorizando. Ele está errado. Ele é um teórico. Ela está certa. Ela é concreta, pragmática.

Este é o exercício do raciocínio em uma sociedade industrial de serviços. É interessante que pessoas que validam esse tipo de argumento, às vezes, vão defender os princípios teóricos da arte. O que é um aparente paradoxo, não é? Uma vez que é a mesma coisa de outra forma. Vejam bem. A questão aqui não é a discussão de quem está certo ou errado.

Mas é o espaço no qual a afetividade se escreve. Para alguns, aí já terminaria o dia de passeio. Ele já diria a ela, pode deixar.

Eu pego um Uber, eu pego um ônibus e volto. Depois vou para a minha casa, pego o avião e volto para a Inglaterra. Dada essa discussão.

Não é o que acontece. Eles tomam isso como natural de uma conversação de amigos. Estão passeando.

Podem discordar, às vezes, de maneira mais contundente como foi. Mas isso está dentro de um espaço de interseção. A vivência, a profundidade das interseções, das afetividades, ampliam o espaço elasticamente no qual muitas coisas podem ocorrer.

Sem colocar com isso em risco a própria interseção. Raro, viu? Nos nossos dias, algo raro.

O que tem acontecido? Muitos dos senhores trabalham em clínica. Quanto tempo, hoje, o relacionamento consegue sobreviver diante de interseções negativas?

A moça está com problema, chega em casa irritada. Tudo ela reclama, tudo ela briga. Quanto tempo um relacionamento assim perdura, hoje?

Parece que a sobrevida é bem pequena. Não que antigamente sirva de referência. Antigamente os problemas eram outros.

As pessoas estavam amarradas de outras maneiras. Mas agora, esse desamarrar tão rápido, essa ruptura tão rápida, não é também uma armadilha? Não é trocar de uma ponta para outras coisas?

Não é mais interessante fazermos aprofundamentos, verificações? Mas não é o que tem acontecido. No início de um relacionamento, é apresentado o cartão postal do melhor que podemos ser.

Nós somos corretos, nós somos justos, nós somos bons. Errados e maus são outros, não nós. E na convivência, vamos nos tornando pessoas, gente de carne e osso, às vezes bons, às vezes maus, às vezes contraditórios, é assim mesmo.

Somos assim, na grande parte, somos assim. São características da nossa base categorial, da nossa época, e cada um nas suas diferenças e peculiaridades. Se há elasticidade e desenvolvimento da afetividade, essas coisas se ampliam.

E às vezes se ampliam tanto, que a afetividade se torna um pequeno oceano estelar, repleto de estrelas. E aí as possibilidades são muito outras. A pessoa se descobre com uma capacidade gigante de amar, amar muitos, de perdoar, de compreender, de se acalmar.

E o mundo, então, se acalma. Mas é isso que está acontecendo? Nós teremos oportunidade de verificar.

Vamos caminhar um pouco mais para o Alejandro Zambra. Ele conta, então, que estava conversando com a editora italiana dele, que fala para ele algo que faz com que ele ponha a perder o próprio sono. Ela diz para ele que ele se enganou de gênero literário, que ele deveria escrever para crianças, que os livros dele se destinam...

Logo ele, que é um professor de universidade no Chile, um intelectual de ponta e renomado escritor, ouvir isso, ele ficou muito chocado. Mas depois ele entendeu, tanto é que ele fez esta obra. Nos conhecemos mais intensamente quando passamos uma tarde inteira com um amigo que agora é pai e que nos recebe com alegria e fala sobre qualquer coisa, não necessariamente paternidade, mas não nos olha mais.

Ele tem um olhar fixo naquela criança que a qualquer momento pode resolver sair em disparada e se estropear toda. Antes disso, o centro do mundo era ele, não era? Era uma ilha.

Tudo dizia respeito a ele. É Natal, o que eu vou comprar para mim? É Natal, para onde eu vou viajar de férias?

É Natal, devo trocar meu carro? A ilha, o mundo é espelho. O momento então que chega o filho para ele, ele não apenas espante, ele olha o amigo e o amigo que agora não o tem como uma grande referência, porque também tem um filho, está prestando atenção, mais próximo dele do que jamais foi.

Olhem as descobertas. Aquele que antes precisava de tamanha atenção para todas as coisas, agora tem atenções partilhadas e mesmo tendo menos, para ele é muito mais do que ele tinha. Antes ele tinha toda a atenção para ele e não adiantava de nada.

No princípio, aqui ele começa a escrever vários poemas para o filho. No princípio, veio o pranto, que durou 4 segundos. Você se afeiçoava ao mundo, nós te embalamos enquanto você balbuciava um canto e achava bom o planeta, porque no seu olhar é inquieto às 6 horas da matina e é bem além das cortinas e você adora essas maletas.

Sua existência modifica o lugar do que é sagrado. Vou repetir. Sua existência modifica o lugar do que é sagrado.

Olhem a presença do homem, as nossas coisas essenciais, nossos valores, nossas vaidades. Nós, em primeiro lugar, para as coisas, onde já se viu, eu tenho que ser atendido, o outro precisa me respeitar, o outro precisa me entender. Tudo vai embora no momento que finalmente, ao expandir meu mundo e ao compreender a valoração dos outros, que são pessoas, são animais, são plantas, são contextos, são ideias, etc., vejam o que acontece. A sua existência, não a minha, modifica o lugar do que me é sagrado. Sua chegada tem mudado a esperança e a coragem que triplica. Menino, recém-nascido, sempre que eu ouvir o seu pedido, eu te levo no canguru.

Pelo resto do futuro, meu macaquinho querido. Aqueles pais que a gente encontra nas pracinhas, nos parquinhos, com o pequeninho aqui olhando para o horizonte de mirada do mundo. Uma das cenas tão lindas da nossa época, não é?

Então, ele cita o famoso livro da toupeira, da raposa, do cavalo. Você quer o livro da toupeira, o que, ultimamente, tem lido com a sua mãe o tempo todo? Mas ela lê em francês, uma língua que eu sei tão pouco.

Você, sem aumentar as partes, oscilar, e eu quero também que haja música. A primeira coisa que fazemos todas as manhãs é ouvir música e dançamos. E quando nos deitamos para ler no sofá, a literatura, então, que seja um prolongamento natural da música, que ela seja uma outra forma de música.

O que podemos aqui resumir agora das questões mais profundas que surgem. Primeiro, uma das grandes questões existenciais sobre as afetividades diz respeito, hoje, às restrições delas. A esse achaque, a medição pontual e pequena, restringindo seu desenvolvimento.

Uma das formas, mas não é a única, de fazermos esses elementos de desenvolvimento é a expansão, trazendo novos elementos diferenciados, agregados, que conversarão não apenas com elas, mas com outras coisas em nós. Não há o risco aqui de expandir, em um 'favelizar' do mundo uma pessoa que tem uma visão que, por exemplo, seria ruim, destrutiva, perversa. Ao expandir, não poderia expandir em outras regiões?

Sim, pode. Por isso, os cuidados. O expandir por si só não é garantia de coisa alguma.

A expansão, com essas variedades e com a profundidade da aprendizagem, aí sim temos chances melhores, mas não certezas. Estamos tratando de vida. Agora, o filme vai tomar uma outra dimensão, crescendo agora.

E pela primeira vez podem conversar com muita tranquilidade. Não há um carro ao redor de paisagens como é típico nas obras do Kiarostami, não é? O Abbas gosta muito desses trabalhos com o automóvel e faz algumas filmagens muito difíceis, como essa que vocês viram agora dentro de um museu, com aqueles vidros espelhados.

A filmagem é bem complicada. Vamos... Agora, então, eles terão uma conversa, apenas os dois.

Esse espaço ocorre muitas vezes nas interseções entre pessoas, na afetividade que trata de pessoas. É só um com o outro e o que constrói a ligação, a afetividade e mais nada, às vezes, ocorre. Pode ser sufocante para alguns, pode ser revelador para outros, muito profundo e, para alguns, uma vivência prazerosa, transcendente, para cada um de nós de um jeito, conforme o contexto, conforme o que se passa.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME:

Eu não podia ouvir. Certo. O que foi...

especial sobre eles? Especial? Bem, na verdade, isso tinha mais a ver com algo mais do que com o livro.

A ideia do livro veio da conversa, apesar de eu não ter ouvido, mas eu estava curioso sobre eles por causa de algo mais. O que? Bem, qual história você quer ouvir primeiro?

O que você quer dizer? Bem, você gostaria de saber por que eu estava curioso sobre eles ou como eu consegui a ideia do livro? Não, eu quero saber por que você achou essas mães e filhos tão intrigantes.

Bem, na verdade, eu já os conhecia. Ou seja, eu os tinha visto antes em Florence. Isso foi há cerca de 5 anos, e eu estava em Florence para uma das conferências sobre a herança cultural, especialmente em Dalt, eu acho, e eu estava no hotel em Monsanto.

E onde? Antes em Florence, agora em Arezzo. E por que você falou em inglês?

Ele é inglês. E não fala a sua língua. Não, não.

Ele é italiano? Não. Ele só fala a própria língua.

Sim, sim. E, ao contrário, fala a sua língua boa. Sim.

Não lhe interessam as línguas, na verdade, não lhe interessa nada, além de si mesmo e do seu trabalho. É melhor assim. Um homem deve amar o seu trabalho, e nós mulheres, e isso o mantém ocupado, e nós vivemos a nossa vida.

Não me casei para ficar sozinha. Gostaria de viver a minha vida com o meu marido? É muito?

Querer um bom marido? A vida não é tão terrível se a única coisa que nos lamentamos é o trabalho de marido e marido. Se não há outra mulher, o rival se torna o trabalho.

Sim, mas nós também trabalhamos, mas com moderação. Essa moderação, nós decidimos. Entre eles, não se podem parar.

É como se parassem de respirar. É impossível. Eu não perguntei ao meu marido para parar.

Claro que não. Como se faz? O mundo pararia, mas colocamos o bastão entre as ruas.

Minha sobrinha sempre encoraja o marido a trabalhar. Estes são casos particulares, não? Não acha que deve haver um pouco de medida em tudo, não?

Seria o ideal, mas o ideal não existe. Seria realmente estúpido da nossa parte nos fazer infelizes em nome de um ideal.

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Entra a própria essência do filme agora e a teoria deste escritor de que viver uma cópia é viver o original. Mesmo que você saiba que é uma cópia, você está vivendo aquilo, então é original. Não há nenhum problema nesse sentido.

Mas, a moça tem várias dificuldades quanto a isso que ele está colocando. Ele faz uma citação literária que corresponde à vida dela. No livro, seria uma cópia, uma cópia daquilo que ela viveu.

No entanto, ela se emociona, chora, logo ela que objetou a questão da cópia. Validando o ponto de vista dele. E, no entanto, vem esta mulher com quem ela conversa e muda o cenário das questões, mostrando prerrogativas dele, mostrando elementos dela, que busca algo idealizado, um original único e perfeito.

E ela diz, olha, não sei se isso é possível. Mas, então, onde encontrar aqui nas variações das coisas uma posição para ela poder viver? Este é o nosso desafio, este é o nosso dilema.

Por vezes estamos vivendo emoções que só estamos vivendo porque nossa avó ou nossa mãe ou nosso tio ou quem nos criou não pôde vivê-las. Eles foram até um pedaço. Aquilo parece que ficou interrompido.

Um pouco mais e eles alcançariam algo que buscaram uma vida inteira. De repente, estamos num outro espaço geográfico e lá temos a oportunidade de viver praticamente o trecho que eles buscaram, que faltou. Não sabemos muito bem o que se passa, mas, de alguma maneira, isso faz sentido por se conectar àquilo transformando fragmentos em uma estrada.

Então, uma emoção muito forte, muito além daquilo que seria razoável para aquela vivência local, focal, se passa conosco. Alguém pergunta mas eu só dei um botão de rosa para você. Essa sua reação de um choro profundo é tão...

é desproporcional a esse botão de rosa e nós não sabemos explicar. Sabemos viver a emoção, mas não sabemos explicá-la nesse caso. Alguém dirá você está copiando algo que a sua avó quis viver e a pessoa se ofende.

Não, isso é original, isso é único, mas também é cópia em parte. Essa é uma discussão que o filme traz. Não é como...

Vejam, isso invalida muitas coisas nos relacionamentos. Como essa mulher acaba de dizer para ela, esse ideal todo precisa ser do seu jeito ou não será feito. É isso?

É muito difícil então. Dificilmente será feito só do nosso jeito. Em parte, será feito do nosso jeito, mas por ser algo partilhado, outros entrarão com isso.

Contextos, elementos, outras pessoas, fragmentos e outros elementos entrarão nessa vivência. Saber aprofundar esses conteúdos são um dos fatores muito importantes na nossa época. Sabem o que acontece com Alejandro Zambra, que escrevia somente para nós, adultos?

Ele chega a um ponto da obra que lhe traz uma constatação muito importante para ele. Começou agora a me parecer tão absurda esta... a existência de uma literatura que não seja infantil.

De uma literatura para adultos, para não crianças. Uma literatura à literatura. Uma literatura que chamam de verdade.

A ideia de que faço e leio uma literatura de verdade e de que os livros que lemos juntos são uma espécie de substituto ou sucedâneo, ou imitação, as obras infantis que ele lê para o filho dele. Ou que seja uma preparação para a literatura verdadeira. Isso me parece injusto, me parece falso.

Honestamente, eu não acho que haja menos literatura em uma história de alguém como Maria Helena do que em meus favoritos da literatura adulta. A da Maria Helena Walsh. Parece-me impossível certamente imaginar você lendo meus livros, os que eu já escrevi ou os que estou tentando escrever agora mesmo.

Você está falando com o filho, né? São histórias que quase sempre tristes e talvez desnecessárias. Antes que você as lesse, eu teria que lhe explicar tantas coisas e provavelmente você não as entenderia.

Mas eu não tenho certeza se eu teria essa capacidade de explicar. Vejam, ele interrompe toda essa argumentação. Olha o que acontece.

Volto ao apartamento com a desculpa de comer uma barrinha de cereal. Entro no seu quarto, vejo suas roupas, suas estantes e livros. Já doamos muitas roupas suas e adoro ver, por exemplo, a filhinha de uma amiga vestindo sua antiga camiseta, o solar.

Mas me custa imaginar se doaremos seus livros ou seu violãozinho vermelho ou seu traje de astronauta. Claro, você é que vai decidir se doará ou não essas coisas que talvez te importunem quando você quiser dar por encerrada, de uma vez por todas e para sempre, a infância. Belíssimo texto no qual Alejandro Zambra nos ajuda a compreender a posição que o filme coloca e a ir além dela.

Essas coisas passarão. De um jeito ou de outro, elas terminarão. Eu sei que certos momentos parecem eternos e no meio de uma discussão a própria vida parece não ter mais graça.

A pessoa não vê sentido no relacionamento e acha que precisa terminar, etc. Mas no dia seguinte outras coisas ocorrem e a pessoa se dá conta. Foi um momento.

Por que pegou tão pesado? Por que foi tão longe? Não podia ser diferente, não?

Olhem a obra que o Abbas está nos mostrando. Esse cineasta está dizendo o que acontece se você puder manter a conversação mesmo difícil. Vejam, eles não estão num momento muito fácil e agradável nessa cantina.

Ele colocou no livro dele uma situação que é dela. Ela se reconheceu na situação. Ela disse, eu vivi isso aí.

Ele disse, sim, mas isso é um original. Para ela era uma cópia, mas agora talvez ela não tenha tanta certeza. Mesmo quando é uma cópia de nós mesmos, provavelmente é uma cópia, mas é original porque estamos vivendo sempre a primeira vez a se sentir, omitir, desviar, fazer dobras no discurso, fraudar determinadas coisas, maquiar para que elas possam passar em determinadas situações.

Nós concebemos tudo isso como pecados muito graves. Nós concebemos tudo isso como desvios éticos muito graves. Sim, a nossa sociedade, que faz muitas vezes isso, muitas vezes isso não tem tanta compaixão para seu cidadão quando ele precisa recorrer a isso.

Às vezes, como uma parte menor, para que a parte maior, bem-aventurada, possa ser feita. Não há essa permissão e isso, quando é pego, é duramente punido, pelo menos na nossa sociedade dos homens. Bem, no entanto, como esses elementos constituem parte da vida, e aqui não estou tratando de se isso é bom ou mal, certo ou errado, não é essa a questão, estou colocando que isso é uma das partes da vida e que ocorre como um processo que surgiu dentro de um mosaico de coisas que construímos, como você às vezes pode fazer uma bela comida, mas muita coisa vai fora, cascas, restos que você não utilizará, isso irá para o lixo e, em alguns casos, nem pode usar na comida porque é uma parte tóxica e, sabermos disso, isso às vezes ocorre em outras áreas da alma humana.

Saber discernir esses conteúdos e, às vezes, uma coisa que é realmente muito pequena, mas imensamente grave, a tal ponto que precisamos imediatamente discernir e afastar, isso é algo que a sabedoria vai nos mostrando. Muitos não aprendem, muitos desde cedo já são cuidadosos, outros

afastam isso completamente, há muitas questões aqui. Seja como for, ao se viver isso, considere que, para muitos, isso será parte das verdades constitutivas dessa pessoa.

Um exemplo, aqui essa senhora brincou com ela, achou que eles eram casados, ela não desmentiu, achou que isso não tem maiores consequências, é uma brincadeira de um domingo de manhã em uma cantina, não há maiores consequências, etc. Então ela faz uma espécie de simulação, depois brinca com ele, que também não faz nenhuma questão em corrigir a senhora da cantina sobre isso e fica tudo bem. Passa por um gracejo, nada que seja um atentado à ética, aos costumes e outras coisas mais.

No entanto, a alma humana vai conversar isso com uma série de outras coisas, pode ligar isso que aconteceu com certos amálgamas do coração, isso às vezes entra, é uma pecinha que falta no quebra-cabeça, que ao ser colocada lá, perfaz algo como o amor, era o clique que faltava para expandir e virar amor ou é a peça que vem para desfazer o quebra-cabeça ou outra coisa. Mas é isso só que faz isso? Outros elementos não fazem?

Sim, fazem. Mas apenas para mostrar que tudo aquilo que vivemos, de um jeito maior ou menor, tem elementos de consequências em nossas vidas. Portanto, a cautela, o cuidado.

Não estou querendo um purismo que diga, não, nunca, não há lugar para brincadeiras, não há lugar para... Claro que não, não se trata disso de forma alguma. Se trata de uma outra coisa, de dizer que tudo o que sentimos, pensamos, somos, vivemos, para onde olhamos, para o que buscamos, para o que deixamos.

Todos esses elementos, provavelmente, conversam-nos com os outros. Não é? É apenas isso.

A seletividade das escolhas, das cores, das ambientações, nada mais. Não estou pregando um moralismo arraigado a certas coisas, não. Estou caracterizando fenômenos existenciais.

Transcrito por [TurboScribe](#).

FIM DA PRIMEIRA PARTE DO WORKSHOP

INÍCIO DA SEGUNDA PARTE DO WORKSHOP

Transcrito por [TurboScribe](#).

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Diferente do que ocorre, por exemplo, na racionalidade, diferente do que ocorre, por exemplo, na área dos valores, na área dos juízos, as emoções, elas não se prestam muito a moldes como aqueles que nós fazemos na areia da praia, que fica direitinho montado o bonequinho, ainda mais quando venta na praia, quando as ondas do mar sobem, e é exatamente assim, boa parte da própria gênese, da natureza, das propriedades que fundamentam as afetividades, as emoções, elas tendem a se mexer, elas tendem a caminhar, conversar, tomar espaços, pelo menos até aqui, em 2026, vamos ver uma fundamentação para isso? Nossas próprias vidas, observem, se você está contente, seu coração pacificado, feliz, e você vai sair pela rua, observa, pra onde você vai dirigir o olhar? Do que você vai se aproximar?

O que você nem sequer perceberá? E muitos outros fatores, da mesma forma, se estiver triste, devastado, aí as movimentações serão outras, nos dois casos, e em muitos outros, movimentações, pra lá e pra cá, isso é típico do quadro afetivo, sair com uma pessoa por quem nós temos um carinho, uma afeição legítima e profunda, implica em movimentações como estas, elas acontecerão muito provavelmente, e é o que acontece enquanto eles visitam, passeiam, eles têm esse dia, ele explicou pra

ela, eu tenho tanto tempo, mas já se passou muito mais que isso, e eles prosseguem passeando. Pra isso que vem agora, eu gostaria de fazer um prefácio.

O prefácio é uma obra que nós já estudamos, já trabalhamos, chamada Menina e as Estrelas, Mariana Ianelli, ilustrada pela Fereshteh Najafi, uma lindíssima obra. Esta obra é dedicada aos meninos e às meninas, em terra de pássaros quietos, para que eles cantem, cantem alto e longe, um canto que atravessa os desertos. A ilustração inicial mostra um emaranhado de casas, casas como vemos pelo mundo inteiro, lindas, coloridas, no entanto, há um detalhe que chama a atenção, muitas câmaras de vigilância e muitas gaiolas, e os pássaros dentro dessas gaiolas, por toda a parte.

Então, nós fomos apresentados a uma menina, a mãe escolheu para a menina um nome que era um canto de pássaro, e a menina aparece com um pássaro na sua mão, ela sentada em um árvore, e muitas gaiolas, não ali com ela, longe dela, mas tem gaiolas em toda parte de onde ela vive. Só que a menina tinha nascido numa terra de pássaros quietos, sabem a quietude a que se diz respeito nesse caso? A quietude da alma, a alma que gosta de ventar, a alma que gosta além de ventar, de inventar, de construir, de aprofundar, não há espaço para isso aqui, não há mesmo, muitas gaiolas.

Uma terra separada do mundo por um deserto, e aparece literalmente isso no desenho, um pequeno encarte no meio do deserto, vemos a cidade colorida com seus pequenos prédios, gaiolas de todos os tipos, chama a atenção porque várias dessas gaiolas não tem pássaros dentro, tem pessoas, são gigantes essas gaiolas, e deserto por toda a parte. Bom, vocês podem imaginar, é dito para a menina, pelo menos aqui você tem casa, tem comida aqui dentro, olha, tem isso, tem aquilo, lá fora é o deserto, lá fora é muito pior. Um discurso que em terapia nós ouvimos tantas vezes, não é?

Famílias muito infelizes, pessoas violentas, se batem, se xingam, e às vezes um deles, o pai e a mãe dizem, é, mas lá fora ainda é muito pior. Nossa, isso é muito pior, a pessoa diz, bom, pelo menos aqui é um inferninho menor, então só não é tão ruim, é mais ou menos o que se passa com a menina. Toda a música daquela terra, quem tocava era o homem do realejo, e somente ele, era a única música que eles tinham.

Triste, viu, porque as pessoas não parecem bem, o desenho não parece nada bem, nem mesmo esse homem que toca o realejo parece bem, parece que ele mesmo tocando está a um determinado serviço que talvez nem tenha a ver com ele. Ai de quem cantasse qualquer coisa diferente, ai de quem inventasse alguma nova brincadeira, ai de quem quisesse qualquer coisa por querer. Aparecem muitas coisas nesse desenho aqui, muitas coisas.

Pessoas engaioladas de todo jeito, até aqueles que estão fora das gaiolas parecem engaiolados, tudo parece feito muito semelhante a gaiolas. O homem do realejo, que tudo regia, vigiava, até mesmo os sonhos mais quietos, dos pássaros mais quietos, ele encontrou artifícios de entrar até nos sonhos das pessoas, de gerenciar, de interpretar sonhos, de interpretar alma, de ter respostas para as coisas que nem respostas tinham, nem mesmo perguntas tinham. Não tem problema, ele fazia isso tudo.

Considerem como as pessoas podiam fazer para lidar com isso. Muito difícil, não é? A cidade toda parecia ter as próprias feições desse homem do realejo.

Bem assustador. Por isso, a menina não cantava, não, não cantava e nem chorava mais, ela não chorava. Ela não dizia sequer o que ela sonhava e agora não ousava mais pensar.

Ela ficava sentadinha, cabisbaixa, enquanto movimentações ocorriam ao redor dela. Curiosamente, algumas dessas movimentações mostram pessoas aparentemente bem felizes, transitando para lá e

para cá, o que causa provavelmente certos dilemas na menina, não é? Ela pode, por exemplo, achar, puxa, por que eu sou tão infeliz?

Olha aquele lá que está tão contente, aquele outro também. É com certeza, de fato, o que se passa. E então, a menina, com o nome de canto, de pássaro, agora era somente silêncio.

Ao redor do movimento todo que ocorria na cidade, gente correndo, gente pra lá e pra cá, cachorrinhos latindo e tudo, ela aparece praticamente sozinha, no meio, como uma clareira. E ali, sabe o que ela está fazendo? Dando alguns cereais a alguns passarinhos livres.

Uma imagem e tanto no meio de tudo isso. Dentro e fora dela, silêncio. Atrás e adiante dela, silêncio.

O silêncio que retirava da alma da menina. Aromas, brisas, sonhos, poesia, tudo. Ficava indiferente.

Não vislumbrava qualquer outra coisa. E então, pouco depois, nem deram pela falta da menina, quando subitamente ela desaparece. Onde foi a menina?

Não tem muito onde ir. É uma cidade que é toda filmada de cima a baixo com câmeras. Gaiola pra todo lado.

Restrição. Ninguém some num lugar desse. Ou some quando o próprio lugar quer que a pessoa suma.

Nem deram por sua falta quando desapareceu. Sabe o que a menina fez? Ela pegou uma bússola.

E usou essa bússola pra ir em direção ao deserto. Olha logo tudo o que disseram pra ela no deserto. Não tem água no deserto, não tem nada.

O que você vai fazer? Ninguém vai pra lá. Foi pra onde ela foi?

Para o deserto. E então, quando a bússola que a menina tinha, para, como é que ela fazia? Ela estava no deserto.

Ela não conhecia muitas outras coisas para se guiar. Mas aí já era noite. Uma linda noite.

Até a cidade que ficou pra trás agora é tão bonita a noite também. Parece, em alguns casos, mais bela do que durante o dia. As gaiolas a gente não vê como via antes.

Havia aqui algo que a menina não contava. Que ninguém, aliás, contava. E também era um dos motivos para não deixar a cidade.

Ora, quando anoiteceu, o céu ficou povoado de estrelas. Pra todo lado pequenas luzes. A própria cidade que havia no chão agora estava no céu.

E a menina encantada aprendeu na escola, olhou para as estrelas e sabia agora pra onde ir. Sabia. A bússola não estava mais num aparelho.

Estava no céu. Vejam bem onde ela encontrou a bússola. Ela fugia para o mundo.

Já ouviram essa expressão antes? Alguém fugir para o mundo? Ela estava fugindo para o mundo.

Ou, em outras palavras, ela estava encontrando o mundo. Ela estava achando o mundo. Que era muito maior do que os medos, as restrições, tudo que disseram pra ela que não existia.

Cuidado. Se você amar alguém ou se alguém amar você, você será manipulado. Cuidado.

Gostar de alguém é horrível. As pessoas nos deixam. Elas vão embora.

Elas não vão gostar de nós. Cuidado. Se você abrir seu coração pra alguém, isso virará escambo.

Comércio de balcões. Cuidado. Cuidado.

Não se deixe conhecer. Não se aproxime tanto. Cuidado.

O ser humano é ruim. Cuidado. Há muito mal no mundo.

O mal é maior que o bem. Cuidado. Quem falou essas coisas?

Quem tentou nos convencer disso? Por que isso se tornou tão maior em alguns casos que a voz de meigos profetas, de meigos semeadores, que falavam em amor, que falavam em perdão, pareceu isso sim a utopia. Pareceu isso sim a ilusão.

Então, como nos deixamos convencer dessa inversão de coisas? Isso aconteceu por inúmeros aspectos, das mais diferentes maneiras, obedecendo a interesses de quem nunca soube de fato o que era amar. Acho que se líderes que hoje explodem bombas em povos inteiros, em famílias, tivessem tido um lar amoroso, tivessem tido de fato a alteridade, eles sairiam matando pessoas ou qualquer outro ser?

É muito improvável, não é? Mas uma vez que ou jogaram tudo fora ou nunca conheceram, fica diferente. Eles vão encontrar argumentos para jogar bombas sobre povos, para fazer guerras!

Não eles. Eles vão mandar outros para brigar lá. Mal sabem que esses outros são uma parte muito grande deles mesmos.

Ela fugia para o mundo e então mais longe caminhava. Mais o homem do realejo, à medida que a menina caminhava, mais o homem do realejo deixava de tocar esses pensamentos. Vejam bem, quanto mais ela se afastava, quanto mais ela entrava no mundo, quanto mais ela expandia sua vida no passeio pela Toscana, quanto mais ela conversava.

Entrava no Museu Etrusco, visitava um lindo templo, uma capela como a de San Francesco, belíssima, histórica. Quando ela conversava com pessoas numa pracinha pública, percebia, conversava seus elementos, mais expandia o que acontecia, o homem do realejo ficava lá para trás. Seus medos, seus horrores, suas dores, aquilo que parecia nunca mais cicatrizar, nunca mais encontrar o denominador, encontravam.

Encontrava. Eram agora somente a menina e as estrelas. E a história acaba com ela caminhando sobre um céu estrelado belíssimo, belíssimo.

A própria visão estelar em Deus, a própria doçura do universo na sua natureza mais amorosa e profunda. Muito linda, muito linda a história. Nesse céu de estrelas, coisas que lá naquela cidade disseram para ela, impossível, pássaros não voam voar à noite assim, dessa forma.

Muitos pássaros voam. Muitas florestas coloridas se apresentam nesse lindo horizonte. A Fereshteh Najafi, que ilustrou lindamente essa obra, ela nasceu inteira na capital iraniana.

E a Mariana Ianelli nos conta aqui que essa história toda foi inspirada na norte coreana Yeonmi Park, que tem aquela famosa história da fuga dela pelos desertos de Gobi em direção à liberdade. No entanto, nós temos questões aqui importantes. Quem é esse homem do realejo?

Esse é a emoção fixa, esse é a emoção que não se movimenta mais, que aprisionada aprisiona, que não nos deixa mais respirar. É o medo, você não consegue conversar com ele, dizer para ele pare, isso é infundado, não fique me assustando. Eu sei que é infundado.

E ele então sopra mais furioso ainda. E a pessoa treme. Então nós dizemos, pare, pare de desamor.

Eu não quero você perto de mim, eu não tenho a ver com você. Vá viver em outro lugar ou me deixe viver em outro lugar. Como uma menina das estrelas, me deixe partir.

Meu caminho é de luz, o meu caminho é de amor, eu não quero ficar aqui. Não tem a ver comigo. Então o desamor monta gaiolas, prende a pessoa.

E ela não consegue sair. É isso que a história está nos contando. E na história belíssima que estamos vendo, nessa jornada por Toscana, agora algumas coisas lembrarão movimentações como essa.

CONTINUAÇÃO DE REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME:

Não pode delirar. Não pode delirar. É bom o que você lhe disse.

Por que você tinha que ter esse tom tão irônico? Gloria, não quero soar cínico, é só que quando eu olhei em seu rosto, e vi as esperanças e sonhos em seus olhos, eu não conseguia me mover para suportar suas ilusões. Suas ilusões doces.

Poderia ser doce, mas não duraria muito. Quanto mais doce no começo, mais doce é o gosto da realidade depois. Nós dois passamos por isso.

Parece triste. Não, não é triste, é assim que é. Eu gostaria de dizer àquele casal de não se afastar das brancas que serviram o casamento para você.

Ou às suas promessas. A única coisa que manterá seu casamento vivo é cuidado. Cuidado e consciência.

Consciência de quê? Que as coisas mudam. Tudo muda, e as promessas não pararam.

Você não espera que uma árvore prometa manter sua flor após o verão, porque a flor muda para a fruta. E então, a árvore perde suas frutas. E então?

E então, um jardim sem folhas. Um jardim sem folhas? É o poema da pessoa.

Um jardim sem folhas. Quem diria que não é lindo? O quê?

Irresponsável. Irresponsável? O que?

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Kiarostami inverte a situação completamente. Há pouco tempo vimos que os argumentos dela se tornavam muito frágeis, e agora é completamente diferente, e dentro do mesmo quesito. Vejam bem.

O que aconteceu? O que houve nessa parte da obra? Eles estão nessa linda cidade Lucignana.

Nessa altura, sim, Lucignana. Lucignana, Cortona. Lindas aldeias medievais da Toscana.

Lugares encantadores, acolhedores. Ambos são estudiosos de arte. A conhecem profundamente.

E param diante de um desses monumentos construídos pelo interior. E têm suas funções outras que não propriamente arte. Às vezes com nome de arte também.

E ele questiona. Quando ela elogia, ela diz, não, mas não é isso que estou elogiando. É uma outra coisa.

Pouco antes dela comentar isso, eles tiveram uma discussão. Mais uma. E complicada, não é?

Ela diz a ele, de novo, sobre isso da paternidade, da presença da paternidade e outros elementos. Ele estranha. Mas vejam, não tinha aparecido um pouco antes naquela cantina com aquela senhora que eles estavam apenas fazendo de conta, que era um marido e mulher.

Então, de fato, eles são? Esse é um dos enigmas que o diretor deixará nas nossas mãos. Ele não vai responder isso para nós.

A obra terminará e nós não saberemos se de fato eles são casados. Se eles foram casados e se reencontraram cinco anos depois por conta do lançamento deste livro dele, ele não é um escritor de grande público. Ele é um escritor de arte, de história da arte.

É um público bem menor, seletivo, não é? Como aqui nós, na filosofia clínica, é um segmento estreito dentro de áreas amplas. Ele não tem um grande público.

Ele lançou a obra dele para 30, 40 pessoas apenas numa das salas da universidade, num museu local. E ambos são profundos conhecedores disso. Quando então ele fala isso para ela, é uma fala dura, não é?

Ele está corrigindo alguém que sabe muito bem do que está falando. Como ele também sabe, não precisava dizer isso a ela. Compara a moça ao filho, talvez o filho deles.

Não aparece nenhuma referência outra dele ter conhecimento desse garoto durante o filme. O diretor nos dá indícios, indícios que não são conclusivos, porque ele pode conhecer esse garoto indiretamente, de ouvir a mãe falar sobre ele e outras coisas. E concluiu, vocês são muito parecidos, etc.

Tudo isso pode. Mas o que houve com Abbas, um diretor exímio, e ele escreve também o filme, é roteirista, isso foi descuido de forma alguma. Isso foi muito bem pensado.

E cada tema desses encadeados com grande aprofundamento. Até o roteiro que eles fazem dentro da Toscana tem a ver com essas mensagens. Vejam que nós não vemos nenhum dos ícones mais famosos da Toscana.

Ninguém viu Florenza, Firenze, durante a projeção. Se passa em pequenas aldeias, para que a história não seja eclipsada por algo como Florenza, ou Veneza, ou outros dessa envergadura. E aqui o diretor nos traz um outro elemento.

Esta mulher, que no filme nós conhecemos como Ela, esparrama cada vez mais o que está acontecendo. Ela busca todo tipo de esparramo. Ela conversa com os monumentos do caminho, como acabamos de ver.

Ela conversa com pessoas que eles nunca viram, como acabamos de ver. Ela que se dirige a esse casal. Puxa, conversa com eles.

E esse casal logo percebe que as coisas ali não estão muito bem. Tanto que esse senhor, num desses típicos atrevimentos de viagem, toma licença para aconselhar o outro. Algo que na cultura italiana não é algo tão inadmissível quanto na cultura inglesa, por exemplo.

E nós vemos esses elementos acontecendo. Então, à medida que esses elementos se esparramam, como na história, a menina das estrelas acham que as emoções ficarão lá guardadas em gaiolas, dizendo que está bem. Se vocês se movimentarem em direção ao amor, eu também vou me movimentar e farei, mas só até onde você disser.

Não é assim que isso funciona. Se nós considerarmos a história da humanidade, as nossas trajetórias e o mundo, não é assim que isso funciona. Por porosidade, por conectivos, por migração, por derivação e

por muitos outros fatores, que já estudamos em aulas anteriores, isso migrará, isso sairá, isso transbordará de várias formas.

O que eles vão fazer com isso é uma outra coisa. Mas as derivações usuais que conhecemos já estão acontecendo, inclusive. À medida que ela conversa, que ela chama, que ela se esparrama, que ela dá audição e escuta a mulher da cantina onde eles vão tomar um café, isso é um dos elementos notáveis. Durante nossas viagens de estudos, muitas delas pelo mundo, já fizemos em tantos lugares, inclusive a Toscana, fizemos. Eu costumo chamar os alunos, convidá-los, dizer, vão, se esparramem, se espalhem, conversem com as pessoas.

Mesmo que não saibam o idioma, façam interseção, interseção gestual, e arranhem a língua que vocês conhecem. Tentem. Um dos propósitos, um dos motivos para isso é exatamente esparramar.

Alguns, quando vão nessas viagens de estudos, acabaram de perder um ente querido. Estão indo em luto. Outros acabaram de se recuperar de uma grave enfermidade.

Outros perderam o emprego recentemente. Cada um tem suas coisas. E a viagem é uma oportunidade de expandir.

Tal qual vocês estão vendo hoje aqui. E os frutos desta expansão. Feitas para coisas que têm a ver com você.

Não para aquilo que não tem a ver com você. Gosta de flores, vá a uma floricultura. Gosta de poesia, vá a uma livraria, a uma biblioteca.

Ama os pássaros, pois vá ao ar livre, vá para o Jardim Botânico. Aprecia o mar, a praia? converse com os pescadores. Fique próximo quando estiverem pintando suas canoas, remendando suas redes.

E isso expandirá seus elementos. Vários. A afetividade começará a transbordar para lá e para lá e para lá.

É um dos elementos, aliás, muito importantes. O que houve que isso que eu estou falando ficou embotado em boa parte da humanidade em vários segmentos importantes? Uma das razões, e talvez uma das razões muito importantes pelas quais isso aconteceu, diz respeito à maneira como a modernidade se expandiu.

A partir da Idade Média, com suas navegações, a maneira impetuosa e às vezes destrutiva com que povos chegaram até outros povos, tomando coisas, quebrando coisas, aprisionando. Infelizmente, essa maneira como fizeram a expansão. E quem somos nós para julgar? Não é? Cada um de nós tem suas coisas, seus erros. É assim.

Isso é um testemunho de uma época da humanidade. Foi como as coisas foram feitas, em grande parte, nas expansões. Portugueses, espanhóis, italianos, franceses, holandeses, ingleses.

Era a maneira como eles entendiam na época. Fizeram o melhor que puderam, mas essa forma de expansão, dessa forma da modernidade, causou muitas fraturas. E hoje, um discurso como esse, que estou colocando para vocês, gera muitas dúvidas.

Alguns, inclusive, recuam. Dizem, bom, mas expandir? Eu vou expandir meus sintomas?

Eu vou expandir meus elementos? Sim, dependendo da maneira como fizeram essas expansões, sim. Se comportará como posseiro, como proprietário, diante de coisas que não são nossas, não são suas.

Por isso, a compreensão, a profundidade. Para retomarmos um princípio que pode ser bom, com alteridade, com ética, com amorosidade, com sabedoria, será de outra forma, completamente diferente. Não tomaremos nada do que não é nosso, não afrontaremos ninguém e ampliaremos muito, para nós e para os outros, muitas coisas muito bonitas.

Como essa moça está fazendo, com grandes dificuldades. Vejam os problemas que surgem.

Desentendimentos no caminho, mal-estar. O que faz ela? Entra no carro e diz para ele, vou embora, tchau?

É isso que ela faz? Não. Ela não faz isso.

Ela prossegue o passeio que estão fazendo. Mas, em nenhum momento, ela recua de dizer as verdades. Uma forma de amar muito profunda.

Se gostar de alguém, dizer as verdades, ouvir as verdades, que às vezes são muito dolorosas, muito difíceis, mas é um dos sintomas da maturidade, alguns não conseguem. A menor crítica arranha de tal maneira suas vaidades, de tal maneira seus espelhos, que eles ficam completamente exasperados. Esses terão ainda que andar muito até entender certas coisas.

O Rubem Alves escreveu, em 1992, um texto de uma beleza tão gigantesca para isso que estamos tratando aqui hoje, numa história tão singela, tão delicada. As ilustrações que eu tenho aqui dessa história são das Suzane Lopes. Muito bonitas, muito tocantes.

E que, pelos nossos propósitos de hoje, trazem inúmeras ilustrações de beleza rara e conversam de uma maneira tão próxima com esse filme que estamos acompanhando, Certified Copy, muito perto. Eu sempre tive vontade de ser uma pipa. Pipa, pandorga, não é?

Papagaio, que voa lá no céu. Bem leve, sem deixar nas costas nada que pesasse. O que é pesado puxa a gente para baixo.

Papel de seda, taquara fina, que enverga, mas não quebra. Linha forte, um pouquinho de cola. Ah, pronto, lá está a pipa, pronta para voar.

E aparece o menino olhando para muitas pipas voando ao redor dele. As cores e as formas, que são tantas, a gente escolhe aquelas que o coração pede. Vamos repetir isso?

As cores e as formas, que são tantas, a gente escolhe aquelas que o coração pede. Pipa, para ser boa, tem de parecer com os nossos desejos. E penso que as pessoas também, para ser boas, tem de ter uma pipa solta dentro delas.

Ora, mas e se uma pessoa quer atender a desejos destrutivos, que vão machucá-la, machucar os outros, também devemos fazer isso? Prestem atenção a como Rubem Alves coloca. Ter pipas dentro, a pessoa já tem a liberdade.

Esse desejo não é um desejo que é o capricho, não é o desejo da vaidade, não é o desejo da ave de rapina, não é isso. Esse desejo nasce da profundidade da alma, não da sua superfície. Não é de um dia bom, um dia mal, eu quero, eu quero, não é isso.

É aquilo que brota do anseio profundo da pessoa. Alguns chamam de vocação, outros chamam de desdobramento da alma, seja como for. É aquele chamamento maior que há no âmago de cada um.

Alguns não sabem o que é, talvez não consigam voar com pipas então. No caso desse garoto, sim, ele consegue. E se a pessoa se perdeu no caminho e agora diz, eu não vou poder voar com pipa, segundo o que estamos vendo, quem poderá dizer que não?

Ela não poderá recobrar parte do caminho? Não poderá olhar em sua historicidade para onde é esse chamamento maior? Para onde é esse estado volitivo que combina com o espírito?

Pode, o que impede? Se há impedimentos, vamos trabalhar, vamos ver como remover, como contornar ou como assimilar ou outra coisa. Não é preciso vento forte, uma brisa mansinha deve chegar para levá-las até lá em cima, lá perto das nuvens.

É por isso que elas tendem a ser bem levinhas. O vento chega e as folhas das árvores vão tremer e lá vão elas subindo para dentro do vazio do céu. Só que tem uma coisa engraçada, pipa, para subir, tende a estar amarrada na ponta de uma linha.

Um aparente paradoxo, não é? Como vai subir? Não, vamos soltar.

A natureza e a propriedade de algumas coisas parecem aprisionamentos. Quando nos aproximamos e entendemos isso, como se passa, por vezes o que chamávamos de prisão pode ser proteção, às vezes o que chamávamos de prisão pode ser cuidado, mas isso variará tanto e precisará de várias pautas de conhecimento e alguns talvez não compreendam essas diferenças. Quando quem nunca brincou com as pipas vai pensar que com a linha cortada vão subir cada vez mais alto nas costas do vento sem nada que as segure, mas não é assim.

Não é assim. Quando a linha arrebenta, começam a cair e vão caindo sempre, cada vez mais longe, tristes, abanando as cabeças. Pois é.

E aí, será? Era uma vez uma pipa. Aqui, alguns se perguntarão, mas então como fazer?

Parecia que o fio que conduzia até a pipa era uma prisão impedindo a pipa de voar. Como saber, então? Como localizar as questões?

Um exemplo acho que será suficiente para ganharmos essa questão. E esse exemplo vem do Alejandro Zambra. Vejam como agora rapidamente se esclarece a questão da pipa.

O Alejandro Zambra ama esse filho que nasceu, conversa com ele, expande para todo lado suas questões, mas vejam algo que acontece agora. Em 1978 ou em 1979, eu tenho três ou quatro anos, naquela época, e estou sentado no sofá, junto a meu pai. O Alejandro não estava falando dele com o filho e os elementos.

O que ele está fazendo agora, recuando no tempo, indo lá para 1979, de 2023 para 1978, 79? Vamos observá-lo. Assistindo na TV a um jogo de futebol e minha mãe entra para encher nossos copos de refrigerante.

Por décadas, considerei ser essa minha primeira lembrança na vida, o que, em princípio, não parece discutível. Eu cresci em uma família onde não apenas minha mãe, como todas as mulheres, serviam os homens, um mundo onde a televisão ficava na sala e estava permanentemente ligada e era quase sempre, assim como o refrigerante, permitida às crianças. Minha lembrança não está vinculada a nenhuma fotografia, nem a qualquer relato familiar, e talvez por isso eu a considere uma lembrança pura, não implantada, inquestionável.

Não é difícil, contudo, desfazer a certeza. Durante os 20 anos em que eu morei com meu pai, vimos 100 ou 500 ou 1000 jogos de futebol juntos, mas me lembro dessa cena como se ela tivesse acontecido uma

única vez. Tenho a impressão, e meu pai, a certeza, acabo de confirmar isso por telefone, de que meu amor pelo futebol não foi tão precoce.

Aconteceu mais tarde, aos 6 ou 7 anos, quando já morávamos em outra casa e em outra cidade. Fica melhor agora, não é? Ele consegue entender melhor questões dele com o filho, ao levar em conta os registros que eu trouxe até aqui.

Eis um registro de sabedoria, eis um exercício de alma que mostra de onde estamos caminhando, para onde, os elementos que agregam essas partes. Então se torna diferente. Você olhará para a pipa e dirá eu preciso, sim, desse cordão para o cuidado com a pipa, pela propriedade e natureza da pipa.

Já com o meu avião não haverá uma corda segurando. Ele irá. Ele irá embora.

E algum dirá, mas eu não entendo, você é tão paradoxal. Ora você quer amarrar algo que voa com o cordão, e ora você não quer. Diz, não façam isso.

Esse que assim fala não está vendo contextos, está vendo apenas a volição descontextualizada, o princípio daquele que simplesmente diz quero e não se importa com mais nada. Por isso, vamos prosseguir do texto de 1992 do Rubem Alves, que agora vem um problema muito existencial de grande envergadura, conversando mais uma vez com o filme do Abbas. Mas aconteceu num dia, ela estava a pipa começando a subir, correndo de um lado para o outro no vento, e então ela olhou para baixo, lá no quintal, uma flor.

Ela já havia visto muitas flores, só que desta vez os olhos da flor se encontraram, e ela sentiu algo muito diferente. Não, não, não era a beleza da flor, já vira outras, até mais belas. Era algo que aconteceu.

O Rubem Alves vai trazer um dos maiores dilemas para aqueles que estão a caminho de crescer, de se desenvolver existencialmente. Parece tudo bem, não é? Ele encontrou a flor, a pipa encontrou a flor.

A pipa ficou encantada, não mais queria ser pipa, só queria uma coisa, fazer o que a florzinha quisesse. Ah, ela era tão maravilhosa, que felicidade pudesse ficar de mãos dadas com ela pelo resto dos seus dias. E assim resolveu mudar de dono.

Aproveitando-se de um vento forte, deu um puxão repentino na linha que arrebentou, e a pipa foi cair devagarinho ao lado da flor. Pipa não, só a pipa que faz isso, não é? Florzinha, me solta, a pipa pediu, e a florzinha soltou.

A pipa subiu bem alto, e seu coração bateu feliz. Quando se está lá no alto, é bom saber que há alguém lá embaixo esperando por nós. Mas a florzinha aqui embaixo percebeu que estava ficando triste.

Não, não é que estivesse triste, estava ficando, era com raiva. Que injustiça que a pipa pudesse voar tão alto, e ela tivesse de ficar plantada no chão. E teve inveja da pipa.

Ora, mas isso acontece? Nós gostamos muito de alguém, e então nos ocorre isso? Podemos ter esses elementos de inveja, ciúme? De quem nós amamos? Não parece uma contradição isso? Em alguns casos pode parecer.

Em muitos outros, isso é uma decorrência do próprio exercício de crescimento. Às vezes você ama alguém, dependendo de onde você veio até chegar onde você está, você precisa que essa pessoa te atenda em certas coisas por um bom tempo. Tempo às vezes que não há.

Condições às vezes que não podem ser atendidas e que nós não sabíamos no início. Pode acontecer. Neste caso, a pipa está muito feliz.

Agora ela está convivendo com a flor. E veja, essa flor deixa que ela voe. Não segura o cordão, porque é da natureza, mas deixa que ela voe.

A pipa não sabe dos sentimentos da flor. Tinha raiva à flor ao ver a felicidade da pipa longe dela? Tinha raiva quando via as pipas lá em cima?

Tagarelando entre si. E ela, flor sozinha, deixada de lado, de fora. Este é um dos dramas muito grandes da nossa época.

Alguns que expandiram, compreenderam e chegaram até o amor, chegaram até o carinho, a compreensão do outro. Parecem viver bem. Quando, então, estabelece uma interseção mais funda, querem que o outro seja feliz, desde que com eles.

Querem que esse outro se realize, desde que seja com eles. Se estiverem no lugar e esse outro, esta outra, mostrar muita alegria com outras pessoas e outras situações, poderá gerar isso. Eu não sou necessário.

Eu não sou nem mesmo suficiente para ajudar essa pessoa. Olha, já está me trocando por outra, por outra. Às vezes, isso corresponde a dubiedades.

Há aqui um elemento muito delicado, porque algumas pessoas, cuja autoimagem diz a elas que elas são boas, que elas são espiritualizadas, que elas têm bons princípios. Não conseguem conciliar isto com o fato de ter raiva, ter ciúme, ter inveja, quando alguém que elas amam parece feliz com outra pessoa. Mesmo tendo as garantias de que é só uma amizade, que está tudo bem, que vai até lá, já está voltando.

Elas não conseguem e se sentem mal. Elas sabem que seria um testemunho muito melhor confiar, libertar, mas mesmo que racionalmente pensem assim, nas almas, nas emoções, não é assim. Causa muito problema.

Uma das saídas para isso é a racionalização. Então, a pessoa entra num processo perigoso, colocando a razão a serviço das emoções. Então, a razão vem e diz, se estivesse bem comigo, não precisaria estar buscando a felicidade em outros.

Olha que perigoso isso, não é? É o que ouvimos em consultório para questões como estas. Outros assumem o paradoxo à dor, mas se deterioram muito em si mesmos, porque não aceitam que possam ter tal limitação.

Se aceitarem uma tal limitação e conduzirem com paz e discernimento, talvez tenham um melhor caminho. Outros, no entanto, se culpabilizam, quase se autodestroem, mas encontram também um caminho nisso. Para cada um é de um jeito.

Precisamos acompanhar para ver o que se passa com isso. Mas o Rubem Alves foi teólogo, foi terapeuta, escritor, e conheceu muito da alma humana e sabe que aqui essas coisas são corrosivas e pesadas para a nossa época, difíceis. Isso que estamos acompanhando no filme, as expansões existenciais, não nas expansões dos sintomas, de outros elementos, ajudaria?

Em princípio, segundo os padrões de época, sim. Mas há muitas questões quanto a isso para cuidarmos. Nesta obra, ele vai colocar três segmentos que, para os nossos padrões de época, são muito encontrados.

A inveja juntou-se ao ciúme. Vejam a expansão que está ocorrendo. Novas vizinhanças dentro dos sintomas.

Assim como funcionou antes para outras coisas, muito provavelmente funcionará aqui também. Inveja significa ficar infeliz vendo as coisas bonitas e boas que os outros têm e nós não temos. Pelo menos a pessoa acha que nós não temos, não é?

Ou mesmo que tivermos, não é tão bonito quanto o que o outro tem, não é tão justo quanto eu ter menos do que o outro tem, etc. Já o ciúme significa a dor que temos quando a gente imagina a felicidade do outro sem que estejamos com ele. E a flor começou a ficar malvada, ficava emburrada quando a pipa chegava, exigia explicações de tudo.

Esse ensimesmar-se, esse ficar emburrado ou diante de um primeiro qualquer escorregão de qualquer ordem e usar isso para explodir e criar um maior conflito e estragar todo fim de semana, etc. É uma outra forma de lidar com isso que é destrutiva, não é? Ao extremo.

E a pipa começou a ter medo de ficar feliz pois sabia que isso faria a flor sofrer. Uma expansão ao contrário de tudo que estamos vendo. E muito encontrada nos nossos dias na nossa época.

A flor foi aos poucos encurtando a linha. Olha, a linha que servia como cuidado, a linha que servia como própria característica da pipa, agora está sendo usada para aprisionar. Acham que é simples uma pessoa diferenciar isso?

Ah não, esta é só uma coisa, é estar prendendo, outra coisa é cuidar. No calor dos eventos, essas coisas podem se misturar de tal jeito que é uma confusão gigante. É aquela coisa de alguém nos bater e dizer que nos bate porque nos ama.

E a gente fica, mas como é isso? Se nos ama, nos bate por quê? Uma coisa não tem, mas nos bate para o nosso bem, para a gente não fazer coisas erradas?

Bom, somos adultos, é assim que se trata? Não. Somos plantas, somos animais, somos crianças, é assim que se trata.

Não há um outro caminho? Precisa destruir uma parte da confiança no amor para que o próprio amor venha? A flor foi aos poucos encurtando a linha.

A pipa não mais podia voar. Via ali de baixinho, de sobre o quintal, esta era toda a distância que a flor permitia que essa voasse. E as outras pipas ficaram lá em cima.

E sua boca foi ficando triste. Ela tinha uma boquinha pintada, um sorriso, já agora estava invertendo ao contrário. E percebeu que já não gostava tanto da flor como no início.

Aqui, nessa altura, muitas questões existenciais surgem, na clínica, no consultório. A pessoa diz, pois é, você tem má índole, você não é uma pessoa do bem e agora que tem que ficar só comigo, olha como é que você fica. Antes, quando você ia por aí, não é? Aprontando e tal, você era feliz. E agora não é. Olha o que isso testemunha do teu caráter.

Isso é extremamente destrutivo, perverso. E é uma teia na qual muitos caem. Não são poucos que sucumbem a isso.

Antes de eu prosseguir, eu gostaria de partilhar com vocês o filme. Certify, Copy de Abbas Kiarostami. Vamos, então, a uma parte agora muito mais avançada.

Vocês viram que eles encontram uma afetividade, mas desencontram também uma afetividade que eles expandem até pelo próprio ofício da arte que eles professam, de historiar e nós acompanhamos para

onde vão, o que ocorre a partir daí. É muito improvável que fiquem presos no mesmo núcleo, mas caminharão para onde?

CONTINUAÇÃO DA REPRODUÇÃO DE TRECHO DO FILME:

Estão presos. Depois, se você quiser, eu tenho uma marca, eu te mostro. Você não viu que eu retirei o meu valete também.

Você não viu isso. Também não viu que eu não tinha colocado os meus óculos de olho. O meu problema é que você não me vê.

Enquanto você, eu senti que você tinha mudado de perfume.

Você poderia ter trazido para mim hoje, para nosso aniversário. Um dia. Você se lembra do hotel onde passamos a noite de novo?

Foi por aqui? Procure, você vai encontrar. É ele.

Eu e meu marido fomos aqui 15 anos atrás, na primeira noite de noite, na sala 9. Nós nos perguntávamos se podíamos vê-lo, sempre que ele estiver livre, obviamente. Nós queríamos revivê-lo um pouco.

Sala número 9, sexto plano.

Não olhe para a janela. Você vai ver. Olhe para a esquerda.

Veja. Você se lembra? Não.

Você se lembra? Você não se lembra de nada. É errado esquecer.

Bem, olhe para aqui. Olhe. Você se lembra?

À direita, olhe. Você vê? Você sabe, eu não tenho memória.

Não é bom testar assim. Honestamente, eu me lembro de tudo. Eu dormi aqui, você se lembra?

Você me ouviu durante mais de uma hora. Eu me lembrei de todos os detalhes. Não.

Eu posso lhe dizer. Você vê, nada mudou. Você não mudou.

Você não mudou. Você é sempre tão doce. E você se sente tão frio.

Para proteger. Isso não é verdade. O que não é verdade?

Eu mudei? Você, você é ainda mais linda. Eu nunca estive sozinha.

Você vê? Se tivéssemos um pouco mais de indulgência para as fraquezas do outro... Eu sei que podemos...

Podemos estar sozinhos, mas... Os vizinhos... Eu lhe disse.

Eles me fizeram querer, os vizinhos. O casamento de violência. Entre eles?

Eles são inocentes.

Eu já lhe disse. Eu sei. Você não é tão linda quanto eu.

Eu sei. Eu, eu, eu, eu...

PROFESSOR LÚCIO PACKTER

Abbas Kiarostami não nos responde abertamente, mas nos dá muitas dicas, indícios, por exemplo: os sinos batem não é? Como bateram há 15 anos, se eles se casaram de fato. Mas ele também nos dá outros indícios, quando ela diz, olha pela janela, ele diz, eu não tenho lembranças nenhuma. Você sabe disso. Ele nos deixa numa ambivalência.

Como ambivalente, são vários dos fenômenos que aconteceram durante a obra. Mas essa ambivalência não é um final enigmático no qual qualquer coisa possa acontecer. Ele devolve a nós a decisão.

A cada um de nós. Durante a conversa deles, o Abbas Kiarostami mostra a janela, na parede, a luz vinda de fora e pássaros voando livres do lado de fora. Ele diz, diante disso tudo o que você viu. É possível um relacionamento desta ordem? Além disso, ele coloca outros indícios. Vejam que esta moça, que a gente conhece na obra como Ela, ela é uma galerista.

É uma mulher que compreende a história da arte profundamente. Compreende quase tudo o que diz respeito à arte etrusca, na galeria dela, o elemento renascentista, desde a comercialização da arte até as composições e os artistas. E, neste caso específico, vai além dele, mostrando a ele elementos no passeio que ele não sabia e que o ajudam.

Ele diz, puxa, se eu soubesse disso, desta cópia perfeita, fiel e perfeita, eu teria inserido no meu livro, entre outras coisas. Ele, por sua vez, é um escritor, um historiador da arte. Esse diálogo final leva muito isso em conta, profundamente em conta.

Nenhum está ignorando o espaço do outro. E cada um está oferecendo para o outro uma oportunidade. Ela, principalmente, está oferecendo essa oportunidade.

Quando ela diz, você lembra disso, ela está fazendo com ele a própria obra de arte que ele faz, no livro dele, quando ele trabalha, que dá título ao filme *Certified Copy*, a cópia certificada. Ela está dizendo, temos aqui uma nova chance, uma nova chance, que, conforme a sua obra, é tão autêntica quanto o autêntico foi o primeiro encontro. E você, o que diz?

Uma das respostas dele é eu não lembro de nada do primeiro encontro. Isso não invalida o fato de ser uma cópia certificada, de forma alguma. Alguns vão esquecer completamente, vão ficar atentos ao diálogo e como ele acontece nesse hotel.

E vejam, eles sentaram na porta do hotel e ela diz, procure, e ele olha para todos os lugares, ele não olha para o próprio lugar onde eles estão, mas quando ela entra, sim, daí ele olha. O final é uma apologia a toda obra de arte que foi construída nesse filme, desde o início, quando ele fala sobre o livro dele, quando ele apresenta à pequena comunidade o livro dele, no qual ele diz isso. As cópias, sejam lá o que forem, são autênticas.

Toda cópia é autêntica, porque ela terá que viver sua própria contingência, sua própria realidade. Ela é autêntica. Agora, no sentido comercial, ético, moral e outros, pode ser que ela seja uma reprodução, mas isso é outra coisa.

Então, ele coloca tudo isso nessa conversa final, para que nós possamos ver isso dentro de tudo o que foi o filme. Dentro de tudo o que foi o filme. E, nesse sentido, não há mais uma relevância no sentido de se foram casados ou não foram casados.

Isso não tem mais o que haver. O que tem a ver aqui, propriamente, é esse fator. A autenticidade desse encontro.

Que pode ter outro como inspiração. Pode ser até a cópia do primeiro encontro deles, que estão no mesmo lugar onde passaram a Lua-de-mel. E, no entanto, é autêntico.

Vejam a responsabilidade que o Kiarostami coloca nas nossas mãos. Não importa se você dê desculpas para as suas vivências, se você justifique tudo. Você viveu o ser responsável.

O Rubem Alves, em 1992, estava dizendo que a Pipa estava cada vez mais triste. E que já não gostava tanto mais da Flor, não. Então, ele nos apresenta três possibilidades.

Nós escolheremos o filme. Primeira possibilidade. A Pipa ficou tão triste que resolveu nunca mais voar.

Então, a Flor, com ciúme, com inveja, porque a Pipa ia lá e brincava e se divertia, e achando que ela podia ir embora e que nunca mais ia voltar, ou que ia trocá-la por outra Flor, etc. Diz, vou encurtar a rédea aqui, vou segurar, vou fazer esse movimento. Pronto, encurta, encurta, encurta, encurta, encurta.

A Pipa, que estava acostumada a usar o cordão como segurança, como cuidado, sabia que, para poder ser Pipa, precisava disso. No início estranho e, depois, quando se dá por conta, fica muito triste. E diz, isso não pode ser amor, não.

Eu acho que não gosto mais da Flor. Essa é a primeira possibilidade que o Rubén Alves coloca. Não vou incomodar você com os meus risos, viu, Flor, mas também não vou lhe dar a alegria do meu sorriso.

E, assim, ficou amarrada junto à Flor, mas mais longe dela do que nunca, porque o coração da Pipa estava em sonhos de voos e nos risos de outros tempos. Eu sei que vocês estão pensando em quantos e quantos casos vocês conhecem na vida de vocês que as pessoas que viraram essas Pipas amarradas, sem qualquer outra condição, a não ser a condição da escravidão. No entanto, o Rubén Alves diz, bom, mas não precisa ser assim, há uma segunda possibilidade.

E a segunda possibilidade é, a Flor, na verdade, era uma borboleta que uma bruxa má havia enfeitado e condenado a ficar fincada no chão. O feitiço só se quebraria no dia que ela fosse capaz de dizer não à inveja, não ao ciúme, e se sentisse feliz com a felicidade dos outros. E aconteceu que um dia, vendo a Pipa voar, ela se esqueceu de si mesma por um instante, ficou feliz ao ver a felicidade da Pipa.

Quando isso aconteceu, o feitiço se quebrou e ela voou, agora como borboleta, para o alto, e as duas, Pipa e Borboleta, puderam brincar juntas. Mas que final bonito, não? Esse segundo?

Então, você se casou. E um dia, seu marido, sua esposa, encontram alguém que foi muito significativo no passado, dele, dela. Namoraram por um bom tempo, houve um desenvolvimento muito grande.

Esse encontro aconteceu durante um vernissage, num lugar distante. E seu marido, sua esposa, diz que vai lá ter com essa pessoa, vai cumprimentar, vai dar um abraço. E vai, vai até lá, abraça essa pessoa, senta com ela, você vendo do outro lado do salão, a cena.

Os dois sentados numa mesa, tal qual esse casal que vimos no filme do Abbas, e conversam, um momento um estica a mão para o outro e ficam um pouco de mãos dadas sobre a mesa, eles sorriem, você vê que este, esta que está casado com você hoje, limpa uma lágrima do rosto. E então, respira, levanta, dá um abraço e retorna até você. Você está sentado, acabou de tomar um chá de camomila, para o seu próprio bem.

E quando essa pessoa chega, senta com você, segura suas mãos, ainda está emocionada. Pergunta se pode tomar um pouco do seu chá, diz que sim, pode. Então ele e ela diz que ama muito você, e que reconhece muito profundamente essa relação, o que vocês juntos são e constroem, e que gostaria muito

que você pudesse se realizar na sua vida, tanto quanto ele e ela se realizou no encontro que teve com você.

Nessa hora, qualquer distúrbio e qualquer sintoma de ciúme, inveja ou qualquer outra coisa, provavelmente evaporará. E você reconhecerá, talvez, os benefícios do crescimento afetivo, a importância da construção, do renascimento afetivo. Ora, mas e se fosse outra coisa?

E se elas voltassem e dissessem para você que esse encontro balançou muito com a vida dela e que talvez então não seja você a pessoa? Aí você não teria essa mesma gratidão, essa mesma profundidade? Talvez não.

Mas dependendo da caminhada existencial sua, talvez sim, talvez sim. O que é um atestado muito profundo de amor. Mas isso é para muito poucos na nossa época, para bem poucos.

Não há motivo para ficarmos tristes com isso. É parte da jornada, não é? Se ficarmos aqui nesse caso no qual ela voltou e nos disse tudo isso e ficamos contentes, graças a Deus, já está de bom tamanho, já está de muito bom tamanho para os padrões de época.

Então, Rubem Alves nos dá uma terceira opção. Segundo ele, nós decidiremos como essa história terminará. Olhem a terceira opção.

Terceiro, a pipa percebeu que havia mais alegria na liberdade de antigamente do que nos abraços da flor. Porque aqueles eram abraços que amarravam. E assim, num dia de grande ventania e se valendo de uma distração da flor, a pipa arrebentou a linha e foi em busca de uma outra mão que ficasse feliz vendo-a voar nas alturas.

Três opções que ele nos dá. Essa terceira, a pipa diz, não é comigo, não pode ser assim, não fará bem comigo, não fará bem para mim, não fará bem para a flor. Vou para outro lugar.

Talvez vá e repita tudo de novo, não é? E queira depois arrebentar o fio de novo, de novo, de novo, porque não aprendeu de fato a lição. Ou, talvez não, encontre de fato quem valorize seu voo nas alturas.

Nós escolheremos o final da história, tanto no Abbas Kiarostami, um Certified Copy, quanto em A Pipa e a Flor, esse livreto de 1992, de Rubens.

Transcrito por [TurboScribe](#).

FIM